

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA-PPGEDUC

MARIA ZENEIDE GOMES DA SILVA

**MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER: SABERES ANCESTRAIS E A PRÁXIS
FEMINISTA NO SÉCULO XXI EM BELÉM DO PARÁ**

Cametá-PA
2017

MARIA ZENEIDE GOMES DA SILVA

**MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER: SABERES ANCESTRAIS E A PRÁXIS
FEMINISTA NO SÉCULO XXI EM BELÉM DO PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, na Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Linguagem, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá da UFPa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Ariel Feldman.

**Cametá-PA
2017**

MARIA ZENEIDE GOMES DA SILVA

**MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER: SABERES ANCESTRAIS E A PRÁXIS
FEMINISTA NO SÉCULO XXI EM BELÉM DO PARÁ**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestra em Educação e Cultura e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, na Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Linguagem, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Universidade Federal do Pará.

Prof. Dr. Ariel Feldman, orientador (Presidente)
Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Salomão Antônio Muffarej Hage (Examinador Externo)
Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Rosangela Costa Araújo (Examinador Externo)
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. José do Espírito Santos Dias Júnior (Examinador Externo)
Universidade Federal do Pará

Resultado: Aprovada

Cametá, PA, 31 de agosto de 2017.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CPI)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586m Silva, Maria Zeneide Gomes da
Movimento capoeira mulher : Saberes ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará / Maria Zeneide Gomes da Silva. – 2016.
198 f. : il.color.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), Campus Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá, 2016.
Orientação: Prof.Dr. Ariel Feldman

1. Capoeira. 2. Gênero. 3. Mulher. 4. Resistência. 5. Educação contra hegemônica.. I Feldeman, Ariel, *orient.* II Título

CDD 370

À Mestra Silvia Leão – Pé de Anjo
in memoriam, nossa ancestral feminina,
pela disponibilidade à luta e o legado deixado.
À Mestra Janja, intelectual da capoeira pela
ousadia e postura contra hegemônica que
mudou a história da capoeira feminina no
Estado do Pará.
Ao malungo Augusto Leal, que me incentivou
ao retorno a pesquisa capoeiral.
E a todas as mulheres de minha família,
com admiração e amor.

AGRADECIMENTOS

“É hora de agradecer iaiá
É hora de refletir ioiô
Por tudo que já passei nessa vida
Pelos bons ensinamentos
Eu agradeço a...”
Todos que toparam entrar comigo nessa roda
Deus(es) e nossas Senhoras
Capoeiristas de todas as idades
Agradeço à minha família
Movimento Capoeira Mulher
Mestras e Mestres Capoeiristas
Ao orientador e a todos e todas
que compartilharam conhecimentos
Todas e todos que me co-orientaram e acolheram
nos bastidores da vida
Todas e todos que pacientes ou não me ouviram
enquanto eu amadurecia as ideias
Campus de Cameté meu entrelugar para refletir
sobre a capoeiragem paraense. AXÉ!
M^a Zeneide G.da Silva

A minha família, em especial as mulheres guerreiras: minha mãe Maria Vilani que soube entender minhas ausências; as minha irmãs M^a Auxiliadora e M^a Marlene; as tias Raimunda e Terezinha; as sobrinhas Alene e Aline. Aos homens de minha vida ao irmãos José Maécio e Edmilson José, aos sobrinhos: o caçulinha Maelcinho, Giovani Oliveira, Diego Oliveira que junto com sua mãe, me garantiu condições para que pudesse estudar em outra cidade; aos tios Luiz, José Luiz e Afonso, ao sobrinho neto Lucas...pelo apoio e torcida amorosos e espiritualizado a me respaldarem em momentos decisivos desta caminhada.

Ao Programa PPGEDUC e às coordenadoras que tive, Professoras Dras. Benedita Celeste e Gilcilene, professores e colegas da turma 2015, que contribuíram para reflexão e construção de conhecimentos.

À amiga Joana Carmem Machado e ao amigo Benedito Costa, que considero meus co-orientadores no neste estudo.

Às parceiras de pesquisa do feminismo capoeira: Luana Pena/UNAMA e Maíla Mescouto/UFPA, pelo dialogo e trocas e leitura atenta de meu texto.

A Vanessa Melo, pela revisão textual e a compreensão e apoio diante do tempo corrido.

Às amigas Marcus Fonseca da turma 2015, e Darcielly Cardoso da turma 2016, sempre solidárias a me socorrer nos tramites internos ao programa e campus.

Ao Orientador Prof. Dr Ariel Feldman e ex-capoeirista, por aceitar o desafio de orientar uma mulher negra, com a temática de feminismo negro e capoeiral, fora de sua área de atuação enquanto pesquisador.

Ao Professor Dr. Salomão Hage, por aceitar compor minha banca de qualificação e pelas contribuições inestimáveis para finalização deste trabalho.

Ao professor Dr. José Pedro Garcia Oliveira, amigo de longa data pela acolhida hospedagem em sua residência em Cametá, aos conhecimentos compartilhados, que contribuíram em mais uma jornada de estudos.

As instituições SEDUC e SEMEC, pelo apoio e condições para prosseguir no aperfeiçoamento intelectual e aos companheiros de trabalho da COPIR/SEDUC e ETEJA/SEMEC, pelo incentivo a prosseguir nos estudos.

Ao Movimento Capoeira Mulher, e a todas as mulheres capoeiristas que me acolheram como mais uma mana, na luta por igualdade de oportunidades nas rodas de capoeira, me permitindo acompanhar suas vivencias/experiencias de formas presencial e virtual: Tsunami, Pitchula, Fênix, Yoko, Nivea, Margarida, Pretta, Sereia, Jack, Dandara, Miudinha, Angel, Japinha, Açáí, Stelão, Batatona, Kaká, Sininho, Didi, Magally, Marreca, Bailarina(s), Laura, Sabrina, Mortiça, Michelly, Elayne, Tóia, Catita, Leca, Rebeca(s) Leite e Café e a todas as guerreiras, Nzingas e Dandaras.

Ao Cyro Almeida, único homem entrevistado neste processo e equipe de trabalho no IPHAN, Lorena Alves, Gleycelene Pereira, Larissa Guimaraes pelo apoio na luta feminista.

Aos Mestres e capoeiristas, companheiros de Comitê da Salvaguarda Capoeira do Pará, e aos demais que encontrei nesta jornada, pelos saberes compartilhados e por me permitirem acompanhar suas rodas e eventos para pesquisar.

A família Leão, Marco Apolo, Cristina, Elizabeth e Cristiane Silva-Sininho, pelo acolhimento e incentivo a trazer a dar visibilidade a história que sua amada irmã/amiga “borboleta de asas prateadas” iniciou.

A Mestra Janja, mulher guerreira, que com sua fala e presença afirmativa de feminista, negra, angoleira e acadêmica me inspirou com seus saberes e seu axé.

E, para finalizar, como toda pessoa espiritualizada, não poderia deixar de agradecer a todas/os Deusas e Deuses e as nossas(os) ancestrais paraense, em especial Pé de Anjo, sempre presente a inspirar e Mestre Romão e ao amigo Luiz Carlos Moraes a quem conheci e admirei desde a primeira pesquisa... AXÉ!

“O verdadeiro foco da mudança revolucionária não está nunca meramente nas situações opressivas das quais almejamos escapar, mas naquele pedaço do opressor que está plantado profundamente em cada um de nós.”

Audre Lorde, *Sister Outsider*, 123

RESUMO

Este trabalho versa sobre identidade de gênero nas rodas de capoeira em Belém/Pa, tratada em nível do Movimento Capoeira Mulher, coletivo social de mulheres capoeiristas procedentes de vários grupos/associações de capoeira, em atuação na cidade Belém do Pará. Meu *lócus* de pesquisa. É neste cenário, que enquanto intelectual negra, com engajamento político e acadêmico, na luta antirracista e antimachista, articulo minhas vivências empíricas e científicas, em parceria com esse coletivo social para dar visibilidade as subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões vivenciadas pelas mulheres capoeiristas, para entender – Quais são as experiências de resistências sociais, políticas e pedagógicas, que as mulheres utilizam para construção de suas identidades, em movimentos, nas periferias urbanas da grande Belém, ao partilharem uma prática cultural comum, a capoeira, e como, seus saberes e experiências podem contribuir para repensar outras epistemologias para a educação na Amazônia Paraense. Quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa participante e a observação etnográfica tradicional e digital. Ressaltando meu engajamento e interação com o coletivo social, visando descrever e interpretar os dados coletados em campo. Considerando o *ethos* da capoeira no processo de análise, pois fazem parte do universo cultural e simbólico, do cotidiano dos sujeitos investigados, enquanto elementos para repensar valores culturais e educacionais hegemônicos, que sedimentam o sexismo e o machismo na sociedade brasileira. Os resultados percebidos, apontam para uma tomada de consciência política das mulheres capoeiristas, para o papel dinamizador das rodas de capoeira, bem como, para o fomento da capoeira como expressão cultural afro-brasileira, que acolhe e promove identidades sociais, crenças e valores, na perspectiva de repensar outras epistemologias para a educação na Amazônia Paraense.

Palavras-chave: Capoeira. Gênero. Mulher. Resistencia. Educação contra-hegemônica.

ABSTRACT

This work deals about gender identity in capoeira wheels in Belém-Pará, treated at the same level of the Capoeira Wolmen's Movement, a social collective of female capoeiristas from various groups and associations of capoeira operating at the city of Belém of Pará. My research *locus*. It is in this scenario that as a black intellectual woman with political and academic engagement in the antiracist and antimachist struggles that I tell my empirical and scientific experiences, together with this social collective to give visibility to the subjectivities, inequalities, silencings and omissions experienced by female capoeiristas, to understand – What are the experiences of social, political and pedagogical resistances that women use to construct their identities in movements in the urban peripheries of the Grande Belém, by sharing a common cultural practice, the capoeira, and how their knowledge and experiences can contribute to rethinking others epistemologies for education. Regarding the methodological procedures of the participant research and the traditional and digital ethnographic observation, Emphasizing my engagement and interaction with the social collective, aiming to describe and interpret the data collected in the field. Considering the *ethos* of capoeira in the process of analysis, because they are part of the cultural and symbolic universe of the daily life of the investigated subjects as elements to rethink hegemonic cultural and educational values that sediment sexism and male chauvinist in Brazilian society. The perceived results point to the political awareness of female capoeiristas, to the invigorating role of the wheel of capoeira, as well as the promotion of capoeira as an Afro-Brazilian cultural expression that embraces and promotes social identities, beliefs and values in the perspective of rethinking other epistemologies for education in the Amazonia Paraense.

Keywords: Capoeira. Gender. Woman. Resistance. Counter-Hegemonic Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página de Portfólio com registro da Roda de Capoeira realizada por mulheres na Praça da República/ março/2002.	52
Figura 2 - Sininho e Silvia Pé de Anjo	54
Figura 3 - Folder do 1º Encontro Capoeira Mulher realizado em janeiro de 2003	57
Figura 4 - Folder do 2º Encontro Capoeira Mulher realizado em janeiro de 2004.	58
Figura 5 - Primeiro Encontro - Oficina de Instrumentos com Mestre Geleia 2003	59
Figura 6 - Folder do 6º Encontro MCM: A Arte de Educar na Capoeira.....	70
Figura 7 - Vivência no 7º Encontro do MCM, Andreza Miudinha.	73
Figura 8 e 9 - Palestra sobre prevenção ao câncer de mama e demonstração de autoexame. ...	74
Figura 10 - Bateria de Capoeira, composta só por mulheres, IX Encontro do MCM em 2017.	76
Figura 11 - Mulheres do MCM, caracterizadas de “mulheres de cabarés, na festa de aniversário de 15 anos.	77
Figura 12 - Coletivo Mulheres que Gingam no Meio do Mundo – Amapá.	90
Figura 13 - Mapa sobre Valores Civilizatórios	98
Figura 14 - Protesto das mulheres capoeiristas em rede social em apoio a companheira vítima de estupro ocorrido no Estado do Piauí em 2015.	116
Figura 15 - Orquestra de capoeira angola composta por mulheres, CENTUR, Belém-Pará.	123
Figura 16 e 17 - Confecção de caxixi.	125
Figura 18 – Confecção de berimbau Cintia Angel.	125
Figura 19 - Ingrid Japinha e Magno Aragão na Confecção.....	125
Figura 20 e 21 - Troca de Corda de Carol Pitchula e preparando aluno para batizado.	128
Figura 22 - Carol Pitchula em atividade com seus alunos na Escola Rainha da Paz.	128
Figura 23 Figura 24 - Treino com os alunos capoeiristas de Carol Pitchula.....	130
Figura 25 Figura 26	130
Figura 27, 28, 29 - Registro de Batizado e Troca de cordas alunos de Carol Pitchula.	130
Figura 30 e 31 - Ingrid Japinha em atividade com lideranças de seu Grupo e na segunda no treino com alunos crianças.	132
Figura 32 e 33 - Oficina de caxixi	133
Figura 34 e 35 - Vivência de capoeira conduzida por Yoko.	133
Figura 36 , 37 e 38 - Materiais da campanha de Denilce Sereia a de eleições do CNPC- MinC, em 2015.	135
Figura 39 e 40 - Defesa de TCC. Vídeo documentário “Capoeira, Instrumento de Resistência e Valorização da Ancestralidade em UFPA, 2016.	139
Figura 41- Capa do Vídeo documentário “Capoeira, Instrumento de Resistência e Valorização da Ancestralidade”.....	140
Figura 42- Jamile Pretta e Andreza Miudinha em atividade com as crianças capoeiristas. ...	141
Figura 43- Cartaz da Semana do Patrimônio Paraense/2016	152
Figura 44- Convite e programação para o I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais.	153
Figura 45 - Mesa de abertura da Roda de Conversa Patrimônio e Gênero: a mulher na Capoeira	156
Figura 46 - Palestra da Dra. Rosangela Costa Araújo, a Mestra Janja.	160
Figura 47- Certificado que deu a Silva Leão o título de Mestre de Capoeira	171
Figura 48 e 49 - Da esquerda para direita, Mestra Janja na leitura do certificado e na seguinte capoeirista Treinel Edmar assinando o certificado.....	171

Figura 50 - Leitura e entrega por Giseli Tsunami, do certificado que deu a Silvia Leão (Pé de Anjo) o título de Mestre de Capoeira à família.	172
Figura 51- Recebimento e pronunciamento por Marco Apolo Leão, irmão da Mestre Silvia Leão.	173
Figura 52- Roda de Capoeira e de comemoração ao reconhecimento de Mestre Silvia Leão no Anfiteatro da Praça da República.	179
Figura 53 54 - Da esquerda para direita Jennifer Margarida assinando, na segunda Cristina Leão, pesquisadora Maria Zeneide, Marco Apolo Leão e Elizabeth Leão.....	180
Figura 55 e 56 - Finalização da Roda de Capoeira com todos os participantes em homenagem a Mestre Silvia Leão e aos 15 anos do MCM na Praça da República em 15 de janeiro de 2017.	180

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estado do conhecimento sobre o tema Capoeira e sua relação com a educação e gênero	27
Quadro 2 - Quadro de Capoeiristas que participaram dos momentos de pesquisas	37
Quadro 3: Sistematização de Conferências e Debates de 2003	60
Quadro 4: Sistematização das Conferências e Debates realizados e 2004.	60
Quadro 5: Atividades formativas desenvolvidas no sexto encontro MCM em 2009	72
Quadro 6: Detalhamento orçamento previsto de acordo com Planilha de Imposto de Renda de Pessoa Física.....	72
Quadro 7: Perfil das mulheres capoeiristas no século XXI.....	100

LISTA DE SIGLAS

FUMBEL	Fundação Cultural do Município de Belém
GEAM	Grupo de Estudos Afro-Amazônico
GT	Grupo de Trabalho
IPHAN	Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCM	Movimento Capoeira Mulher
MEC	Ministério da Educação
MINC	Ministério da Cultura
ONU	Organização das Nações Unidas
OP	Orçamento Participativo
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação
SESC	Serviço Social do Comércio
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
SEÇÃO 1: CONTEXTOS E DESAFIOS: A ESCOLHA DO TEMA	21
1.1 MEMORIAL.....	21
1.2 - ESTADO DO CONHECIMENTO DA CAPOEIRA NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÕES EM EDUCAÇÃO	26
1.3 - REFERENCIAIS TEÓRICOS	28
1.4 - DELIMITAÇÃO DO TEMA, PROBLEMA DE ESTUDO E OBJETIVOS	33
1.5 - DEFINIÇÃO DO LÓCUS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	34
1.6 - A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA DIGITAL	37
1.7 - BREVE HISTÓRICO DA CAPOEIRAGEM PARAENSE E A PARTICIPAÇÃO DA MULHER.....	40
SEÇÃO 2: MANDINGAS, MALÍCIAS E OS SABERES NA CRIAÇÃO DO MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER NA RODA DE RUA.....	52
2.1 - PRIMEIRO PERÍODO DO CAPOEIRA MULHER E SEMANA MUNICIPAL DE HISTÓRIA E CULTURA CABANA.....	56
2.2 - SEGUNDO PERÍODO MCM: OS DESAFIOS E CONQUISTAS	65
2.3 - A MULHER NA RODA: DA CAPOEIRA AO CONTEXTO POLÍTICO SOCIAL E CULTURAL NA CIDADE DE BELÉM.	77
SEÇÃO 3: MULHERES EM MOVIMENTO: TRAJETÓRIA, IDENTIDADE E PROTAGONISMO	91
3.1 - A MULHER E A TRADIÇÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA.....	93
3.2 - QUEM SÃO AS MULHERES CAPOEIRISTAS NO SÉCULO XXI?.....	99
3.3 - MULHERES CAPOEIRISTAS: OPRESSÃO, RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO	110
3.3.1 - A musicalidade e a mulher na práxis capoeira	119
3.3.2 - Rodas de vivências e ensino da capoeira.....	126
SEÇÃO 4: AS MULHERES NA SALVAGUARDA DA CAPOEIRA DO PARÁ: DA (IN)VISIBILIDADE AO RECONHECIMENTO DA MESTRA SILVIA LEÃO	144
4.1 - PORQUE VAI TER MULHER NA MESA SIM!	150
4.2 . REPERCUSSÃO DO RECONHECIMENTO MAESTRIA DE SILVIA LEÃO	174
4.2.1 - Roda em homenagem a Mestra Silvia Leão – Pé de Anjo	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
REFERÊNCIAS	188
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	192
WEBGRAFIA.....	194
FONTES ORAIS:	194
ANEXOS:.....	196
ANEXO 1	196
ANEXO 2	197
ANEXO 3	198

INTRODUÇÃO

Este trabalho, sob o título “Movimento Capoeira Mulher: Saberes Ancestrais e a Práxis Feminista no Século XXI em Belém do Pará”, no qual analiso a trajetória de mulheres capoeiristas na criação e atuação em um movimento social ao longo de quinze anos, num período compreendido entre 2002 e 2017, na luta por seus direitos e garantia de melhores condições no interior dos grupos e associações de capoeira.

Escrever sobre o feminismo na capoeira, é um desafio as relações patriarcais que permeiam a prática da capoeira. Desafio maior, foi vivenciar a produção deste trabalho, em meio a todas as situações ocorridas em 2016, que envolvem vários desafios e ameaças a autonomia das mulheres no Brasil. Vimos, durante as olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, que, diante do sucesso e desempenho das mulheres em relação aos homens, as redes sociais foram invadidas e recheadas com suas hashtags – *LuteComoUmaMulher* ou *JogueComoUmaMulher*. Isso soa estranho, num país em que lutar ou jogar como uma mulher, sempre significa lutar ou jogar mal, ou nem saber. Neste caso, o recado era direto para que os homens aprendam a lutar e jogar como uma mulher. Paradoxalmente no mesmo mês, exatamente no dia 31 de agosto, a única mulher presidenta eleita, sofre *impeachment* e perde mando ao qual foi eleita em 2010, e reeleita em 2014, para um segundo mandato consecutivo, sendo destituída através de golpe de Estado.

Portanto, escrever sobre o protagonismo das mulheres na luta por equidade de gênero em meio a todas as situações que ameaçam a autonomia das mulheres, o controle de seus corpos, de sua sexualidade e da sua liberdade é algo extremamente desafiador, como observou, ao analisar minha proposta inicial de pesquisa, o professor Dr. José Valdeinei Albuquerque Miranda, em 2015, por ocasião da disciplina Seminário de Dissertação I, fazendo a seguinte reflexão:

Problematizar as formas hierárquicas e as relações de poder que permeiam as práticas culturais de uma tradição historicamente deixada à margem, implica assumir um duplo desafio. Descrever os valores e significados presentes na roda de capoeira e ao mesmo tempo, problematizar as relações de gênero e as hierarquias de poder, inscritas nessa tradição cultural. A escrita da pesquisa deve expressar esse duplo movimento.

Além do desafio a pesquisa apresenta uma coragem política e acadêmica, pois poderíamos perguntar: Como problematizar algo que é considerado como um patrimônio histórico e cultural? Coragem para perguntar: que elementos de libertação das mulheres se fazem presentes na roda de capoeira ou na prática da capoeira? Como se dá a participação das mulheres na roda de capoeira?

Esses questionamentos remetem a alguns desdobramentos: Para que a mulher realize sua libertação na roda de capoeira, ela não necessita realizar um ato de

transgressão da própria tradição, que institui essa prática cultural e que determina o lugar a ser ocupado por ela? A iniciativa do “Movimento Capoeira Mulher” parece que de alguma forma já realiza essa luta por novas formas de relação de gênero nas rodas de capoeira. Roda de capoeira e ação política da mulher[...] Mulher na capoeira entre a força física e sua ação política. As práticas de Liberdade exigem um nascimento dentro de uma tradição? O confronto entre o velho e novo em uma tradição. Herança cultura e nascimento. Ação-reflexão-ação. A pesquisa-ação permite a realização de uma pesquisa diagnóstica e com possibilidade de intervenção no contexto pesquisado.(MIRANDA, 2015)

A partir deste momento fui centrando a atenção nas mulheres do Movimento Capoeira Mulher, ouvindo suas histórias e observando suas posturas nas rodas e eventos de capoeira, com suas presenças afirmativa e propositiva, desafiando o poder dominante dos homens, mestres de capoeira e conseqüentemente a manutenção de seus privilégios na roda de capoeira. Isto significa, a “tomada de consciência crítica dos oprimidos, significa, pois, consciência de si mesmo, enquanto “classe para si” (FREIRE, 2007, p. 58), em pleno início do século XXI. Isso me fez pensar assim como Freire, estou diante de uma esperança duplamente utópica e arriscada. E assim, como se diz na capoeira, estou “comprando um jogo” muito complicado, feio e desigual.

Com este trabalho, vamos refletir sobre as experiências das ‘mulheres capoeiristas politicamente organizadas e em movimento’, como elas costumam dizer de si mesmas, certamente considerando as transformações pelas quais passaram e passam as mulheres na sociedade, desde o passado pré-colonial do outro lado do Atlântico, para compreender na atualidade a práxis vivenciada pelas mulheres capoeiristas na Amazônia, considerando que,

Não há prática humana que não seja precedida por um modo de compreensão da realidade. Toda práxis é precedida por uma determinada visão de mundo. A visão de mundo que temos informa nossa prática política, econômica, cultural e social. A história das civilizações ocidentais consolidou o paradigma da representação, dando ênfase à racionalidade, valorizando a análise e a síntese para a compreensão da realidade, banindo para as margens as dimensões afetivas, perceptivas e energéticas. (OLIVEIRA, E., 2006, p. 125).

Neste movimento social de resistência negra que é a capoeira, com sua práxis fundamentada na cosmovisão africana, é fundamental dar a máxima importância às suas experiências com a criação do movimento social para se contrapor ao poderio masculino, garantir seu protagonismo na capoeira. Assim como, analisar suas ações e o impacto proporcionado com a sua participação nos grupos ou à frente dos polos de capoeira onde atuam ensinando capoeira formando futuras gerações de capoeiristas.

Neste processo, tomei como referência o feminismo negro, por entender que este, nos dá a linguagem para nomear as experiências vivenciadas por este grupo de mulheres praticantes de uma expressão cultural criação do povo negro. Ter a compreensão destas linguagens me ajudou a entender que o sexismo importa, da mesma maneira que o racismo, tem sido extremamente importante para compreensão do movimento e da luta dessas mulheres.

Principalmente, neste momento político em que estamos empenhando nossa energia política, na lutando por justiça em nosso país, contra todas as opressões que estamos vivenciando com o atual governo. Que de forma acelerada vem destruindo conquistas sociais, resultado da luta pela democratização das relações de gênero e raciais, empreendida pelos movimentos sociais negro e feministas, que repercutiram no texto da Constituição Brasileira de 1988, garantindo direitos inalienáveis, com a conquista de espaços em termos jurídicos, onde o homem deixa de ser o chefe da família e a mulher passa a ser, tão capaz quanto o homem, o que permitiu no âmbito familiar novos arranjos.

E a partir de 2002, com a eleição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ocasião que se reinaugura o processo de redemocratização, que possibilitou outras conquistas pelas e para as mulheres entre estas podemos citar a Secretária de Políticas para as Mulheres – SPM em 2003, mesma época de importantes conquistas, tais como a criminalização do racismo, que passou a ser crime inafiançável e imprescritível; aprovação da Lei 10.639/2003 e a promulgação de duas políticas públicas com impactos significativos nas relações de gênero: a lei Maria da Penha, com o intuito de combater a violência doméstica, bem como outras políticas para mulheres; a Lei 13.104, de 9 de março de 2015, que torna o feminicídio crime hediondo e representa um marco político na luta pelos direitos das mulheres. E ainda a criação em 2015, do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos.

Nesse sentido, a importância deste estudo está na contraposição ao modelo hegemônico pautado no patriarcalismo colonialista e eurocêntrico que segue de forma eficaz, fazendo os ditames da sociedade não apenas nas rodas de capoeira, mas nos modelos acadêmicos, que não estão imunes a tais regras, em pleno século XXI. Com isso, nosso objetivo diante dos dados apresentados, vem na perspectiva de considerar outros conhecimentos, as outras pedagogias, que os sujeitos estão experienciando para dar conta de se contrapor a valores que os oculta, que os invisibiliza na história deste país, deste Estado, desta Cidade e na expressão cultural que escolheram praticar. Para recontar a história destes outros sujeitos, não é possível se continuarmos a utilizar os mesmos referenciais que proporcionaram os quadros de marginalizações e ocultamentos a que somos submetidos.

Se o objetivo é contribuir para reverter o quadro, a partir das reflexões e interpretando as simbologias presentes na prática da capoeira. É preciso romper as barreiras da não aceitação, de invisibilização das contribuições africanas presente na cultura brasileira, onde o homem e a mulher tiveram identidade negada pelo sistema de dominação capitalista ocidentais. Apesar de novos caminhos já serem propostos por teóricos, tais como, o brasileiro Eduardo Oliveira, o jamaicano Stuart Hall, as feministas negras norte americanas e brasileiras, entre estas Bell Hooks, Patricia Hill Collins, Luiza Bairros, Lélia Gonzales e Sueli Carneiro, entre outras(os) e que ainda não tem repercussão no campo da educação. Ressalto ser de fundamental importância trazer a contribuição desses outros autores e áreas de conhecimento para novas análises, pois, reconhecemos as contribuições para o entendimento e possíveis desvelamentos do sistema de colonialidade de raça, gênero e classe, que permeiam as práticas educativas a que este estudo se propõe. Contudo, enquanto uma nova forma de movimento social negro, pautado em cosmologia africana, é necessário adentrar a outras dimensões de subjetividades que estruturam esta expressão cultural afro-brasileira. Para compreender seus processos de resistência e de intervenção política protagonizado por mulheres capoeiristas, desde sua criação em 2002, a partir da primeira roda de capoeira realizada somente com mulheres em comemoração ao Dia Internacional das mulheres, na Praça da República, até os dias atuais, e seus desdobramentos nos grupos e associações de capoeira.

Diante do exposto, os procedimentos metodológicos da pesquisa, pela minha aproximação com o movimento, serão a pesquisa participante e a observação etnográfica, intensa junto ao coletivo, desde o início do curso, em quase dois anos, com entrevistas realizadas nos encontros, eventos e rodas, e em diferentes espaços em Belém. A seguir descrevo a estrutura desta dissertação.

Na Primeira Seção – **Contextos e Desafios: a Escolha do Tema.** Início com meu memorial de engajamento no mundo da capoeira, situando as incursões teórico e metodológica para subsidiar e contextualizar as questões abordadas no processo de estudo em questão. Tais como, as genealogias históricas, filosóficas, culturais, educacionais, raça, de gênero, que estruturam os encontros e desencontros epistemológicos que geraram o protagonismo e empoderamento, assim como, os silenciamento, subjugação e exclusões a que foram enfrentadas pelas mulheres capoeiristas.

Na Segunda Seção – **Mandingas, Malícias e os Saberes na Criação do “Movimento Capoeira Mulher” na Roda de Rua.** Onde as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres capoeiristas para criação de um movimento social que na atualidade tem a denominação “Movimento Capoeira Mulher”, apresentando as estratégias de organização e

enfrentamentos as barreiras, em diferentes contextos sociais, culturais e políticos, desde a criação na implementação das ações em 2002 até 2017, em Belém do Pará.

Na Terceira Seção – **Mulheres em Movimento: Trajetória Identidade e Protagonismo**, apresento uma abordagem histórica das mulheres capoeiristas, inseridas na prática da capoeira no Estado do Pará, em diferentes contextos, evidenciando as situações vivenciadas pelas mulheres capoeiristas nas práxis da capoeira e suas estratégias de enfrentamentos às questões – problemas detectados, tais como o sexismo e o machismo, discriminações e outras formas de exclusão. Apresentando um grupo de mulheres capoeiristas em atuação no século XXI, que estiveram próximas ou de alguma forma do MCM nestes 15 anos de movimento.

Na Quarta Seção – **As Mulheres na Salvaguarda da Capoeira do Pará: Da (In)visibilidades ao Reconhecimento da Mestre Silvia Leão** – apresento uma etnografia do protagonismo das mulheres que fazem parte do processo de Salvaguarda Capoeira do Pará, desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, do Ministério da Cultura – MinC, atual Comitê Gestor da Salvaguarda Capoeira do Pará, junto com representação dos grupos e associações de capoeira, que resultou no reconhecimento por aclamação à Primeira Mestre de Capoeira do Pará, *in memoriam*, a idealizadora do MCM, Mestre Silvia Leão – Pé de Anjo.

E com isso, enquanto falo, estou dando voz, trago as vozes e as experiências das mulheres capoeiristas que foram desafiadas a desvelar suas trajetórias de vida na capoeira, contribuindo para aprofundar a reflexão acerca da mulher, inserida numa prática cultural, fruto da diáspora africana, identificando quais os processos que levaram a criação do MCM, assim como, o contexto sociocultural e os referenciais abordados durante este estudo, na perspectiva de aprofundar possíveis diálogos, entre os conhecimentos acadêmicos alternativos ao modelo hegemônico eurocêntrico, patriarcal, sexista e machista. E qual o papel da academia frente os conhecimentos vivenciados no coletivo social de mulheres da periferia da grande Belém e a sua importância para a história das mulheres na Amazônia Paraense.

SEÇÃO 1: CONTEXTOS E DESAFIOS: A ESCOLHA DO TEMA

Este estudo apresenta resultado de pesquisa realizada no âmbito do Curso de Mestrado em Educação e Cultura, na *Linha Educação, Cultura e Linguagem*, da Universidade Federal do Pará, no Campus Universitário do Tocantins- Cametá/Pa. Trata-se de um estudo que tem por objetivo analisar *Movimento Capoeira Mulher* (MCM), criado por mulheres capoeiristas da cidade de Belém do Pará, a fim de compreender os processos educativos presentes no trabalho do grupo.

1.1 MEMORIAL

É com o *espírito de capoeirista* que inicio este trabalho (na *roda*, na *ginga*, no *banzu*) elemento ímpar no processo de reconstituição da vida fora de África, na longa e densa diáspora africana para as Américas, evidenciando a cosmologia africana por meio dos saberes contidos na prática das rodas de capoeira. Essa *cosmologia* traz-nos o sentido das “voltas que o mundo deu, e as voltas que o mundo dá”, e, a partir daí, observar, registrar, refletir, escrever e novamente retornar às rodas, como uma Sankofa¹. Voltar às rodas de capoeira, significa voltar as raízes, a lugares de interações e inquietações, onde os conflitos acontecem e se resolvem movidos pela força ancestral que alimenta a tradição nas rodas com muita ginga, mandinga e coletividade.

Sou nascida na esquina do Rio Tapajós com o Rio Amazonas, na mítica cidade de Santarém, dos indígenas tapajônicos, dos quilombos de rios e de planaltos e dos católicos portugueses, devotos de Santa Irene, que deu origem ao nome da cidade. Cresci entre rios e florestas, me fiz mulher negra, educadora, capoeirista e pesquisadora de capoeira, trago em meu corpo identidades, construídas na reflexão do meio em que me insiro, na luta contra o racismo, contra o machismo, o sexismo, em favor de uma educação dialógica, crítica e reflexiva. Não posso olhar e não me ver, por isso recorro às minhas memórias de mulher negra e de

¹ Sankofa, segundo Nascimento (1994, p. 31), é um símbolo do Ideograma ou Adinkra dos povos Akans de Gana, recorre a Glover (1969, p. 31) para explicitar o significado, “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás [...] Em outras palavras, significa volta as suas raízes e construir sobre elas o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade, em todos os aspectos da realização humana”. É o retorno ao passado resgatando o que foi perdido e caminhando para frente, pois é impossível entender o presente sem entender e estar consciente do passado. SANKOFA é representado pela figura de um pássaro de migração, com o pescoço e cabeça voltados para trás, num formato circular, de forma estilizada, segundo conceitos artísticos ocidentais. O Adinkra é composto por mais de 80 símbolos e cada um expressa um conteúdo epistemológico simbólico, com um significado complexo representado por ditames ou fábulas que expressam conceitos filosóficos. A autora, informa ainda, citando Glover (1969, p. 31-32) que, “Não só os desenhos Adinkra são esteticamente e idiomáticamente tradicionais, como mais importante, preservam e transmitem aspectos da história, filosofia, valores e normas socioculturais do povo de Gana”. E. Ablade Glover, é professor da Universidade de Gana em Kumasi, capital do povo asante, as informações utilizadas estão contidas em texto publicado pelo Centro Nacional de Cultura fornecido pela embaixada da República de Gana no Brasil.

engajamento na capoeira, na militância, na educação e movimentos sociais, para falar da capoeira, uma vez que esta é um dos mais expressivos produtos culturais afro-brasileiros e que, portanto, não pode ser analisado ou tratado, desligada dos valores civilizatórios africanos, presentes na formação da sociedade brasileira.

Meu primeiro contato com a capoeira se deu quando estagiei no Serviço Social do Comércio (SESC-Pará) em 1987, na Seção de Recreação Cultura e Assistência. Nesse período encontrava-me cursando Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas na Universidade Federal do Pará (UFPA). Durante o trabalho no SESC fiquei responsável pelas oficinas de Capoeira, achei interessante, pois, apesar de não conhecer nada sobre capoeira, fui escolhida segundo o perfil étnico: mulher negra. Na roda de capoeira, ganhei nome significativo para as mulheres negras, Dandara, a heroína de palmares.

Ao me inserir no *Grupo de Capoeira Dandara Bambula* do SESC, em pouco tempo estava completamente encantada com os treinos das oficinas ministradas por José Teodomiro Barbosa (o Mestre Abil²), da linhagem de Mestre Bezerra³. Como parte de meu estágio, escrevi um texto para subsidiar as oficinas, a fim de que os participantes das oficinas conhecessem a história da capoeira. A partir desse momento, a parceria com Mestre Abil rendeu não apenas o texto, mas muitas atividades e batizados de capoeiras, treinos, saídas para eventos fora da entidade em praças, grupos e municípios.

Em pouco tem de estágio, já estava dentro da roda de capoeira, pois não me contentei em só acompanhar, fazer reuniões, frequência, entregar e recolher os instrumentos, fui me encantando pela música e pelo atabaque e pela meia-lua⁴, foi só um chamado que se efetivou quando o mestre Abil me falou, que eu o contrário dos os outros capoeiristas, pois todos começam pelo treino físico, os golpes o jogo na roda, e por último se interessam pelos instrumentos, alguns, tendo que insistir, senão eles não vêm. E me convidando a começar a treinar.

Quando comuniquei ao coordenador Luiz Carlos Moraes que iria treinar, ele gostou muito da notícia, e me disse que esperava realmente isso de mim, já que havia me escolhido pelo meu perfil. Hoje sei que o meu perfil, na verdade, foi um convite de *Iansã*⁵, entidade que tomava conta da cabeça do coordenador Luiz Carlos Moraes, por ligação com o Candomblé.

² Mestre Abil – Foi o primeiro mestre de capoeira do Grupo Dandara Bambula. Quando pediu exoneração do SESC, pois enquanto mestre de capoeira, era funcionário da instituição, indicou o aluno mais graduado do grupo, Imar Nascimento Lima, para substituí-lo a frente do grupo.

³ Antonio Bezerra dos Santos – Mestre Bezerra, capoeirista maranhense que na década de 70 do século XX chegou ao Pará e desde então se dedicou ao ensino da capoeira. De sua linhagem muitos capoeiristas e mestres de capoeira descendem.

⁴ Meia-lua, um golpe de capoeira semicircular.

⁵ Iansã-Oya – Divindade da guerreira do Panteão dos Orixás.

Quando me recordo desse passado, minhas memórias me colocam nesse universo diaspórico, as tradições africanas de relação com o sagrado, sendo estruturantes para o ser, mantendo-se erguidas por meio do Axé – energia vital que circula na roda e faz a sintonia entre os praticantes, ligando este mundo ao mundo das entidades. Quando, apontamos a capoeira como um elemento de resistência negra à opressão branca, nela evidenciamos a notoriedade africana em preservar suas tradições, modo de vida, relação com o sagrado, que rompe em definitivo com a lógica hegemônica de fé, sociedade e racionalidade, isto porque, a cultura africana “estava baseada em uma visão particular de mundo, que não incluía somente a percepção do sobrenatural, mas também a compreensão do universo, dos seres humanos e do seu lugar no mundo, assim como a natureza de Deus” (SILVÉRIO, 2013, p. 406).

Entre gingas e mandingas, as primeiras manifestações contrárias à minha decisão em praticar capoeira, de estar na roda, veio de uma Assistente Social. Essa senhora me chamou em particular para me aconselhar, como amiga e não como profissional, e me disse para não praticar capoeira, pois, a capoeira não combinava com uma estagiária acadêmica, muito menos era adequada para mulheres. Dizia ela algo assim: “capoeira é coisa de homem e de malandro”. Não dei importância ao que dizia, pois percebia um problema de discriminação.

Esse fato nunca me saiu da memória, assim como outras situações constrangedoras, quando jogava em praças ou quando, no ônibus, ao trajar roupa de capoeira e carregando instrumentos, sentia os olhares recriminatórios e o afastamento das pessoas. Certa vez, o grupo que participava foi convidado a fazer uma apresentação em uma escola particular, porém não nos deixaram entrar na escola, pois, os pais, quando nos viram com uniformes e instrumentos, se opuseram à apresentação. Em resposta, jogamos em uma pracinha em frente ao portão principal da escola, sob os olhares vigilantes de seus profissionais.

Das proibições e recriminações, outras questões foram se impondo e me provocando a seguir na capoeira, pois, além de fazer parte do grupo Dandara Bambula/SESC, treinava num fundo do quintal do Mestre Abil. Naquele tempo ele treinava a mim e à irmã dele separadas dos demais capoeiristas. Seríamos uma espécie de surpresa, de trunfo, que ele guardava, para esquentar a roda. A ideia era interessante mas durou pouco, pois ele deixou o trabalho no SESC e eu também.

Participar da criação e implementação de eventos grandiosos de capoeira, conhecer muitos capoeiristas e grupos da época, participar das discussões para criação do Centro Cultural da Capoeira do Pará, colaborar secretariando os primeiros momentos do centro, como a criação da primeira logomarca e participar de exposições fotográficas de capoeira, foram experiências que me fizeram mergulhar no universo africano, para compreender toda potencialidade do povo

negro em resistir às adversidades e fortalecer suas identidades. Esses momentos contribuíram para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido na UFPA intitulado: *Panorama Cultural da Capoeira no Pará* (1988), onde trago um pouco das vivências com o Grupo Dandara Bambula no SESC de Belém, ponto de encontro de capoeiristas da cidade.

Em 2013, no curso de Especialização em História Afro-Brasileira e Indígena na UFPA, Campus de Cametá, retomo a capoeira como objeto de pesquisa, e trato na monografia sobre o *Projeto Capoeira na Escola*, da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC). Esse projeto foi criado com objetivo de atender aos anseios dos capoeiristas que exigiam a implementação da Lei Municipal nº 8.319 de maio de 2004, assinada pelo prefeito Edmilson Brito Rodrigues, que torna obrigatória a inclusão da Capoeira na Rede Municipal de Educação-RME de Belém, que institui o estudo e a prática da capoeira enquanto conteúdo transversal no currículo escolar do Ensino Fundamental de sua rede.

Durante a pesquisa para o trabalho de conclusão do Curso de Especialização, pude constatar que a referida Lei Municipal não foi regulamentada pelo Conselho Municipal de Educação – CME e, como medida paliativa encontrada pela SEMEC para atender às reivindicações dos capoeiristas, foi criado o Projeto Capoeira na Escola, que não cumpria o que previa a Lei: a inclusão da capoeira em todas as escolas da RME de Belém. No entanto, a referida lei, criada objetivando implementar a Lei 10.639/03, marco legal nacional para valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro, e a SEMEC se encontrava num período de formação de seus educadores para atender os objetivos da lei. Formação onde os capoeiristas contratados foram inseridos para implementação do Projeto.

Essas experiências com o *Projeto Capoeira na Escola*, me colocou novamente em contato com a *Roda de Capoeira*, mais especificamente, com a papel da mulher na roda, instigada por questões de gênero que se apresentam de formas hierárquicas e até mesmo discriminatórias, a começar pelas músicas e a divisão sexual na roda: “Se essa mulher fosse minha eu tirava da roda já, já / Dava uma surra nela até ela dizer chega / Se essa mulher fosse minha / Eu tirava da roda já, já / Dava uma surra nela até ela dizer chega”⁶.

Esta foi a primeira música de capoeira que me fez sentir desconfortável nas rodas de capoeira. Para mim, é impossível uma mulher fazer parte de uma roda de capoeira reproduzindo os insultos contra si mesma. A mulher treina do mesmo modo que os homens, a mulher ensina capoeira, a mulher organiza eventos e encontros de capoeira para promover o aperfeiçoamento dos capoeiristas. Faz tudo isso, e ao entrar na roda é obrigada a ouvir e cantar tal música que

⁶ Música de domínio público.

demarca a roda de capoeira como um lugar do homem. Isso ainda expressa que “o poder do macho, embora apresentando várias nuances, está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-brancos.” (SAFFIOTI, 1987, p. 16). Portanto, a Capoeira, enquanto uma expressão cultural do povo negro, dos subalternizados, mesmo sendo um espaço ocupado por mulheres desde longa data, era considerada, um lugar onde ela não deveria estar.

A linguagem sexista, machista e dependendo dos acréscimos que se faz no improviso, “normalmente” como fazem, fica muito mais grave. No passado, ao questionar o uso desta cantiga na roda, ouvi um homem dizer no tom de “brincadeira”, que era folclore, era tradição e por isso não podiam mudar e seguiam cantando. Hoje, mais do que antes, se percebe os muitos acréscimos e que são tidos a conta de tradição que se faz na capoeira, e essas mesmas músicas continuam sendo cantadas por homens e mulheres nas rodas. A reflexão crítica sobre tais posturas nas Rodas de Capoeira me fez aprender junto aos coletivos sociais a importância de reagir ao silenciamento e ao ocultamento da história, da memória, dos saberes e valores do povo negro, dos quilombolas e das mulheres negras sobretudo, isto porque,

Em uma cultura de dominação e antiintimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia de alienação. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração. (HOOKS, 2005, p. 8)

E a capoeira, expressão cultural que nasceu num contexto de resistência do povo negro, escravizado no Brasil, guarda em sua práxis, referenciais identitários e, certamente, segundo nos ensina E. Oliveira (2006) e Trindade (2006), encontra-se estruturada na cosmovisão africana, ou seja, na filosofia africana, a saber: a ancestralidade, memória, oralidade, musicalidade, religiosidade, energia vital (o Axé), circularidade, cooperatividade, e o comunitarismo. Portanto, uma Roda de Capoeira e seus coletivos sociais, evidencia que o dinamismo de uma civilização, mesmo em contextos adversos, prova que não se eliminam saberes e práticas, impondo-lhes processos outros de civilidade, dada a riqueza de possibilidades oferecidas. No entanto, discutir a identidade de gênero nas rodas de capoeira, tem se constituído em um grande desafio, principalmente considerando que a ideia de cultura fruto da diáspora africana é inseparável da ideia de raças e classes sociais. Diante disso, o passo seguinte foi realizar um levantamento do estado da arte ou estado do conhecimento – tendo como foco a discussão da capoeira pautada em identidade de gênero nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação.

1.2 - ESTADO DO CONHECIMENTO DA CAPOEIRA NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÕES EM EDUCAÇÃO

Durante o primeiro semestre do ano letivo de 2015, realizei o mapeamento das produções acadêmicas no âmbito dos Programas de Pós-graduação em Educação, para saber como estava o estado do conhecimento nesse campo, para saber se era relevante o estudo do referido tema. As palavras chaves utilizadas para na pesquisa foram: *capoeira*, *educação*, *mulher*, *gênero*. Optei em fazer levantamento nos bancos de teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Educação das Universidades Públicas localizadas em três cidades – Salvador, Rio de Janeiro e Belém. A busca foi compreendida um período de dez anos, entre 2005 e 2015.

A opção por realizar o estado do conhecimento nessas universidades se deu em função de três motivos: Primeiro, porque em Salvador e Rio de Janeiro foram desenvolvidas pesquisas que culminaram na elaboração do Dossiê: Inventário para o registro e salvaguarda da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil (2007). Esse documento embasou as discussões para o reconhecimento da Capoeira como patrimônio imaterial nacional em 2008 pelo IPHAN/MinC. A escolha dessas duas cidades para o levantamento de informações para o dossiê foi devido serem reconhecidos historicamente pelo envolvimento com a prática da capoeiragem desde os tempos coloniais.

A opção por Belém, se deu em decorrência desta cidade, se encontrar vivenciando desde novembro de 2013, o processo de Salvaguarda de Capoeira do Pará, conduzido pelo escritório sede do IPHAN no Estado do Pará, no qual venho participando. O grupo de trabalho inicialmente se chamava Grupo de Trabalho Interinstitucional da Salvaguarda da Capoeira do Pará (GT da Salvaguarda), atualmente chama-se Comitê Gestor da Salvaguarda Capoeira. Esse foi um espaço importante, onde pude interagir com os capoeiristas e com as capoeiristas. E por último, destaco o fato de minha pesquisa estar inserida no contexto acadêmico paraense vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Educação e Cultura da UFPA- Campus de Cametá.

O resultado deste levantamento permitiu visualizar a produção acadêmica em teses e dissertações, relativa ao campo de conhecimento em questão, conforme quadro abaixo.

Quadro 1: Estado do conhecimento sobre o tema Capoeira e sua relação com a educação e gênero

Programa/ Universidade	Cidade	Período	Quant. de Dissertações			Quant. de Teses		
			Total	Nº c/tema		Total	Nº c/tema	
				C	*C/G		C	*C/G
PPGEDE-UEPA	Belém-Pa	2007-2015	152	1	0	-	-	-
PPGED- UFPA	Belém-Pa	2005-2015	219	0	0	34	0	0
PPGE-UFRJ	Rio de Janeiro-RJ	2005-2015	252	4	0	238	3	0
PPGE-UFBA	Salvador-Ba	2005-2015	356	6	0	238	3	0
UNEB/BA	Salvador-Ba	2009-2015	107	0	0	-	-	0
TOTAL			1.086	11	0	510	6	0

C: Capoeira e Educação.
 *C/G: Capoeira e Gênero.
 Fontes: Banco de Teses e Dissertações dos sites dos Programas de Pós-graduação em Educação das universidades pesquisadas.

Como mostra o quadro 1, no período de 2005 a 2015 foram encontrados 1.596 trabalhos com a temática da capoeira, 1.086 dissertações e 510 teses. Com a abordagem Capoeira e Educação, foram encontradas 16 trabalhos, sendo 11 dissertações e 6 teses. Com a temática Gênero na Capoeira, nenhum trabalho foi encontrado.

Dos 16 trabalhos que abordam a temática Capoeira e Educação, a maioria na perspectiva do conhecimento educação física. Quanto aos pesquisadores, de alguma forma engajados com a capoeira, como professor ou professora de Educação Física, ou como praticante de capoeira ou como profissionais que atuam junto aos grupos de capoeira ou coletivos culturais onde a capoeira estava inserida.

O levantamento dos trabalhos sobre a Capoeira evidenciou dois pontos a consideramos: 1. Me parece um tanto contraditório que nos dois Estados (Rio de Janeiro e Bahia) reconhecidos nacionalmente como berço da prática da capoeiragem, apresentem baixo interesse em investir nas diversidades culturais negras através da capoeira no âmbito da pesquisa em educação, tendo em vista que historicamente esses lugares são palco de lutas dos movimentos sociais negros. 2. Diz respeito ao período inicial deste levantamento em 2005, dois anos após a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, tornando obrigatório o Ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira no currículo da educação básica, em resposta ao movimento desencadeado

nacionalmente. Período que a discussão dessas temáticas nas escolas ainda tem sido um grande desafio do atual milênio, período que,

[...]ganha força o multiculturalismo – movimento teórico e político que busca respostas para os desafios da pluralidade cultural nos campos do saber, incluindo não só a educação[...]como também outras áreas que podem contribuir para o sucesso organizacional[...]. A questão do múltiplo, do plural, do diverso, bem como das discriminações e preconceitos a ela associados, passam a exigir respostas, no caso da educação, que preparem futuras gerações para lidar com sociedades cada vez mais plurais (CANEN, 2005,175).

Discursos são recorrentes, principalmente nos grupos de trabalho, nos eventos e encontros formativos que discutem a questão do multiculturalismo, para a reorientação curricular da Educação Básica. No entanto, ainda faltam pesquisas que fortaleçam esse campo, principalmente no diz respeito a relação de Gênero na Capoeira, focado na atuação das mulheres.

Dos trabalhos levantados, apenas um apresenta um tópico que aborda a história de uma mulher mestra de capoeira, Mestre Jararaca, que se encontra na tese: “Capoeira Angola e Dança Afro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia” de Amélia Vitória de Souza Conrado, defendido em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia. Nos programas de pós-graduação nas universidades paraense, conforme o quadro, apenas uma dissertação, aborda a Capoeira Educação inclusiva, sem tratar da questão de gênero: “Na Roda da Inclusão: Práticas Educacionais do Grupo União Capoeira” de Albert Alan de Sousa Cordeiro, defendido em 2013, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Diante disso, ainda faltam pesquisas que enfatizem essa temática nos vários aspectos, a fim de atender, não só aos marcos legais (legislação vigente), mas também fazer emergir temas que deem visibilidade a personagens e setores da sociedade que historicamente ficaram nas “sombras” como da própria Capoeira e seus praticantes homens e mulheres.

1.3 - REFERENCIAIS TEÓRICOS

Os referenciais teóricos que trago, alguns tive contato durante minha jornada acadêmica, com destaque, no Curso de Especialização em História Afro-brasileira e Indígena em 2013; na disciplina “Leituras em Antropologia e Pós-Colonialismo”, ministrada pelos professores Dr. Agenor Sarraf e Dra. Rosa Azevedo no Programa de Pós-Graduação Educação e Cultura na UFPA, Campus Universitário do Tocantins- Cametá/Pa. Esses espaços acadêmicos me oportunizou o contato com outras leituras da área das ciências sociais, vindo a somar-se

com os saberes da experiência que adquiri junto aos coletivos sociais por onde milito: movimento negro, movimento de mulheres negras e no movimento social capoeira.

Diante disso, considere relevante trazer autores das ciências sociais, a fim de que possam nos ajudar a pensar o “outro” sua ciência e sua epistemologia. Portanto, as contribuições dos pensadores que refletem, a partir do processo de descolonização do pensamento, como os autores pós-coloniais, são importantes para o embasamento teórico deste estudo, pode nos ajudar entender os movimentos das mulheres capoeiristas nos vários espaços de atuação do Movimento Capoeira Mulher (MCM).

Foram também de grande valia para este estudo as autoras feministas negras, sobretudo as brasileiras, uma vez que “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno de racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (GONZALES, 1984, p. 224). Para aprofundar a problematização, através da reflexão sobre os espaços da mulher na cultura afro-brasileira, que contraditoriamente reproduz em seu interior, segundo Saffioti (1987, 2013, 2015), a supremacia masculina imposta pelo capitalismo, com o fenômeno de subjugação e objetificação da mulher, que atravessa todas as classes sociais. Foram também importantes para este trabalho as reflexões de Luiza Bairros no texto “Nossos Feminismos Revisitados” (1995); Spivak com “Pode o subalterno falar?” (2014) e Bell Hooks com “Ensinando a Transgredir” (1994). Patrícia Hill Collins “Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categoria de análise e conexão” (2015).

Para compreender os processos educativos presentes no trabalho do coletivo social, Movimento Capoeira Mulher (MCM), considere a educação como um espaço onde se apresentam relações e interesses conflitantes, onde a produção do conhecimento historicamente foi desvinculado da realidade, e, “a seleção dos conhecimentos escolares se deu em um processo de exclusão de umas tradições e pelo privilegiamento de outras” (ARROYO, 2014, p. 124). De acordo com Miguel Arroyo, trata-se de um processo centrado no saber/poder do professor enquanto o detentor do conhecimento, ignorando que os sujeitos culturais chegam marcados com suas identidades, adentram um espaço que não os reconhece como sujeitos, construtores de história, que trazem na bagagem vivências e saberes que são ignorados, suas presenças é um desafio tanto para os formuladores de políticas públicas quanto para os profissionais de educação em sala de aula.

Falta em nossa história, na história específica da educação esse capítulo central: reconhecer essa co-presença de culturas e de sujeitos de cultura, sobretudo, falta reconhecer a especificidade da cultura popular e reconhecer o

povo como sujeito da história intelectual e cultural latino-americana. (ARROYO, 2014, p. 109)

O reconhecimento da diversidade cultural de identidades na sociedade brasileira aponta caminhos para compreendermos e rompermos com o ocultamento e silenciamento desses sujeitos, e os porquês foram silenciados, desvelando e compreendendo o passado desses sujeitos, suas lutas e suas contribuições, e, a partir disso, perceber possibilidades de redimensionar processos pedagógicos de forma a atender as demandas educacionais.

Ao abordar a questão da mulher na roda de capoeira, é necessário reconhecer as armadilhas que a linguagem coloca, como um grande desafio a enfrentar com a escrita desta dissertação, assim como, é grande o desafio as relações naturalizadas de dominação masculina sobre a mulher.

É claro que a superação do discurso machista, como a superação de qualquer discurso autoritário, exige ou nos coloca a necessidade de, concomitantemente com o novo discurso, democrático, antidiscriminatório, nos engajarmos em práticas também democráticas. O que não é possível é simplesmente fazer o discurso democrático, antidiscriminatório e ter uma prática colonial. (FREIRE, 2007, p. 68)

Com isso, Freire apresenta a esperança de que é possível acabar com a opressão, com a miséria, com a intolerância e transformar o mundo em um lugar mais justo para se viver. Com ele a problematização, os questionamentos são considerados um ponto de partida para descobrir o que ainda não é conhecido. Isso implica chegar a uma visão histórica e crítica da sociedade, o que possibilitará formas de intervenções no sentido a repensar as epistemologias hegemônicas.

É o saber da história como possibilidade e não como *determinação*. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *História*, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar* mas para *mudar*. (FREIRE, 1996, p. 76-77, grifo do autor).

Este é um pensamento importante para entender as imposições epistemológicas de dominação e subalternização nos processos educacionais considerando que são os coletivos populares, que

[...] pressionam as concepções pedagógicas a repensar-se nos processos de sua produção teórica, epistemológica. A reconhecer que essa produção foi e continua inseparável, atrelada às formas de pensar e de alocar os Outros nos padrões de poder/saber (ARROYO, 2014, p. 11).

Esta visão, pressupõe uma concepção dialética de educação, tendo como partida a realidade sociocultural dos sujeitos envolvidos. Isto exige educadores comprometidos, engajados enquanto sujeitos históricos, envolvidos com a mudança social, em um movimento contínuo de ação-reflexão-ação, como sugerem a proposta freireana para romper com as epistemologias homogeneizantes. Para Arroyo, muitos dos fracassos escolares se devem ao fato de se ignorar esses outros sujeitos e suas contribuições, suas outras pedagogias.

Os coletivos populares compostos por sujeitos que de forma organizada política, social e cultural pressionam as teorias e teóricos, e as instituições para que repensem os programas e processos desumanizantes. E, ao citar *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, aponta ser importante e necessário reconhecer os oprimidos diante dos padrões de dominação. Os coletivos sociais na diversidade de movimentos e os sujeitos constroem suas pedagogias de aprendizagem e de resistência à opressão. Neste sentido, “reconhecer ou ignorar essas pedagogias de libertação, emancipação passa a ser uma questão político-epistemológica para as teorias pedagógicas.” (ARROYO, 2014, p. 15).

Quando se trata de temática referentes às populações afrodescendentes e indígena, a ausência de conhecimentos da história que foi ocultada é um forte entrave para o avanço da implementação das políticas em vigor. Neste sentido ao problematizar uma expressão cultural fruto da diáspora africana no Brasil, como a Capoeira, inscrita nas tradições milenares africanas, eivada de valores matriarcais e também patriarcais, nos convida a rever a história do povo negro, entender suas singularidades e contribuições e ocultamentos na cultura brasileira.

Para se compreender esses “silenciamentos” é imprescindível sair do lugar comum, com suas hierarquias e fragmentação do conhecimento, desvinculados da realidade dos sujeitos, centrados no saber e poder do professor enquanto o detentor do conhecimento, no qual, segundo Arroyo (2014, p. 124), a seleção dos conhecimentos escolares exclui umas tradições, pelo privilegiamento de outras. Portanto, refletir sobre a tradição eurocêntrica hegemônica em vigor, torna imprescindível buscar referenciais teóricos que permitam romper com a lógica que exclui, que segrega e aprisiona. É preciso entender alguns “porquês” e “como” os “outros sujeitos” foram silenciados, desvelar esse passado, compreender os valores civilizatórios dos silenciados, suas lutas e suas contribuições e partir deles, perceber possibilidades de redimensionar processos pedagógicos de forma consciente para atender as demandas da população pluriétnica e cultural.

Neste sentido, dois intelectuais latino-americanos foram importantes para essa reflexão: o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2010), o semiólogo e teórico cultural argentino-norte-americano Walter D. Mignolo (2010), porque afirmam que a modernidade e colonialidade

são as duas faces da mesma moeda e que graças à colonialidade, a Europa pode produzir um modelo ideológico único a ser seguido de forma impositiva, de desarticular todas as epistemologias de outras sociedades. Edward Said (2007), ajudou-me refletir sobre os conceitos de orientalismo e ocidentalismo; e com Boaventura de Sousa Santos (2010b), compreendemos que as linhas imaginárias abissais, respaldam o etnocentrismo europeu, que divide, que segrega, que invisibiliza, que subjuga e aniquila impondo seu monopólio e ideais colonizadores. Ainda com Edward P. Thompson (2001), entenderemos que a história de gente comum, a história vista de baixo, essa abordagem oferece novas possibilidades de compreensão de momentos históricos, e como as pessoas comuns reagem aos silenciamentos e invisibilizações a que foram legadas.

Para os teóricos decoloniais e pós-coloniais, a colonialidade é um padrão de poder resultante do colonialismo moderno, mas, em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona também com o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, através do mercado capitalista mundial, onde os ideais de raça se mantêm vivos e constantemente atualizados nas produções acadêmicas pautados em critérios de aceitabilidade, construídos para manutenção e afirmação da hegemonia epistemológica da modernidade europeia, e se configuram como uma forma de racismo epistêmico.

A epistemologia eurocêntrica ocidental não admite outra epistemologia que permita um pensamento crítico e científico, por isso, os seus críticos propõem a descolonização do pensamento, como uma forma de romper o círculo vicioso que mantém a hegemonia eurocêntrica, padrão mundial de poder do capitalismo, e com isso quebrar a hegemonia epistêmica, política e historiográfica estabelecida, que tem alimentado o pensamento acadêmico para manutenção da colonialidade do saber, na qual a postura de dominação que tem insistido em ser referência acadêmica, demonstrando claramente que o eurocentrismo não é apenas um padrão de dominação somente praticado por europeus, mas também por aqueles que foram produzidos, educados, segundo os seus padrões, e que, portanto, seguem com seus processos de subalternização e exclusão, e neste processo, a noção de raça e classe, segue dando suporte para a subjugação.

Isso revela que mesmo com todos os avanços, frutos das conquistas sociais, que tem acenado com mudanças significativas para sociedade, estão cada vez mais distantes de serem alcançados, uma vez que a formação dos professores, educadores, segue na perspectiva de respaldar e manter a colonialidade do saber em pleno XXI, mantendo a hegemonia epistemológica da modernidade europeia como único padrão a ser seguido. E com isso os

sistemas escolares continuam distantes de trazer para o chão da escola conteúdos que sejam significativos e atendam a realidade do povo brasileiro. Portanto, com este pensamento que assumo, com subsídios teóricos para este estudo, autores que propiciam reflexões para entender a linha de pensamentos construídas pelas ciências que fundamentaram a invenção do “outro” negando a sua ciência, sua epistemologia.

Na América do Sul, na América Central e no Caribe, o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos de indígenas bem como nas de afrodescendentes. As memórias gravadas em seus corpos por gerações e a marginalização sociopolítica a qual foram sujeitos, por instituições imperiais diretas, bem como por instituições republicanas controladas pela população crioula dos descendentes europeus, alimentaram uma mudança na geo e na política de Estado de conhecimento:

[...] As opções descoloniais e o pensamento descolonial têm uma genealogia de pensamento que não é fundamentada no grego e no latim, mas no quíchua e no aymara, nos nahuatl e tojolabal, nas línguas dos povos africanos escravizados que foram agrupadas na língua imperial da região (cfr. espanhóis, portugueses, francês, inglês, holandês), e que reemergiram no pensamento e no fazer descolonial verdadeiro: Candomblés, Santería, Vudú, Rastafarianismo, na Capoeira, etc. (MIGNOLO, 2008, p. 291-292).

Portanto, é nesse sentido que trago para o diálogo com academia, os saberes das mulheres, os saberes das ruas, de uma cultura vivenciada em sua grande maioria na periferia da grande Belém, local onde estão inseridas as protagonistas do Movimento Capoeira Mulher - MCM.

1.4 - DELIMITAÇÃO DO TEMA, PROBLEMA DE ESTUDO E OBJETIVOS

Para alcançar os desafios epistemológicos para o estudo do Movimento Capoeira Mulher- MCM é importante situar esse grupo como um movimento que surgiu por iniciativa das próprias mulheres capoeiristas, e enquanto movimento social, atua como um coletivo social de mulheres capoeiristas pertencentes aos grupos e ou associações de capoeira em atuação na Grande Belém. Tentando mergulhar no universo MCM, o presente trabalho teve o seguinte problema de estudo: *Por que as mulheres capoeiristas de Belém criaram o Movimento Capoeira Mulher?*

Para responder essa questão de estudo, foram definidos os seguintes objetivos: *Analisar Movimento Capoeira Mulher - MCM criado por mulheres capoeiristas da cidade de Belém (Pa.), a fim de compreender os processos educativos presentes no trabalho do grupo; Compreender quem são essas mulheres que fazem parte do MCM; identificar se há relação*

entre essas mulheres do MCM com outros movimentos sociais, projetos ou instituições; e verificar que atividades político-pedagógicas são desenvolvidas pelo MCM e se consideram os processos civilizatórios africanos e afro-brasileiros de resistência negra no MCM.

1.5 - DEFINIÇÃO DO *LÓCUS* E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Contextualizar nosso *lócus* de pesquisa constitui-se um desafio, porque o Movimento Capoeira Mulher não constituiu um espaço geográfico definido para desenvolver suas atividades. De acordo com o Projeto Capoeira Mulher de 2007, não tem fins lucrativos e reúne um coletivo de mulheres capoeiristas paraense. É considerado, um movimento feminista que reúne mulheres de diferentes grupos de capoeira em torno da luta por igualdade de direitos, pela conscientização e visibilidade da mulher no universo da capoeira. Aberto para todas as praticantes ou simpatizantes da capoeira, independente de idade ou estilo.

Não sendo um grupo ou associação, o MCM identifica-se como um coletivo de mulheres capoeiristas de diferentes grupos/associações de capoeira, não tem um espaço físico, uma sede ou um local fixo para sua implementação. Sua atuação e participação, se dá em diferentes espaços na cidade e ainda em atividades fora do Estado. Os lugares mais comuns onde a grupo se encontra são praças públicas, locais de eventos de capoeira dos diferentes grupos/associações e em ações de programações não governamentais e governamentais referentes a capoeira. Atualmente, o MCM vem participado das atividades do grupo Salvaguarda Capoeira do Estado do Pará, promovida pelo sub-sede do IPHAN no Estado do Pará, assim como, participou do Curso de Extensão oferecido aos capoeiras, promovido pela Grupo de Estudos Afro Amazônicos - GEAM/UFPA.

Diante do exposto, nosso *lócus* de pesquisa, não está circunscrito a um único grupo/associação de capoeira, com local fixo, mas onde houver a participação das mulheres integrantes do MCM, tais como, batizados e troca de cordas dos grupos e associações, encontro e rodas de capoeira na praças públicas, cursos, oficinas ou eventos (Simpósios, Reuniões, Comitês e Grupos de Trabalho), onde elas participam e interagem. No entanto, sua área de atuação e interação vai para além dos espaços físicos e se estende aos ciberespaços ou redes sociais, onde tornam público suas atividades e ideais.

Quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa, adotei a pesquisa participante e a observação etnográfica pela minha aproximação com o grupo. A primeira entrevista presencial com um grupo de mulheres aconteceu em um ambiente nada convencional, na mesa de um Clube após evento de Batizado e Troca de Cordas. Neste momento, a vontade de falar, de contar suas histórias era tanta, que as questões elaboradas para guiar a conversa, foi

literalmente esquecida. Caso insistisse, reconheço que teria perdido muita informação importante. Assim, os tradicionais cronogramas e processos de pesquisa através de questionários, previamente estabelecidos, não foi adequado à realidade apresentada, tendo que ser delineados durante o processo.

Nesse tipo de pesquisa, o tempo cronológico não é o do pesquisador e nem da academia, mas dos sujeitos protagonistas sociais a serem investigados. Assim, agir seguindo as normas que garantem a estrutura do poder da academia ao chegar com questionamentos fechados, “ é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido” (SPIVAK, 2014, p. 14).

Diante disso, as entrevistas foram não estruturadas, feitas durante e após os treinos e eventos de capoeira, assim como, através de meios eletrônicos como as redes sociais e e-mail. Todos os participantes foram comunicados sobre a pesquisa e que suas informações poderiam ser utilizadas para tal fim. Esse trabalho foi um grande desafio, porque o movimento social das mulheres capoeirista existe há 15 anos, mas não havia preocupação com organização de um banco de dados sobre sua história, até porque nunca antes foi investigado, tal como revela o depoimento da entrevistada:

Ano que vem a gente vai fazer 15 anos. Eu acho que se alguém chegasse assim, olha – sabe aquela roda que vocês fizeram lá na Praça de República? Daqui há 15 anos vão escrever sobre ela. Eu ia dizer – Ah! Para de graça, que a gente não fez tanto. (JENIFFER MARGARIDA, entrevista concedida em outubro de 2016)

Diante das dificuldades em encontrar fontes, porque estas encontram-se dispersas em variados ambientes, o procedimento metodológico, requer análise de múltiplas fontes, para alcançar o que propõe Geertz (2004), realizar uma descrição densa e aprofundada, descrevendo a realidade investigada de forma minuciosa, detalhada e interpretando os fatos, as histórias, as memórias, os esquecimentos e silenciamentos. Essa nova forma de conceber as fontes e produção do conhecimento, nesse campo, ganhou impulso com a *Nova História*, possibilitando a ampliação do uso de fontes na pesquisa histórica, com a contribuição de autores como Edward Thompson (1966, apud Sharpe, 1992), com *história vista de baixo*, que tem como ideia central a cultura e abrindo novos espaços para exploração de outras fontes, principalmente quando trata-se da história de gente comum, daqueles que foram silenciados e ocultados. Essa alternativa ajuda desocultar a episteme dos outros povos, dos não europeus como os africanos e africanas, os afro-brasileiros e brasileiras, e amazônidas paraense, que foram silenciados e

cujos saberes ancestrais estão presentes na contemporaneidade, nas práxis da capoeira, expressão cultural fruto da diáspora africana no Brasil.

As mulheres entrevistadas para essa pesquisa foram escolhidas por serem militantes e atuantes na Coordenação do MCM. Além dessas lideranças, foram entrevistadas outras capoeiristas que concordaram em participar do trabalho, cedendo fotografias e materiais diversos, assim como, contando suas histórias na relação com o MCM, uma vez que o objetivo do MCM é atingir todas as mulheres capoeiristas.

Quanto a identificação das mulheres capoeiristas se faz necessário alguns esclarecimentos preliminares.

O primeiro diz respeito a questão dos nomes e apelidos que a maioria das participantes possuem, seja porque receberam ao serem iniciadas na capoeira ou por já possuírem apelidos antes de começarem a vida na capoeira. Pois, na periferia da grande Belém, é comum vermos crianças que não conhecem nem os seus próprios nomes, uma vez que são chamadas por apelidos a vida toda, há casos entre essas mulheres, que ninguém conhece o primeiro nome da pessoa, conhecendo apenas pelo apelido. Entretanto há situações em que algumas não possuem apelidos.

A segunda questão diz respeito a forma como serão apresentadas inicialmente com seus nomes, apelidos e graduação, e ao longo do texto, apenas pelo primeiro nome, seguido do apelido. No entanto, há situações, em que constará apenas o apelido, pois a pessoa não é conhecida pelo seu primeiro nome. Outra situação, é o da pessoa que não possui apelido, então constará apenas o primeiro nome. E ainda, a situação que aparecerá dois nomes próprios, neste caso o segundo nome é o apelido.

Vale ressaltar, que a opção em utilizar os nomes das capoeiristas, bem como seus apelidos na capoeira, foi decidido coletivamente, uma vez que preferem registrar suas presenças na história da capoeira do século XXI.

Ressalto, que os nomes que parecerem estranhos, não são pseudônimos, como normas para preservar as identidades dos/das entrevistadas. Os apelidos são comuns na capoeira, a grande maioria dos/das capoeiristas recebem apelidos no momento que são batizados e/ou aceitos como capoeiristas, outras, no entanto, já possuem apelidos e são mantidos na capoeira.

No entanto, decidimos que as situações de extrema exposição, serão tratadas apenas pela palavra “capoeirista” ou “Mestre de Capoeira”, sem especificar qualquer identificação da pessoa, de forma preservar a/o informante, assim como, as informações coletadas em rede social, não serão identificadas (os). A seguir, quadro com capoeiristas contatadas durante o processo de pesquisa.

Quadro 2 - Quadro de Capoeiristas que participaram dos momentos de pesquisas

Nº	NOME	APELIDO	GRUPO/ASSOCIAÇÃO
01	Alessandra Ferreira Marinho	Leca	Sou Angoleiro
02	Amélia de Kassia de Oliveira Cardoso	Kassia	Raizes do Brasil(Amapá)
03	Andreia Cristina de Almeida Maciel	Marreca	Regional Mestre Caiçara
04	Andreza Barroso da Silva	Miudinha	Menino é Bom
05	Arlete Santo	Fênix	Norte Brasil
06	Carolina Ferreira de Oliveira	Pitchula	Luta Nossa
07	Cyntia Gonçalves Lobato	Angel	Nação Raízes Capoeira
08	Cristiane Silva	Sininho	Ex-Dandara Bambula
09	Denilce Rabelo Borges	Sereia	União Capoeira Associados
10	Dileuza Correa	Didi	Arte Negra
11	Gisele Silva Figueira	Tsunami	Norte Brasil
12	Ilka Solange Cunha Godinho	Batatona	Abadá Capoeira
13	Ingrid Siqueira dos Santos	Japinha	Mbutu Angola
14	Jacqueline Carvalho		Dandara Bambula
15	Jamille Andrade	Pretta	Berimbau Brasil
16	Jennifer dos Santos Pereira	Margarida	Raizes do Brasil(Amapá)
17	Joelma Nascimento	Bailarina	
18	Karine Santos	Kaká-	Norte Brasil
19	Laura Nascimento	Laura	
20	Ligia Patrícia Gomes	Yoko	Regional Mestre Caiçara
21	Marinete do Carmo Pinto	Nete Açaí	Muzenza
22	Michelly Miranda		Regional Mestre Caiçara
23	Michelle Rosas	Magally	Grupo Abolição
24	Sabrina Silva		Senzala
25	Sonia Silva Amaral	Mortiça	Aruã Capoeira
26	Stella Mendonça da Silva Sá	Stellão	Norte Brasil

1.6 - A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA DIGITAL

Para dialogar sobre *Etnografia Digital*, trago dois teóricos, que perceberam a importância dos meios digitais para os estudos etnográficos: Maria Marly de Oliveira, com o livro “*Como Fazer Pesquisa Qualitativa*” (2010) e Michael Angrosino, com o livro “*Etnografia e Observação Participante*” (2009). Michael Angrosino, no capítulo *Etnografia para o Século XXI*, começa seu capítulo com o seguinte texto:

A maior parte das técnicas de pesquisa discutidas neste livro foram desenvolvidos há mais de 100 anos para pesquisa em sociedades tradicionais, homogêneas e de pequena escala. Eles ainda são, sem a menor dúvida, peças úteis e importantes da nossa caixa de ferramentas. Mas seu contexto de uso mudou radicalmente. (ANGROSINO, 2009, p, 118).

É imperioso reconhecer que na era da informação, os meios virtuais, através das redes mundiais de computadores, a *internet* se constitui num poderoso meio das interações sociais neste momento histórico. É interessante que se entenda que não é apenas como uma dinâmica da pesquisa, modificada pela inclusão de computadores, laptops, smartphones ou softwares, para análises de dados, mas se constituiu num espaço virtual, um meio de interação onde os diferentes feminismos, não brancos e o negro, detêm uma expressiva quantidade de poder e influência, através deste novo meio de comunicação e informação do atual milênio. Contida nos comentários e diálogos estabelecidos, nos registros fotográficos e vídeos socializados, são fontes importantes os ciberespaços ou as redes, como um novo ambiente de comunicação que surge através da intercomunicação mundial de computadores. Espaço que abriga um mundo de informações e conhecimentos, assim como, também é grande os números de participantes que alimentam essas informações. E sobretudo, compreender que;

[...]com o aumento de nossa sofisticação tecnológica, os etnógrafos começaram a se dar conta de que a tecnologia nos ajuda a capturar e reordenar a “realidade” de maneira um tanto variáveis em relação à nossa experiência vivida como pesquisadores de campo. O grande valor da observação participante resulta da oportunidade que temos de fazer uma imersão na constante flutuação e nas ambiguidades da vida tal como ela é vivida por gente de verdade, em circunstâncias reais. (ANGROSINO, 2009, p.118)

De acordo com Angrosino (2009), a mudança tecnológica nunca é um mero acréscimo, ou seja, nunca é simplesmente uma ajuda para fazer o que sempre foi feito. Mais do que isso, ela é ecológica no sentido de que a mudança em um aspecto do comportamento tem ramificações por todo o sistema do qual este comportamento é uma parte. Portanto, para esse autor, quanto mais sofisticada for a nossa tecnologia, mais modificamos nossa maneira de trabalhar, o que significa compreender não apenas o que acontece quando “nós” encontramos “eles”, mas quando nós fazemos isso com um tipo particular e poderoso de tecnologia. Nesse sentido, Angrosino defende que já que as comunidades virtuais e as interações on-line são comuns, os pesquisadores podem e devem se libertar do lugar por meio da internet, e fazer etnografias on-line. Para Angrosino é totalmente possível ‘observar’ o que se passa em uma sala de bate-papos na internet quase da mesma maneira que se poderia observar os acontecimentos em um “lugar” tradicional. Portanto, Pode-se conduzir entrevistas pela internet porque a nossa capacidade de usar materiais de arquivos foi claramente aumentada por métodos de armazenamento e recuperação. Assim, a vida on-line está se tornando uma banalidade do século XXI, e a etnografia pode certamente incorporar o ciberespaço como lócus de pesquisa.

Para esta pesquisa, a etnografia digital se constituiu em uma possibilidade importante de pesquisa, não apenas sobre sujeitos específicos e sua vida, mas também sobre processo mais amplos através dos quais as pessoas definem suas vidas. Não perdendo de vista os objetivos e características de uma pesquisa etnográfica, que, segundo M. Oliveira (2010), “[...] como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo”. Com relação as normas ética de consentimento e proteção da privacidade, embora, segundo Angrosino, não existam regras éticas abrangentes aplicáveis à pesquisa on-line, recomenda-se cuidados semelhantes, não exatamente iguais aos que o pesquisador de campo encontra com relação as comunidades tradicionais:

A pesquisa baseada na análise de conteúdo de um website público não precisa apresentar um problema ético e é provavelmente aceitável citar mensagens enviadas para páginas de mensagens públicas, desde que as citações não sejam atribuídas a pessoas identificáveis. Os membros de uma comunidade on-line devem ser informados se um etnógrafo também estiver on-line “observando” suas atividades para fins de pesquisa (ANGROSINO, 2009, p. 121-122).

Deve-se observar também, de acordo com Angrosino, que os membros de uma comunidade virtual sob observação, tenham a garantia de que o pesquisador não usará nomes reais, endereços de e-mail, ou qualquer outra marca de identificação em qualquer publicação baseada na pesquisa. Além disso, se o grupo on-line, tiver definido suas regras de entrada e participação no grupo, essas normas devem ser respeitadas pelo pesquisador, da mesma forma como seriam respeitados os valores e expectativas de qualquer outra comunidade na qual ele ou ela pretendessem fazer observação participante (ANGROSINO, 2009, p. 121-122). Desta forma, o espaço virtual também pode se constituir num local onde o pesquisador pode atuar enquanto observador, e ainda segundo o mesmo autor, compartilhar esboços de relatórios de pesquisa para comentários dos membros da comunidade, ao mesmo tempo, permitindo que os membros ajudem o pesquisador a formar e atingir os objetivos mais amplos de transformar informantes em colaboradores.

Baseando-me nas observações acima, busquei informações também nos grupos/comunidades virtuais, criadas pelas militantes do MCM, onde socializam suas experiências como uma forma de resistência. Um exemplo disso a Comunidade MCM no Facebook, uma página com mais de 300 membros, que se constituiu num local de encontro das mulheres e que alimentam seus arquivos, ricos como fonte de pesquisa.

No processo de coleta dos dados, fazer emergir a história de quinze anos do MCM, destaco dois períodos. O primeiro, situamos ainda antes da qualificação dessa dissertação, com a coleta de dados através da observação, iniciada durante o período que cursávamos as

disciplinas ministradas do curso de mestrado. O segundo período após a qualificação, com devidas observações para qualificar a dissertação, com a revisão bibliográfica e continuação da pesquisa de campo. No processo, o retorno a campo seja da forma tradicional ou virtual, sempre que necessário para esclarecimentos e complementação do estudo. A observação participante pode contribuir para a interpretação dos significados explícitos e ocultos na narrativa dos sujeitos, por isso a interação nos grupos com os participantes tem sido fundamental para o andamento do estudo.

Foi a partir desta intensa interação social entre a pesquisadora e os sujeitos, que favoreceu os procedimentos utilizados, “desde a chegada do pesquisador ao campo da investigação, quando, então, inicia as negociações que lhe darão acesso a esse campo, até o término do estudo” (PEREIRA; LIMA, 2010, p. 5). Neste sentido, o conhecimento acumulado a respeito da capoeira e das linguagens da capoeira, tem contribuído de forma significativa para a definição da temática, mas sobretudo para tradução e análise que este estudo requer.

Pois a capoeira é uma práxis ritualística que tem os seus segredos e sua linguagens. Somente um pesquisador capoeirista poderia saber se sua chegada no *lócus* de pesquisa foi anunciada utilizando as linguagens da capoeira, tipo, através do toque de berimbau. Feito isso, todos os participantes ficam alertas para o pesquisador em seu espaço. Afinal, como Mestre Janja em novembro de 2016, o capoeira foi formado na pedagogia da desconfiança. Isto não significa que os conhecimentos do pesquisador deva se sobrepor ao andamento do trabalho de forma a naturalizar as experiências vividas e percebidas no processo de pesquisa. Freire (1992) e Hooks (2013) ou de fugir os sujeitos envolvidos pois minha tarefa com isso é política por tanto, minha aproximação vem no sentido de me familiarizar com suas linguagens e aguçar a sensibilidade a “boniteza com que sempre falam de si, até de suas dores, e do mundo” (FREIRE, 1992, p.69) no sentido de solidarizar-me com essas experiências e no sentido de contribuir para desconstrução da hegemonia patriarcal, sexista, machista, homofóbica, lesbofóbica e misógina. Geertz (2014) meu impulso intelectual é contra hegemônico, se faz necessário executar a escuta, o olhar, tomando a distância necessária de forma a não intervir durante o processo. Essas perspectivas teóricas e procedimentais culminam nesta produção teórica que ora lhes apresento.

1.7 - BREVE HISTÓRICO DA CAPOEIRAGEM PARAENSE E A PARTICIPAÇÃO DA MULHER.

Na história da colonização brasileira, este termo passou a designar o que antes era chamado *jogo de Angola*, *dança de Angola*, *brincadeira de Angola* e, portanto, fez-se presente desde que aqui chegaram os primeiros agrupamentos

de pessoas escravizadas, de origem banto (Caneiro,1981;Reis e Silva, 1989). Segundo Edson Carneiro, este divertimento era tão velho no Brasil” quanto o tráfico negro bantus...” (ARAÚJO, 2015, p 36.)

A capoeira, expressão cultural de origem diaspórica africana no Brasil, que nasceu no contexto de resistência negra à escravidão e guarda reminiscências. Ainda que pesem as diferenças e divergências provocadas pelas modificações sofridas para tirá-la da marginalidade a que foi condenada no código penal de 1890, por cerca de cinquenta anos, o movimento para tirar a capoeira da criminalidade, culminou na bifurcação da capoeira, com a criação de duas modalidades diferentes, a partir da década de 1930, na Bahia, a saber: A Capoeira Regional criada por Manoel dos Reis Machado- Mestre Bimba, que denominou inicialmente de “Luta Regional baiana (omitindo o nome capoeira)” (MAGALHAES, 2012, p.24) e “Capoeira Angola” criada por Vicente Ferreira Pastinha – Mestre Pastinha. Segundo Magalhaes Filho (2012) para muitos intelectuais, “Pastinha foi o intelectual orgânico” que simbolizou a reorganização dos capoeiristas tradicionais, que passaram a denominar sua arte-luta de Capoeira Angola para diferenciá-la da regional em franca expansão.”

Araújo (2015), referendada em pesquisadores que a antecederam, diz que a prática da capoeira era mal vista pelas elites políticas, e que era conhecida por algumas denominações como, “brincadeira, jogo, dança, ou na forma mais objetiva da dança guerreira, a capoeira sempre foi tida como uma ameaça à ordem estabelecida, sobretudo no período das formações de Maltas”(ARAÚJO, 2015, p. 37). Para esta autora esta nova variação de capoeira considerada moderna,

rompia com uma série de fundamentos e/ou aspectos de resistência, sobretudo no que concerne às formas de transmissão de conhecimentos. Estruturada para ser desenvolvida e praticada em sequência de golpes (traumatizantes, desequilibrantes, floreios, etc.), priorizando o aspecto marcial/corporal em detrimento dos rituais, e forjado num sistema de graduação, de formação do capoeirista através do uso de cordéis , entendiam que a Capoeira Regional nascia para as elites brasileiras, como sendo um esporte exótico e uma manifestação folclórica.(ARAÚJO, 2015, p. 37)

Segundo Magalhaes Filho (2012), apud Vieira (1995)

a criação da capoeira regional se deu no contexto de gradual discriminação da capoeira em um intenso processo de apropriação das instituições do *ethos* popular por parte do Estado” que enquadra-se nas novas estratégias de legitimação “ do Estado Novo. Procurou reunir os elementos de conservação das tradições e a proposta modernizante numa única dimensão.” Inspirado nas formulações weberiana, ele associa a criação da capoeira regional ao amplo processo de racionalização e desencantamento do mundo, que se aprofundou no Brasil a partir da Era Vargas. Vieira estabelece como contraponto a capoeira angola, que conservaria um “*ethos* popular” ligado ao domínio da rua, uma

espécie de ética da malandragem (VIERIA 1995, p.60, apud; MAGALHAES FILHO, 2012, p.27)

O referido autor, também proporciona a reflexão sobre algo que também nos instiga, quando expõe sobre o pensamento da pesquisadora Leticia Reis,

[...] formula algumas críticas a essa dicotomização que segundo ela, “não dá conta da complexidade e da dinâmica cultural do mundo capoeira” e “ não consegue explicitar a ambiguidade da capoeira.” Em sua visão, os capoeiristas baianos formulariam um projeto “regional e étnico”, buscando legitimidade de um jeito “negro e popular”. Esse projeto baiano teria, entretanto, duas propostas: uma que afirma a capoeira como “mestiça”, misturando a capoeira tradicional com lutas orientais e ressaltando sua origem brasileira. A outra ressaltaria a “pureza africana” da arte-luta, reafirmando sua mítica origem africana no N ‘Golo, ou dança das zebras. [...] que descreve um processo de baianização da capoeira, desvalorizando a herança carioca, considerando como “impura”, a “eleição da capoeira baiana como a ‘mais tradicional’ também é resultado de uma disputa política aguerrida pela hegemonia da ‘pureza’ da tradição negra no país. (REIS, 1997, p.83 e 106, apud; MAGALHAES FILHO, 2012, p.27)

Fato, que não diz respeito apenas a herança carioca, mas também a herança de outros locais, e entre estas a paraense, apesar deste estudo não ter por objetivo discutir origens e ou abordar a história da capoeira. No entanto, considero importante para compreender a história do MCM, revisitar brevemente a história da capoeiragem na Amazônia paraense, visto que Soares (1997)), Silva (1989), Salles (2004), Leal (2008), Teixeira (2009), Oliveira e Leal (2009), dentre outras (os) pesquisadores já desvelaram partes da história de resistência negra, evidenciando a luta das(os) nossas(os) ancestrais, mesmo que, os próprios capoeiras paraenses continuem valorizando e sustentando esses modelos hegemônicos disseminados em todo país e no mundo, ocultando e silenciando as nossas heranças ancestrais.

Segundo os dados apresentados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico-IPHAN, em (2017), fruto da pesquisa histórica e antropológica, realizada entre os anos de 2006 e 2007, para identificar os principais aspectos que constituem a capoeira como prática cultural no Brasil, que resultou no reconhecimento da capoeira enquanto Patrimônio Cultural do Brasil (questão que abordaremos adiante na quarta seção) que se encontra presente em todo território brasileiro e em mais de 150 países.

Dentre os muitos mestres que existem em atuação no Pará, apenas percebe-se em Mestre Ray a valorização da capoeiragem de rua do passado, quando diz, que a sua capoeira não é nem angola e nem regional, isso não entendo apenas como uma modelo genérico. Essa opção, segundo se percebe em suas exposições provem da intensa vivência com a prática de capoeira de rua, ou nos espaços religiosos.

Algo que se faz presente, na obra do poeta Bruno de Meneses, poeta negro, que nasceu em Manaus, no Estado do Amazonas e viveu em Belém do Pará. Este autor possui uma produção que nos possibilita um retorno ao passado, para entender as africanidades paraense, como na obra Batuque, onde a importância da sabedoria dos antigos, desde o prefácio desta obra, feita pelos escritores Josse Fares e Paulo Nunes, na sétima edição de 2005, ao afirmar que “o autor deste Batuque nos faz lembrar uma narrativa iorubá. Para os integrantes desta etnia, todo homem antigo – entronizado, portanto, no manto da sabedoria, depois de enterrado, transforma-se em pedra.” Os prefaciadores dizem o seguinte: “Hoje, poderíamos afirmar que, falar da “poesia da negritude brasileira sem citar este livro, é reforçar uma lastimável lacuna”, o mesmo podemos falar com relação a prática da capoeira, como no poema a seguir.

Ainda que pese a referência dos prefaciadores a cosmologia africana iorubana ser questionada, uma vez que segundo as obras de Salles(2005) a origem dos primeiros africanos escravizados que foram introduzido na Província de Grão Pará e Maranhão em 1662 e 1670, eram procedentes de Angola, em 1680, introduziram os provenientes da Costa de Guiné. No entanto, o autor em 1931, através de personagens negros em seus poemas, ressalta a ancestralidade negra Amazônida, e a capoeira encontra-se contemplada no poema Pai João.

PAI JOÃO

Pai João sonolento e bambo na pachorra da idade
Cisma no tempo de ontem. De olhos vendo o pássaro recorda o veterano
A vida brasileira que ele viu e gozou e viveu!

Mãe Maria contou que o pai dele era escravo...

Moleque sagica e teso, destro e afoito num rolo,
Pai João teve fama de capoeira e navalhista.

- Êita!... Era o pé comendo,
Quando a banda marcial saia à rua,
Com tanto soldado de calça encarnada.
E rabo-de-arraia, cabeçada na polícia,
Xadrez, desordens, furdunço no cortiço
E o ronco e o retumbo do zonzo som molengo do carimbó:

“Juvená
Juvená!!
Arrebate
Esta faca Juvená!
Arrebate
Esta faca Juvená!”

De amores...uma anágua de renda engomada,
Um cabeção pulando nos bicos duns peitos,
Um sandálias brancas bem na pontinha dum pé.

E o rebolo bolinante dos quartos roliços da Chica Cheirosa...
 E a guerra do Paraguai! Recrutamento!
 Gurjão! Osório! Duque de Caxias!
 Itororó! Tuiuti! Laguna!

E não sabia nem o que era monarquia!

Agora, sonolento e bambo,
 Tendo em capuchos a trunfa,
 Pai João ao recordar a vida brasileira,
 Que ele viu e gozou e viveu,
 Diz do Brasil de ontem:
 - Ah! Meu tempo!

No entanto, de onde saiu este personagem Pai João, que está imerso em referenciais afro-amazônico paraense? Como não reconhecer a cultura local, se a obra encontra-se, impregnadas em uma atmosfera sagrada e mística, revelando o negro brasileiro em sua integridade cósmica, trabalhado pela ação ancestral que lhe modela a dança e o canto presentes no Pará.

Pai João, cujo pai foi escravizado, era um homem negro velho, a lembrar de seu passado de muitas experiências como capoeirista e navalhista afamado. A história vivida desse personagem está na memória da personagem feminina Mãe Maria, que por sua capoeiragem fora enviado para guerra. Um negro capoeirista, sobrevivente de guerra, mas não herói. Lutou por uma causa sem nem saber o significado de toda essa ação. Descreve cenário, por onde a capoeiragem era vivida, ou seja, nas ruas no tempo das capangagens e maltas, e os desfiles militares, enquanto balizas à frente dos pelotões, os cortiços e festas populares locais, como uma das expressões culturais de origem afro-indígena paraense, o carimbó.

Este poema ainda traz “a chula do celebrado Juvená, êmulo do seu camarada baiano Mangangá, ao menos na glória do canto consagrador da habilidade do grande capoeirista” (SALLES, 2004, p. 133), mais uma das evidências da presença dessa expressão na cultura paraense. “Juvená/Juvená!/Arrebate/Esta faca Juvená!/Arrebate/Esta faca Juvená!” Para o autor, é um texto que lembrando com o verso o ronco e o retumbo do zongo som molengo do carimbo. E acrescenta a pergunta – “Teria efetivamente o carimbó se associado, alguma vez à capoeira?”(SALLES,2004, p.134) e acrescenta que,

Bruno de Meneses “deixou-nos uma incógnita. lembrando que o carimbó na época era dançado em Belém, nos terreiros, como o batuque, com solista ou par no centro de uma gran de roda. Aí a de capoeiragem? (SALLES, 2004, p.134)

[...]

Bruno de Meneses era profundo conhecedor da vida urbana de Belém, não introduziria arbitrariamente a memória do negro Juvená, no terreiro do carimbó, num desafio de Pai João, famanaz capoeira e navalhista.

Figuras do povo que fazem a história não são esquecidas tão facilmente. História e memória nutrem o folclore de qualquer povo. (SALLES, 2004, p.134)

Salles(2004) afirma, não poder descartar essa situação, apesar da capoeira no Pará ainda não está bem documentada a época o posteriormente poderemos perceber através da obra do Leal(2008), mas há informações seguras de sua inserção no carimbo e na tradição oral do Pará “Tua mãe é uma coruja/Que mora no oco do pau/Teu pai é um negro velho/Tocador de berimbau” e “Você pensa que berimbau é gaita?”.

Quanto a situação das mulheres, representadas no poema, estavam relacionadas, ao mesmo contexto dos homens, das ruas, nos espaços boêmios, de prostituição e de expressões culturais próprios do povo negro, em contato com os capoeiristas, totalmente fora dos padrões de comportamentos femininos para as mulheres brancas estabelecidos para época. Se Pai João, um homem velho, a lembrar de suas experiências de vida; Mãe Maria, também é uma personagem impregnada pelos referenciais sagrados afro-religiosos, Mãe e Pai são expressões que designam lideranças da cultura afro-religiosa, detentores de saberes e Mestres daquilo que praticavam. Esta obra nos faz lembrar a ancestralidades da capoeira paraense apagada da memória cultural local pelas elites governistas que primavam para ressaltar a cultura europeia.

De acordo com os estudos de Salles

A literatura paraense que tangencia aspectos da vida popular contribui com dados valiosos para o estudo da capoeira entre nós. Ela comprova que a capoeira existiu e se justificou no passado, ao longo da escravidão; que se manteve depois da abolição da escravatura por interesse dos políticos de um lado, e dos brincantes do boi-bumbá, de outro; que desapareceu – ou foi contida – aproximadamanete nos tempos de Bernardes(ou Dionisio Bentes, entre nós)pela repressão policial ou pelas mudanças sociais verificadas após a Revolução de 30. (SALLES, 2004, p.113)

Ainda segundo este autor, no tempo da Cabanagem em 1835, Belém já devia ter capoeiras e cita as peraltagens que os capoeiras faziam O Publicador Paraense de 1849.

Tem-se bem vezes visto alguns deles palmearem a faquinha por qualquer ligeira alteração, por fama unicamente de valentes; se, por fortuna, não fazem frequente uso de arma perigosa, mostram-se ao menos dispostos a empregarem-se na primeira ocasião.[...]atenda bem para o que acaba de suceder no Rio de Janeiro ; olhe que desplante, que desembaraço os capoeiras não são mais que vagabundos, livres ou cativos, dados à crápula, à velhacaria, à vícios infames. Logo que conhecem que não os espreitam seriamente, aparecem até de dia, já não procuram envolver-se no escuro manto da noite; de dia mesmo praticam das suas.

Salles, afirma que “A Constituição, Belém, 23/08/1876, p. 1, fala do malandro e capoeira de nome Eugenio, escravo do tenente Marcos Pereira Lima.”(SALLES, 2004, p. 118). E ainda que os negros ao estarem a serviço de senhores geralmente oriundos do meio rural, que exerciam mando políticos na cidade precisando sempre da proteção dos escravizados, sem os ficavam vulneráveis. No entanto acrescenta que no jornal O Publicador Paraense de 1848:

O negro contudo praticava a capoeira independentemente dos senhores. A verificação desse fato permite considera-la integrada na tradição cultural popular no Pará, tal qual como no Recife, em Salvador ou no Rio de Janeiro. Aparece documentada principalmente em associação com os folguedos populares, como o boi-bumbá. Contudo, parece não ter se limitado ao boi-bumbá, referido pelos cronistas, nem foi este o único folguedo de escravos que mereceu repulsa da imprensa.(Salles, 2004, p.118)

Contudo informa que o boi-bumbá não foi o único folguedo ao qual a capoeira estava vincula, e cita “uma espécie de marujada” ao qual também alvo do mesmo jornal citado acima. Adiante o autor acrescenta que os jornais referentes ao período que abrange os últimos tempos da Monarquia e os primeiros da República trazem informações detalhadas sobre o assunto, apresentando duas informações procedentes do Diário de Notícias:

Ante-ontem, as 8 horas da noite, no largo de Santana, um negro, metido à capoeira, fazia troça com outros companheiros. Belém, 15/11/1882, p. 3.

Capoeiras – Chegaram hontem do Rio de Janeiro 3 praças do exercito, três capoeiras que vieram de presente para os cidadãos de arco e flexa.

Cuidado com a resteira....Belém, 7/03/1884, p.3 (SALLES, 2004, p. 121).

Salles ao citar obra do cronista De Campos Ribeiro que traz importantes registros da capoeiragem em Belém, evidenciando que de fato o escritor foi servidor do Arsenal de Marinha, por isso, conheceu de perto os valentões marinheiros capoeiras, quando afirma

A introdução da capoeira entre nós, é fora de dúvida, teve como autores marinheiros que o Sul nos mandava, para servir aqui no velho Arsenal de Marinha e nos navios da Armada, tais o patacho “Guajará” ou a canhoneira “Guarani”.

Gente cuja disciplina a bordo se fazia ao “canto” e ao “bailado” rebolante da chibata, aqui fora, na rua, não compreendia uma “licença” sem um rolo, dos bons para não perder a forma e manter viva a agilidade, num “rabo de arraia” ou numa entrada de “tesoura”.

Adversários preferidos, os homens da polícia, a Brigada que ganhara cartaz de dureza, “sangue na guelra” em Canudos. A doca do Reduto, ali pertinho mesmo do Primeiro de Infantaria, foi muita vez arena para sangrentos “entreveros”. (RIBEIRO. 1968, apud SALLES 2004, pp. 128 e 129)

Portanto não é possível duvidar da existência e atuação dos/das valentões e valentonas nas ruas de Belém como - “o perigosíssimo *Macaco*, que era ‘especialista em brigas com a

Cavalaria, delas saindo ileso e deixando no chão gente sangrando...’e, por volta de 1920, o cognominado *Gato*. A luta era sempre ‘pra valer’. ” (SALLES. 2004, p. 129. Destaques do autor).

Segundo de Leal (2008), a capoeira está fortemente presente na história da Amazônia paraense, sua obra traz vasta informação sobre a história da capoeiragem paraense anterior a década de 1970. Período que na contemporaneidade se encontra na fala de muitos capoeiristas de introdução da capoeira no Pará, a partir dos Mestres Julio Romão e Antonio Bezerra dos Santos. Mas principalmente apresenta a inserção da capoeira num contexto histórico de capangagem de políticos, de desfiles militares e dos Boi-Bumbá, apresentando capoeiristas de origem étnica diversificada, quase sempre envolvidos em situações de ocorrências policiais nas ruas, praças, porto de onde se destacam alguns capoeiras. Tal qual o português José da Costa que em 1905, no Largo da Polvora, atual Praça da Republica, desafiando a quem passasse desafiando para luta onde, “Não utilizava nenhum tipo de arma em suas provocações, bastava a ele o uso de ‘capoeiras e cabeçadas’ para vencer seus oponentes” (LEAL, 2008. P. 164); O Pé de Bola, considerado moleque valente e desordeiro, cuja história registra atuação como capanga de Antonio Lemos e o envolvimento com os Bois Bumbás, conhecido tanto na Cidade Velha onde morava e onde pai trabalhava no Arsenal de Marinha, e o Jurunas. Cujas atuações ficaram também conhecidas e temidas nos Bois Bumbás – Na cidade velha com o Boi Pingo de Prata e no Jurunas com o Boi-Bumbá Pai do Campo. No entanto, dentre todos um dos mais famosos e curiosos capoeiristas é Francisco Xavier de Veiga Cabral apelido Cabralzinho,

Caso excepcional de destaque deve ser dado ao capoeira Veiga Cabral, liberal no Império e democrata na República, que reuniu em torno de si, além de diversos capoeiras capangas – como Malaquias e Coutinho – títulos para doxais para a época. De agitador e capoeira em 1890 passaria a herói nacional em 1895, por ocasião dos conflitos em torno da definição das fronteiras definitivas do Amapá com a Guina Francesa. (LEAL, 2008, p. 87)

No Pará durante o processo de repressão a vagabundagem que segundo o autor a campanha, englobava os capoeiras, os desordeiros e meretrizes, termos que se misturavam e designavam como sinônimo de indivíduos marginais perigosos, que precisavam combater ou disciplinarizados. Fato é que a história e o nome de Cabralzinho está gravada em nome de rua Veiga Cabral em Belém e monumento em praça pública no Estado do Amapá por suas conquistas fazendo uso de sua capoeiragem.

Neste mesmo contexto aparecem segundo Oliveira e Leal (2009) havia a presença confirmada de mulheres praticando capoeira desde o século XIX. Segundo Soares (1997)

Oliveira e Leal (2009), a primeira aparição da mulher na Capoeira no contexto paraense, remonta ao século XIX, quanto o jornal: *A Constituição*, no do dia 21 de novembro de 1876, trouxe a seguinte notícia: “Que mulher Capoeira! As 7 horas da noite, por praças do 4º Batalhão de Artilharia foi hontem presa a cafuza Jeronyma, escrava de Caetano Antonio de Lemos”, a cafuza Jeronyma, escrava de Caetano Antônio de Lemos foi presa porque se encontrava praticando capoeira, entre outros capoeiras. Para Soares, seria improvável encontrar uma mulher lutando capoeira em Belém do Pará em 1876.

Oliveira e Leal (2009), mostram que além de Jeronyma, outras mulheres também foram encontradas envolvidas na capoeiragem nas ruas de Belém século XIX: *Maria Meia-Noite*, *Joana Maluca*, *Maria Galinha* e tantas outras, foram notícias nas páginas dos jornais da época. O perfil dessas mulheres, em nada condiz com os modelos estabelecidos, entrando em contradição com os padrões comportamentais ditados para as mulheres brancas de elite, assim como para as escravizadas.

O envolvimento das mulheres com a capoeira, uma cultura marginalizada e tida como uma prática masculina, rendeu a essas mulheres o tratamento similar ao destinado aos homens: serem presas e taxadas de desordeiras, vadias, vagabundas e prostitutas muito antes desta prática ser proibida pelo Código Penal de 1890. Oliveira e Leal (2009) também apresentam evidências de abusos e assédios sexuais, vivenciados pelas mulheres capoeiristas ao citarem o caso ocorrido em abril de 1893: “uma mulatinha de cabelinho nas ventas e chinelinha no meio dos pés escovou maravilhosamente a lata dum condutor de bondes que queria beijá-la” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27 abr. 1893, p. 1, apud OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 148) e apresentam ainda outra situação bem interessante ao falar das proezas de uma das moças citadas nas notícias dos jornais da época:

[...], contudo, ainda é Joana Maluca que se destaca entre as diferentes notícias. [...] ela chegou a fazer uma “conferência” na rua do Rosário para um grupo de ouvintes. E dizia: “o meu primo Ouro Preto, há de acabar com esses republicanos de meia pataca antão é que eu quero ir no Rio de Janeiro pa capá o sem vergonha do Floriano”. Com este artigo, chegamos ao auge do vínculo entre comportamento feminino e regime político, quando a valentia da Joana Maluca, ou Joantina, contra a República fica evidenciada. (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p.148-149, destaques dos autores).

Com isso percebe-se que as mulheres, especialmente Joana Maluca, estavam engajadas ou pelos menos percebiam as questões sociais e políticas do seu tempo, ou seja, elas estavam na luta por seus direitos e reagem aos abusos e posturas sexistas, machistas e racistas das quais eram vítimas. E adiante acrescentam que,

Por enquanto, podemos considerar que as mulheres apareciam em alguns artigos de jornais pelo menos por dois motivos: ora pela exaltação a um modelo de comportamento feminino, ora pela crítica a qualquer atitude feminina que fugisse à ordem ditada por tal modelo. (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 149).

Nesse sentido, no século XIX em Belém, capital da Província do Pará, havia um ideário de civilização que todos deveriam seguir para se alcançar o progresso. Isso significava, entre outras coisas, combater e reprimir todo tipo de comportamento considerado inconveniente. Portanto, criou-se um modelo educativo específico para as mulheres a fim de combater, entre outras coisas, os maus costumes e comportamentos inadequados, como bem mostrou o trabalho de Benedito Costa e Maria do Perpetuo Socorro França (2016). Esses autores mostram que modelo pedagógico para educar meninas na Amazônia estava centrado na forte crença na ciência e educação como caminho para combater os “males” da mestiçagem, e assim, alcançar a civilização:

As instituições escolares no Brasil, nesse período, obrigatoriamente deveriam trazer ao povo às luzes da instrução para modificar a raça e fazer recuar a tradição de um povo mestiço, a fim de tornar o país numa verdadeira nação. Na Amazônia não era diferente, havia também nos discursos políticos e intelectuais, uma forte crença na educação como instrumento capaz de transformar os maus hábitos e vícios oriundos do nosso processo de colonização. (COSTA; FRANÇA, 2016, p. 34).

Portanto os processos educacionais e também de construção de identidades eram referendados por padrões que ocultavam as identidades regionais amazônicas, segregando os diferentes intencionalmente. Um exemplo disso, a classificação da criança para atendimento diferenciado no Asilo de Santo Antônio, situado na antiga freguesia da Campina, hoje bairro da Campina em Belém: “[...] as meninas pobres eram denominadas órfãs desvalidas, que deveriam receber educação religiosa, moral e intelectual, já as meninas, mas abastadas denominadas de alunas ou pensionistas deveriam receber, além disso uma educação esmerada” (COSTA; FRANÇA, 2016, p. 108).

Era prática na época, separar as meninas por classe social e oferecer a cada uma, um tipo específico de formação, com o objetivo de atender as “necessidades” de cada classe. Práticas como estas, que segregavam os sujeitos por classe sociais dentro da mesma instituição, aos poucos foram sendo quebradas, com a criação de espaços de sociabilidades por ocasião de eventos, comemorações e festas.

A proposta de educação dada a essas meninas, seguia os critérios e normas do modelo europeu, as professoras que trabalhavam com essas alunas eram religiosas educadas na Europa. Os pesquisadores ressaltam, que essa estrutura foi mantida nas escolas católicas durante o

império e avançou para o período republicano, para a formação das meninas no Asilo de Santo Antônio,

Teria como missão formar não a ‘mulher mundana’, mas a ‘mulher cristã’ de trabalho e piedade. Essas duas virtudes seriam na concepção dos padres ultramontanos, o maior patrimônio que a mulher pode ter, pois com elas as mulheres seriam modelo para os filhos e exemplos para os maridos, um anjo a tutelar o lar doméstico. (A BOA NOVA, 8 set. 1877, p. 2).

Quanto as “Outras” mulheres afro-brasileiras e indígenas escravizadas, estas não eram contempladas pelas políticas de educação, portanto uma mulher como Jerônima e Joana Maluca se encontravam totalmente dentro dos padrões que se procurava combater. Não faziam parte de um segmento a ser atendido pelas políticas educacionais. As mulheres negras e pobres, tiveram sua construção de identidades e formação forjada de acordo com a conjuntura social da época. As posturas das mulheres, descritas pela obra de Oliveira e Leal (2009), negras, não negras e brancas pobres, deixava explícito o exercício da resistência dessa classe subalternizada, em meio a desigualdade de direitos existentes. Segundo Safiotti (2013), não apenas entre homens e mulheres, mas sobretudo entre raça e classe.

Fato observado também em Costa & França (2016), com processos educacionais diferenciados para cada categoria de classe, não se atendia a todas as categorias sociais. Tanto as mulheres capoeiristas, como, os homens se enquadram nesta realidade social, entretanto, a divisão entre gêneros também faz parte destas estruturas eurocêntricas, sexistas e machistas de opressão.

Avançando no tempo, especificamente para o final da década de 1980, a pesquisa realizada para a elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso na UFPA, revelou a participação feminina no batizado de capoeiristas no Grupo de Capoeira Dandara Bambula:

Atendendo a diferentes faixas etárias tanto masculino como feminino. [...] realizou 3 três) batizados concedendo 37 graduações dentre as quais nove sendo destinadas às mulheres. [...] temos atletas nas universidades como eu, Aladir Vieira Moraes que cursa Direito na UFPA e Marcio na ESEFPA, além de capoeiras mulheres dona de casa e mãe, enfim em todos os setores da vida. (SILVA, 1988, p. 22, 43).

Em 1988, após 112 anos ao primeiro registro que comprova o engajamento histórico da mulher na prática da capoeira no Pará, há várias mulheres participando de um grupo, e nove sendo batizadas ou trocando de cordel durante evento. Nesta época, segundo Silva (1988), as mulheres capoeiristas daquele grupo, eram trabalhadoras, a grande maioria eram comerciárias ou seus dependentes, uma vez que o referido grupo era do SESC. Quando se tratava de adolescentes e crianças eram estudantes. Todos os participantes passavam pelos mesmos

procedimentos durante os treinos, sem diferenciação, quando estava vinculado ao setor de cultura e lazer.

Contudo, é interessante lembrar novamente, que sempre considerei o grupo onde foi realizada essa pesquisa, um grupo elitizado, diante dos demais grupos existentes na cidade, um grupo institucionalizado, no centro da cidade, conduzido por um instrutor de capoeira contratado, não sendo exigido título de mestre, apenas que fosse um detentor do conhecimento. Seus eventos eram financiados pela instituição, os alunos não tinham que bancar os custos de seu cordel ou corda. Essa é uma história que não vamos abordar neste estudo, embora a história e as relações internas no grupo, segundo os relatos, tenham mudado bastante da década de 1990 em diante e repercutir. Uma vez que o grupo de capoeira passou a ser vinculada ao setor de esportes da instituição, ou seja, perdeu o sentido que tinha quando foi criado, de valorização cultural do povo negro, desde a escolha do nome, em homenagem a uma mulher heroína do Quilombo de Palmares, Dandara. Portanto, evidenciando, não a valorização da escravidão ou de período pós escravidão, mas a cultura afro brasileira, centrado na figura de uma mulher quilombola.

A troca da logomarca que evidenciava a imagem de uma mulher negra por outra reforçando a questão da brasilidade centrada na imagem de um dos símbolos nacional, destoa completamente com os ideais iniciais do grupo, mas adequado para o novo espaço onde a capoeira foi abrigada, o setor de esporte.

A situação vivenciadas e percebidas nas entrevistadas, a situação vivenciada pelas mulheres neste grupo, certamente favoreceu a criação do MCM, envolvendo mulheres inicialmente deste grupo para o enfrentamento às opressões existentes na capoeira, pois como elas dizem não havia muito contato entre as mulheres de outros grupos, uma vez que estas não se conheciam direito. E ainda, segundo Silva (1989), desde o século XX, em Belém, as mulheres estavam sendo graduadas. No entanto, segundo Teixeira (2009), afirma que os grupos de capoeira no Estado do Pará, não tem a tradição de formar mulheres como mestras de capoeira.

Se a história das mulheres presente na capoeira, tanto a nível local quanto nacional, vem sendo contada de forma paralela e desvinculada da história dos homens capoeiristas, embora tenha compartilhado os mesmos espaços que os homens, nos contextos de ruas e grupos como as obras citadas evidenciam. Como vão formar sujeitos que estão invisibilizados, ocultação desde a literatura que trata da história da capoeira?

SEÇÃO 2: MANDINGAS, MALÍCIAS E OS SABERES NA CRIAÇÃO DO MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER NA RODA DE RUA.

Orunmilá, meu Deus supremo, me legou o dom da criação e da transformação,
Sou Ìyámì, a grande mãe ancestral, senhora dos pássaros, Eleèye.
Matizei cor e vida, emoldurei paragens exuberantes, África.
Fiz-te berço de civilizações, morada de guerreiros.
Nesta terra me tornei Geledé, negra feiticeira,
Danço para a vida, para a natureza⁷
(Unidos da Tijuca/2013)



Figura 1 - Página de Portfólio com registro da Roda de Capoeira realizada por mulheres na Praça da República/ março/2002.

Fonte: Arquivo Movimento Capoeira Mulher.

⁷ Negra Pérola Mulher – Samba enredo da Escola de Samba Império da Tijuca 2013.

Sob a inspiração de *Dandara*, heroína do Quilombo de Palmares e com a ginga feminista de “*Pé de Anjo*”, a idealizadora do movimento que junto com Sininho, Karen, Cristina, Suely, Margarida, Catita, Tsunami e muitas outras *mandingueiras paraoaras*, nasce no dia 10 de março de 2002, numa *Grande Roda das Mulheres Capoeiristas*. Roda que com o passar do tempo, se transformou no Movimento Capoeira Mulher, tendo como primeiro palco, o anfiteatro da Praça da República, em Belém do Pará, e uma plateia formada por muitos capoeiristas.

Dessa forma, na “*volta ao mundo*” com as mulheres capoeiristas em pleno movimento, assim como na “*volta ao mundo na roda de Capoeira*”, no sentido anti-horário para estudar, para sondar, conhecer, num verdadeiro ritual mangueiro, para perceber como as mulheres se organizaram coletivamente num jogo que se mantém há 15 (quinze) anos, desde a primeira roda, só de mulheres, realizadas em uma praça pública. Como observei na primeira seção, com meus olhos voltados para a filosofia africana, como expresso no *ideograma Adinkra Sankofa*, no sentido de compreender as mandingas das mulheres capoeiristas militantes na roda de saberes ancestrais, sua trajetória e protagonismo no MCM.

O depoimento da capoeirista Cristiane Sininho, nos indica a razão, os enfrentamentos e a importância, na trajetória política desta organização de mulheres capoeiristas:

Quando tivemos a ideia de fazer? Quando eu e Silvia nos reuníamos, a gente conversava muito sobre a mulher na capoeira, a discriminação, como ela sofria. A gente observava muito nas rodas, nos grupos que a gente conhecia, isso que acontecia com as mulheres. Quando foi um dia ela disse:

– Sininho, já pensou, se a gente consegue fazer uma roda só de mulheres?

Eu disse assim:

– Égua! Seria muito bacana!

Ela disse:

– Égua! A gente pode tentar, mas é uma briga muito feia que a gente vai comprar. (CRISTIANE SININHO, depoimento concedido em 2017)

Conforme o diálogo narrado pela Cristiane Sininho, com a Capoeirista Maria Silvia Santana Leão, apelido na capoeira Pé de Anjo, chamada então de Silvia Pé de Anjo. O passo seguinte foi compartilhar com a irmã de Silvia Pé de Anjo, Cristina Leão, a ideia (ressalto que Cristina Leão não é capoeirista), mas a ideia foi acolhida com entusiasmo, posteriormente apresentaram o projeto a Vereadora Suely Oliveira que apoiou a iniciativa e se propôs a contribuir para concretizar a ideia. Além do apoio da vereadora, foi fundamental, de acordo com Cristiane Sininho, a participação e contribuição de Cristina Leão para a efetivação do projeto. Assim, iniciam a mobilização agregando outras capoeiristas ao grupo, para realização da roda só de mulheres, tendo como liderança Silvia Pé de Anjo, Cristiane Sininho e Karen. Posteriormente

foram agregando outras mulheres capoeiristas, tais como, Jennifer Margarida e Érica Catita, que junto com Cristina Leão e Vereadora Suely Oliveira, iniciam as atividades para realização da Roda de Mulheres.



Figura 2 - Sininho e Silvia Pé de Anjo
Fonte: Portfólio, acervo MCM.

Pé de Anjo foi a idealizadora desta roda, como já exposto, que deu início ao movimento feminista na capoeira paraense. Segundo Gisele Tsunami, ela tinha percepção de inúmeras situações enfrentadas pelas mulheres capoeiristas, como por exemplo, a desistência das meninas dos treinos porque os companheiros ou namorados não permitiam que elas partilhassem espaço da capoeira com homens, o que impedia que muitas não evoluíssem na capoeira. Além disso, existia a questão da violência contra a mulher dentro e fora da roda. A Capoeirista Cristiane Sininho que participou do Movimento no início revela:

As mulheres na capoeira são muito maltratadas, muitas mulheres na capoeira são muito maltratadas pelos próprios maridos capoeiristas. São muitas coisas que mexeu muito e fez a gente voltar o olhar para as mulheres dentro da capoeira. [...] A mulher não era percebida dentro de roda, a mulher não aparecia. A mulher, ela contribuía, ela organizava eventos ela dava apoio aos mestres. Quem aparecia eram sempre os homens, os mestres e contramestre, os graduados, o professor. (Cristiane Sininho, depoimento concedido em 2017).

Marco Apolo Leão, advogado, irmão de Silvia Pé de Anjo em janeiro de 2017, afirma que a luta de sua irmã, foi contra a violência e a discriminação. E Jennifer Margarida afirma que, se Silvia era muito preocupada com “espaço e da valorização e do empoderamento, só que naquela época agente não usava essa palavra, é uma neologia relativamente nova. Então a gente

usava muito a questão da visibilidade da mulher. (JENIFFER MARGARIDA, entrevista concedida em outubro de 2016)

Para os objetivos que pretendia alcançar, *Silvia Pé de Anjo* encontrou nas companheiras do *Grupo de Capoeira Dandara Bambula* as primeiras parceiras, entre elas, as capoeiristas Cristiane Sininho, Karen, Jeniffer Margarida e posteriormente Érica Catita. A Gisele Tsunami, era também do Grupo Dandara Bambula de onde saíram as primeiras articuladoras das ações que culminou com criação do grupo MCM. Na época, Gisele Tsunami afirmava que era apenas fotógrafa e em uma época que era preciso ter uma câmera e pagar para revelar as fotografias. Como esteve envolvida desde o início, Gisele Tsunami foi e ainda é uma das principais articuladoras na coordenação do MCM. Isso lhe permitiu conhecer desde o início o movimento, por isso, se constituiu uma fonte importante de informações para a constituição desta pesquisa.

De acordo com Gisele Tsunami, depois do primeiro diálogo entre as capoeiristas sobre a possibilidade de criar uma Roda de Capoeira só com mulheres, o passo seguinte foi comunicar a intenção ao líder do grupo: Mestre Imar Lima, que não gostou da ideia, mas mesmo assim permitiu. Sobre isso, faz-se necessário refletir sobre a seguinte questão: naquela época o Grupo Dandara Bambula era um “grupo institucional” do Serviço Social do Comércio (SESC- Belém), não era um grupo de propriedade de um Mestre de Capoeira. O mestre de capoeira, era um profissional com conhecimentos específicos da capoeira para assumir, na condição de instrutor de capoeira, contratado pela Instituição, a fim de ensinar sua arte. É importante ressaltar esta questão para compreensão do desdobramento do Capoeira Mulher, posteriormente no MCM e sua atuação na sociedade até os dias atuais. Se o Capoeira Mulher, não era um grupo de capoeira e movimento social que estava começando a se organizar, com mulheres de vários grupos, portanto não haveria necessidade de permissão de mestres homens de nenhum grupo.

A despeito da relutância inicial do mestre do Imar Lima, as mulheres foram à luta, pois estavam decididas a efetivar seu projeto. Assim, no dia Internacional da Mulher, reunindo somente mulheres de diferentes grupos, realizaram sua primeira Roda de Capoeira só com mulheres, na cidade de Belém. Assim, essas guerreiras dandaras contemporâneas conseguiram a concretização de um ideal, dar visibilidade e empoderamento à mulher capoeirista, na luta contra o machismo, sexismo e toda forma de discriminação e violência praticado contra as mulheres nas rodas de capoeira paraense e fora dela.

Inicialmente, segundo Gisele Tsunami e Cristiane Sininho, procuraram saber quais capoeiristas graduadas eram liderança nos grupos e associações de capoeira. A partir desta

decisão passaram a visitar os grupos na periferia de Belém. Muitas vezes sem o conhecimento dos Mestres, que não permitiam às mulheres irem aos grupos sozinhas. Desta forma conheceram muitas mulheres. Foi assim que, segundo Cristiane Sininho, conheceram as capoeiristas Jennifer Margarida e Erica Catita, sendo a última na época a que possuía a graduação mais alta, a de professora. Desse primeiro contato e convite, foi possível realizar a grande roda de capoeira só de mulheres capoeirista, sem grandes expectativas sobre o futuro daquele encontro, como atesta a capoeirista,

A gente não tinha noção do que ia acontecer. Ela conseguiu camisetas e fez um primeiro encontro feminino de capoeira, uma roda, e lotou, Zeneide, lotou. Foi massa! Aquela Praça da República, aquele anfiteatro, tinha gente pendurada nos 3 andares e nas escadarias. E era capoeirista, não era expectador. E aquilo foi um pah! Então vai dar certo! [...]. Foi muito lindo, muito bacana. (GISELE TSUNAMI, entrevista concedida em 2016)

O marco inicial foi extremamente significativo para a história do MCM, e também para a realização dos encontros criados a partir deste momento para as mulheres, sob a coordenação de Silvia Pé de Anjo, pois, estruturaram o movimento de mulheres capoeiristas de Belém. Realizando nove encontros no período compreendido entre 2003 e 2017, e em virtude das características encontradas dividiremos em dois períodos. Desta forma, no primeiro período considero os dois encontros realizados em 2003 e 2004. E no segundo período os encontros realizados entre os anos de 2005 a 2017.

2.1 - PRIMEIRO PERÍODO DO CAPOEIRA MULHER E SEMANA MUNICIPAL DE HISTÓRIA E CULTURA CABANA

O primeiro período compreende os dois primeiros encontros, realizados nos anos de 2003 e 2004, ainda com a denominação Capoeira Mulher, ambos em parceria com a Prefeitura Municipal de Belém, através da Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL), durante a “Semana Municipal de História e Cultura Cabana”, de 07 a 12 de janeiro, que ficou conhecida como - “*Semana Cabana*” e que culmina no dia 12 de janeiro, dia do aniversário da Cidade de Belém. A Semana Cabana, foi instituída pela Lei nº 8169⁸, de 08 de outubro de 2002, que em seu art. 2º, estabelece que – “A Administração Pública Municipal promoverá atividades de caráter educativo, artístico e cultural, alusivas ao tema da cabanagem no Pará, em Belém e Ananindeua, tornando possível a parceria com movimento para a realização das ações das mulheres capoeiristas para a realização dos dois encontros iniciais.

⁸ Lei de autoria da vereadora Sueli Oliveira- PT e assinada pelo então Prefeito Municipal de Belém, Edmilson Brito Rodrigues.

Nesses primeiros encontros contaram com uma vasta programação, utilizando espaços públicos municipais, contando com a participação de autoridades e intelectuais locais, que participaram de conferências e debates, trazendo enfoques em torno de temática pertinentes a história da cabanagem e, sobretudo das mulheres cabana, das mulheres capoeiras. Assim como, palestra a respeito movimento político implementado durante o período da gestão do Governo do Povo.

Os Encontros foram realizados, conforme *folder* do evento (figura 4 e 5), sob o seguinte título: “*Semana Municipal de História e Cultura Cabana*”. Tomando emprestado o nome da Lei municipal, acrescidas de subtítulos.

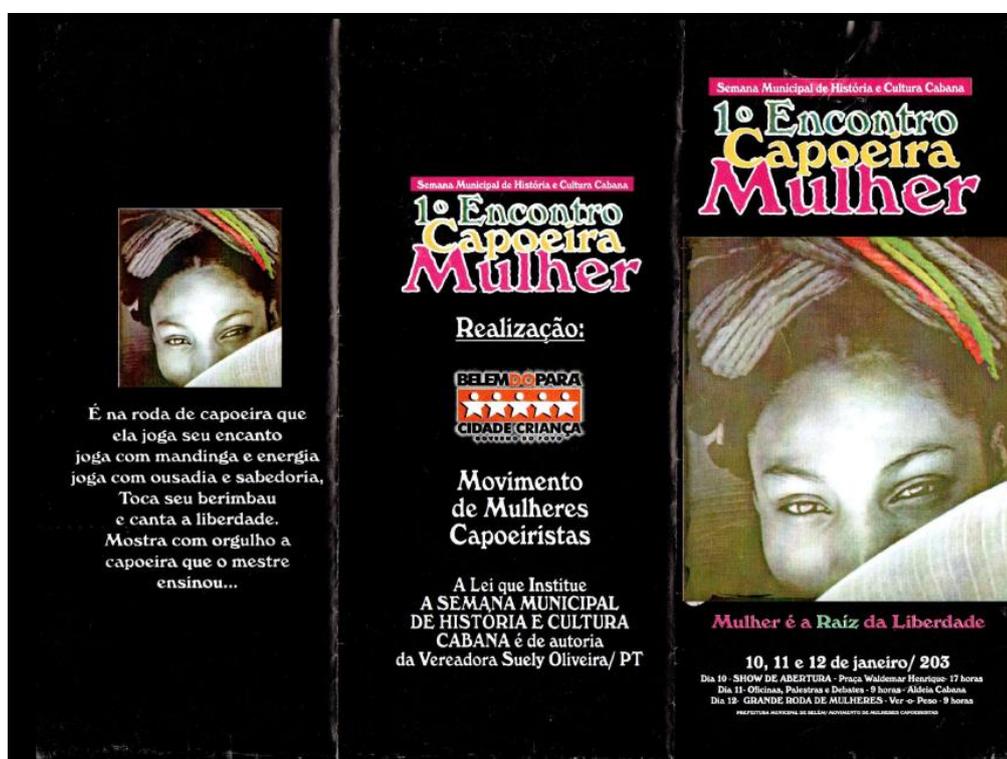


Figura 3 - Folder do 1º Encontro Capoeira Mulher realizado em janeiro de 2003

Fonte: Arquivo Cristiane Sininho

O Primeiro Encontro Capoeira Mulher – “*Mulher é a Raiz da Liberdade.*”⁹, faz referência a letra de música o “Sorriso Negro”, que confirma entre os seus versos: “Negro é a raiz da liberdade”¹⁰, cantado por dona Ivone Lara, em 1981, “Verdadeira música de afirmação e de combate ao racismo”. O encontro fora realizado no período de 10 à 12/01/2003, nos seguintes locais: Pça. Waldemar Henrique, Aldeia Cabana e Ver-o-peso. Na Programação Cultural: Orquestra de Berimbau de Mulheres capoeiristas, Dança dos Orixás, Dança Maculelê,

⁹ Samba dos compositores Jorge Portela e Adilson Barbado para compor álbum de 1981 de Dona Ivone Lara.

¹⁰ Fonte: Divas Negras Contra o Racismo. Geledês- Instituto da Mulher Negra. In: Mulher Negra. <https://www.geledes.org.br/divas-negras-contra-o-racismo/>. Consultado em 03.09.2017.

Roda de Samba com Mestres, Danças Folclóricas, Shows musicais de ritmos paraenses, Apresentação de solos individuais, Rodas de Capoeira. O encerramento se deu com Rodas múltiplas no Ver-o-Peso.

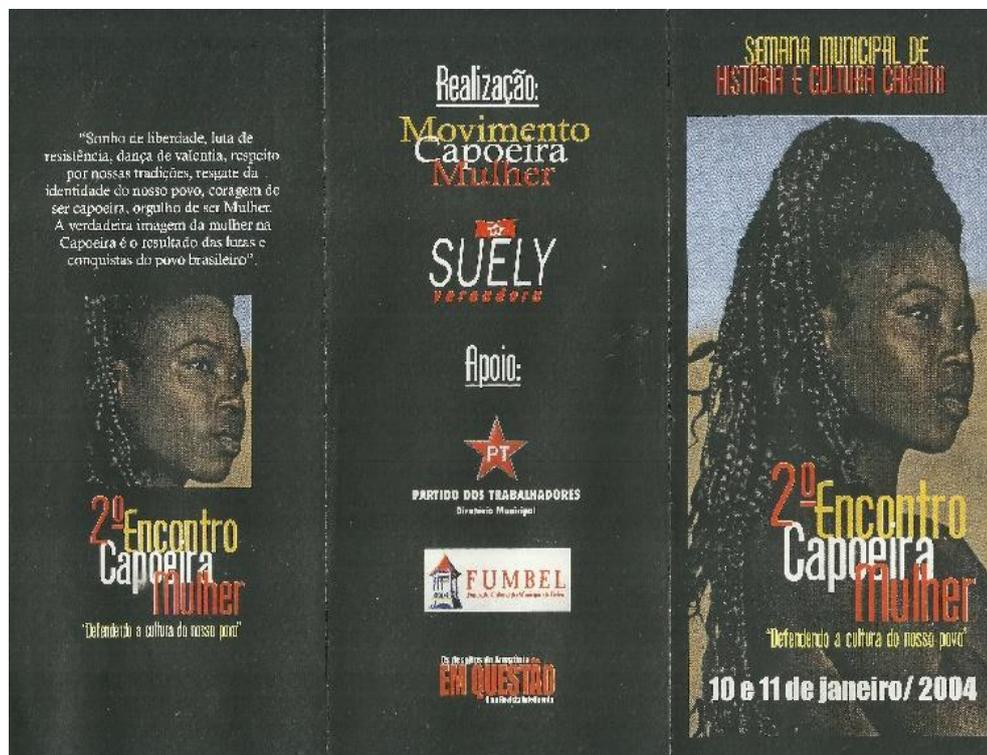


Figura 4 - Folder do 2º Encontro Capoeira Mulher realizado em janeiro de 2004.

Fonte: Arquivo MCM

O Segundo Encontro Capoeira Mulher - conforme os materiais de divulgação dos eventos, foi intitulado: **Semana Municipal de História e Cultura Cabana** – “*Defendendo a Cultura do nosso povo*”, realizado nos dias 11 e 12/01/2004, nos seguintes locais: Galeria da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM, Mercado de São Braz e Praça da República.

A programação Cultural do evento conta shows, Rodas de Capoeira, apresentação da Orquestra de Berimbaus, e a Realização de Oficinas de Capoeira Angola, Capoeira Regional e Maculelê sob a condução dos seguintes capoeiristas: Mestre Antonio – Associação de Capoeira Arte Negra, Mestre Walcir-Associação de Capoeira Senzala, Mestre China-Associação de Capoeira Arte Brasil, Mestre Sapó-Associação de Capoeira Filhos de Aruanda, Mestre Beto-Associação de Capoeira Escravo Branco, Contra Mestre Pato - Associação de Capoeira Abolição, Prof. Luiz Carlos- Associação de Capoeira Berimbau Brasil.

A programação cultural de abertura realizada no dia 10 de janeiro, na Praça Waldemar Henrique, para a Cidade de Belém, não apenas para capoeiristas contando com autoridades

locais. Na abertura teve como ponto alto a *Orquestra de Berimbau*, composta por mulheres. Segundo as ativistas deste movimento, protagonizaram uma cena fantástica. Foi paradigmática, no sentido de mudança de postura, com o protagonismo e empoderamento das mulheres capoeiristas, ao assumir o espaço de poder na orquestra da capoeira com muita competência e maestria nunca antes visto nesta cidade. A partir deste momento, em todos os encontros realizados foi garantida a presença da Orquestra de Berimbau composta somente por mulheres, bem como, as mulheres assumindo o comando das rodas na presença dos homens.



Figura 5 - Primeiro Encontro - Oficina de Instrumentos com Mestre Geleia 2003

Fonte: Acervo MCM.

A orquestra da capoeira é um espaço reconhecidamente masculinizado composta pelos seguintes instrumentos: Atabaque, pandeiro, agogô e reco-reco, caxixis e três berimbaus-Gunga, médio e viola. Dentre estes três o poder maior está no “Berimbau Gunga” é o instrumento que o seu tocador, quase sempre é o mestre ou mestra que comanda a roda ou aluna(a) mais graduada(o). Na atualidade já percebemos mulheres com mais frequência tocando e cantando, algo que não acontecia no passado. No entanto, não é comum ver uma mulher tocando o gunga, comandando uma roda de capoeira onde haja homens e mulheres jogando.

O desafio foi colocar os berimbaus nas mãos das mulheres, para formar uma orquestra de berimbaus composta por mulheres. Para isso, elas não mediram esforços e treinos exaustivos, com o auxílio de mestres (figura 5) que se dispuseram a contribuir para o aperfeiçoamento das mulheres capoeiristas no instrumento que dita as regras do jogo.

Se na capoeira, segundo Downey e Abreu (2013, p. 14), “[...] todos podem aprender/homem, menino e mulher” conforme afirmava Mestre Pastinha, então o espaço das orquestras de capoeira também é um espaço que a mulher pode ocupar, e com isso mais uma regra foi quebrada. Com a criação de oportunidades, através do aprendizado para dominar o instrumento, garantindo para as mulheres o protagonismo, através da ocupação de um espaço de poder, dentro das rodas de capoeira. Todas tocando o instrumento que comanda uma roda de capoeira na presença de homens e mulheres capoeirista. Este foi um dos desafios lançados e enfrentados pelas ativistas, a partir de então os encontros contaram sempre com a apresentação da Orquestra de Berimbau.

Outo fato que chama atenção nestes dois encontros, diz respeito a programação de cunho teórico para formação, através de conferências e debates com autoridades locais, capoeiristas e profissionais da academia, que falaram sobre a temáticas da capoeira e sobre as especificidades da mulher, exemplificada nos quadros de sistematização 3 e 4, a seguir.

Quadro 3: Sistematização de Conferências e Debates de 2003

Autoridades Locais e Palestrantes	Conferências e Debates
Edmilson Rodrigues- Prefeito de Belém	
Suely Oliveira – Vereadora PT	
Dalva Sampaio-Conselheira das Mulheres do Congresso da Cidade	
Fátima Matos - Conselho da Condição Feminina de Belém	
Prof. Luiz Augusto Pinheiro Leal	A mulher na História da Capoeira
Prof. ^a Leila do Socorro Araújo Melo	A Educação Feminina e a Capoeira
Erica Cabral Melo - Prof. ^a Catita/Capoeirista	A Capoeira e mulher na Atualidade

Fonte: Folder evento de 2003

Quadro 4: Sistematização das Conferências e Debates realizados e 2004.

Autoridades Locais e Palestrantes	Conferências e Debates
Silvia Leão – Representante do Capoeira Mulher.	
Suely Oliveira Vereadora Presidenta do PT Belém.	
José Jorge de Freitas - Mestre Ferro do Pé/Presidente Fundador da Associação de Capoeira Vitória Régia.	A História da Capoeira Paraense
Prof. Ana Lídia Nauá/ Historiadora, Antropóloga, Doutoranda em Antropologia.	História e Trajetória das Mulheres na Sociedade -
Prof. Ms. Luiz Augusto Pinheiro Leal/Historiador, Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia- UFBA.	Mulheres e a Capoeira-
Aracely Lemos- Deputada	Mulheres na Cabanagem

Fonte: Folder evento de 2004.

Ao trazer para estes encontros, estudiosos que discutem a questão da mulher, foi o investimento primordial para contribuir e contemplar os objetivos dos encontros. Entre estes acadêmicos, destaca-se a Prof.^a Leila do Socorro Araújo Melo e o Prof. Luiz Augusto Pinheiro Leal, ambos pesquisadores de capoeira, sendo que, este professor capoeirista, esteve presente para além desse momento, pois é engajado no movimento desde os anos iniciais, contribuindo na divulgação e realização dos encontros, uma vez que fazia parte na época do quadro de funcionários da FUMBEL.

Com esse movimento criado, a ocupação dos espaços públicos, tais como a Aldeia Cabana, Mercado de São Brás, entre outros, para ensaios, reuniões e realização dos encontros, destaca-se a ocupação de espaços de rua e praças públicas, pelas mulheres.

Cristiane Sininho, relata que os encontros foram pensados para culminar em espaço público, que proporcionasse uma grande visibilidade para as mulheres capoeirista e que por conta disso, pensaram no espaço do Ver-o-Peso, para culminar o primeiro encontro, por ser a maior feira livre, e também, o cartão postal da cidade de Belém. Entretanto, no momento de pesquisa com as mulheres na feira livre, apesar de terem sido bem recebidas por muitos, foram também encontraram hostilidades com xingamentos do tipo: “procurem o que fazer”, “vão lavar roupas”, “vão cuidar da casa de vocês”, enfatizando a ênfase dos trabalhos domésticos como de competência exclusiva das mulheres, evidenciando a tradicional divisão social do trabalho, assim como, a ocupação dos espaços públicos na sociedade de classe por homens e não por mulheres.

As mulheres capoeiristas, conseguiram através da parceria com a prefeitura, levar para o espaço literalmente de rua, a culminância do primeiro encontro de mulheres capoeiristas, que tinha como título “Mulher é a Raiz da Liberdade”, em plena Semana Cabana. No entanto, as falas nas entrevistas e na memória das (os) capoeiristas, só há recordação do ato atribuído a Silvia Pé de Anjo, e a bravura de ter sido “a única mulher que fechou o Ver-o-Peso!”

Fato que, ou expressa pouco conhecimento sobre este fato, ou a pouca importância que deram a parceria com a Prefeitura Municipal de Belém, na realização do evento que culminou justamente na festa de comemoração de aniversário de 387 anos da Cidade de Belém, fundada em 12 de janeiro de 1616, festa realizada em pleno dia de domingo, 12 de janeiro de 2003. Sendo amplamente divulgado através dos meios de comunicação, conforme atesta, o jornal O Liberal – Nº 30.171, Variedades Cartaz, p. 1, do dia 09/01/2003, que traz a reportagem de divulgação sob o título: “Mix cultural marca encontro de capoeira - Movimento de Mulheres

Capoeiristas promove evento para divulgar a luta. [...] Capoeira e a cultura africana serão o ponto alto do encontro.”

Mulheres capoeiristas de Belém e outras cidades estarão reunidas na capital paraense para participar do I Encontro Capoeira Mulher, evento que inclui programação cultural africana. Esta é a primeira iniciativa do recentemente formado Movimento de Mulheres Capoeiristas, que agrega integrantes de 48 grupos de Belém. A capoeirista Silvia Leão, integrante do grupo Dandara Bambula, conta que a ideia do encontro surgiu para mobilizar todas as mulheres que diariamente lutam pelo seu espaço na prática da capoeira e em todos os momentos da vida. “Encontramos apoio de muitos mestres de capoeira. Mas ainda há machismo”, garante Silvia, que na capoeira foi batizada como Pé de Anjo. [...]“Nosso objetivo é mobilizar as cerca de 150 mulheres que estão em atividade em Belém. Somente no grupo Dandara, há 50 mulheres”, conta Silvia Leão. (Jornal O Liberal, grifos meu)

Contudo, se este jornal aponta para a previsão de um público de 150 mulheres em atuação em Belém, o Jornal Cabano, de julho de 2003, do mandato da vereadora Sueli Oliveira, afirma que este primeiro encontro reuniu cerca de 200 mulheres capoeiristas. Uma informação que chama atenção nesta notícia, diz respeito ao quantitativo de mulheres do Grupo Dandara Bambula. Como vimos na seção anterior, sobre o grupo SESC, provavelmente este quantitativo alto, refere-se a soma dos outros grupos/polos com outros nomes, mas tidos a conta do Grupo Dandara.

Ainda sobre o primeiro encontro revelam:

Foi um evento grandioso. Era um evento com alimentação. Único evento do Estado do Pará que fechou o Ver-o-Peso, o cartão postal do Estado do Pará. Ela conseguiu um trio elétrico. E a orquestra de berimbau, era no trio elétrico. De lá de cima você via várias rodas de capoeira. No primeiro dia foi a abertura e a noite foi feita apresentação de uma orquestra de mulheres. Aí, aquela concha acústica da Praça Waldemar Henrique, ficou entulhada só de mulheres tocando berimbau. (GISELE TSUNAMI, entrevista concedida em 2016)

E na reportagem de divulgação sobre o batizado e troca de cordas do Grupo Dandara Bambula, Mestre Imar ao falar sobre Silvia Leão, recorda:

Em janeiro do ano passado, ela fez o que nenhum mestre de capoeira havia feito: reuniu cerca de 500 integrantes do grupo de mulheres capoeiras, na Praça Waldemar Henrique, com muita música e dança. (O LIBERAL, 26/11/2004, p. 8)

O acontecimento que teve repercussão em todos os meios de comunicação, tal como expressa no Jornal *O Liberal*, no caderno Cartaz, página 01, ano LVII, Nº 30.174, 13 de janeiro de 2003,

Povo festeja a cidade em seus espaços públicos – 387 anos milhares de pessoas foram às ruas e praças de Belém onde acontecia vasta programação

cultural [...] Nos 387 anos da fundação da cidade de Belém foi comemorado com um bolo gigante de 20 metros de comprimentos servidos no Ver-o-Peso, após pronunciamento do Prefeito Edmilson Rodrigues. [...] Na manhã brindado por um luminoso sol de verão, que deu mais calor e beleza a festa de aniversário da cidade, o numeroso público presente dividiu-se na contemplação de coloridos grupos folclóricos que fizeram apresentações de capoeira e boi bumbá, enquanto conjunto musicais como “Sabor Marajoara” “Frutos do Pará” e oficinas de pagode, entre outros, davam o tom musical a festa.

E o Capoeira Mulher participou também da extensa programação cultural da cidade, no encerramento da programação oficial, com a realização de Grande Roda de Mulheres e rodas simultâneas, com participação de muitos capoeiristas, dentro da programação do aniversário que acontecia no Ver-o-Peso, conforme atestou o Jornal *O Liberal*, Cartaz, página 01, ano LVII, Nº 30.174, 13 de janeiro de 2003,

No Ver-o-Peso, o dia foi dedicado às mulheres capoeiristas, que realizaram um encontro na Boulevard Castilho França, com muitas rodas de capoeira. O evento fez parte da “1ª Semana de História e Cultura Cabana”, que ainda teve a final do concurso da dança do brega, concerto da Banda Sinfônica de Belém, encenação do “Auto da Cabanagem”, pelos feirantes do Ver-o-Peso. Ao longo do dia foram onze horas de shows, e espetáculos artísticos para homenagear a maior Metrópole da Amazônia. Além das apresentações musicais e cênicas, foi possível visitar exposições fotográficas e de artes plásticas dentro da programação que incluiu sete espaços culturais do governo do Estado, aberto ao público até à noite.

Este momento foi singular na história do MCM, por fazer parte de um grande evento que fechou o Ver-o-Peso. Fechou a Avenida Boulevard Castilho França, no Bairro da Campina, em Belém do Pará, onde fica localizada a tradicional feira do Ver-o-Peso, corredor de trânsito que levam ao centro comercial da cidade, literalmente parou para as comemorações de aniversário da cidade. Neste dia, a rua foi o palco onde toda uma programação cultural aconteceu e a capoeiragem feminina foi parte importante neste dia festivo, com onze horas dedicados a homenagear Belém do Pará. Porém, o aniversário da cidade não era o único motivo para a repercussão, o clima em Belém era de intensa movimentação social e cultural, como mostrarei mais adiante.

A compreensão que as lideranças do MCM tinham dos problemas enfrentados pelas mulheres na sociedade, e sobretudo, na capoeira local, evidenciado no seguinte texto

A importância da luta da mulher na conquista de espaços sociais, políticos e culturais, superou aquelas expectativas conformistas que determinaram sua nova participação apenas no campo da independência econômica e trabalhista. Para além da descoberta de sua capacidade de organização e sensibilidade de conceber o mundo, a mulher assume a responsabilidade de poder conduzir vidas, resgatando um de seus princípios naturais de educar o corpo e a mente

para os desafios do mundo. [...] Assim, conhecedora de suas potencialidades a mulher alcança infinitas possibilidades e lança em busca de novos caminhos [...] que vem destacar todo o simbolismo do universo feminino dentro da capoeira, arte essa que resgata e valoriza a cultura e identidade do povo brasileiro. (FOLDER 2004)

Nos textos que compõem o segundo encontro, o Folder (2004), enfatiza que a presença das mulheres na capoeira representa a aliança pela continuidade da luta de todos os sonhadores e sonhadoras por um mundo de liberdade e sem opressão, rompendo preconceitos e construindo junto com os homens o papel social e cultural que a Capoeira deve ter. Além de que as mulheres do MCM são apaixonadas pela arte da capoeira (arte de grande valor histórico); são persistentes, e defendem com humildade e coragem a capoeira, como guerreiras da identidade cultural brasileira; são resistentes; respeitam a tradição; Resgate da identidade do povo brasileiro; coragem de ser capoeira e orgulho de ser mulher; A verdadeira imagem da mulher na capoeira é o resultado das lutas e conquistas do povo brasileiro. E, finalizam o texto convidando as Mulheres capoeiristas, os Mestres, os Professores, os praticantes e aliados dessa Arte, para que juntos possam debater e criar ações que possibilitem o crescimento e fortalecimento da Mulher na capoeira, trocando experiências, conhecimentos e reafirmando a Capoeira enquanto uma atividade coletiva, social e cultural para todos e todas.

Esses argumentos demonstraram que as mulheres organizadoras do MCM reconheciam a importância do conhecimento como caminho para desconstrução de valores patriarcais sexistas e machistas que se encontram dentro dos grupos de capoeira. Mesmo elas não estando empoderadas destes conhecimentos, tiveram a iniciativa de buscar em outras áreas, pessoas capacitadas para tratar dessas questões.

Um ponto interessante a se observar é a compreensão e o reconhecimento da identidade afro brasileira, presente desde a fotografia/imagem impressas nos materiais. Estando nos textos de divulgação dos encontros, tal como, na legenda da fotografia na reportagem de divulgação do I Encontro no jornal local já citado - "*Capoeira e a cultura africana serão o ponto alto do encontro.*" Isso ficou evidente na escolha do perfil de mulheres negras para os folders, que segundo Jennifer Margarida e Cristiane Sininho, saíram de um livro que Silvia Pé de Anjo possuía e que posteriormente, gerou descontentamento, e com o tempo as imagens utilizadas nada lembram a este conhecimento em destaque nos encontros, somente retornando com mais ênfase no último encontro, realizado em março de 2017. A Capoeira e identidade afro-brasileira são questões que ainda precisam ser compreendidas por homens e mulheres capoeiristas, o que ficou evidenciado durante o Curso de Extensão oferecido aos capoeiristas pela Grupo de Estudos Afro Amazonico - GEAM/UFPA, da mesma forma como ficou evidente

a necessidade de se investir na formação/discussão sobre gênero com capoeiristas tanto com homens quanto com mulher.

Os relatos das entrevistadas, a gratuidade para participação nos encontros, e que se mantem até a atualidade, demonstra a compreensão de que a cobrança de taxa para participação nos encontros deixaria fora da programação um número significativo de capoeiristas, tanto mulheres quanto homens, e com isso os encontros não alcançaria o número expressivo de participações.

2.2 - SEGUNDO PERÍODO MCM: OS DESAFIOS E CONQUISTAS

ADEUS LEOA¹¹

*Sob os olhos do criador
Foste chamada pro céu
Com a certeza de dever cumprido aqui na terra
[...]
Num simples toque de iuna, imagino você jogando.
Vejo a curva do Berimbau em seu corpo escultural
[...]
Adeus Leoa
O Grupo Dandara e seus amigos sentirão sua falta
E o berimbau vai chorar com saudade de você!*

O segundo período correspondente aos anos de 2005 a 2017 de existência do movimento MCM, registra uma história profundamente marcada pelos desafios e conquistas do período anterior. Mas também, pela ausência da capoeirista Silvia Leão Pé de Anjo, principal articuladora do MCM, uma vez que esta importante protagonista, faleceu em novembro de 2004, dois meses antes do terceiro encontro, fato que impactou grandemente na realização do mesmo. Mas, apesar disso, as mulheres continuaram firmes, como forma de homenagear uma de suas líderes, como revelou a capoeirista:

Quando a Silvia Leão morreu. Quando foi jogar capoeira no céu. Pé de Anjo, foi jogar capoeira no Céu. Todo mundo dizia: o capoeira mulher acabou. Só que nós não acabamos. Nós choramos a perda de uma líder. E em memória dela nós continuamos. E foi por isso que a gente amadureceu. (GISELE TSUNAMI, entrevista concedida em 2016)

¹¹ Letra de música: Adeus Leoa, do Mestre Abil, em homenagem a Silvia Leão.

O legado deixado por Silvia Leão Pé de Anjo, fortaleceu essas mulheres, que lembram e falam daquele período com muito carinho e respeito, e muitas vezes com a voz embargada e com lágrimas aflorando nos olhos. No entanto, esse período de transição não aconteceu de forma tão pacífica, aconteceram desentendimentos internos e divergências de opiniões. Percebe-se pelos relatos, que o entendimento sobre a finalidade do movimento social, não era algo de domínio deste coletivo. A consequência disso, foi o afastamento de umas, entretanto, outras chegaram para somar. E juntas, tomaram as rédeas do MCM, enfrentando a sentença, de quem afirmavam que o MCM sem a Silvia Leão Pé de Anjo, havia acabado. Mas para surpresa e para não ver o futuro repetir o passado como já cantava o jovem cantor Cazuza: [...] Mas se você achar / Que eu tô derrotado / Saiba que ainda estão rolando os dados / Porque o tempo, o tempo não para / Não para não, não para.¹²

O tempo não para e os antigos problemas enfrentados pelas mulheres continuam os mesmos. Com espírito de guerreiras, com o espírito de coletividade das ancestrais negras, ainda que não conscientemente, que segundo Oliveira (2006) e Trindade (2006), onde o comunitarismo e solidariedade, legado ancestrais que estruturam as expressões culturais dos afros brasileiros seguem na luta.

Neste período, já havia mudado a gestão municipal através de eleições e segundo Barros (2012) e Silva (2016), não houve continuidade nas ações da gestão anterior, e com isso o MCM sofre as consequências, não apenas pela ausência de sua mentora, mas enfrenta a falta de apoio do governo municipal, implicando logicamente em a ausência de recursos para dar continuidade ao projeto do encontro.

Dentre as dificuldades que se percebe, diz respeito a coordenação do movimento, lugar antes ocupado por Silvia Leão. A partir de então experimentam formas diferentes de organização e coordenação. Com isso, alguns nomes são identificados na coordenação geral de alguns encontros, tais como, Catita, Didi, Margarida e Gisele Tsunami. Sendo a Gisele Tsunami a que aparece por mais tempo a frente deste movimento. Neste período elas se reorganizam em dois tipos de coordenação: coordenação fechada – conta com um número limitado de capoeiristas e estão sempre representando o MCM e a coordenação aberta, que se organiza por épocas de eventos para contribuir na sua implementação. Sempre afirmando que o trabalho passou a ser mais democrático.

¹² “O Tempo não Para”, composição musical de Cazuza, lançado no Álbum: “O Tempo não Para”, no ano de 1988.

Este período apresenta algumas mudanças significativas dentro do MCM, por questões metodológicas, considerando as particularidades que são inerentes a cada momento, será subdividido em dois momentos.

O primeiro momento que compreende o período que vai de 2005 a 2007. Neste, os encontros eram realizados anualmente e passaram por coordenações gerais diferentes. No segundo momento corresponde aos encontros realizados no período entre 2009 a 2017, uma vez que deixaram de realizar os encontros anualmente, ficando da seguinte forma: O Sexto encontro realizado no ano de 2009; o Sétimo realizado no ano de 2011; o Oitavo realizado no ano de 2015, e o Nono encontro realizado em 2017.

Primeiro momento: Durante os primeiros encontros não tardou a acontecer rupturas, devido as divergências na condução do movimento. Uma parte entendia que deveriam formar um grupo de capoeira só de mulheres, outra parte entendia que deveriam continuar com a proposta inicial, que era no sentido de movimento social de mulheres capoeiristas, procedentes de vários grupos para dar continuidade as ações do coletivo.

O Terceiro Encontro, realizado em janeiro de 2005. Ainda que Silvia Leão Pé de Anjo, mesmo hospitalizada, tenha continuado contribuindo na organização do evento, foi pensado coletivamente e com a participação desta, por meio de reuniões periódicas, que aconteciam na Aldeia Cabana. No entanto, é perceptível a descontinuidade das ações na implementação do encontro. A primeira mudança ainda aconteceu com a presença de Silvia Pé de Anjo, quando Durante o planejamento para este encontro, foram questionadas as fotografias de mulheres negras, utilizadas nos materiais anteriores, sob a alegação de não serem imagem de mulheres conhecidas e capoeiristas. Diante dessa crítica, optaram por usar no folder do Terceiro Encontro a imagem de aluna capoeirista em atuação em Belém.

Quanto a temática, também não mais vinculado a Semana Cabana, embora realizado no mesmo período, mês de janeiro. Segundo Gisele Tsunami, “não houve outro tema se não, a saudade de Silvia Leão”. Não encontrei, registros completos a respeito deste encontro, segundo descrições, teve como foco apresentações de material sobre a Silvia Pé de Anjo, com músicas, danças e homenagens. No entanto ao observar pela fotografia utilizada, utilizada no folder do quarto encontro, percebe-se que seguia o mesmo padrão anterior em termos de planejamento e confecção de material, produzido no último ano da gestão do Partido dos Trabalhadores. Provavelmente, não encontraram no novo governo municipal, em início de gestão, a mesma parceria para realização do evento durante a Semana Cabana.

Percebe-se ainda que o encontro fora realizado em dois dias, sendo que no primeiro, aconteceu na Escola Superior de Educação Física, e finalizou na praça da República, portanto

não mais espaços municipais. Com ele, percebe-se o início de uma transição ideológica dentro do movimento, que vai se consolidar a partir do encontro seguinte.

O Quarto Encontro do Movimento Capoeira Mulher, foi realizado nos dias 11 e 12 de março de 2006, sendo o primeiro dia, no horário de 13:00 h às 18:45 h no Ginásio João Paulo II – Abacatão em Ananindeua. Tendo como apresentadora Maria Cristina Santana Leão (irmã de Silvia Leão), contando com a presença e fala da Deputada Araceli Lemos, do PSOL e apresentação de patrocinadores: Deputada Estadual Araceli, do PSOL, Grupo de Capoeira Norte Brasil, Vanguarda Propaganda, Camisaria e Serigrafia Pé de Anjo, Marco Apolo e Pedro Cavaleiro Advocacia e convidados.

Neste encontro, também homenagearam a idealizadora pelo MCM. Gisele Tsunami em sua exposição durante o I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais, em 2016 em Belém, afirma que “foi um encontro mais bem organizado e, cem por cento das mulheres estavam envolvidas no trabalho”, segundo afirma, passou a ser mais democrático.

Porém, percebe-se que nesse encontro se consolida a mudança ideológica dentro do movimento, para além das desistências de participantes da coordenação, por conta da ausência da capoeirista Silvia Pé de Anjo. Isso, obviamente, causa divergências de ideais e com isso, o afastamento de lideranças. A programação dos encontros, é reflexo dessas mudanças dentro do próprio movimento a partir deste momento.

Já não se percebe nas conferências, as discussões com temáticas voltadas para a mulher, como as discussões de gênero, razão primeira da criação do Movimento, o que se configura como uma contradição, visto que os relatos dão conta da continuidade dos mesmos problemas - o sexismo, o machismo, a misoginia lesbofobia, a violência contra mulher. A programação centrada em apresentações/shows variados: Coreografia Afro I - Grupo Coreográfico do SESC/ coreografo Augusto Corrêa e “Rosa” de Pixinguinha (Homenagem a Silvia Leão) Interpretes: Bruno e Carol; Apresentação de Capoeira Angola Projeto “Plantar Capoeira” – Mestre Ferro do Pé - Associação Vitória Regia de Capoeira; Apresentação da Orquestra de Berimbau – MCM. E as Oficinas de Instrumento e Musicalização - Mestre Geleia Grupo Nagô Capoeira e Mestre Ferro do Pé, Oficina de Maculelê - Mestre Imar – Grupo Dandara Bambula, Oficinas de Capoeira Regional e Capoeira Angola tendo como ministrantes: Mestre Waldir - Quilombo dos Palmares, Mestrando Jonh – Norte Brasil, Mestre Walter – Grupo Liberdade, Mestre Sapo - Grupo União Paraense de Capoeira e Mestre Silvério – Grupo Aruã Capoeira e o encerramento com Rodas de Capoeira.

As ações estão voltadas para a questão prática da capoeira, através de oficinas de capoeira, instrumentos e maculelê. Com isso percebe-se a presença forte dos Mestres na

condução das ações. Basicamente são os mesmos, que já as acompanhavam desde o primeiro encontro. Porém o quantitativo de participantes já não era o mesmo, conforme observamos pelos registros fotográficos, a cidade já não participava mais, pois não era algo socializado em momentos de grande visibilidade para comunidade, tal qual ocorria nos primeiros encontros, dentro de programação cultural voltada para a cidade de Belém.

A primeira parte do evento deste do ano de 2005, foi realizada no município que faz parte da região metropolitana de Belém, a cidade vizinha Ananindeua.

O quinto Encontro¹³, realizado nos dias 25 e 28 de agosto de 2007, na Praça do Carmo, na Cidade Velha,¹⁴ seguindo o mesmo formato anterior. Primeiro dia abertura, apresentações e rodas. No segundo dia, realizado no Teatro Waldemar Henrique e na Praça da República.

Inicia às 8:30, com Credenciamento. Às 9:45 se deu a Abertura oficial – Tema “Respeitando as Diferenças”; 9:30- Palavra dos patrocinadores; 9:45- Orquestra de Berimbau do MCM; 10:00- Maculelê do MCM; 10:30- Oficina de Berimbau, ministrado por Mestre Ferro do Pé, do Grupo Vitória Régia; 11:30- Abertura das Rodas Femininas, organizada pelo MCM e Roda Masculina, organizada pelo MCM e 12:30 o encerramento.

De acordo com a capoeirista Gisele Tsunami, foi um encontro mais que perfeito, pois estavam com seus mestres e decidiram coletivamente que não haveria mais necessidade de realizar encontro todos os anos. A partir de então, iriam realizar ações dentro dos grupos. A abertura voltou mais uma vez a ser realizada em praça pública, cujo evento foi realizado com o apoio do: Grupo Muzenza de Capoeira, Monitor Saint Clayr, SINTSEP-PA, DUNORTE - Distribuidora e Representações MCM e aos políticos Patronos Deputado Federal Nilson Pinto/PSDB e Vereador Nemias Valentim/PSDB.

O segundo momento é relativo aos encontros realizados a partir de 2009 a 2017. Neste momento a presença mais destacada é de Gisele Tsunami junto à coordenação.

O Sexto Encontro merece um maior destaque, foi realizado no período de 18 a 20 de setembro de 2009, com a temática “A Arte de Educar na Capoeira”, sendo realizado em três épocas e espaços diferentes:

O primeiro ponto diz respeito ao financiamento pelo Governo Federal – Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura- MinC, Gestão do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, captado, através de edital em 2007, lançado pela Fundação Gregório Matos - Projeto Capoeira Viva. Apesar de ser um projeto financiado, contou ainda com outros apoiadores locais. Entre estes, políticos locais apresentados no folder como “Patronos” são eles

¹³ Fonte: Folder do evento de 2007.

¹⁴ Fonte: Folder do Evento de 2007.

- o Deputado Federal Nilson Pinto/PSDB e Vereador Nemias Valentim/PSDB. Algo paradoxal, um projeto com financiamento do governo federal, tendo à frente um governo de esquerda com “patronos” de uma vertente política totalmente antagônica.



Figura 6 - Folder do 6º Encontro MCM: A Arte de Educar na Capoeira
Fonte: Acervo Cristiane Sininho.

O primeiro dia, no Grêmio Recreativo de Escolas de Samba ‘Piratas da Batucada’, com cerimonial de abertura, apresentações de Destaques da Escola de Samba Piratas da Batucada, apresentação de convidadas, Contramestra Muzenza do Grupo de Capoeira Centro Oeste, Monitora Sonia Cruz, do Grupo Aruã Capoeira e a fala de patrocinadores. No último dia, na Pça. Da República, Cortejo do MCM, com a participação de Grupo Feminino “Margaridas”, da UNAMA com atuação voltada para questões ambientais e encerramento com Rodas Simultâneas no anfiteatro. Neste dia e local, foi realizado o pré-lançamento do livro Capoeira, Identidade e Gênero dos autores Luiz Augusto Pinheiro Leal e Josivaldo Pires de Oliveira na praça.

Sobre o Plano de Trabalho/2007 apresentado para concorrer no Edital apresenta os seguintes objetivos a saber: Favorecer a organização das mulheres que praticam capoeira em nossa cidade, buscando desenvolver atividades que promovam o crescimento e o fortalecimento em todos os aspectos da capoeira feminina; Estimular o intercâmbio entre

grupos e associações para fortalecer e valorizar o trabalho desenvolvido com a capoeira em nosso Estado; Estimular o reconhecimento de Mestres, Professores e Mulheres, que desenvolvem atividades educacionais utilizando a capoeira como linguagem, valorizando seu trabalho; Desenvolver a organização das mulheres na capoeira para trabalhar com o projeto capoeira mulher, voltado para crianças, adolescentes e suas famílias, numa busca incansável, sobretudo, no combate à exploração infantil e na violência contra a mulher, esclarecendo essa parcela da sociedade e tentando transformá-los em cidadãos mais responsáveis e conscientes de seu papel no nosso país; Combater a desigualdade social, a discriminação pelo sexo, trabalhando com as meninas em situação de risco, como aquelas que já passaram pelo trauma também, ensinando essa mulher a se valorizar, com autoestima, retirando-a de vez das estatísticas desalentadoras de nossa cidade.

Quanto as ações previstas no projeto, o seguinte: A cada mês serão realizadas visitas aos grupos de capoeira e comunidades próximas, para esclarecimentos sobre o projeto e finalizando com roda de capoeira. No último domingo de cada mês realizarão rodas de capoeira do MCM na praça da República com objetivo de divulgar projeto e o trabalho do movimento. Ao final do ano realizarão a segunda parte do projeto, no Encontro do Movimento Capoeira Mulher, durante dois dias, dando continuidade a um intercâmbio entre homens e mulheres, mestres e professores de vários grupos da cidade promovendo o crescimento e fortalecimento da capoeira feminina e da capoeira de nosso Estado. O que consideram o ponto máximo do trabalho, no qual compartilham as experiências e conquistas para sociedade, juntamente com seus mestres e professores. Afirmam ainda que é o momento de avaliação do projeto.

Segundo este mesmo documento, a segunda parte do projeto é a realização do Encontro Capoeira Mulher, durante dois dias que consideraram como, “o ponto máximo do nosso trabalho, no qual compartilhamos nossas experiências, nossas conquistas com toda a sociedade, com nossos mestres e professores... é o momento de sermos avaliadas pelo trabalho”. Pois, foi uma ação realizada com recursos do Governo Federal. No segundo dia no Memorial dos Povos, palestras de caráter formativas. “A Arte de Educar na Capoeira”, onde os palestrantes formadores todos são capoeiristas. No entanto percebe-se que a programação privilegia a prática da capoeira, notadamente sobre o ensino da capoeira com capoeiristas da área da educação formados em pedagogia.

Quadro 5: Atividades formativas desenvolvidas no sexto encontro MCM em 2009

Atividades	Ministrantes
Palestra -Como Educar na Capoeira- como preparar planos de aula p/ensinar capoeira nas escolas. (2ª fase projeto)	Jaqueline Carvalho- Grupo Cap. Dandara Bambula (Mestre Imar) graduanda de pedagogia/UFPA, Joelson Silva de Sousa- Grupo Muzenza de Capoeira (Mestre Burgues) Pedagogo/ Especializando em Lazer,
Apresentação do Histórico Capoeira Mulher	MCM
Apresentação do Projeto: “Rodas de Marias	
Palestras em combate à violência doméstica e intercâmbio com as alunas e com a comunidade mais próxima (1ª fase do projeto)	MCM
Roda mensal de divulgação do Projeto (1ª fase projeto)	Praça da República

Fonte: Arquivo MCM/ Plano de Trabalho.

O Detalhamento sobre o orçamento apresentando no projeto com um Total de Gastos e outras despesas da seguinte forma: Total de Gastos Líquido para primeira parte do Trabalho - 1.905,92. O projeto prevê a realização de atividades em grupos de capoeira para o combate à violência doméstica durante os dez primeiros 10 meses. Sendo nove palestras e uma roda de capoeira, para concluir, perfazendo o total de dez ações. Para cada mês foi estipulado o valor de R\$ 238,24 e o Total de gastos líquido para segunda parte do trabalho foi de – R\$ 1.905,92.

Quadro 6: Detalhamento orçamento previsto de acordo com Planilha de Imposto de Renda de Pessoa Física

Valor bruto do Prêmio	Repassado em 2 parcelas (valor bruto)	Valor a Receber	Valor das parcelas a receber 2 parcelas de	Total de imposto cobrado
R\$ 4.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 3.811,84	R\$ 1.905,92	R\$ 188,16.

Fonte: Arquivo MCM

O Sétimo Encontro do MCM, foi realizado nos dias 15 e 16 de outubro de 2011. O primeiro dia do encontro, foi realizado em 15/10, no anfiteatro da Praça Dorothy Stang, com a programação iniciando às 15:00 h. Neste encontro, segundo relato de Gisele Tsunami em 2016, convidaram uma mulher para trabalhar uma vivência de Capoeira Angola com as/os participantes. A responsabilidade de conduzir a atividade foi destinada a capoeirista Andreza Barroso da Silva, apelido Miudinha, na época, sua graduação era de Formada, na atualidade é Instrutora. Apesar desta mulher ser muito benquista no meio, o MCM recebeu duras críticas por esta ousadia de trazer uma mulher com uma graduação (para eles baixa) pois, em um

encontro anterior, apareceu uma mulher conduzindo atividade prática, no entanto, era uma contramestra de outro Estado. Nos demais encontros apenas homens apareciam nas programações, no que tange a parte prática.

Segundo as informantes, a não aprovação de Andreza Miudinha, pelo fato da mesma não ser uma mestra ou mestre de capoeira. Fato que parece estranho, pois se estes mesmos Mestres dos grupos nunca reconheceram nenhuma mulher como mestras de capoeira em nosso Estado. Certamente, não aprovavam porque era uma mulher a conduzir a atividade de capoeira. Esse acontecimento comprova o que o escritor africano afirma: “O sexismo é um fenômeno exclusivamente antimulher” (MOORE, 2012, p. 226). Há divisão de papéis entre homens e mulheres dentro do espaço da capoeira e esse papel certamente não poderia ser atribuído a mulher. O conflito foi contornado por elas e a premiada Capoeirista Andreza Barroso da Silva (Miudinha) moradora de Icoaraci, conduziu uma simples vivência de menos de quarenta minutos na *Praça Dorothy Stang*, em Belém.



Figura 7 - Vivência no 7º Encontro do MCM, Andreza Miudinha.
Fonte: Acervo arquivo MCM.

O encerramento do encontro no clube da Tuna Luso Brasileira, com dia de lazer e Roda de Capoeira. Entre os patrocinadores deste encontro Apoio Cultural Especial Marcos Paulo, Produtos e serviços de Informática, vereador Nemias Valentim/PSDB

O oitavo encontro do MCM teve como tema “*Se Toque, para salvar sua vida*” buscando alertar as mulheres para a prevenção do câncer de mama. Evento foi realizado nos dias 09 e 10 de janeiro de 2015 no Colégio Triunfo.



Figura 8 e 9 - Palestra sobre prevenção ao câncer de mama e demonstração de autoexame.
Fonte: Arquivo Facebook MCM.

Quanto as oficinas realizadas, consta na programação a presença de uma mulher capoeirista, ministrando uma atividade prática com a Professora Bia, do Grupo Cordão de Ouro, de Fortaleza (CE). Isso consolidando um espaço conquistado pelas mulheres desde o sexto encontro. E finalizando, com roda e homenagem aos 10 anos do MCM.

O Nono Encontro do MCM, nos dias 11 e 12/03/2017, realizado em comemoração ao aniversário do movimento, com o tema “15 anos de Resistência: Pelo Empoderamento da Mulher, na Arte, na Luta, na Sociedade”. Este encontro foi planejado e preparado durante todo o ano de 2016, porque como dizem: “quinze anos, não são quinze dias”, e por não contar com

patrocínio governamental para garantir a realização do encontro, foram realizados muitos sorteios, vendas de água, bebidas, lanche em praças e eventos.

O evento contou também com apoio cultural e financeiro de grupo de capoeira, pessoas amigas, tal como o Vereador Nemias Valentim (PSDB), que já havia estado junto ao movimento as vésperas da eleição municipal no ano anterior para pedir apoio aos capoeiristas, empresas e órgãos públicos, que contribuíram para realização do encontro.

No decorrer do ano anterior, enquanto preparavam-se para o aniversário de 15 anos do grupo, foram surpreendidas com um fato que mudaria definitivamente a história das mulheres capoeiristas e da capoeiragem paraense: em 22 de novembro de 2016, aconteceu o reconhecimento *in memoriam* da capoeirista Silvia Leão, como Mestre de Capoeira, no I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais, fato que abordaremos adiante na quarta seção.

Com este acontecimento histórico a responsabilidade aumentou, o espírito de guerreiras que são também, o trabalho foi multiplicado mesmo enfrentado incompreensões por parte de capoeiristas homens e dos mestres de capoeira. Isso se manifestou mais uma vez na forma de não aceitação do reconhecimento de uma capoeirista, falecida há vários anos, justamente a idealizadora do Capoeira Mulher, que ousou comprar o jogo, e enfrentar um mundo patriarcal, sexista, machista, homofóbico e misógino para colocar em ação um movimento que já completa quinze anos. Esta justa homenagem à capoeirista Silvia Pé de Anjo, veio reforçar a tese de que Capoeira é uma expressão de resistência negra contra a opressão, onde, de acordo com Gonzales (1984), o racismo e sexismo estão arraigados.

No 9º Encontro o protagonismo das mulheres veio em “*dose dupla*” quando duas capoeiristas conduziram as vivências de capoeira. À frente da Capoeira Angola, a Treinel Gabi, do grupo Angoleiros do Sertão de Pernambuco. À frente da Capoeira Regional Elaine Santos, do Grupo Dandara Bambula de Parauapebas-PA.

Este encontro, quinze anos após o primeiro, conseguiu reunir um grande número de capoeiristas mulheres e homens, segundo a fala de Mestre Luiz Carlos da Associação Brasil como a muito tempo não se via em Belém. Reunindo amigos e inimigos, conforme relatos de participantes do evento. Num verdadeiro encontro intergeracional de capoeiristas. Contando ainda com a presença de pessoas da comunidade, tais como: Cristina Leão, uma das mentoras do movimento nos anos iniciais e irmã da hoje reconhecida Mestre Silvia Leão (história que abordo na última seção) de três pesquisadoras deste movimento Maíla Mescouto, graduanda em Ciências Sociais da UFPA; Luana Pena, graduanda em Ciências Sociais da Universidade da Amazônia - UNAMA e eu, mestranda do PPGEDUC/UFPA-Cametá, entre outras/os

convidados. Um dos pontos fortes desse Encontro foi participação da *Orquestra de Capoeira*, composta só por mulheres, tocando durante a realização das vivências como mostra a imagem abaixo.



Figura 10 - Bateria de Capoeira, composta só por mulheres, IX Encontro do MCM em 2017.
Fonte: Acervo da autora.

Apesar do protagonismo feminino no Encontro percebia-se claramente expressões de tensão nas promotoras do evento, assim como, expressões de deboches, risos e gozações, por parte de alguns homens, quando viam as ministrantes das vivências em ação, assim como, tentativa de entrar para compor a bateria, o que elas não permitiram. Posteriormente, soubemos, segundo observação *in loco*, que havia intenção dos mestres, de realizarem uma roda só de homens no meio do evento do MCM. No entanto, desistiram da intenção desrespeitosa para com as mulheres, fato totalmente sem propósitos, afinal em todos os encontros sempre encerram com grade roda ou rodas múltiplas, oferecendo a todos a oportunidade de participar.

Durante uma tarde e noite, houve atividades no tocante ao lado sagrado da capoeira, segundo elas, voltado para a prática da capoeira com todo o seu axé. No dia seguinte, foi dedicado a uma Festa de Comemoração aos 15 anos de resistência, sob o tema: “*Calçada da Fama*”, contando com uma recepção aos convidados. A princípio pode parecer estranho, mas, mesmo durante este momento, havia o sinal de protesto. Estavam todas caracterizadas de *mulheres fatais* de cabaré. Literalmente montadas, com meias e ligas aparecendo nas pernas descobertas, decotes profundos, cigarrilhas e maquiagem carregada nos rostos, numa alusão às mulheres profissionais do sexo, que fazem dos cabarés, das rua e esquinas – A “calçada da fama” à espera dos clientes. Todas literalmente “montadas” do jeito mais debochado, mostraram que estavam resistindo em movimento contra todas as opressões. Gisele Tsunami

disse que “todas de mulheres de Cabaré, incorporando personagens de que fomos taxadas durante nossa vida de capoeira.”



Figura 11 - Mulheres do MCM, caracterizadas de “mulheres de cabarés, na festa de aniversário de 15 anos.

Fonte: Arquivo MCM.

Por que elas fizeram isso? Para denunciar que passaram (e ainda passam) a vida na capoeira e durante quinze anos do MCM, sendo designadas por várias denominações de cunho pejorativo, verdadeira agressão a dignidade da pessoa humana, com palavras como: sapatão, prostitutas, quengas, etc. Inclusive a própria criadora deste movimento, sofreu com esta situação desumana, imputada por capoeiristas, incluindo mestres.

2.3 - A MULHER NA RODA: DA CAPOEIRA AO CONTEXTO POLÍTICO SOCIAL E CULTURAL NA CIDADE DE BELÉM.

O fato, das mulheres da criação e coordenação do Capoeira Mulher nos anos iniciais, sobretudo de Silvia Pé de Anjo e sua irmã Cristina Leão, pertencerem a uma família cujos pais ajudaram a fundar em Belém, o Partido dos trabalhadores (PT). Evidencia que as lideranças do Capoeira Mulher foram forjadas dentro dos movimentos sociais e, portanto, não poderiam ter atitudes diferentes, de não perceber os problemas sociais graves enfrentados pelas mulheres na sociedade e que estavam de forma incontestável dentro da capoeira. Fato que como já afirmado anteriormente favoreceu a parceria com instâncias governamental e municipal. O engajamento político, que tornou possível a atitudes destas guerreiras de não esperar propostas de governo,

mas de ir à luta, construindo propostas e negociando junto ao poder público parceria para implementar suas ações.

Para compreendermos o nascimento do MCM, faz-se necessário compreendermos o contexto político e sociocultural, vivenciado na época no município de Belém. Entre os anos de 1997 a 2004, esteve na Gestão da Prefeitura de Belém, o Partido dos Trabalhadores (PT) sob a liderança do Prefeito Edmilson Rodrigues. Nesta época se defendia um modelo de governança chamada gestão democrática e popular, denominada Governo do Povo, tendo como princípios programáticos quatro (04) pontos fundamentais que nortearão as ações de planejamento, execução e gestão da máquina pública, a saber: “Democratização do Estado, Participação Popular, Transformação da Cultura Política Local e Inversão de Prioridades nas Ações Governamentais.” (BELÉM, 1997, p. 7).

Este período, tem sido interpretado por vários estudiosos, entre estes cito as pesquisadoras, Joana da Silva Barros em sua tese defendida em 2012; Nadia Alessandra Rodrigues da Silva, com a Dissertação defendida em 2016, como período onde havia diálogo entre governo sociedade e movimentos sociais populares. Vivia-se um período de inclusão social, onde a cidade decidia e demandava para o governo, através do Orçamento Participativo (OP)¹⁵. Sobre esse novo modelo de gestão, assim dizia o documento oficial da prefeitura:

A ação governamental será essencialmente voltada ao interesse público, e visa também resgatar a dignidade do serviço e servidor público. A diretriz participação popular respeitará sempre a independência das organizações da sociedade. Em nenhuma hipótese, o governo se permitirá cooptar os movimentos e entidades sociais de qualquer natureza, prática autoritária cuja consequência é o enfraquecimento dos movimentos sociais e instituições da sociedade civil organizada. Ao ampliar os espaços públicos a participação independente da sociedade, o Orçamento Participativo realça o indivíduo como cidadão, aberto à articulação social com outros indivíduos em busca de direitos, assumindo-se assim, a eficácia social e política da ação coletiva. A Prática do Orçamento Participativo confronta vícios crônicos da política tradicional, realizando uma reformulação fundamental na relação entre o público e o privado e entre o Estado e a Sociedade, e o transforma em recurso prático-pedagógico na estratégia de mudança cultural. (BELÉM, 1997, p. 9)

No que diz respeito às políticas sociais com relação à Cultura e Patrimônio Histórico, o programa de governo assim enfatizava:

A integração da sociedade e produtores culturais com o poder público municipal, buscando romper as práticas tradicionais de administrar, estabelecendo um canal permanente e direto com os produtores culturais e

¹⁵ OP – Segundo Barros (2012) Forma de Governar que incentiva a participação política da população que teve início na Cidade de Porto Alegre na Gestão do então Prefeito Olívio Dutra em 1989. Em Belém foi introduzido na Gestão do Partido dos Trabalhadores na Gestão do Então prefeito Edmilson Rodrigues em 1997.

propiciando a discussão voltada para maior e melhor desenvolvimento da área cultural do município. Políticas públicas visando a restauração, preservação e revitalização dos nossos bens culturais móveis e ambientais. (BELÉM, 1997, p. 13).

E com relação à política para as Mulheres dizia o seguinte,

A implementação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher – PAISM, ratificando todos os protocolos assinados nos diversos órgãos de administração no que diz respeito no atendimento à saúde feminina e à educação. Implementação urgente da plataforma aprovada na IV Conferência Mundial de Mulheres (1995), realizada em Beijing (China). É uma ação firme de combate à violência contra a mulher e pela não discriminação racial. (BELÉM, 1997, p. 14. Grifo nosso).

A repercussão desta conferência nas políticas públicas municipais, vem em função do crescimento da temática racial no movimento de mulheres do Brasil e no mundo. Mas sobretudo pelo fato do Brasil estar representado na organização desta conferência. Por sua vez, Belém sediou a Convenção Interamericana, para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher: “Convenção de Belém do Pará”, realizada em 09 de junho de 1994,¹⁶ onde,

Os Estados Partes nesta convenção, reconhecendo que o respeito irrestrito aos direitos humanos foi consagrado na Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem e na Declaração Universal dos Direitos Humanos e reafirmando em outros instrumentos internacionais e regionais;
 Afirmando que a violência contra a mulher constitui violação dos direitos humanos e liberdades fundamentais e limita todas ou parcialmente a observância, gozo e exercício de tais direitos e liberdades;
 Preocupados porque a violência contra a mulher constitui ofensa contra a dignidade humana e é manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre mulheres e homens;
 Recordando a Declaração para a Erradicação da Violência contra a Mulher, aprovada na Vigésima Quinta Assembleia de Delegadas da Comissão Interamericana de Mulheres, e reafirmando que a violência contra a mulher permeia todos os setores da sociedade, independentemente de classe, raça ou grupo étnico, renda, cultura, idade ou religião, e afeta negativamente suas próprias bases;
 Convencidos de que a eliminação da violência contra a mulher é condição indispensável para seu desenvolvimento individual e social e sua plena e igualitária participação em todas as esferas de vida; e
 Convencidos de que a adoção de uma convenção para prevenir e erradicar todas as formas de violência contra a mulher, no âmbito da Organização dos Estados Americanos, constitui positiva contribuição no sentido de proteger os direitos da mulher e eliminar as situações de violência contra ela (BRASIL, 2015, p. 77).

¹⁶ Aprovada pelo Decreto Legislativo nº 107, de 31 de agosto de 1995, publicado no DOU de 1º/9/1996, e promulgada pelo Decreto nº 1.973, de 1º de agosto de 1996, publicado no DOU de 2/8/1996.

Diante desta realidade vivenciada em Belém do Pará em anos anteriores, trazendo para o cenário de discussões a nível internacional, questões pertinentes a situação da mulher, tal como, o encontro de mulheres socialistas. No mesmo ano da Rodas de Mulheres Capoeiristas que inicio ao MCM em 2002.

O cenário político e social em Belém aponta para a realização de grandes eventos na cidade a nível nacional e internacional. O Jornal Diário do Pará, de 11 de março, apresenta a seguinte notícia, com a epígrafe: “Mulheres Socialistas Realizam Encontro. Elas avaliam o crescimento do movimento feminino no Estado”:

[...] cerca de 250 mulheres participaram do 2º Encontro de Mulheres socialistas do PSB, promovido pela Secretaria geral do partido no Pará, com o objetivo de discutir o crescimento organizado do Movimento de mulheres no Estado e no país. De acordo com Fátima Matos essa participação vem crescendo porque as mulheres passaram a perceber a importância que têm para o processo de modificação da situação, buscando os seus direitos. Porém destacando que o problema de violência contra a mulher toma novas dimensões a cada dia, agravada pela desigualdade social, miséria e falta de políticas direcionadas (JORNAL DIÁRIO DO PARÁ, 11 março de 2002).

Nesse mesmo período, a cidade de Belém-Pa, sedia o I Fórum Social Pan-Amazônico-FSPA, realizando entre os dias 25 e 27 de janeiro de 2002, na UFPA. Em 2003, o II FSPA aconteceu nos dias 16 a 19 de janeiro de 2003, fato que volta a acontecer em 2010, com o V FSPA, em Santarém.

O FSPA, é um evento que busca articular os movimentos sociais, comunidades tradicionais e povos originários, envolve nove países da Bacia Amazônica: Brasil, Equador, Venezuela, Bolívia, República Cooperativa da Guiana, Suriname, Colômbia, Peru e Guiana Francesa.¹⁷ Assim o II FSPA, teve na abertura na Escola Salesiana do Trabalho:

O II Fórum dividido em três eixos temáticos; o primeiro “Construir a soberania popular para defender a soberania nacional”, objetiva abrir discussões sobre intervenções dos Estados Unidos e Europa no contexto mundial e na Amazônia através das bases militares e da Alca; o Segundo eixo enfoca águas, terras e florestas para sustentar os povos do campo e da cidade”, discutira os sistemas de usos e acessos aso recursos hídricos, florestais e pesqueiros, além do desenvolvimento de modo de produção e organização social; e o terceiro eixo – “ identidades amazônicas e construção da identidade latino- americana”, com ênfase ao debate da cultura em seus vários aspectos, como os impasses de identidade os projetos políticos de democratização, os direitos étnicos e a questão de gênero como direitos iguais na sociedades desiguais. O acesso gratuito aberto ao público com oficinas, exposições e

¹⁷ Cf. <https://foropanamazonico.wordpress.com/quem-somos/>.

feiras culturais, em que os países participantes demonstraram suas formas de vida social e cultural. (O LIBERAL, 2003).¹⁸

No mesmo período no dia 16 de janeiro de 2003, pela manhã, acontecia o Congresso das Crianças e no dia 17 o Congresso da Cidade, com isso Belém viviam um período de intensa relação com os movimentos populares e, portanto, respirava cultura, procedentes dos países participantes do II FSPA e principalmente os de Belém.

Segundo Silva (2013), na época, Belém vivenciava um processo de Gestão Democrática, sendo, portanto, característica deste modelo de Gestão uma forte mobilização social, através de ONGs e de movimentos sociais, com a finalidade de criar e implementar políticas sociais, tais como, as políticas voltadas para a mulher: A Casa do Coração - Abrigo Dulce Accioli “destinado ao público feminino adolescentes” (NEVES, 2004, p. 17-18); O Albergue de Mulheres como “instrumento fundamental na luta para a criação de políticas públicas voltadas para o combate à violência contra a mulher” (NEVES, 2004, p. 19); e “O Projeto Tamba-Tajá, de acolhimento a Crianças, Adolescentes e seus familiares, vitimizados por violência sexual” (NEVES, 2004, p. 139).

A mobilização da capoeira foi uma dessas organizações, com conquistas importantes, como é o caso da Lei Municipal nº 8.319/2004, que institui a capoeira no currículo escolar, já citada na seção anterior. E ainda sobre esse período histórico a declaração vereadora Marinor Brito, 2013¹⁹, afirma que durante o governo do Povo, o Prefeito Edmilson criou muitos espaços democráticos, incluindo o “Congresso da Cidade”, plenárias e seminários com temáticas específicas (setoriais) e gerais para discutir orçamento e o direito à cidade. E que seu mandato teve participação efetiva nesses encontros, especialmente nos grupos vinculados a área cultural e ainda que movimento de capoeira recebeu apoio para realização de seminários, com seu apoio e da prefeitura. Afirmando ainda que procuraram construir instrumentos para democratizar a capoeira.

Diante do exposto, é compreensível que o poder público dedicasse especial atenção a mobilização social das mulheres. No entanto, apesar das mudanças ocorridas, segundo Silva (2013), a capoeira neste período acumulou alguns ganhos importantes; tais como, aprovação da Lei nº 8.319/2004, já implementação do Projeto Capoeira na Escola municipais iniciado em 2008 em escolas da Rede Municipal de Educação; a instituição no calendário municipal o “Dia Municipal da Capoeira – Lei Silvia Leão” através da Lei nº 8414, de 05 de maio de 2005, de autoria da vereadora Suely Oliveira, assinada pelo então Prefeito Duciomar Gomes da Costa,

¹⁸ Fonte: Jornal o Liberal, Ano LVII, 11 de janeiro de 2003, Caderno Cidade p. 7.

¹⁹ Depoimento concedido em nome da Vereadora Marinor Brito, através de e-mail de seu Gabinete em 2013.

onde um dos três artigos diz o seguinte: “Art. 3º O Poder Executivo Municipal, através da Secretaria afim e em conjunto com as associações e grupos de capoeira organizará programação com palestras, jogos, batizados, aulas, rodas de capoeira, entre outros, visando comemorar o referido dia.” (LEIS MUNICIPAL, 2005).

No entanto, é uma lei que não chamava a atenção, nem dos homens, nem das mulheres capoeiristas. Antes deste estudo reinava um silêncio quase total. Quando falavam, era apenas para atacar, por ser no dia 13 de maio, que eles alegam que não tem porque comemorar a falsa libertação da escravidão. Preferiam o dia 07 de setembro, por ser um dia de grande movimento de capoeiristas na Praça da República, sem nenhum questionamento quanto a data, pois o mesmo poderia ser feito, principalmente para nós, Paraenses. Pois o Pará só aderiu a “independência do Brasil”, sob pressão um ano depois, em 15 de agosto de 1823. Até então, esta região era a Província do Grão Pará e Maranhão, portanto não pertencia a “Província do Brasil”. Portanto, fica uma interrogação por conta da data ou por esta lei levar o nome de uma Mulher?

No âmbito Federal, as conquistas para capoeira também aconteceram, segundo IPHAN/MinC (2008) como o reconhecimento da capoeira como Patrimônio Imaterial do Brasil e em 2014, fato que abordo adiante na última seção, e a nível internacional contemplada com o título de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

É perceptível que a política municipal de Belém na época de criação do movimento, favoreceu a realização de parceria que possibilitou avanços, uma vez que o programa de governo oportunizava condições importantes para a implementação nos dois anos consecutivos, tempo que ainda permaneceu a gestão, ocasião em que foram realizados os dois primeiros encontros. Oportunidade importante, não apenas pela contribuição para superação das desigualdades, pois isso implica uma luta que mesmo após 15 anos, os mesmos problemas ainda estão presentes na realidade vivenciada pelas mulheres, mas pela visibilidade proporcionada para luta, para o protagonismo das mulheres que certamente favoreceu a continuidade do MCM.

Silvia Pé de Anjo, tanto conhecia os problemas, como procurou, aprender em outros locais, que enfrentavam o mesmo problema, assim viajou para o Rio de Janeiro para dialogar e observar como as mulheres capoeiristas enfrentavam a situação. Desta forma, não é estranho que tenha introduzido a tão falada situação do uso do Batom, entre as capoeiristas para entrar na roda de capoeira.

Para compreensão é interessante entender o “Lobby do Baton”. Segundo Carvalho (2010), refere-se à articulação entre o movimento feminista junto a bancada feminina do Congresso Nacional, composta apenas por 26 representantes, tendo por meta a participação

junto ao processo nacional constituinte, para que a nova Constituição Federal de 1988 contemplasse os direitos das mulheres.

Essas mulheres se reuniram antes da campanha em Brasília num evento chamado “Os Direitos da Mulher para a Constituinte” e fizeram a “Carta das Mulheres Brasileiras para os Constituintes” que foi entregue ao Deputado Ulisses Guimarães, pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em março de 1987. Onde as Constituintes, mulheres organizadas, e as feministas apresentaram as demandas das mulheres ao Congresso Nacional Constituinte, com êxitos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, a nomenclatura “Lobby do Batom” surgiu a partir das “brincadeiras” machistas feitas nos corredores do Congresso, pelos constituintes contrários à organização das mulheres.

As capoeiristas também introduziram o Lobby do Baton nos anos de 1980 nas rodas de Capoeira na Bahia, segundo nos conta Mestre Janja, em sua exposição intitulada, “O Feminismo Angoleiro? Aspectos da organização das mulheres na Capoeira Angola”, por ocasião do I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais, em Belém, no ano de 2016, que será abordado na quarta seção.

Diante do exposto é muito provável que Silvia Pé de Anjo, uma mulher forjada nos movimentos sociais e na luta por direitos humanos, não soubesse desta questão. Principalmente em virtude da viagem dela em pesquisa em outro Estado, para compreender o que as mulheres capoeiristas estavam implementando na luta por direitos. E como disse Mestre Janja, diante das hierarquias, onde elas nem sabiam como falar, pois não tinham voz ativa. Mas precisavam achar um jeito de dizer o que precisava ser dito. Mas por tudo que tenho percebido, nem as mulheres perceberam também o que parece ser uma estratégia utilizada para dizer, “sou mulher e estou aqui lutando por meus direitos”. As falas sinalizam apenas para vaidade, para entrar arrumada na roda e não como uma estratégia política, assim como as roupas que elas passaram a usar na capoeira calça/ abadá ajustado com cintura baixa, tops e barriga a mostra, tal como percebemos nos registros fotográficos da primeira roda de mulheres em 2002.

Fato que evidencia que este movimento, surgiu envolvendo as mulheres da Capoeira Regional que adotam calça, o abadá, semelhantes as calças utilizadas por homens escravizados, uma vez que esta modalidade valoriza o período da escravidão e libertação, daí o uso de tal vestimenta e a jogar com pés descalços. Os depoimentos apontam para questão do desconforto, que elas sentiam em se vestir se escondendo atrás de roupas masculinas, com calças de tecidos grossos e largas, acompanhadas de camisas largas. Com esta observação, é feita não no sentido de crítica, mas unicamente para evidenciar uma realidade que é oposto da realidade da Capoeira Angola, se adota o uso de calça e camisas confortáveis ajustadas por cinto e os pés calçados.

Andar com pés calçados e bem alinhados é ato de resistência, um direito que os escravizados também almejavam.

A capoeira passou por períodos violentos para a mulher no Estado do Pará, pelos relatos tipo, “nós sofremos muito”, “era só treino, treino” assim como os relatos de situações em que as mulheres apanhavam durante as rodas de treino, e ainda não é algo que esteja resolvido, apesar dos avanços. Havendo mulheres que abandonavam, exatamente por apanhar nos treinos, de homens do próprio grupo e não haver intervenção do Mestre. Os relatos dão conta que inclusive Silvia Pé de Anjo, sofreu muito, principalmente a partir do momento que resolveram criar o Capoeira Mulher. Pois como, Silvia Pé de Anjo, previu inicialmente, que se conseguisse realizar a roda só de mulheres, *iriam comprar uma briga muito feia*. Que chegou ao ponto da relação dela com o companheiro mestre terminar.

A opressão era tão grande, que mestres resolveram fazer abaixo assinado, para impedir a existência deste coletivo de mulheres. Alguns destes homens mestres ou não, estavam junto delas, participando dos encontros, apoiando, mas nos seus grupos, se referiam às mulheres do MCM, notadamente sobre a mentora do grupo, com nomes pejorativos e isso elas sabiam. Este é um fato completamente em antagonismo, com os ideais desta arte de resistência negra, que até por ser pautada em valores ancestrais africanos tal como expões Diop (2014), Moore (2012), de coletividade e de respeito a diversidade e onde a mulher tem seu protagonismo, mesmo em sociedades patriarcais.

Sobre a realização dos encontros é contraditório, quando decidiram, que não seria mais necessário realizar encontro todos os anos. Como não era mais necessário se os problemas que motivaram as primeiras protagonistas a criarem este movimento, continuaram presente nos relatos, situações a que eram estimuladas a vivenciarem nas rodas e nos encontros femininos, conforme o depoimento concedido em 2016, por uma integrante MCM, ao se referir as rinhas de brigas que eram vivenciadas nas rodas pelas mulheres, onde eram chamadas de galinhas de brigas.

[...]quando eu entrei para o movimento, realmente existia essas, ‘rinhas’ de briga. Ainda existe muito em grupos. [...] era uma das questões que nós mulheres enfrentávamos na roda de capoeira. Que o meu grupo quando se encontrava com o grupo dela era para bater. Não joga como amiga não. Não joga. Entra E vai logo metendo a mão. Vai logo carregando e botando no chão, para acabar logo de vez. [...] Então havia esse incentivo. Isso fazia que as mulheres permanecessem sempre desunidas e os homens todo tempo unidos. Ou seja, eles muito mais fortes, e nós sendo desunidas justamente por incentivo deles, por nossos mestres professores, nossos colegas de grupo. Cada vez mais as mulheres se afastando. Isso enfraqueceria. Isso aí dentro do movimento interferia muito. Entendeu?

Porque? Porque a gente era inimiga. Então a gente faz aqui um encontro feminino, ninguém vai. Ou se vai era só para se abafar. Entendeu?

Pra depois sair todo mundo falando mal e os homens falando mal. – ‘Ta vendo? Mas é assim que acontece.’ E aí a gente caiu na real.

[...]A gente não tem que ser assim. Eu, falando por mim, fui crescendo e amadurecendo na capoeira. Conversando com meu mestre. Porque, quando eu entrei no grupo. No meu grupo era assim também. Então a gente nunca se encontrava. Isso para os homens era bom, para as mulheres era ruim. A gente nunca ia se reunir, nunca ia se unir, nunca ia evoluir...nunca ia se reunir. A gente era todo tempo fraca, porque era uma pra cá e outra pra lá. A gente não ia ter união nunca. Aí a gente vai crescendo, amadurecendo.

[...]

E a gente observa. Poxa! – eu tou fazendo inimizade com as meninas com as mulheres porquê, se eu posso fazer de outra forma? Se eu posso ficar com elas numa roda de capoeira jogando. Sabe? – jogando, cantando, tocando.

[...]

Até que a gente sentou, colocou a cadeira na frente da outra. Disse, - Vamos conversar, vamos parar se estapear na roda de capoeira e vamos jogar técnica, porque eu sou muito boa de capoeira e tu também. Vai ficar muito bonito!

Tu vai deixar de ser galinha de briga no teu grupo e eu também. Eu vou deixar de ter raiva de ti porque acho que não tenho nada contra você. Beleza!

Fluiu! Deu certo. Pronto acabou!

Isso começou a acontecer porque a gente entendeu que a gente é mulher, é capoeira, e não galinha de briga.

[...]

Porque também é diversão. E isso não acontecia, hoje em dia a gente já ver de outra forma. A gente não precisa disso. Não precisa brigar. A gente precisa se fortalecer, de união.

Com estes depoimentos, percebe-se o corporativismo entre os homens, entre os mestres no sentido de desestruturar o movimento incentivando o antagonismo entre as mulheres, com isso abalaria a estrutura do MCM, pois quando elas realizavam encontros entre mulheres era para se digladiar nas rodas.

E certamente não é algo que se resolva apenas com a realização de treinos práticos de capoeira. A tomada de consciência e o diálogo foi fundamental, sem o reconhecimento a mudança de postura nas rodas não seria possível. Segundo Hooks (2015), elas conseguiram fazer da opressão o foco principal de seus interesses neste momento.

Assim como é notório as contradições percebidas nos discursos, porque ao mesmo tempo em que lutam contra o sexismo, machismo e outras formas de opressão, reproduzem nas suas falas posturas machistas e opressoras. Ouvir expressões entre elas mesmas, “o machismo ainda está dentro de nós”, ao se referirem às próprias mulheres capoeiristas.

Isso revela, de acordo a autora feminista negra Patricia Hill Collins, que as formas de opressão apresentam muitas contradições, porque a “mudança revolucionária não está nunca meramente nas situações opressivas das quais almejamos escapar, mas naquele pedaço do opressor que está plantado profundamente em cada um de nós”. (LORDE, 1984, p. 123, apud COLLINS, 2015, p. 13). Isso revela segundo a autora uma questão problemática:

Enquanto muitos de nós temos poucas dificuldades em acessar nossas próprias discriminações dentro algum amplo sistema de opressão, seja por raça, classe social, religião, orientação sexual, etnia, idade ou gênero, nós normalmente falhamos em ver como nossos pensamentos e ações agem na manutenção da subordinação de outras pessoas. Assim, comumente feministas apontam com confiança para suas opressões sofridas por serem mulheres, mas resistem em ver o quanto de privilégio sua pele branca lhe traz. Afro-americanos que têm análises eloquentes sobre racismo, frequentemente persistem em ver mulheres brancas pobres como símbolo do poder branco (COLLINS, 2015 p. 13).

Diante desta constatação, a autora argumenta que, se menos pessoas negras e mulheres pudessem ver seus interesses de classe, isso ajudaria a criar uma solidariedade de classe, ajudando a superar o racismo e o machismo. Essa falta de solidariedade, segundo Collins, contribui para que cada grupo identifique o tipo de opressão que se sente mais à vontade em atribuir como fundamental e classificam todos os outros tipos como menos importantes. Portanto, para que ocorra mudança, Collins defende:

Para alcançarmos aquele pedaço “do opressor que está plantado profundamente dentro de nós”, precisamos de, ao menos duas coisas. Primeiramente, precisamos de novas visões sobre o que é a opressão. Precisamos de novas categorias de análises que incluam, raça, classe e gênero como estruturas de opressão distintas, mas imbricadas. [...] sugiro que examinemos nossas diferentes experiências dentro da mais fundamental relação de dominação e subordinação (COLLINS, 2015, p. 14-15).

Assim, tendo como referência o pensamento de Collins (2015) e considerando o questionamento da capoeirista Gisele Tsunami, expresso em uma palestra, ao falar sobre o MCM para um grupo de capoeiristas em uma escola: “Por que não trazer para somar conosco, pessoas que não praticam capoeira, mas que podem contribuir de alguma forma?” Isso revela que elas mesmas, vão dando as respostas para os problemas. Mas ao mesmo tempo, apresentam contradição, percebida na realização dos encontros do MCM.

Porém se essa realidade é percebida nas próprias mulheres, imagine nos homens, esse reconhecimento é muito mais difícil de acontecer. A exemplo, citamos o curso de extensão proporcionado as/os capoeiristas pelo GEAM/UFPA/IPHAN, em novembro de 2016, onde algumas questões interessantes e necessárias foram abordadas, no entanto percebemos a dificuldade primeiro de aceitar que o curso fosse ministrado por não capoeiristas, como se os capoeiristas dominassem todos os saberes do mundo, mas principalmente foi perceptível a reação durante a disciplina que tratava da questão de gênero, onde a ausência dos e das alunas (os) foi notória. E a professora que conduziu a disciplina foi uma mulher capoeirista.

Assim como aconteceu no início, quando perceberam da importância de trazer estudiosos a respeito dos assuntos/temáticas que precisavam ser abordados, as líderes

procuraram contribuições de estudiosos para ajudar no processo inicial. Pois as situações que enfrentavam não diziam respeito somente as mulheres, os homens também precisam compreender tanto quanto elas. O diálogo com estudiosos sobre temáticas específicas sobre gênero e raça, são assuntos que precisam dar conta, no entanto, não procuraram mais trazer esses estudiosos o que somente foi realizado nos dois primeiros encontros.

Sem isso, não será possível avançar para compreensão das questões que favorecem a opressão e ao avanço das mulheres na escala hierárquica dentro da capoeira. Diante disso questiono, até que ponto essa mudança de direcionamento no MCM, não favorece aos interesses dos mestres que desejam acabar com os encontros e o próprio MCM. Ou mesmo, transformando o MCM em encontros apenas para dar conta apenas da parte prática da capoeira, sem discutir as questões problemas, uma vez que o movimento surgiu para dar conta de superar a opressão e discriminação contra a mulher, o que não é possível apenas nas vivências e treinos. Pois, as ações dessa natureza acontecem em todos os eventos promovidos pelos grupos.

Por isso, é preciso que se reconheça e se perceba que existe opressão dentro de cada um, sem essa consciência de si, a mudança não será possível, apenas com conhecimento das leis que penalizam os crimes cometidos contra a mulher.

Ressaltando que não é apenas por um bom número de capoeiristas não terem avançado muito nos estudos, seja através da Educação Básica ou de nível superior, pois esta questão não diz respeito apenas a uma parcela que não teve acesso a nível superior, estando presente em todos os níveis de formação, incluindo a superior. Este é um ponto importante, onde quero chegar adiante na análise.

Este coletivo de mulheres, mesmo com todas as contradições e enfrentamentos consegue empiricamente ir dando conta de superar as diferenças existentes, dando três passos para frente e dois para trás para conseguir avançar. E a maior vitória destas mulheres é a resistência durante 15 anos ao sexismo, machismo e toda sorte de violência contra mulher que ainda existe dentro da capoeira e do qual as mulheres que organizam o MCM são vítimas.

A dificuldade de compreensão do que significa um movimento social, por parte dos capoeiristas dificultou e dificulta enormemente a continuidade do movimento tal qual idealizado. Onde mestres, homens capoeiristas e até mulheres, que não entendem como acontece o sistema de gestão de um movimento social. Para estes, as mulheres e o MCM, deveriam estar sob a coordenação de um mestre homem. Ou ainda, que somente mulher com alta graduação pudesse assumir a liderança ou coordenação do MCM. No movimento social, segundo Gonh (2012), as lideranças são escolhidas pelo segmento social que compõem o movimento, não sendo condição nem a formação seja acadêmica ou outra forma de graduação,

tal como as altas graduações da capoeira. Como, um segmento social que luta pelo exercício da cidadania, no caso das mulheres capoeiristas, vai estar sobre a liderança daqueles que sempre lhes negaram esse direito mantendo a hegemonia de poder masculino dentro da capoeira?

Certamente que esta ideia não tem nenhuma coerência. É, neste sentido, que as mulheres capoeiristas, mesmo com todas as contradições que encontramos na atualidade, na implementação do movimento, seguem, conforme observamos, ainda que teórica e conscientemente não compreendam a dimensão e o caráter educativo de um movimento social, onde,

A educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela se constrói no processo de luta que é, em si próprio, um movimento educativo. A cidadania não se constrói por decretos ou intervenção externas, programas ou agentes pré configurados. Ela se constrói como um processo interno, no interior da prática social em curso, como fruto do acumulo das experiências engendradas. A cidadania coletiva é construidora de novos sujeitos históricos: as massas urbanas espoliadas e as camadas médias expropriadas. A cidadania coletiva se constrói no cotidiano através do processo de identidade político-cultural que as lutas cotidianas geram. (GOHN, 2012, p. 21).

Neste sentido, é que afirmo que as mulheres não discutem mais as questões elas praticam, elas gingam, mandigam a cada esquivada, e floreio um ataque mandigado. Aquilo que Abib (2005) chama de pedagogia da malandragem, que a capoeira tem, para dar conta de ir superando as situações problemas que elas enfrentam na capoeira e que não podem fazer de outra forma em pleno século XXI, por conta da opressão machista existente.

Ter garantido a participação de todas e de todos é fundamental, daí a não exigência de taxas de inscrição ou investimento, como costumam chamar. Para isso não medem esforços, para garantir a gratuidade nos momentos em que não houve patrocínio, o que é feito com vendas de produtos, rifas, sorteios ao longo do ano, após os dois primeiros anos que contou com a parceria governamental para sua implementação e posteriormente no sexto encontro com financiamento do governo federal, na gestão da presidenta Dilma Rousseff.

Entendo ser importante esclarecer que ao longo destas parcerias, em nenhum momento o MCM, ficou sob o domínio governamental, nem mesmo nos dois primeiros encontros, e esta foi uma das maiores conquistas. Obviamente que enquanto movimento social, poderia ter pautado o governo denunciando os abusos sofrido pelas mulheres, segundo Gohn (2010), lutando para que o Estado cumpra seu dever de propiciar educação com qualidade para todos, de várias maneiras, como através dos Orçamentos Participativos- OPs, e no caso específico para

dar conta de atender as demandas das mulheres capoeiristas, atitude bastante peculiar nos novos movimentos sociais, notadamente os urbanos.

No entanto, o movimento de mulheres capoeiristas, em parceria com estudiosos e a partir do engajamento político, construiu suas primeiras propostas e programações, buscando parceria, para sua implementação. Destacamos, o apoio de políticos locais, nos primeiros encontros notadamente os do PT e PSOL e no segundo período o apoio de vereador de PSDB.

Destacando ainda, que a proposta formativa realizada nos dois primeiros encontros elas visavam a formação específica voltada para discussões de gênero centrada na mulher, através de palestras com estudiosos e pesquisadores sobre a temática mulher focando na sociedade paraense. E outros momentos, as temáticas escolhidas já não contemplaram a questão de gênero. No entanto, em alguns momentos centraram em esclarecimentos a respeito de Lei Maria da Penha e outras temáticas pertinentes às questões femininas, são temáticas necessárias de serem discutidas, mas certamente, não devem ser a unicamente a razão do movimento.

Pois, mesmo com todas os avanços, o sexismo, o machismo a homofobia e a misoginia, continuam a ser um problema grande, conforme percebemos principalmente após o reconhecimento de uma mulher capoeirista “in memoriam” como mestra de capoeira. Prova incontestável que a luta de mais de uma década de lutas feministas não tem se refletido na diminuição da violência contra a mulher, como deveria. Assim como, não conseguiu se traduzir em mobilidade de igual para igual com os homens na hierarquia da capoeira.

Contudo, é um movimento que merece respeito neste processo histórico e tem inspirado outros Estados para criação de seus coletivos feministas composto por integrantes dos grupos de capoeira. A exemplo, temos o *Coletivo Mulheres que Gingam no Meio do Mundo*, no Amapá, que tem como uma de suas organizadoras, a capoeirista Jennifer Santos, apelido Margarida uma das fundadoras do MCM.

Segundo depoimento, “o Coletivo nasceu com o intuito de fazer a integração entre as mulheres capoeiristas do Amapá. Foi uma semente a partir do Movimento Capoeira Mulher, uma vez que vimos que as mulheres da capoeira do Amapá também nem se conheciam” (JENNIFER MARGARIDA depoimento em 2016).

Ressalto que Jennifer Margarida, foi uma capoeirista que por conta das situações de violência, impostas pelo seu professor de capoeira e companheiro, precisou se mudar para outro Estado com seus filhos, para viver em segurança e livre das agressões. Uma vítima do machismo, que ao mesmo tempo em que foi amparada pelas primeiras militantes do movimento, também se transformou numa militante, mesmo morando em outro Estado.



Figura 12 - Coletivo Mulheres que Gingam no Meio do Mundo – Amapá.

Fonte: Acervo do Coletivo Mulheres que Gingam no Meio do Mundo.

No entanto, percebe-se que a articulação inicial do MCM, que se configura como um movimento feminista, não surgiu a partir da iniciativa de mulheres com um histórico de vitimização, pelo menos aparentemente, tal observou Bell Hooks, ao se referir ao surgimento do feminismo negro nos Estados Unidos, afirmando que,

[...]o feminismo não surgiu das mulheres que são mais vitimizadas pela opressão machista, das mulheres agredidas todos os dias, mental, física e espiritualmente – as que são impotentes para mudar sua condição na vida. Estas são a maioria silenciosa. Uma marca de sua condição de vítimas é que o fato de aceitarem sua sina na vida sem questionamento visível, sem protesto organizado, sem fúria ou raiva coletivas. (BELL HOOKS, 2015, p. 193)

A articulação política de Silvia Leão Pé de Anjo e suas companheiras, foi de extrema importância, agregar outras mulheres que vivenciavam situações de opressão machista, seja na capoeira ou na vida doméstica, como foi o caso citado acima.

Hoje elas se fazem representar em quase todos os locais e eventos de capoeira, promovem seus encontros, participam em eventos representando o movimento a convite em outros Estados. As formas de interação entre elas são variadas, estando em contato uma com as outras através de diferentes meios, sobretudo as mídias sociais, local privilegiado de interação e socialização, para além dos limites geográficos do Estado do Pará.

SEÇÃO 3: MULHERES EM MOVIMENTO: TRAJETÓRIA, IDENTIDADE E PROTAGONISMO

Eles resistem a nós e nós resistimos a eles.
(Arlete Fênix)

E a gente faz e acontece.
Aí, sabe o que eles dizem?
Vocês são demais! Vocês são muito feministas!
A gente tem que ser feminista, a gente não pode ser humanista.
A gente tem que ser feminista,
Porque é necessário que a gente seja contra o machismo.
Eles não entendem isso?
Sim.
Então agora eu sou feminista.
(Gisele Tsunami)

A afirmação da epígrafe, proferida por duas mulheres capoeiristas, que compõem o MCM, evidenciam o sistema de desigualdade existente na capoeira. É importante enfatizar que um grupo de capoeira é um espaço de resistência negra, um segmento do movimento negro, embora nem todos tenham essa compreensão e seus praticantes sejam negro ou se identifique enquanto negro. Portanto, é natural que um movimento social de mulheres capoeiristas, tenham no seu processo de organização, pensado na polifonia de identidade em diálogos, neste contexto identidade de grupos sociais, de gênero, étnico, a identidade afro-amazônica brasileira, identidade de periferia urbana da cidade de Belém do Pará, praticante de capoeira, como percebemos na primeira seção, embora não tenham aprofundado o debate dentro do movimento.

Portanto é fundamental, entender que a dinâmica de organização da capoeira está baseada na dinâmica civilizatória africana, que expressa suas próprias formas culturais, onde as relações de gênero fazem parte da diversidade de identidades dentro da capoeira.

As formas culturais negro-africanas constituem-se politicamente como antítese à cosmovisão greco-romana, ao mesmo tempo que aparece como um dos modelos possíveis para a reorganização das relações da vida no mundo dito globalizado. Ao mesmo tempo, aparece como proposta universal, pois têm uma perspectiva universalizante, no mesmo instante em que se diferencia por ser uma cosmovisão pautada na pluralidade e não na unidade.

[...]

Entendemos por forma cultural as condições que possibilitarão toda relação baseada em troca, reciprocidade, dádiva ou mesmo individualismo. Forma cultural é uma categoria que visa entender o padrão no qual as diversidades se expressam; [...]. Utilizamos-nos da categoria forma cultural para pensar tanto as condições estruturantes de um povo quanto as expressões singulares que lhes dão identidade. Como identidade eles formam um território identificável e criam uma ideologia a partir de representações sociais forjadas pelo próprio grupo. No entanto, elas funcionam também como alteridade, na medida em

que não existem formas culturais sem a presença e o mistério do outro. A forma cultural é tanto a configuração da cultura de um povo quanto a transformação da cultura de uma comunidade (OLIVEIRA, 2006, p. 108-109).

Ao se tratar de saberes ancestrais da capoeira é primordial entender como a produção e reprodução da desigualdade de raça, gênero e classe, estruturadas no capitalismo e no patriarcado, se refletem nas expressões culturais do povo negro, sobretudo, criando os estereótipos que oprimem as mulheres na sociedade.

Pois, entendemos que a medida que os sujeitos tomam conhecimento destas formas de ser e estar no mundo ao longo da história, estes sujeitos tomam consciência política de tais opressões. Essa tomada de consciência provoca reações e rupturas no seio da sociedade moderna, com o desocultamento das histórias,

O desocultar e recontar essa história vem dos sujeitos sociais em movimento [...] por que esse ocultamento e esse desprezo das pedagogias de afirmação dos coletivos indígenas, negros, quilombolas e até das identidades de gênero e de orientação sexual? O ocultamento e o desprezo são inerentes à produção desses coletivos como inferiores. Por onde passa ou o que justifica essa inferiorização? (ARROYO, 2014, p. 185).

Nesse sentido, vemos acontecer rupturas na lógica do silenciamento, uma vez que sujeitos sociais passam a exigir visibilidade, querem que suas vozes sejam ouvidas. Portanto, fazer emergir a presença da mulher na Capoeira, também é uma forma de romper com a lógica do silenciamento, dando visibilidade às ancestrais femininas e na atualidade aos processos de formação nos grupos de capoeira e na organização do MCM.

Portanto, fica evidente o quanto há necessidade de investimento para superação das desigualdades, proporcionadas pela hegemonia masculina dentro da cultura afro-brasileira, o que segundo Carneiro (2011), pressupõe uma discussão e luta muito maior das mulheres para superação da opressão que a opressão de gênero, mas também pela opressão de raça, uma vez que o papel da mulher negra é negado na formação da cultura brasileira, onde “a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em romance” (CARNEIRO, 2011, In Mulher Negra). Para compreender esta estrutura de dominação centrado no homem e porque as mulheres precisam lutar pela garantia direitos na capoeira, é preciso conhecer as reminiscências colonialistas presentes nesta expressão cultural diaspóricas e as epistemologias de conhecimento que lhes dão sustentação,

Desde o século XVII, as sociedades ocidentais têm vindo a privilegiar epistemológica e sociologicamente a forma de conhecimento que designamos de ciência moderna (Santos, 1995a, 2003a). Quaisquer que sejam as relações entre esta ciência e outras ciências anteriores – ocidentais e orientais – a verdade é que esta nova forma de conhecimento se autoconcedeu como um

novo começo, uma ruptura em relação ao passado [...]. Desde então, o debate sobre o conhecimento centrou-se no interior da ciência moderna, nos fundamentos da validade privilegiada do conhecimento científico. (SANTOS, 2010a, p. 138).

Conhecimento que segundo Robsbawm e Ranger (2015), deram suporte de forma eficiente até os nossos para manutenção da hegemonia dominante de conhecimento científico eurocêntrico, se faz necessário conhecer particularidades das sociedades africanas pré-colonial, para compreender as verdades e tradições inventadas, sobretudo pelos europeus.

3.1 - A MULHER E A TRADIÇÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA

*Se teu corpo se arrepiar
Se sentires também o sangue ferver
Se a cabeça viajar
E mesmo assim estives num grande astral
Se ao pisar o solo teu coração disparar
Se entrares em transe sem ser da religião
Se comeres fungi quisaka e mufete de cara-pau
Se Luanda te encher de emoção
Se o povo te impressionar demais
É porque são de lá os teus ancestrais
Pode crer no axé dos teus ancestrais.*
Martinho da Vila e Rosinha de Valença (1985)²⁰

Não há quem não diga na capoeira, que quando ouvem o som do berimbau, o corpo arrepia, o coração acelera: O berimbau chamou não tem jeito. Gisele Tsunami disse na roda de comemoração do dia Internacional da Mulher, realizada na praça da República, em 2016, não saber viver sem capoeira, e se pergunta ela não sebe explicar. A letra do samba da epigrafe fala exatamente disso, que se sentires tudo isso, é porque são de lá, do outro lado do atlântico os teus ancestrais e podes crer no axé dos teus ancestrais. Já é possível conhecer de onde vem esse axé, essa energia, conhecer outra parte da nossa história. Segundo Moore (2012), Diop (2014), Hobsbawm e Ranger (2015), que precisamos conhecer a história que foi negada e as tradições inventadas que invisibilizaram conhecer a nossa outra história.

Não é objetivo, muito menos desta seção trazer a história detalhada das sociedades Africanas pré-colonial e a história do matriarcado africano, entretanto para compreensão deste estudo, é imprescindível entender o passado em África e o que proporcionou essa desigualdade

²⁰ Semba dos Ancestrais, autores Martinho da Vila e Rosinha de Valença, álbum Criações e Recriações 1985, relançado em 2004.

sobretudo entre raça e gênero, que de forma negativa incide sobre as/os africanas (os) e suas/seus descendentes espalhados pelo mundo através da diáspora.

Para o arqueólogo e antropólogo senegalês Cheikh Antar Diop, que realizou extensa pesquisa sobre as sociedades africanas, lançando luzes sobre a história da África e da humanidade, “A história da humanidade permanecerá na escuridão até que seja vislumbrada a existência de dois grandes berços, o meridional que inclui toda a África, e o setentrional, que corresponde ao espaço euroasiático – onde o clima forjou atitudes e mentalidades específicas” (DIOP, entrevista concedida em 1976, apud, MOORE, 2012, p. 119). Entre suas teses, coloca o Continente Africano como o berço da humanidade e também aponta a África. Em sua tese central explica que

[...]a humanidade havia desembocado em duas lógicas de evolução socioeconômicas opostas por terem sido o resultado da interação do homem com o meio ambiente totalmente opostos.

Diop argumenta que, na fase final do Paleolítico, havia-se constituído “um berço meridional” em região de clima ameno, onde teria eclodido a agricultura, o que é exemplificado pela evolução do Continente Africano. Postulou que as populações que viveram até o segundo milênio antes de Cristo, em latitudes onde a natureza e o clima eram clementes, desenvolveram estruturas societárias similares. (MOORE, 2012, p. 119).

No berço meridional a mulher goza de uma posição de destaque na comunidade, sendo ela emancipada da vida doméstica. O caráter feminino desse tipo de sociedade, fortemente uterocêntrica, voltada para a cooperação solidária, teria secretado uma percepção positiva da alteridade, de maneira a conceber o Outro – seja qual for – como parceiro, não como inimigo. Assim, a xenofilia, o cosmopolitismo e o coletivismo social são expressões específicas desse berço, tornando-se dados culturais intrínsecos. (MOORE, 2012, p. 120).

Segundo Diop (2014), o reconhecimento da filiação, parte do conjunje que não abandona seu clã, assim, nas sociedades meridionais sedentárias e agrícolas, a filiação é matrilinear,

[...] quando a estrutura social é de modo tal que, no casamento, a esposa abandona a sua família para construir uma nova em conjunto com o seu marido, encontramos perante regime patriarcal; como é evidente, originariamente a família confundia-se com o clã. Inversamente, quando a estrutura social é de tal forma que o homem que se casa abandona o seu clã para ir viver com o da mulher, estamos perante um regime matriarcal. Ora, o primeiro só é concebido na vida concebível na vida nómada; o segundo, apenas na vida sedentária e agrícola (DIOP, 2014, p. 32 e 33).

Desta forma, tudo que concerne a mãe é sagrado, sua autoridade é ilimitada e o esposo apenas um estrangeiro. Neste caso, a mulher pode repudiar, caso o homem não cumpra com seus deveres conjugais.

Estas ideias, pela sua natureza, correspondem aos primeiros tempos da mentalidade africana: neste sentido, as mesmas são arcaicas e representam, actualmente, uma espécie de fosséis que flutuam no âmbito das reflexões actuais. Constituem um conjunto que só podemos considerar enquanto consequência lógica de um estágio anterior, mais primitivo, no qual teria predominado, exclusivamente, a filiação matrilinear. (DIOP, 2014, p. 39)

Diferente das sociedades dos Berços Setentrionais do nomadismo indo-europeu, a filiação é patrilinear, neste caso sendo a esposa considerada uma estrangeira no genos. Para o autor, os africanos primitivos, nunca puseram em cheque a participação do pai ou da mãe na concepção do filho, apenas não os situam no mesmo plano. E especificamente na África Negra, acredita-se em quase todo os lugares, que a criança biologicamente falando, deve-se muito mais as contribuições à mãe, que ao seu pai, ou seja, a herança biológica do lado materno é mais sólida e importante que a do lado paterno.

Ao analisar a obra de Diop, Moore ressalta que o Berço Setentrional,

[...] se erigiu, portanto, em torno de estruturas de competição, de hábitos materialistas, da prática da guerra, da conquista, do militarismo, do culto da propriedade privada e da visão xenófoba. Estamos diante de sociedade profundamente patricêntricas, falocêntricas e intolerantes perante qualquer forma de alteridade; sociedades que desprezam o *input* feminino. (MOORE, 2012, p. 121)

Para Nascimento (2006), as estruturas das sociedades africanas, foram abaladas, com a introdução de outros sistemas de organização social patriarcal através do islamismo e do colonialismo europeu, marcando as dicotomias entre oriente e ocidente. No entanto, não conseguiu eliminar do ethos social africano, o legado milenar de tradição matrilinear, em razão, a história da África está repleta de rainhas, estadistas e guerreiras. Muitas das mulheres que assumiram posição de poder nas sociedades africanas por direito próprio, não na qualidade de esposas, tais como: Rainha N'zinga de Angola, e as linhagens das rainhas Kentakes que governaram Núbia por seiscentos anos.

Segundo, Oliveira (2006), Diop (2014) e Moore (2012), como as bases destas comunidades africanas, são pautadas nas organizações familiares, principalmente através de linhagem matrilinear no período Pré-Colonial, sendo comum a existência de aldeias, onde as ancestrais mulheres lhe deram origem. Essas organizações conferem grande autoridade às mulheres, e a mãe é figura central. É através de sua linhagem que os postos de poder e responsabilidade são transmitidos. Mesmo em sistema de organização patrilinear, a mulher exerce seu protagonismo. Em ambos, a lógica familiar é modelo básico aplicado à sociedade, e o conjunto dessas relações que formam as famílias-aldeias, garantindo a existência dos grupos.

Nestas sociedades, a relação de poder é atributo dos sujeitos e emana dos antepassados e de seus pactos com a terra, portanto calcado na tradição, para garantir o bem-estar da comunidade. O poder pode ser exercido por mulheres e por homens, tendo por objetivo administrar os conflitos e garantir o bem-estar da comunidade. No entanto, esses modelos societais, sofreram influências da colonização, impostas pelo capitalismo, a fim de garantir outras estruturas de poder, como afirma Quijano:

E as relações intersubjetivas correspondentes, nas quais se foram fundindo as experiências do colonialismo e da colonialidade com as necessidades do capitalismo, foram se configurando como um novo universo de relações intersubjetivas de dominação sob hegemonia eurocentrada. Esse específico universo é o que será depois denominado como modernidade (QUINJANO, 2010, p. 85).

Isso fez com que novas formas de organização fossem impostas e assimiladas como “única racionalidade válida e como emblema da modernidade” (QUINJANO, 2010, p. 86). No entanto, as resistências aconteceram e garantiram que seus valores ancestrais continuassem e assim, através das diásporas africanas nas Américas, esses valores se fazem presentes nas expressões culturais do povo negro.

Portanto, não é por acaso, que há essa profunda relação da capoeira com as afro-religiosidades, algumas de suas músicas são as mesmas das cantadas nas práticas religiosas. Porém, as mulheres chegam com frequência ao mais alto grau hierárquico dentro da religião, a estrutura matriarcal se constitui em forte elemento, tendo como figura central as Ialorixás ou Mães de Santo. Nas estruturas quilombolas, e no Pará segundo Salles (2005, p. 264) na figura de Felipa Aranha, mulher destemida que no século XVIII, comandava o mocambo de Alcobaça, local onde hoje, situa-se o município de Tucuruí, o qual abrigava mais de 300 habitantes. Vem desta mesma região, os saberes e protagonismo das mulheres, herdeiras da tradição milenar, e estão patentes nas benzedeadas, curandeiras e parteiras da região Tocantins, que segundo a prefaciadora da obra da pesquisadora Prof.^a Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto (2010), a Prof.^a Dra. Maria do Rosário da Cunha Peixoto, afirma que:

Ao buscar nas memórias de homens e mulheres da região de Cametá, os vestígios e evidências que lhe permitam empreender a reconstituição da História de parteiras, benzedeadas experientes, Celeste evoca testemunhos valiosos que além de dar visibilidade às lutas dessas mulheres, traz elementos significativos para fazer ecoar o grito dos grupos remanescentes de

quilombolas pelo direito ao seu passado e à reparação histórica do presente.²¹ (PINTO, 2010, p. 10).

O mesmo podemos afirmar com relação a história das mulheres capoeiristas, segundo a obra de Oliveira e Leal (2009), ao trazer para contemporaneidade a história de mulheres praticantes de capoeira no século XIX, no Pará e na Bahia. A história dessas mulheres negras brasileiras evidencia que desempenhavam diversas funções no período colonial e imperial de escravidão, não apenas no sistema produtivo de bens e serviços, mas também como benzedoras, parteiras e experientes, citados também o papel sexual imposto pela condição de servidão a que foram submetidas (Oliveira, 2006; Pinto, 2010 e Saffiotti, 2013), essas mulheres estiveram à frente do sustento familiar após a abolição.

A mulher negra, após a “abolição da escravatura, viu-se frente a uma estrutura social onde o homem negro, alijado do mercado de trabalho, expropriado de sua força de trabalho e marginalizado por sua condição racial, já não podia manter o núcleo familiar como outrora. Diante deste quadro a mulher negra assume a responsabilidade de encontrar alternativas de sobrevivência para a família e em última instância, para a sobrevivência do grupo.[...]elas foram para as cozinhas das patroas brancas, foram para os mercados vender quitutes, desenvolveram todas as estratégias de sobrevivência; assim criaram seus filhos carnais, seus filhos de santo, abrigaram seus candomblés, adoraram seus deuses, cantaram, dançaram e cozinham para eles (CARNEIRO; CURY, s/d,b, p. 26, apud OLIVEIRA, 2006, p. 96).

Para Oliveira (2006), nos espaços religiosos do candomblé, não se faz presente apenas as possibilidades de realizar-se religiosamente, mas também politicamente e socialmente, onde o povo negro, escravizado e/ou não escravizado, reinventou e recriou seu passado no continente africano, a partir das bagagens culturais guardadas em suas memórias.

As rodas de capoeira, surgem enquanto produto das memórias ancestrais, é um espaço de apropriação, consciente ou não, do legado milenar de criação do povo negro e pautado nas tradições. Onde se vivencia a sua práxis, todos esses elementos, na circularidade com suas músicas, seus toques e seus cantos. A roda é o lugar onde se ensina e se aprende a jogar capoeira em profunda relação de espaço e tempo. É na roda onde se formam os capoeiristas até chegar ao reconhecimento como Mestras e Mestres, reiterando teorias e práticas ancestrais, transmitidas oralmente de geração a geração.

Portanto, a roda de capoeira se configura para os capoeiristas como um espaço de aprendizado na coletividade e não no isolamento, considerando todas as identidades que fazem parte deste verdadeiro clã, pois não há um único capoeirista que não entenda o seu grupo

²¹ Fragmento do prefácio da Obra ”As Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina, feita pela Prof.^a Dr.^a Maria do Rosário da Cunha Peixoto.

enquanto família, permeada pelos Valores Civilizatórios a exemplo o mapa abaixo (figura 13), a partir de elementos estruturantes das sociedades africanas, que presentes nas expressões culturais afro-brasileiros.

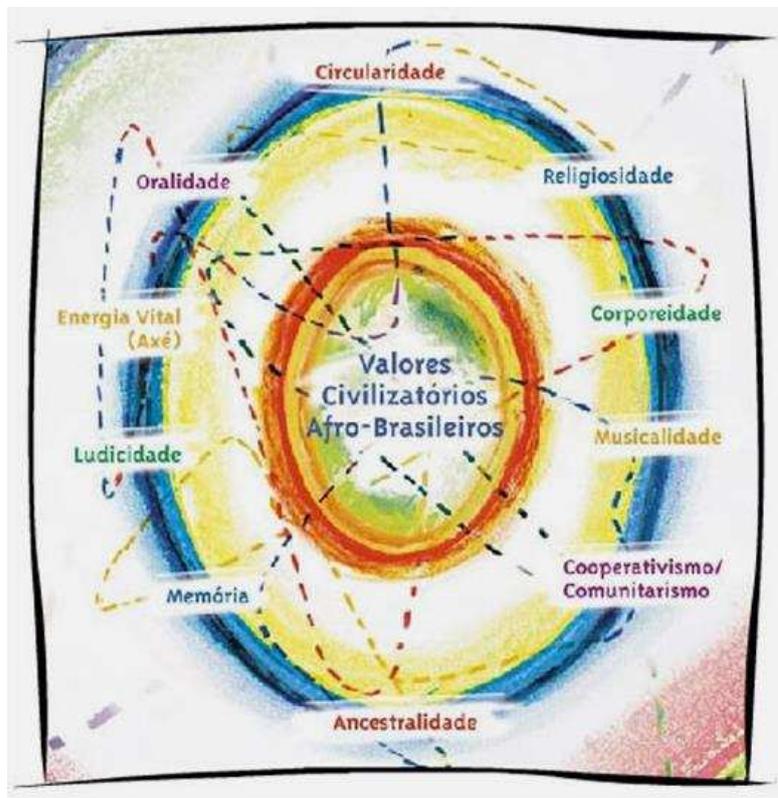


Figura 13 - Mapa sobre Valores Civilizatórios
Fonte: Kit A Cor da Cultura.

A roda de capoeira é uma prática permeada por elementos civilizatórios que são invocados a cada vez que se inicia uma roda, passado e presente se imbricam e circulam em uma metamorfose, relembrando e reinventando o passado e influenciando cotidianamente o grupo e os sujeitos que estão diretamente vinculados a sua prática.

Os elementos estruturantes desta manifestação, espaço e tempo onde se expressam simultaneamente o canto, o toque, os instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos os rituais de herança africana – notadamente bantu – recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam, e se consagram os grandes mestres, se transmite e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros” (BRASIL, 2008).

Segundo ensina Trindade (2006), ao afirmar que não existe cultura negra individualmente na solidão, mas no coletivo, na cooperação, no e com o outro. Onde a Cooperatividade e Comunitarismo são condições para a formação dos sujeitos de forma

coletiva. Considera ainda que os ritos são meios de inserir esse sujeito nas normas da sociedade, seguindo a regras ancestrais, ou seja, a lógica das socializações dos sujeitos leva em conta os saberes das ancestralidades.

Ao buscando nesta prática permeada por valores ancestrais, encontramos o sentido para entender a construção social e cultural do conhecimento e o sentido de organização utilizada pelas mulheres capoeiristas diante do contexto de luta contra a opressão no meio onde se vivencia a capoeira.

3.2 - QUEM SÃO AS MULHERES CAPOEIRISTAS NO SÉCULO XXI?

Gisele Tsunami em entrevista concedida 2016, diz que na contemporaneidade o movimento ensinou as mulheres capoeiristas, a se organizar e ter tempo para tudo, principalmente para capoeira, além de seus múltiplos compromissos. Pois, segundo ela, a medida que a pessoa avança da graduação, as obrigações para com a capoeira também aumentam. Isso implica, a trabalhar com a capoeira, a viajar e a levar o nome do grupo adiante.

Conforme já mencionado anteriormente, em 2013, encontrei uma única mulher trabalhando com o ensino da capoeira, compondo grupo de trabalho, junto com homens professores ou mestres de capoeira que atuavam no Projeto Capoeira na Escola na SEMEC-Belém, turma de 2010. Esta mulher capoeira, atuava na Escola Municipal Manuela de Freitas, dando aula para mais de 50 (cinquenta) alunos:

Neste processo há de se destacar o papel de uma mulher enquanto educadora capoeirista [...] A capoeirista Professora Sonia Cruz e Silva, sua graduação é branca e amarela, referente a professora. [...] segundo informação de Mestre Silvério, seu companheiro, ela já atendeu por volta de 80 alunos, a maioria da própria escola [...]. Tendo realizado batizado na própria escola onde 60 capoeiristas foram batizados a maioria alunos da escola. (SILVA, 2013, p. 67-68).

O que mais chama atenção é que a referida turma é de 2010 e no ano de 2016, constato que ela continua com a mesma graduação, ou seja, ela está no mínimo com seis anos sem mudar de graduação. Porém, ao conversar informalmente com ela, sobre a questão da mulher na capoeira e o fato da dificuldade de mobilidade das mulheres no sistema de graduação na mesma perspectiva que o homem, ela justifica que no caso dela vem em consequência de não estar se dedicando muito a capoeira em virtude de nos últimos tempos estar priorizando o curso de odontologia, no entanto, não se afastou completamente da capoeira.

No quadro 3, apresentamos um perfil das mulheres capoeiristas entrevistadas ou observadas durante o estudo, sobre a sua graduação na capoeira, formação (grau de instrução),

atuação profissional, tempo de atuação na capoeira, se são casadas ou solteiras e se tem filhos, assim como auto declaração de cor/raça e opção sexual.

Quadro 7: Perfil das mulheres capoeiristas no século XXI

Nº	Identificação graduação/nome/a pelido	Formação (Grau de instrução) /Atuação Profissional	Tempo na capoeira	Casada e/ou são mães	Cor /raça - auto identificação
01	Professora Arlete Fênix Corda Marrom	Médio Profissionalizante /Técnico em enfermagem/atua ensinando capoeira no próprio grupo.	15		
02	Professora Sônia Mortiça Corda Branca e Amarela	Odontologia – cursando/ trabalha com a capoeira		X	
03	Instrutora Gisele Tsunami*/ Corda	Nível Superior/Advogada/Trabalha com a capoeira	16		Branca
04	Instrutora Jennifer Margarida*/ Corda Verde	Gestão Pública/cursando. Técnica em língua francesa	16	X	Parda
05	Instrutora Andreza Miudinha/ Corda Roxa	Licenciatura Plena Educação Física/ Mestra em Arte-educação, Prof. ^a Projeto Capoeira Escola Madalena Raad / Prof. ^a Faculdade ESMAC na Disciplina Capoeira	18	X	Negra
06	Instrutora Yoko Corda Roxa	Fundamental completo, profissional autônoma em pequeno restaurante, Da aula de capoeira no polo Barreiro.		X	
07	Monitora Nete Açaí Corda Vermelha e Azul	Ens. Médio Técnico incompleto (falta certificado) Assistente de Logística e Trabalha com Capoeira	24	X	Índia
08	Monitora Carol Pitchula Corda Roxa	Ensino Médio/Auxiliar Administrativo DETRAN/ Professora de capoeira.	9	X	
09	Monitora Jamille Pretta Corda Verde e Branca	Licenciada Plena em Educação Física; Pós-Graduada em Políticas de Promoção para Igualdade Racial na Escola. Trabalha com a capoeira	12	X	Negra
10	Monitora Dileuza Didi Corda Verde e Branco	Ensino Médio Completo/cursando Técnico em Eletrônica	16		
11	Monitora Kassia Batatinha Corda Azul	Gestão Ambiental, Técnica em Meio Ambiente da Secretaria de Meio Ambiente do Amapá	20	X	Parda

Continua

Continuação

Nº	Identificação (graduação/nome/ apelido/ cor corda)	Formação (Grau de instrução) /Atuação Profissional	Tempo na capoeira	Casada e/ou são mães	Cor /raça (auto identificação)
12	Monitora Sabrina Silva	Trabalha com a capoeira	16	X	
13	Graduada Cyntia Angel Cora Laranja e Azul	Superior incompleto (Letras) /Técnica Edificação, trabalha com a capoeira.	4	X	Negra
14	Graduada Denilce Sereia Corda	Nível Superior/Mestra em Geografia/Prof. UEPA, atua com a capoeira	19	X	Negra
15	Graduada Ilka Batatona Corda Verde	MBA. Marketing Fgv/ Consultoria de empresarial	15	X	Branca
16	Graduada Stellão*** Corda Azul	Ensino Médio Incompleto/ Entregadora de Pizza	13	X	Negra
17	Graduada Karine Kaká** Corda Verde e Branca	Nível Superior incompleto Professora Educação Física /Arbitra de futebol.	5(com intervalo)		Parda
18	Formada Jacqueline * Corda Verde	Nível Superior/Psicopedagogia, enfermagem e ensina capoeira no polo Dandara Bambula/Guamá	16	X	
19	Formada Michelle Magally	Ensino Médio- Auxiliar de produção	14		Parda
20	Andreia Marreca Corda Laranja e crua	Superior Pedagogia /Professora de Educação Infantil	10	X	Parda
21	Estagiaria Laura Amarela e Preta	Superior em Administração de Empresas.		X	
22	Joelma Bailarina	Estudante de Licenciatura de Ed. Física, trabalha com Arte-educação com crianças e adolescentes.		X	
23	Aluna Michelly Miranda	Ens. Médio – Magistério, professora de Ed. Infantil, ensina capoeira.	6	X	
24	Cristiane Sininho*				
25	Aluna Ingrid Japinha****	Superior Completo/ Assis. Administrativo/	11	X	
26	Aluna Leca****	Graduação Letras em Língua Portuguesa/professora.	12	X	

*Fundadora do MCM, uma das entrevistadas que não atua mais capoeira.
**Bissexual
***Lésbica
****Capoeirista Angoleira.

Dos dados de 26 mulheres capoeiristas apresentados, apenas 01 (uma) não há informação sobre formação/profissão, pois não é mais praticante de capoeira; dessas 13 (treze), afirmam trabalhar com a capoeira, seja em polos ou no próprio grupo. No entanto, todas continuam com suas atividades profissionais em paralelo, nenhuma delas afirma que vive apenas de capoeira. Ou seja, não têm a capoeira como uma profissão e única fonte de renda; já enquanto aos homens, é muito comum ouvi-los dizer, que vivem de capoeira, que tem a capoeira enquanto uma profissão.

Das 26 (vinte e cinco) mulheres, 25 (vinte e quatro) estão atuantes na prática da capoeira, 16 (Dezesseis) possuem nível superior, sendo 11 curso completo, 04 (quatro) curso incompleto, 02 (duas) com Pós-Graduação a nível de Mestrado, 01 (uma) nível de especialização; 07 (sete) com ensino médio, sendo 02 (dois) incompleto; 01 (uma) fundamental completo e 02 (duas) não responderam.

Entre estas mulheres, 20(vinte) declararam ou que são casadas/união estável, ou que são mães. Quanto a orientação sexual: 01 (uma) se declarou bissexual e 01(uma) lésbica, as demais ou declararam heterossexuais ou não declararam. Quanto a cor ou raça: 05 (cinco) mulheres se auto declararam Negras, 05 (cinco pardas), 02 (duas Brancas), 01(uma) índia e 16 (dezesseis) não há informação.

Um dado relevante apresentado, refere-se ao tempo que estas mulheres praticam capoeira: Com menos de 10 (dez) anos, há 04 (quatro) mulheres; entre 10 a 15 anos são 06(sete); com mais de 15 anos, são 5 (quatro); e entre estas, há 01 (uma) com 24 anos de capoeira. Algumas pararam por um período, por questões de estudos, maternidade ou trabalho.

Quanto as graduações na capoeira: 02 (duas) capoeiristas são alunas na capoeira angola. As demais capoeiristas são da capoeira regional e outras vertentes, a mais alta graduação entre elas é de professora, num quantitativo de 02(duas), 04 (quatro) instrutoras, 07(sete) monitoras, 05 (cinco) graduadas, 02(duas) formadas, 01(uma) estagiaria as demais são alunas ou não informaram e duas não praticam mais a capoeira.

O resultado apresentado, entra em contradição com as alegações de que as mulheres não conseguem chegar a condição de mestras, porque abandonam a capoeira por vários motivos, entre eles, casar, ter filhos ou estudos. É comum as próprias mulheres utilizarem esta justificativa quando questionadas, sobre a razão de não avançar. No entanto, se percebe nas rodas, as mulheres, mesmo grávidas, jogando até o último mês de gravidez, e que logo após o parto, estão nas rodas com o filho recém-nascido(a), que é cuidado por todas(os), mesmo no período de resguardo e não podendo jogar, como exemplo, cito a capoeirista Jamile Pretta, que

esteve nas rodas até o último mês de gravidez e jogando, para em seguida aparecer nas rodas com filho recém-nascido João Carlos. Essa é a realidade vivenciada pela maioria das mulheres capoeiristas.

Se a maioria das mulheres capoeiristas não se afasta por muito tempo, por que não avançam na mesma proporção que os homens?

Ao analisarmos, os dados apresentados por Silva (1988), a partir do Grupo de Capoeira Dandara Bambula, fundado em 1985, portanto com 32 (trinta e dois) anos, e levando em consideração as datas a partir do batizado, realizado no grupo do SESC em 1988, até a atualidade, já se vão (29) vinte nove anos, e durante esses anos, muitos homens entraram na capoeira conseguiram graduações de professores, contramestres e mestre. O que é a situação do atual mestre do grupo, Mestre Imar, que iniciou como aluno do grupo, época em que Mestre Abil era instrutor. Entretanto, nenhuma mulher chegou a graduação mais alta.

O que não é a realidade apenas deste grupo, uma vez que na Cidade de Belém existem grupos com muito mais tempo de existência e só existem duas mulheres com a graduação de contramestra e mestranda, e entorno de 10 (dez) professoras nesta cidade. Um quantitativo muito baixo, não somente pelo tempo em que as mulheres começaram a serem graduadas, mas pela grande quantidade de mulheres atuantes na capoeira.

Em 2002, segundo o levantamento feito por Silvia Pé Anjo e suas companheiras, por ocasião da realização da primeira roda só de mulheres e para o primeiro encontro, já havia em torno de 150 (cento e cinquenta) mulheres em atuação nos grupos em Belém. Entre estas, a capoeirista Catita, que já era professora, hoje mestranda, sendo este um dos casos que mais chama atenção, segundo dados apresentados por Marinho (2006), bem como pelas declarações em entrevista dada por ela ao jornal O Liberal, em Belém, no dia 09 de janeiro de 2003, onde relata que, “A professora de capoeira, Erica Cabral, conhecida no meio como Catita, iniciou na luta há 14 anos”. Ela possui um tempo de 30 (trinta) anos de capoeira, entre paradas e recomeços.

Assim como Professora Catita, por ocasião do primeiro encontro, haviam homens que na época estavam na mesma graduação, como é o caso de Luiz Carlos, Mestre há vários anos, enquanto que ela, não.

Outro caso mais conhecido e comentado, refere-se a Monitora Nete Açai, que possui 24 (vinte e quatro) anos de capoeira, muito mais tempo que aquele que é seu professor hoje, e outras mulheres que começaram depois dela e hoje são instrutoras, professoras.

Ao questionar sobre o fato de Nete Açai não avançar, elas justificam alegando o fato de terem parado de treinar capoeira, sendo comum ouvir a seguinte fala a respeito das que param

algum tempo, mesmo quando se referem ao tempo parado por conta de gravidez e pós-parto: “carro parado não conta quilometragem”, como se o conhecimento adquirido se perdesse ou como se o tempo de aprendizagem na capoeira fosse semelhante ao escolar, seriado ou em ciclos. Mesmo assim, é contraditório, pois elas retornam, continuam treinando e o tempo delas não chega. Ressaltando que a Monitora Nete Açaí é de um grupo, cujo mestre não é do Estado do Pará.

Diante do exposto, com razão, a coordenadora do MCM, afirma: “A mulher entra ao mesmo tempo que o homem. Ele é mestre, ela não passou da corda de instrutora ou professora” (GISELE TSUNAMI, fala gravada em palestra em 2016). E enfatiza, que esse não é o principal objetivo do MCM, pois há outras razões para criação do movimento, mas a cada mulher que avança na Capoeira, significa muito para o MCM, pois são portas que se abrem para inserção da mulher em condições de igualdade com os homens, e que pode refletir positivamente na formação de outras mulheres.

As mulheres, na prática da capoeira, segundo informam as entrevistadas, passam pelos mesmos processos de aprendizagem, porém, não se reflete os mesmos números, em termos da mobilidade destas mulheres na escala hierárquica estabelecida, tanto na capoeira angola, quanto na capoeira regional e demais vertentes. Segundo Teixeira (2009), ao pesquisar a Capoeira Angola no Estado do Pará, constata que os grupos ou associações de capoeira em atuação no Estado, não tem a tradição de graduar mulheres como Mestras de Capoeira. Esta autora, afirma que isso ocorre por que a capoeira, ainda é um ambiente tradicionalmente masculino, onde à companheira de mestres, cabe a função de cuidar e organizar a vida do mestre, e de maneira mais geral “costuma-se atribuir às mulheres no universo Capoeira Angola o papel de organizadoras das questões burocráticas de associações e organização de eventos” (TEIXEIRA, 2009, p. 46), cabendo à mulher a função de coadjuvante. Esta mesma situação é frequentemente relatada por entrevistadas que são praticantes da capoeira angola, “a mulher era apenas coadjuvante” (Jennifer Margarida, em entrevista concedida em 2016).

No entanto, ao questionar sobre a questão da discriminação contra as mulheres na roda, é lugar comum ouvir as seguintes expressões: “não percebo a diferença entre ser homem ou mulher na roda de capoeira” ou “sou capoeira independentemente de gênero”, frases que são repetidas tanto por homens quanto por mulheres.

Ainda há aquelas que dizem, ao se referir ao seu próprio sucesso dentro da capoeira, mesmo não tendo chegado a posição de mestra: “Se eu consigo todas podem conseguir”, “se a mulher se esforçar ela consegue” ou que “falta atitude da mulher”. Esses são discursos produzidos principalmente por mulheres.

Com isso, estamos diante do mesmo discurso meritocrático que existe dentro das instituições escolares, para não progressão dos alunos e alunas, jogar a responsabilidade unicamente na responsabilidade do aluno. Que por sua vez é o mesmo discurso utilizado nas repartições públicas e empresas privadas como justificativa para as mulheres sobretudo não mobilidade das mulheres para cargos mais elevados. Nestas esferas, é um discurso que se procura e combater, porém, na capoeira ao contrário não se discute, e impede a mobilidade das mulheres nas escala hierárquicas da capoeira, ao mesmo tempo que dar sustentação ao situação de opressão as mulheres.

Essa diferença de progressão entre homens e mulheres faz com que as professoras, que ensinam capoeira, sejam ultrapassadas muitas vezes por seus alunos homens na graduação. Com isso o número de mestres aumenta de tal forma, que atualmente nem se conhece ao certo a quantidade de mestres existentes do/no Estado do Pará.

Em virtude desta ausência de mobilidade das mulheres envolvidos na pratica da capoeira que Gisele Tsunami (2016) afirmou, “cada vez que uma mulher troca de graduação é muito festejado entre nós.” Situação que entra em contradição com os dados que nos apresentam uma mulher que trabalha com a capoeira.

Essas são estruturas cristalizadas e naturalizadas pelos sujeitos envolvidos e principalmente pela maioria das mulheres. Ora, se a mulher só cabe o papel de coadjuvante significa que não há democracia na roda. Se as próprias mulheres, não conseguem perceber as diferenças, como irão perceber o porquê de levarem mais tempo que os homens para serem graduadas, ou trocar de graduação? Será que essa expressão cultural diaspórica não dá visibilidade ao protagonismo da mulher?

Ao analisarmos sob o ponto de vista de origem desta expressão cultural “ancestrais africanas”, onde segundo Oliveira (2006), Nascimento (2006), Moore (2012) e Diop (2014), as sociedades pré-coloniais se caracterizam pelo sistema matrilinear, onde a mulher é preponderante nas estruturas societárias, desempenhando importantes funções, gozando de direitos sociais, econômicos, políticos e espirituais, conforme vimos anteriormente.

Segundo Saffioti (2013), a estrutura de dominação patriarcal da sociedade colonial brasileira, caracterizada por um processo de dominação centrado no poder do chefe da parentela, onde

As relações entre os sexos e, conseqüentemente, a posição da mulher na família e na sociedade em geral, constituem parte de um sistema de dominação mais amplo[...]” exige que se caracterize a forma pela qual se organizava e distribuí o poder na sociedade escravocrata brasileira, época em que se formaram certos complexos sociais justificados hoje em nome da tradição. À luz desta tradição procurar-se-á encontrar explicações para a vigência, ainda

hoje, dos mitos e preconceitos através dos quais a sociedade atual tenta justificar a exclusão da mulher de determinadas tarefas e mantê-la, assim, no exercício quase exclusivo de seus papéis tradicionais e das ocupações reconhecidamente femininas. (SAFFIOTI, 2013, p. 230).

Encontrando-se muito presente na sociedade na contemporaneidade em variados contextos e a capoeira é herdeira dessa tradição patriarcal.

Diante do exposto, entendemos ser necessário refletir sobre os posicionamentos e práticas que geram a exclusão das mulheres na roda de Capoeira. Segundo o ideograma Adinkra Sankofa, é necessário sempre voltar ao passado para entender o presente e para proporcionar mudanças necessárias para o bem-estar da comunidade.

Assim, ao analisar a contribuição das feministas o primeiro passo na direção das mudanças é o reconhecimento da existência do sexismo, machismo e racismo que, segundo Saffioti (1987), garante e legitima, o poder do macho sobre a mulher.

E que segundo a reflexão das feministas, entre estas, Couto e Scchraiber (2013) apud Bourdier (1999), está apoiada em paradigma naturalista que defende a pseudonatureza superior dos homens, resultado de um duro e incessante processo de construção acerca de ser homem e ser mulher no qual contribuem agentes específicos e instituições, especialmente Estado, Igrejas, família, escola que promove a naturalização do que é histórico e culturalmente construído.

Neste sentido, segundo a Riot-Sarceley (2014), as contribuições de Michel Foucault foram importantes para os estudos feministas, na medida que trazem à cena, os discursos sobre as relações de poder e resistência que as ciências humanas ocultavam nas construções identitárias. Quando se interessaram não apenas pelos comportamentos, mas também pelo sistema de dominação construídos, que acabavam ocultando essas construções, assim como detendo o poder de controle sobre os sujeitos, através de um longo processo histórico de construções identitárias. Ao descobrir e interpretaram as práticas de poder e descobriram também, por exemplo, os dispositivos que constantemente são renovados e atribuem papéis sociais aos subalternos, com uma suposta valorização da realidade vivida por esses sujeitos. Revelando que todo o discurso construído para exaltação das qualidades atribuídas as mulheres são mascaradas, ou seja, as mulheres são ao mesmo tempo objetos idolatrados e sujeitos submissos.

Spivak (2014), embora faça sérias críticas a Foucault, reconhece que refazer a história por limitadas noções de poder, pode permitir que nos tornemos apenas instrumentos de administração da crise das velhas instituições e da velha política de classe, no contexto pós-colonial global, e afirma: “No contexto pós-colonial global, nosso atual modelo deve ser o de

uma crítica da cultura política, do culturalismo político, cujo veículo é a escritura de histórias legíveis, seja do discurso dominante, seja das histórias alternativas” (SPIVAK, 2014, p. 189).

Na capoeira é urgente entender o que tem respaldando a lógica diferenciada entre homens e mulheres, que tem gerado os problemas que as mulheres enfrentam. Não apenas entender a lógica binária que opera para a divisão entre sexos, diferença entre homem e mulher, masculino e feminino, entre homo e heterossexualidade, eixo que entendemos fundamental deste novo campo que é considerado a fronteira da sexualidade, mas não é nosso foco de atenção neste momento.

Ao discutir a atuação da mulher inserida no campo desta cultura, o pensamento de um mestre de capoeira ao ser questionado a respeito das funções destinadas às mulheres dentro de um grupo, ele responde justificando, que a mulher tem mais jeito para cuidar de determinadas coisas, tem um olhar diferenciado de ver as coisas que o homem não vê. Esse pensamento enfatiza a forma pela qual se estrutura a divisão de papéis dentro da capoeira, marcando o lugar da mulher:

Esse “lugar” do não poder está arraigado na formação dos sujeitos, que neste caso estamos diante uma situação que segundo a teoria do *ponto de vista feminista*, pautado na *experiência*, onde “a experiência da opressão é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação, onde raça, gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos” (BAIRROS, 1995, p. 461).

Nesse sentido, a capoeira enquanto um movimento social cultural afro brasileiro, assimilou esse pensamento ideológico, para definir e marcar os lugares de homem e mulher, forjadas em ideologias eurocêntricas, onde,

[...] as diferenças de posição econômica dos indivíduos correspondiam diferenças de posição social, justificada em termos de raça e de cor [...] certos complexos sociais justificados hoje em nome da tradição. À luz desta tradição procurar-se-á explicações para a vigência, ainda hoje, dos mitos e preconceitos através dos quais a sociedade atual tenta justificar a exclusão da mulher de determinadas tarefas e mantê-la, assim, no exercício quase exclusivo de seus papéis tradicionais e das ocupações reconhecidamente femininas. (SAFFIOTI, 2013, p. 234-235).

Sobre os papéis tradicionais que demarcam o lugar da mulher, Gonzales (1984), aponta para a existência do Racismo e Sexismo existente na cultura negra brasileira, exemplificando por meio do samba e do carnaval, como a mulher é percebida neste contexto. Para ela o racismo e o sexismo se caracterizam como a neurose cultural brasileira, que produz efeitos violentos sobre a mulher negra, em particular quando trata-se das noções de mulata, da doméstica e da mãe preta. Não como uma noção de caráter étnico, mas como uma noção de profissão. Sobretudo, sobre a mulata que recai,

A exigência da prestação de serviços sexuais, que o senhor fazia em relação à negra escrava, tornava-a, pois, simultaneamente *res* e pessoa humana. Transfigurava-se assim, em processo de *coisificação* o papel que lhe cabia enquanto pessoa, e em criatura humana, a *coisa* (instrumento de trabalho)". (SAFFIOTI, 2013, p. 236).

Com relação ao estereótipo da mãe preta, aquela que desempenha a função de cuidar e zelar por todos, a cuidadora, ou seja,

Mais uma vez essa imagem registra a presença feminina negra como significada pelo corpo, neste caso a construção de mulher como mãe, “peito”, amamentando e sustentando a vida de outros. Significativamente “mãe preta” cuida de todas necessidades dos demais, em particular dos mais poderosos. Seu trabalho caracteriza-se pelo serviço abnegado. (HOOKS, 1995, p. 469-470).

Estas imagens estereotipadas da mulher, se encontram imbricadas nas expressões culturais negras, muito presas ao sistema patriarcal escravocrata, onde os homens detêm o poder de vida e de morte sobre as mulheres negras e não negras, mas, sobretudo, sobre as negras.

Com isso, se percebe várias facetas da opressão patriarcal, que se referem ao caráter étnico, o mesmo também ocorre na capoeira, onde a mulher está relacionada ao conceito de experiência, tanto da maternidade, quanto a experiência da sexualidade.

Sobre a experiência da maternidade, recai sobre a capoeirista a imagem enquanto mãe e cuidadora de todos no grupo e organizadora de eventos é marcante. Ao observamos um evento, quando o mestre chama as/os capoeiristas para iniciar o ritual de batizado, informa que inicialmente haviam servido um lanche aos convidados que chegaram cedo, mas para os que chegaram depois ainda seriam servidos. Meninos e meninas capoeiristas do grupo, que anteriormente serviram os convidados, já estavam na roda, mas quando o mestre diz para servir aos que chegaram depois. Ao saírem da roda para servir os demais convidados o mestre diz: – os homens ficam na roda, só as mulheres saem para servir, os meninos voltam para seus lugares na roda, e somente as meninas saem para e servir os convidados. Um exemplo claro, da divisão de papéis masculinos e femininos, sendo reforçada no grupo, na formação de crianças e adolescentes. Na mesma perspectiva, é lugar comum a expressão “*mulher, mãe e capoeira*”, algumas vezes ao se referir a encontros ou rodas em homenagem ao dia da mulher.

Uma forma específica de papel, baseado no modelo familiar nuclear, segundo a feminista Schwebel (2014), ao analisar as questões de gênero, afirma que a segregação dos papéis entre os cônjuges, há divisão entre os papéis masculinos e femininos. É modelo ideal para integração ao sistema profissional, e adequado para atender as demandas de uma sociedade capitalista, onde cada sujeito tem suas funções definidas dentro de um núcleo. Ao que as

ciências sociais chamam de segregação de papéis, os papéis masculinos e os papéis femininos. Similar ao que ocorre no modelo familiar nuclear, com papéis masculinos e femininos definidos socialmente.

A definição de papéis na capoeira é feita de forma hierárquica, o Mestre representa o “pai” e a mulher a “mãe”, especialmente se esta é companheira do mestre e os alunos capoeiristas, os “filhos”. Sendo comum também, os filhos e filhas biológicas/os, seguirem seus pais na prática da capoeira, e há as que ensinam capoeira sendo responsáveis em seus polos pela formação de novos capoeiristas, de qualquer maneira, as companheiras, também são suas alunas. E ainda há casos de mulheres que deixam de treinar, mas continuam acompanhando seus companheiros nas rodas, conforme relato: “é mais fácil a capoeirista que não é casada com homem capoeirista, após o casamento ou após a gravidez, voltar a treinar, que as que são casadas com capoeiristas voltarem” (GISELE TSUNAMI, entrevista concedida em 2016).

No entanto, o que mais aproxima do modelo familiar nuclear, é quando acontece a desagregação de um de seus membros ao atingirem graduação alta, e então partem para formação de seu próprio grupo, completamente independente, com outra denominação. E muitas vezes assumem outra vertente da capoeira.

E, ainda aqueles, que tem sua origem vinculada a um dos dois mestres, dos mais antigos que chegaram ao Estado, que abandonaram completamente sua origem e se vincularam a outros Mestres e Grupos de outros Estados, formando-se outros núcleos associados a outras linhagens, mesmo assim, continua a se falar nas linhagens. Sendo comum também o rompimento na linhagem familiar na capoeira, formando outras famílias independentes, ou ainda se associado a grupos de originários de outros Estados. Contudo, chama atenção, a existência de grupos ou associação, onde existem mais de um mestre, neste caso a definição de papéis, muito lembra ao modelo empresarial. Onde o mestre mais antigo quase sempre é intitulado de presidente e o outro supervisor, modelo clássico de estrutura de empresa, que nada lembra o referencial pautado na ancestralidade.

Diante dessas situações expostas, refletimos: onde fica a filosofia da capoeira, que todos falam tanto, e que é referendada em valores ancestrais, pautado na coletividade, no comunitarismo, do respeito ao feminino, e todas as diversidade existentes na comunidade, seja de idade, de gênero e opção sexual?

Se esse espaço não tem dado visibilidade e oportunidade iguais a todos os sujeitos envolvido, quais são as estratégias femininas no cotidiano das rodas de capoeira?

3.3 - MULHERES CAPOEIRISTAS: OPRESSÃO, RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO

“Agora só mulher na roda!”

Se o MCM, nos traz a história de organização de mulheres para o enfrentamento a opressão, assim como, o protagonismo das mulheres capoeiristas, o que ocorre desde a percepção e reação a discriminação quanto ao espaço de tempo delas na roda da capoeira. Lembrando, Abib (2006) quando se referir a *pedagogia da resistência*, que é inerente aos processos educativos presentes na práxis da capoeira, processo também é vivenciado pelas mulheres capoeiristas em luta por igualdade na capoeira.

A reflexão a partir da epígrafe, chamada feita pelos homens, que é uma expressão muito comum ouvida nas rodas de capoeira e uma das principais evidências da diferenciação entre homens e mulheres na roda. Segundo Silva (2014), isso ocorre, porque dificilmente as mulheres iniciam uma roda, e na maioria das vezes para entrar na roda, muitas mulheres, precisam de permissão com a chamada: “agora é só mulher na roda!”, que abre espaço para as mulheres entrarem na roda. É sempre feita ao final da roda e mesmo assim, elas não jogam por muito tempo, pois os homens logo cortam o jogo e tiram as mulheres. Acaba que as mulheres não têm o mesmo tempo que os homens para jogar, quando se percebe, somente homens novamente na roda. A exemplo o ocorrido no evento da Associação Cultural de Capoeira Norte Brasil em 2015, quando o mestre responsável pela condução da formação dos capoeiristas, anuncia que dará mais cinco minutinhos para as mulheres, pois os homens não deixaram elas jogarem. Mesmo assim, não tiveram nem os cinco minutinhos pois logo eles tomaram conta. Com isso, se percebe que a roda após os treinos, onde todas e todos passaram pelos mesmos procedimentos de aprendizagens não se mostrou um espaço democrático.

Neste sentido, que a fala e a postura corajosa da capoeiristas de um grupo de capoeira regional, captada em uma postagem em rede social, gerou um debate, *on-line* sobre a questão, sendo extremamente revelador.

Eu acho engraçado determinadas coisas no universo da capoeira, principalmente no que diz respeito às mulheres. Desejam tanto conquistar seu espaço na roda, porém não se impõe tocando, jogando e lutando tanto quanto os homens e acima de tudo aceitam esse machismo em só jogar quando os homens anunciam ‘agora só mulheres jogam na roda de capoeira’. Ô raiva que me dá, mais raiva ainda me dá daquelas que se submetem a isso. Meninas aqui está meu recado. Juguem a hora em que acharem melhor, vocês são capoeiristas quanto qualquer um homem, só respeitem as graduações e os fundamentos da capoeira. Lute, conquiste seu espaço, mas com coerência sem descer do salto. A capoeira do nosso Estado (Pará) tem excelentes capoeiristas mulheres, acredito em cada uma de vocês, então mulherada, vamos mostrar

nossa força no universo da capoeira (JAMILE PRETTA, comentário postado em rede social, em 2013).

Essa fala revela pontos interessantes para reflexão, entre estes a questão da hierarquia e da meritocracia. No entanto, são situações que acontecem independente da vontade da mulher, é o que temos observado nas rodas, em diferentes espaços, sejam eles públicos ou nos grupos. Com relação a hierarquias no grupo, será que quando se usa termos como “respeitem as graduações” será que não é o mesmo que dizer não podemos mexer na ordem estabelecida, onde as mais altas graduações são dos homens? Será que não estamos diante da naturalização de um discurso sexista, que histórica e socialmente foi construído para dar suporte a dominação e manutenção masculina e a exclusão da mulher?

Se, na sua postagem ela faz, também um desabafo e critica as companheiras que não conseguem vencer as resistências impostas às mulheres, “Ô raiva que me dá, mais raiva ainda me dá daquelas que se submetem a isso.” Se ela também faz uma chamada para as mulheres capoeiristas, “Lute, conquiste seu espaço, mas com coerência sem descer do salto. A capoeira do nosso Estado (Pará) tem excelentes capoeiristas mulheres, acredito em cada uma de vocês, então mulherada, vamos mostrar nossa força no universo da capoeira”, é porque a roda de capoeira não é um espaço democrático, onde todas podem entrar com segurança. Será que é de fato possível “lutar sem descer do salto” em espaços onde os corpos femininos não são respeitados?

Ao observar as rodas de capoeira, é perceptível que as mulheres estejam em um misto de agitação e talvez até aflição, fazendo menção corporal de entrar na roda e logo recuam, diante da situação do jogo entre homens. Algumas conseguem entrar e a maioria passa pouco tempo na roda jogando, pois, o seu jogo é com frequência logo cortado²² por homem. As falas abaixo das capoeiristas em diálogo durante um batizado e troca de corda do Associação Cultural de Capoeira Norte Brasil, Polo Cabanagem, são reveladoras:

A menina agachou no pé do berimbau para jogar com um rapaz [...] E vem um rapaz, tirou a menina. A menina caiu para traz assim que levantou. E eu observei aquilo. Eu fiquei...égua! Égua! Eu falei pra Gisele: – Viu isso Gisele? Égua! Não aguento. Eu vou lá falar com ela. Fui lá e falei com ela. Não deixe mais fazer isso com você numa roda de capoeira! [...] eu não estou podendo jogar, senão ia lá cortava e tirava o rapaz. Eu ia tirar, até porque minha graduação é mais alta que a dele. Eu ia pedir para sair, ia sair do jogo. Ia chamar a menina para jogar comigo [...] sabe?! São esses tipos de machismos, de preconceito que ainda existe contra nós mulheres [...] meu mestre já falou comigo: “Quando você estiver abaixada no pé do berimbau para você jogar e vier alguém pedindo para você sair, para não jogar, você diz: eu vou jogar,

²² Sistema de corte, é utilizado quando uma dupla se encontra jogando e outra pessoa, deseja entrar no jogo. Com isso, entra e se coloca a frente daquele jogador em cena, ao qual ele deseja tomar o lugar na roda.

depois você corta. Não, não vou sair, eu já tou aqui no pé do berimbau”. Até porque tem que respeitar. Já estou no pé do berimbau (ARLETE FÊNIX, entrevista concedida em 2016).

Ela ia sair para jogar aí ele vai e tira, ou seja, a menina nem gingou [...] certas coisas, eu não admito que aconteçam comigo. Entendeu? (YOKO, entrevista concedida em 2016).

Nas falas citadas acima, chama a atenção, o fato de utilizar as estratégias, os saberes da capoeira, com conhecimento de causa, daí a “coerência sem descer do salto” para enfrentar a opressão, tal qual a situações descritas por Jamile Pretta, a que também se refere Arlete Fênix, quando diz “[...]eu não estou podendo jogar, senão ia lá cortava e tirava o rapaz. Eu ia tirar, até porque minha graduação é mais alta que a dele. Eu ia pedir para sair, ia sair do jogo. Ia chamar a menina para jogar comigo.” São situações notórias de utilização dos saberes da capoeira, utilizados pelas mulheres para sentrapor as situações de opressão na roda. Com a postura de cortar as mulheres enquanto elas mal começam a jogar, é uma realidade da Capoeira Regional e nas demais variações, a partir desta. Na capoeira Angola o jogo segue até concluírem para então começar uma nova dupla.

No jogo da capoeira, o corpo fala, a corporeidade, é um dos elementos de cosmovisões africanas. Nessa atitude de bloquear o outro com o corpo, o corpo da mulher está com frequência, de forma brusca e até violenta, sendo interrompido no seu diálogo corporal com o outro nas rodas. Normalmente, o homem capoeirista da capoeira regional não tem a mesma atitude, com os homens. O corte acontece, mas não da mesma forma que agem com uma mulher a ponto de não permitir que ela sequer entre na roda, como no caso citado acima.

A violência também acontece quando a mulher, ao jogar com um capoeirista homem, apresenta um desempenho melhor que o homem. Mesmo a mulher não acertando nenhum dos golpes que simula, é comum o homem, com a vaidade ferida, reagir, se impondo na base da força física, agarrando e batendo na mulher. Situação que acontece independente de estilo, angola ou regional, ou outras variações, é violência, falta de respeito e ética para com o outro corpo.

No entanto observamos é lugar comum, em quase todas as rodas de regional e demais variações, chega um momento em que a mulher não consegue mais entrar na roda. A exemplo cito o ocorrido na roda em homenagem ao dia internacional da mulher em 2016, na Praça da República, onde a comemoração foi realizada pelo MCM, em parceria com o grupo que, naquele domingo do mês, sempre se apresenta na referida praça. Quando, na ocasião desejava registrar o jogo entre uma senhora capoeirista, com uma menina que sempre acompanha a mãe nas rodas do MCM. Ao comunicar minha intenção, ela me responde que naquele momento não

daria mais, pois o jogo estava muito pesado. No início eu conseguia fotografar, elas abriam espaços para mim na roda. No entanto, ao final, os homens tomaram de conta, e a roda fecha literalmente, somente uma pessoa de estatura alta consegue ver o que se passa no interior. Neste momento um casal se aproxima, o rapaz mais alto, olha o que acontece no interior da roda e convida sua acompanhante para irem embora, informando que havia se enganado, pensando que se tratava de capoeira.

Verificamos então, que mesmo em se tratando de um evento em homenagem ao dia internacional da mulher, um dia dedicado a luta contra as discriminações e opressões, uma roda de capoeira, que também era em parceria com o MCM, as mulheres eram impedidas de entrar na roda, na hora que desejavam.

Esse tipo de atitude continua a acontecer com muita frequência, a capoeira é um jogo de habilidades, brincadeiras, cheios de espertezas e mandingas e enganações. Será que as expressões que são ouvidas com frequência no universo da capoeira por homens e mulheres mascaram a realidade? – “sou capoeira independente de sexo”; “não há diferença entre homens e mulheres na roda”; “a capoeira não é violenta, quem é violento são os capoeiras”; “não existe machismo na capoeira, os capoeiras que são machistas”; “na capoeira o contato é inevitável”, “capoeira é esporte”, “a capoeira não tem religião, quem tem religião são os capoeiristas”.

Essas expressões, ao serem usadas, refletem muitas coisas, entre estas: a não responsabilidade dos homens com a violência contra a mulher na roda, da mesma forma as mulheres por sua vez, não se sentem vitimadas, dada a naturalização do sexismo, machismo e o racismo existente na capoeira.

Se um mestre, não consegue perceber as diferenças entre homem e mulher na roda, pois são, segundo a fala de um mestre angoleiro, no encontro Nzinga de 2015, ao ser questionado, afirma que só ver “guerreiros” na roda, assim mesmo no masculino, percebe-se que esse mestre não reconhece as diferenças existente em uma roda onde se canta que “capoeira é pra homem, menino e mulher”. Se esta é a visão de um mestre, que detém o mais alto grau de saber e poder na roda. Se a palavra do mestre é respeitada e as hierarquias são necessárias na capoeira, que esperança há para as mulheres com esse discurso?

O que está em jogo, segundo Foucault (2014), senão um discurso de poder que oculta as diferenças e o desejo do poder. Esse poder, “como prodigiosa maquinaria destinada a excluir” (FOUCAULT, 2014, p. 19), que inadmissível dentro de um contexto da expressão cultural fruto das diásporas africanas no Brasil, pois está, constitui-se permeada por valores ancestrais da Cosmovisão africana, entre as quais a notoriedade de saberes dos mais velhos e mais velhas, dos mestres e mestras é uma realidade e que os saberes são transmitidos de geração a geração

aos seus praticantes nas rodas e treinos; e o poder é para garantir o bem estar da comunidade respeitando todas as diferenças. Excluindo a mulher de uma forma violenta de um direito que ela também tem, o que reflete a ausência de ética e desrespeito com a diversidade, demonstrando na prática, extrema contradição com os princípios e valores ancestrais, tão falado, cujas atitudes na prática são extremamente contraditórias.

Mais estranho é que se faz uma roda em praça pública e que em dado momento as pessoas que param para assistir, não conseguem ver e quando veem, não conseguem fazer relação como a capoeira. A meu ver, nestes casos, há falta de respeito e ética, para com o outro corpo, o corpo da mulher e com a comunidade, mas também nos fala das mudanças ocorridas na prática da capoeira.

Ao conversar com um homem capoeirista angolano, por ocasião do Encontro Nzinga de Capoeira em 2015, ele afirmou que a mulher pula uma fogueira na roda de capoeira. E exemplificou, dizendo que há pouco tempo, por ocasião da roda, as meninas mal entravam e os homens logo cortavam e tiravam elas do jogo. E acrescentou, que este não era o maior problema que elas enfrentavam, pois além da discriminação e da violência física, que as mulheres passavam na roda de capoeira, elas ainda enfrentavam outra situação ainda muito mais grave: o assédio sexual.

Como revelou uma capoeirista, o assédio feito por homens casados é gritante. Porque há professor ou mestre de capoeira, que veem as suas alunas como propriedade suas. Sabe-se de casos em que a aluna não retribuía às investidas do professor ou mestre e acabava sendo humilhada nos treinos, na roda e em casos extremos, fora agredia fisicamente durante o jogo na roda. Muitas vezes em tom de ameaça lembrava a aluna que o batizado estava chegando, o que significa dizer: se não disser, que se não ceder, não será graduada. Há situações em que o professor ou mestre, não bate na mulher na roda, mas manda outro homem bater, e isso acontece muitas vezes em rodas realizadas na praça pública.

Relata ainda, que isso não é algo que aconteceu somente no passado, mas continua a acontecer de uma forma mais velada. Em muitos desses casos a mulher que apanha, ainda acha que ele não está batendo nela, ele está ensinando. Como ele é o professor ou mestre aquilo é para ela aprender, é para mostrar que ela não estava atenta ao jogo, quando na verdade ele está punindo a mulher e ela não percebe ou não quer admitir que apanha publicamente por vergonha e medo de mais punição. Isso faz com que em pouco tempo a aluna deixe a capoeira. Acrescenta que quando o casal é capoeirista e há envolvimento em situação de traição principalmente envolvendo outra mulher capoeirista, e a companheira questiona o companheiro quanto a sua postura, ele sempre qualifica o comportamento da companheira como ciúmes e quase sempre a

mesma situação descrita acima acontece. Dentre estas situações citadas, há com muita frequência casos de envolvimento desses professores ou mestres com suas alunas capoeiristas menores de idade, que são tidas como as “amantes”.

A situação vivenciada pela capoeirista Jeniffer Margarida e seu ex. companheiro e professor de capoeira no passado é bastante conhecida no meio capoeirista da cidade. Entre tantas situações humilhantes, de agressão física a que ela foi submetida pelo companheiro, ela conta que ele chegou a fazer vários disparos de revólver na frente de sua casa, em virtude disso, ela o denunciou na delegacia. Em consequência, passou a ouvir recriminações, do tipo: “como ela teve coragem de fazer isso com o pai de seus filhos?”. Esta moça, foi uma das mulheres que Silvia Pé de Anjo, encontrou e ajudou muito, e ao mesmo tempo levou-a para trabalhar junto com ela na fundação do MCM. Posteriormente, Jeniffer Margarida, teve que mudar para o Estado do Amapá com seus filhos, para poder viver com mais tranquilidade. Mesmo com a mudança, ela continua fazendo parte da coordenação do MCM. É importante destacar que este é um caso considerado enquanto feminicídio, crime hediondo segundo Código Penal vigente.

No Curso “Nas Rodas da Capoeira, Ginga História e Cultura Afro-Amazônica. Capacitação de Mestres de Capoeira nos Conteúdos da Lei 10.639/03, em 2016”²³ oferecido pela UFPA/IFCH/Casa Brasil África, em parceria com o IPHAN, onde houve um debate durante a disciplina, “Questões de Gênero na Capoeira” e, ministrada pela professora Alessandra Marinho que é capoeirista angoleira. Percebemos nas discussões muitos problemas, enfrentado pelas mulheres capoeiristas. E um destes problemas, acontece quando há intercâmbio entre as cidades, os professores ou mestres de outro Estado são “agraciados” por mestres locais com capoeiristas mulheres para os “acompanhar” durante o período das atividades nos eventos promovidos pelo grupo. Estas meninas-mulheres são chamadas de “*gueixas*” por eles. Esses “camaradas”, muitas vezes chegam ao extremo de avisar aos mestres locais que estão chegando e pedem para separar umas “*quengas*” e “*putinhas*” para eles. Na ocasião, citaram ainda o caso de uma moça no bairro do Jurunas que não aceitou o assédio e quando ela saiu do treino foi atacada por capoeiristas, que a espancaram com golpes aplicados com varas/madeira na cabeça que a levou a traumatismo craniano.

Outra situação, ocorrida envolvendo mulher paraense, aconteceu no Estado do Piauí, para onde uma capoeirista paraense, se encontrava a convite, participando de um evento. Após o momento de comemorações, se envolveu com um capoeirista e ao despertar no meio da noite, percebeu que estava sendo estuprada por três homens ao mesmo tempo, tentou resolver o

²³ Projeto de Extensão: Axé e Tambor: na UFPA promovendo a igualdade Racial. Curso de capacitação de 100 horas para os capoeirista.

problema da forma como é possível diante da situação. Ao amanhecer, relatou o ocorrido ao mestre responsável pelo evento, que nada fez. Mesmo assim, ela resolveu fazer um boletim de ocorrência policial, e ao retornar para o alojamento, os organizadores já haviam comprado sua passagem de volta para Belém e recomendaram que ela esquecesse o assunto. Após vários dias, ele recorreu as amigas e pediu o apoio do MCM. A partir de então, o envolvimento de amigas que se solidarizaram com ela em campanhas, que aconteceram nas redes sociais e também com ajuda de advogados para acompanhar o processo que continua tramitando no Piauí.

No entanto, a falta de apoio de homens e mulheres também foi marcante. Para estes a culpa é da mulher, por sair sozinha para um evento em outro Estado; por ter bebido junto com os homens; por ter consentido em se envolver sexualmente com um homem. Neste caso, tanto o estupro, um ato criminoso, assim como, a postura de culpabilizar a vítima pelo estupro sofrido é extremamente incompreensível para ser vivenciado no espaço da capoeira. A postura dentro do espaço da capoeira, um espaço coletivo, deve ser de companheirismo e de solidariedade para com a vítima. No entanto, o que se percebe é o inverso, é o apoio aos criminosos.

E a mulher ainda é duplamente culpada, pelo estupro sofrido e culpada por expor a capoeira. Ou seja, a vítima é que expõe a capoeira, não foram os estupradores que praticaram estupro coletivo. Com isso, muitas silenciam diante da pressão exercida pelos capoeiristas homens e o caso ninguém mais fala, apenas que continua tramitando o processo. Será que continua ou foi retirado o processo?



Figura 14 - Protesto das mulheres capoeiristas em rede social em apoio a companheira vítima de estupro ocorrido no Estado do Piauí em 2015.

Fonte: Arquivo do Grupo MCM no Facebook.

A capoeirista vitimada, teve a solidariedade de suas companheiras que realizaram uma performance em solidariedade, fotografaram e postaram em sinal de protesto em rede social, conforme registro abaixo: da direita para esquerda as capoeiristas Debora Neguinha, Arlete Fênix, Rebeca Leite, Gisele Tsunami, Rebeca Café e Stellão, de punho cerrado, em sinal de protesto e luto, em repúdio ao estupro sofrido por uma capoeirista paraense em atividade em evento no Estado do Piauí, por homens participantes do evento. Dessa forma, as mulheres capoeiristas fazem dos ciberespaços um espaço de exercitar o poder, de denúncia e protesto.

Diante do quadro apresentado a que são expostas as mulheres questiono – Se as mulheres e “meninas” menores de idade, aliciadas são classificadas como as “amantes”, “queixas”, “quengas” e “putinhas”. Por que os homens, professores ou mestres, que abusam dessas meninas, não são tratados como previsto nas legislações vigentes no país?

Pois é sabido que há casos em Belém, e que passaram a fazer parte da estatística de crime de feminicídio, quando a mulher que não se submeteu a exploração sexual, que não se submeteu a condição do que eles chamam de gueixas, ou seja, as meninas e mulheres que eles oferecem aos visitantes, homens capoeiristas, que vem durante os intercâmbios de capoeira, tal qual ocorreu no Bairro do Jurunas, quando os próprios companheiros capoeiristas a seguiram e atacaram a pauladas levando-a ao traumatismo craniano, uma moça por ela ter se negado a ser usada sexualmente. Este é um crime considerado feminicídio, um crime qualificado e hediondo segundo a Lei 13.104/2015.

No entanto, anterior a esta lei, o delito de assédio sexual já existia no ordenamento jurídico penal pela Lei 10.224/2001, fruto da luta dos movimentos sociais em especial dos movimentos feministas atuante em quase todo o planeta para valorização e proteção da mulher.

A lei 11.340/06, conhecida como a Lei Maria da Penha, Título I, Disposições preliminares, a saber:

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura,

à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

§ 1º O poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§ 2º Cabe à família, à sociedade e ao poder público criar as condições necessárias para o efetivo exercício dos direitos enunciados no caput.

Art. 4º Na interpretação desta Lei, serão considerados os fins sociais a que ela se destina e, especialmente, as condições peculiares das mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

É preciso destacar que o conceito de “unidade doméstica”, não se restringe apenas a moradia e habitação, mas a uma forma ampla, conforme explícito no artigo 5º, § I, “unidade doméstica” deve ser “compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculos familiar”. Do mesmo modo há que se entender segundo o artigo 7º, § III, a “violência sexual” dentre outras formas também a de induzir a mulher “a comercializar ou de utilizar de qualquer modo, a sua sexualidade”. Assim como, “assédio sexual no lugar de trabalho”, abrangido pelo conceito amplo de “violência contra a mulher”, no artigo 2º da Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher. Portanto passíveis de ser aplicada aos grupos e capoeira.

No que tange a proteção da criança e adolescentes, a Lei nº 8.069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, considerada uma das leis mais avançadas do mundo, dispõe nos quatro primeiros artigos o seguinte:

Art. 1º - Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art. 2º - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art. 3º - A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASÍLIA, 2016, p. 11)

Para complementar esta lei, em 2014, a presidenta Dilma Roussef, assina a Lei 12.650/2014 – Lei Joana Maranhão, nadadora que revelou ter sido abusada na infância por seu treinador. O abuso sexual de crianças e adolescentes é crime hediondo, inafiançável e imprescritível.

Diante do exposto, é evidente que diante dos casos que vitimizam mulheres, meninas, crianças e adolescentes, abusadas sexualmente, e assassinadas. Se estão selecionando suas alunas, para prestar serviços sexuais aos capoeiristas homens, visitantes durante os intercâmbios, ou a si mesmos, fica evidente, que há estupradores, pedófilos, aliciadores de mulheres e menores, no meio da capoeira. Não há justificativa para tais crimes continuarem impunes e as mulheres terem que silenciar e ceder às chantagens, para preservar o nome da capoeira sendo constatemente desrespeitadas.

Assim, quando eles desrespeitam as mulheres empoderadas de conhecimento, estão também desrespeitando os fundamentos da capoeira, sobre isto Gisele Tsunami, afirma ao se referir a organização das mulheres do MCM - “Aí a gente começou a estudar, a gente amadureceu, com o conceito de resistência, conceito de mulher, conceito de capoeira. (GISELE TSUNAMI, depoimento de 2016). O domínio dos instrumentos, notadamente do berimbau, foi de fundamental importância na história do MCM, investimento que mais chama a atenção com a criação da Orquestra de Berimbau.

3.3.1 - A musicalidade e a mulher na práxis capoeira

A musicalidade, é um dos elemento estruturante das sociedades africanas, “A música, a sonoridade, a melodia, o ritmo, a canção, estão presentes, de modo particular, na cultura e na história afro-brasileira,” (TRINDADE, 2006, p. 100), enquanto forma de expressão e de comunicação. Segundo Lody (2006), as identidades sonoras afrodescendentes revelam memórias, trazem estéticas musicais dos sistemas etnoculturais dos povos africanos. Nestas sociedades os sons integram momentos do dia-a-dia estando presente no tempo de festas, são fontes de contato religiosos, nas danças no teatro, nas brincadeiras sendo lúdicos e comunicadores, assumindo funções de sociabilidades e exercícios de pertencimentos. Afirma ainda que, a maioria dos instrumentos de percussão, tais como, ingome, atabaque, adufe, afoxé, tamborim, agogô, gonguê, faia (zabumba), casaca (reco-reco antropomorfo), adjá, ganzá, xaque-xaque (chocalho de flandres). Assim como, de cordas como a rabeca e o berimbau, entre tantos outros. E alguns destes fazem parte do universo musical da capoeira desempenhando papel fundamental como o atabaque e berimbau, para a instalação de uma roda de capoeira.

Os primeiras registros iconográficos da capoeira, datado de 1835, por Johann Moritz Rugendas, na obra intitulada “Dança de Guerra ou Jogar Capoeira”, já aparece a presença de tambor/atabaque sendo tocado por um personagem negro, enquanto outros dois jogam ou brincam capoeira, o que evidencia a presença da música na prática da capoeira desde longa data.

Para os autores citados acima, a musicalidade e a oralidade através do canto, carregam a história e saberes de tempos passados, rompendo as barreiras do tempo, referendando o presente, e ajudando na construção de identidade do povo negro. Onde, segundo Oliveira (2006) e Trindade (2006), a linguagem oral, tem um poder muito grande, uma vez que as tradições de transmissão de saberes, são compartilhadas e legitimadas, como força vital, assim a *oralidade* é fundamental para formação dos seres humanos. Daí a necessidade de quem as pronuncia, deter conhecimentos para que faça bom uso para a formação das novas gerações. Neste sentido, a palavra falada e cantada nas rodas de capoeira, está sempre ligada a dimensão histórica e o ponto onde ela se liga ao conhecimento a ser transmitido abrange todas as dimensões da vida.

Se fala é valorizada, a escuta feita pelos sujeitos que compõem os coletivos também deve ser valorizada ambas fazem parte do mesmo processo de construção de conhecimentos. Portanto, elementos são basilares para que o conhecimento possa ser construído e siga circulando nas rodas, e com isso contribua para construção das identidades dos sujeitos nas rodas de capoeira. Entretanto, esse conhecimento, que comunicam e ensinam através da palavra oral cantada nas *ladainhas* e *chulas* não está na perspectiva de legitimar conhecimentos ancestrais de proporcionar harmonia e bem da comunidade, pelo contrário, algumas letras de músicas acabam reforçando preconceitos e estereótipos como se pode observar abaixo em trechos de duas músicas de domínio público:

Se essa mulher fosse minha eu tirava da roda já, já.
 Dava uma surra nela até ela dizer chega
 Se essa mulher fosse minha
 Eu tirava da roda já, já.
 Dava uma surra nela até ela dizer chega.

São quatro coisas no mundo
 Que ao homem consome:
 Uma casa pingando,
 Um cavalo chotão,
 Uma mulher ciumenta,
 Um menino chorão.
 Tudo isso ele dá jeito:
 A casa ele retelha,
 O cavalo negoceia,
 O menino acalenta,
 A mulher ciumenta cai na peia.

Na primeira letra, já citada anteriormente, além da apologia à violência física explícita, há um conteúdo implícito, conforme cita Mestra Janja, no I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais (como veremos mais detalhadamente na próxima seção), onde um mestre se referiu a música, justificando que não se tratava de bater com a mão na mulher, mas de dá-lhe uma “surra de P” (referindo-se a genitália masculina), ainda segundo o mestre, isso elas gostavam. Pergunto: Há possibilidade de circular o Axé, juntamente com esses insultos e

violências a que as mulheres estão sujeitas nas rodas de capoeira? Ao se questionar o uso dessas músicas nas rodas, há sempre quem responda, tentando justificar dizendo que essas músicas são tradicionais, ou não é da capoeira e surgiu em outros espaços, como o caso do samba de roda. O que não justifica, pois tanto o samba de roda como a capoeira são expressões culturais que possuem estreita ligação, exatamente por serem herdeiras de uma tradição ancestral do povo negro. Assim como herdeiras das desvantagens sociais que recai sobre estes outros sujeitos vinculados ao período escravocrata no Brasil.

Quando se observa atentamente as rodas, quando as músicas são cantadas, percebemos o quanto os homens estão habituados a oprimir, tanto quanto as mulheres, habituadas as serem oprimidas, através da linguagem. Em nenhum momento foi percebido uma reação contrária a naturalização dessas letras, durante as rodas que observei, no entanto, há mulheres que já são sensíveis a essas questões, à exemplo, as militantes do MCM, mas ainda assim, continuam ouvindo essas letras em seus próprios grupos. São costumes que ainda persistem agredindo a existência humana, já totalmente em antagonismos com as leis referentes aos direitos humanos, vigentes na sociedade brasileira, notadamente as de proteção da mulher.

Apesar de ainda existirem esses tipos de letras de músicas nas rodas, também já se percebe mudança significativa, fruto das lutas das mulheres, como a ocorrida na letra “*Dendê de Aro Amarelo*” que se segue:

Letra Original	Letra com alteração
Oi dendê, oi dendê, Dendê de aro amarelo Eu vou dizer a dendê: <u>Sou homem, não sou mulher.</u>	Oi dendê, oi dendê, Dendê de aro amarelo Eu vou dizer a dendê: <u>Tem homem e tem mulher</u>

A mudança ocorreu trocando a letra apenas do trecho problema- “Sou homem, não sou mulher” que expressa sexismo, machismo, misoginia e homofobia, por uma letra que reflete afirmação e inclusão: “*Tem homem e tem mulher*”. Esta mudança na letra “serve, portanto, para advogar o princípio de que as rodas de capoeira são um espaço de mediação social, onde não deve haver discriminação de sexo, idade ou raça.” (MARINHO, 2006, p. 32).

Tanto a Mestre Janja por ocasião do colóquio em 2016, quanto Mestre Marrom, do Rio de Janeiro, durante evento da Associação de Capoeira Berimbau Brasil, ambos da capoeira angola, afirmaram que essa mudança foi fruto de muita luta das mulheres, não aconteceu porque os homens capoeiristas e mestres reconheceram. Isso evidencia uma coisa: as mulheres

capoeiristas paraenses estão a ensinar os demais capoeiristas, como afirmou *Mestre Pastinha* “mestre é aquele que dá lição”.

O protagonismo e os saberes ancestrais das mulheres na práxis capoeira, também se encontra nas letra da música que se canta nas rodas de capoeira no Pará. A Música de Carolina Soares²⁴ “Mulher na roda/ Não é pra enfeitar/Mulher na roda/É pra ensinar/Já passou aquele tempo/Que era só bater pandeiro/Bater palma e cantar coro/Pra poder ganhar terreno”, Fala da roda como um território importante conquistado pelas mulheres capoeiristas, mas sobretudo por ser uma mulher cantadora, gravando música de capoeira, mas como desabafou a Gisele Tsunami e Arlete Fênix, o controle masculino ainda é intenso:

Tem um atabaque, um pandeiro, três berimbaus, um agogô. Tem uma mulher, o resto tudo é homem. Aí alguém vai querer entrar. Ele vai na mulher. Ele não vai no Berimbau, no cara que está a mais tempo e cansado. Ele vai na mulher. Ele vai tirar a mulher. Você pode observar, por que é deles formal. É o machismo já incrustado. (ARLETE FÊNIX, entrevista concedida em 2016).

Sobre a mesma questão a fala da professora Arlete Fênix é reveladora:

Eu canto, eu toco. Aí eu tou no berimbau aqui. E tem o Gunga²⁵, aqui do meu lado que é homem. Tem outro homem, aqui. Eu tou aqui no meio. Só estou eu de mulher, mas estou do lado do Gunga. A pessoa não quer mais cantar. Isso no meu grupo acontece. E aí estou aqui, eu canto. O certo é pedir aqui, professora? Eu posso até ser mais graduada, mas não, ele olha para todos os lados. Vai procurar alguém para pedir para cantar, para eu não cantar. Para eu não cantar. Entendeu? Antes eu deixava acontecer isso, agora não. Agora eu não deixo. Se eu quiser cantar, quando o Gunga não quiser mais. Eu não posso atropelar o Gunga né? Eu tenho que esperar, eu posso pedir, mas eu não deixo mais. Eu vou cantar! [...] A gente não deixa isso acontecer. Então é dessa forma que a gente vai lutando. Vai lutando para tirar a ideia que nós mulheres na roda de capoeira não temos valor nenhum. Já foi o tempo que mulher só era para bater palma e cantar coro. Hoje em dia, não. Hoje em dia não. Como diz a música da Metralhadora “Hoje em dia a gente já comanda”. Nós mulheres comandamos uma roda de Capoeira! Então a gente não tem mais que ficar só nessa esperando a hora: – Ah! Se der ela joga, se der ela canta, se der ela toca, se não tiver ninguém mais. Não, a gente já está se posicionando de uma outra forma. É uma maneira da gente tá passando por cima desse preconceito, desse machismo né? A gente não tá mais aceitando isso. Tem muitas que ainda são submissas. Nós não! (Arlete Fênix, entrevista concedida em 2016)

A música Metralhadora²⁶, “Paredão zangado/ Grave tá batendo/Médio tá no talo/Corneta tá doendo/Pega metralhadora!/Trá, trá,trá, trá, trá/As que comandam vão no trá/Trá, trá, trá, trá,

²⁴ Carolina Soares é cantora de músicas de capoeira.

²⁵ Berimbau Gunga, é ele que comanda a roda. Ou seja, e seu tocador capoeirista graduado.

²⁶ Metralhadora, da Banda Vingadora, composição de Micaella do Álbum: Vem ne mim – disponível em: <https://www.letras.mus.br/banda-vingadora/paredao-metralhadora/> consultada em 10/03/2016.

trá.”, ao qual se refere a interlocutora, é um estilo de música de bandas alternativas de *Funk*, composta por mulheres, cujas letras vem em resposta as letras sexistas e machistas das bandas masculinas, que classificam as mulheres com termos pejorativos, tais como: Cachorras, potrancas.

Paredão a que se refere são paredes de caixas de som de música eletrônica, muito utilizado nos bailes de *funk*. No entanto, sabe-se que há outros significados imbricados nesta letra, tais como, a violência e sexo em grupo, que também é realidade nos bailes. Isso revela que as mulheres de periferia, também estão se posicionando de outra forma, assumindo e comandando, com suas bandas, os bailes de *funk*. Da mesma forma, é o que as mulheres capoeiristas já estão fazendo, comandando as rodas de capoeira, assumindo um lugar que também é direito delas, tal como no funk. Elas estão se apropriando dos conhecimentos inerentes a práxis da capoeira, e tocar e cantar, faz parte deste aprendizado, como revela a imagem abaixo, uma orquestra de capoeira angola, composta somente por mulheres durante um Evento Internacional de Capoeira promovido pela Associação de Capoeira Berimbau Brasil no CENTUR, em 2016, em atividades conduzidas pelo Mestre João Grande. Neste registro fotográfico, Mestre João Grande se encontra ao centro, de roupas e boina branca, orientando as tocadoras de berimbau. Nos instrumentos da esquerda para direita: no reco reco, Rosinha; no agogô, Yoko; no pandeiro Bomba; Berimbau médio, Andreza Miudinha; Berimbau Gunga, Jamile Pretta; Berimbau viola, Elaine Santos; pandeiro, Fernanda Panky e no atabaque Camila Rodrigues.



Figura 15 - Orquestra de capoeira angola composta por mulheres, CENTUR, Belém-Pará.
Fonte: Acervo da autora.

Nesta imagem, tem-se o protagonismo das mulheres na Orquestra de capoeira angola, composta só por mulheres durante evento promovido pela Associação de Capoeira Berimbau Brasil, em um processo de aprendizado, conduzida pelo Mestre João Grande, um dos mais velhos mestres de capoeira angola baiano, aluno de Mestre Pastinha. Há muitos anos Mestre João Grande mora e trabalha com capoeira nos Estados Unidos. Vê-se que as mulheres dominam a arte de tocar os instrumentos usados na Capoeira. Jamile Pretta, detém o Gunga e o poder de cantar e comandar a roda, ou seja, a tocadora que se encontra com Gunga comanda a roda de capoeira, ditando as regras do jogo de angola, permitindo a entrada no jogo, no momento certo e o tempo de duração do jogo. Tudo que um homem mestre faz quando se encontra tocando o gunga.

Na relação estabelecida neste caso, vem de encontro aos pensamentos de Foucault (1997), quando afirma, que o poder não está localizado em nenhuma parte, ele funciona como uma rede de dispositivos e mecanismos difícil de escapar, ou até mesmo, não é algo que alguém o detenha, ele é algo que se exerce que se efetua e funciona, é difícil repensar, dialogar ou romper quando essas relações estão pautadas na tradição hierárquica como é o caso da capoeira. Embora sejam tradições rearranjadas. Neste caso, a hierarquia foi rearranjada, uma vez que a capoeirista mais graduada daquele grupo não estava naquele momento com o gunga, estando Jamile Pretta a anfitriã do grupo que promoveu o evento, tocando o berimbau.

Este foi um momento importante de quebra de paradigma para o empoderamento de mulheres capoeiristas, como nunca percebi antes nas rodas e eventos de intercâmbio de capoeira. Um homem mestre propor uma orquestra somente de mulheres, onde elas tocaram e os homens e mulheres jogaram: prova incontestável que, o precisa é oportunidade.

A orquestra é um dos espaços de disputa pelo poder dentro da roda de capoeira, onde quem toca o Gunga, comanda a roda, esse lugar assegurando a dominação masculina durante a roda. E onde há poder, há resistência e não há lugar de resistência sem estratégias que permite a disputa. E para as mulheres, além do conhecimento dos domínios das técnicas de jogo, dos saberes tradicionais, incluindo a música, elas estão criando estratégias de resistência e também de protagonismo para além de tocar e cantar. Elas também, investem no aprendizado, do artesanato com a construção dos instrumentos utilizados na roda, como o caxixi e berimbau.

Nas as fotografias (figuras 17 e 18), mostra a imagem da Oficina de Caxixi²⁷, ministrada em 2015, pelo Mestre Bezerra, na programação do Centro Cultural Capoeira

²⁷ Instrumento de palha trançada sobre uma tampa circular de cabaça, tipo chocalho em forma da campânula recheada com sementes, com alça no vertece. Na capoeira é utilizada pelo músico, junto com o berimbau.

Regional Mestre Caiçara. Na fotografia (figura 19), mostra experiência da capoeirista Cintia Angel na fase inicial da confecção do berimbau, descascando a verga. De acordo com a capoeirista Cyntia Angel, esse aprendizado torna a mulher uma capoeirista completa: “E para o aprendizado ser completo, importante começar do início: tirar a casca e preparar minha verga e, também valorizar o trabalho artesão e a ancestralidade da nossa Nobre Arte”. A fotografia (figura 20) de Ingrid Japinha, experienciando a fabricação do berimbau, na fase de lixamento da verga, com Treinel Magno Aragão, no quintal de sua casa, em Icoaraci – no Paracuri II em 2015.



Figura 16 e 17 - Confecção de caxixi.

Fonte: Acervo da autora



Figura 18 – Confecção de berimbau Cintia Angel.

Fonte: Acervo Cintia Angel



Figura 19 - Ingrid Japinha e Magno Aragão na Confecção.

Fonte: Acervo Ingrid Japinha

Além de tocar, cantar e construir instrumentos, a mulher também compõe músicas de capoeira, como fez Silvia Pé de Anjo, autora da letra e música Dandara Guerreira. A Segunda letra dedicada as mulheres de título, “Balança a Roseira”, Mestre Abil, compôs a primeira estrofe e o refrão e presentou as mulheres que em parceria concluíram a composição.

Balança Roseira

A mulher na capoeira
 É bonita de se vê
 Vou pegar meu berimbau
 Vou tocar só pra você
 O que o mestre me ensinou
 Eu agora vou fazer
 Com mandinga e malícia
 Jogo dentro pra valer
 (Refrão)
 Balança roseira
 Tem mulher na capoeira
 Balança a roseira
 Ela é valente, ela é guerreira.

Hoje eu rezo pro meu guia
 Peço pro meu orixá
 Que proteja meus caminhos
 Quando na roda entrar
 Berimbau ta arretado
 E o pandeiro ta perfeito
 Meu amor ta esperando
 O que eu sei fazer com jeito
 (Refrão)
 Olha aí meu camarada
 Ouça o que vou falar
 O meu jogo tem feitiço
 Cuidado vai te pegar
 Hoje é dia de festa
 E as meninas vão jogar
 Conquistando seu espaço
 Na capoeira do Pará
 (Refrão)

Dandara Guerreira

Vou contar uma história
 Que o meu mestre me ensinou
 Da guerreira dos Palmares
 Que lutou por seu amor

Seu grito de liberdade
 Sufocava o coração
 Com garra e coragem
 Disse não à escravidão

Trouxe força e esperança
 Pro seu povo libertar
 Vou contar o seu segredo
 O seu segredo foi amar

Era bela e formosa
 Encantou e Rei Zumbi
 Conte agora a sua história
 Vim aqui para ouvir

Pra Palmares eu fugi
 Em Palmares eu lutei
 SOU DANDARA
 SOU GUERREIRA
 Hoje eu me libertei

3.3.2 - Rodas de vivências e ensino da capoeira

Muitas mulheres capoeiristas, que possuem graduação alta, mantêm seus polos ou núcleos, ensinam capoeira e são respeitadas pelos seus alunos e alunas como detentoras de conhecimentos, estando sempre vinculadas aos seus mestres, que possuem em mais alto grau os fundamentos da capoeira. Com isso, é frequente seus alunos e alunas serem batizados ou trocarem de cordas no mesmo evento em que elas também trocam.

Essas mulheres tem uma participação importante na ampliação de atendimento dos grupos e ou associação de Capoeira, contribuindo para o atendimento, principalmente de crianças e jovens de ambos os sexos, ampliando com isso o número de capoeiristas dos grupos. Dentre tantas mulheres que trabalham com a capoeira, apresentaremos algumas ações desenvolvidas por mulheres com e para a capoeira, que acompanhamos/presenciamos e entendemos ser interessante ressaltar.

A primeira experiência é da instrutora Carol Pitchula que atua com o ensino da capoeira, junto a polos da Associação de Capoeira Luta Nossa, que tem a frente Mestre Chaguinha, que também é seu pai, tendo contribuído para graduação de muitos capoeiristas homens e mulheres mais novos na capoeira. Além desse compromisso com seu grupo, também atua profissionalmente com o ensino da capoeira em uma escola particular, Escola Rainha da Paz. Paralelo a essas atividades e treinos de capoeira, conforme vimos na tabela acima, também desenvolve atividade profissional no DETRAN, como auxiliar administrativo.

No ano de 2016, seu grupo realizou dois eventos de Batizados e troca de cordas, um no primeiro semestre e o outro no segundo semestre. No primeiro, em 21 de fevereiro de 2016, foram batizados e trocaram cordas capoeiristas que Carol Pitchula também, ajudou a formar, a exemplo, cito o polo do bairro do Barreiro, situado na periferia da Belém. Neste mesmo evento, seu Mestre e Pai, lhe proporcionou uma surpresa, quando anunciou que sua filha iria trocar de corda. Assim, ela foi uma das primeiras alunas a ser chamada, pois neste dia iria fazer prova do Exame Nacional de Ensino Medio - ENEM.

É importante ressaltar, que ao anunciar a troca de corda de Carol Pitchula, ele sentiu a necessidade de justificar que o fez, não por que ela era mulher, ou por ser sua filha, mas que já estava há muito tempo com a mesma corda. Afirmando que pensou bastante sobre a questão chegando à conclusão que ela merecia mesmo. E complementou, dizendo que todos sabiam que ela era uma “*mulher filha*”, do seu grupo, essa é uma expressão que ele usa com frequência. Assim, ela troca a corda de monitora para instrutora, em uma roda de capoeira, no dia 21 de fevereiro de 2016, no Anfiteatro da Praça Republica- Belém-Pa, conforme os registros abaixo, no mesmo momento que alunos que ela ajudou a formar, e a cuidar dos mais novos, e ao mesmo tempo em que atuou na organização do evento. Troca de corda da Capoeirista Carol Pitchula (Figura 20) aluna e filha de Mestre Chaguinha, no segundo registro (Figura 21), Carol Pitchula preparando aluno para batizado no mesmo evento.



Figura 20 e 21 - Troca de Corda de Carol Pitchula e preparando aluno para batizado.
Fonte: Arquivo da autora.

O pronunciamento do mestre e essas imagens revelam muito sobre o que acontece no mundo da capoeira, pois os mestres normalmente não justificam porque estão batizando ou trocando a corda de um homem, no entanto já precisam justificar a troca de corda de uma mulher, filha de mestre, pois a situação parece mais delicada. Como disse Gisele “parece que eles ficam pensando, se troca ou não troca ou o que vão pensar.” (Gisele Tsunami, entrevista concedida em 2016), destacando a questão do merecimento.



Figura 22 - Carol Pitchula em atividade com seus alunos na Escola Rainha da Paz.
Fonte: Acervo da autora.

Entre as atividades que Carol Pitchula desenvolve, destaca-se sua atuação profissional, como professora de capoeira (Figura 23), em uma escola particular, como já citado acima, a Escola Rainha da Paz, atendendo estudantes do primeiro segmento do ensino fundamental, que optam entre a disciplina Educação Física e as aulas de Capoeira. Com isso, Carol Pitchula tem alunos de todas as turmas, atendendo uma vez por semana. A maioria de seus alunos, já possuem

graduação (graduação infantil). O batizado ou troca de corda destes alunos (figuras 23 a 29) ocorre junto ao grupo, ao qual ela pertence, embora os alunos sejam da instituição escolar e não do grupo. Seus uniformes de capoeira não são do grupo da professora, mas sim com a marca de capoeira da Escola Rainha da Paz.

Neste trabalho ela atende meninos e meninas, inclusive alunos com deficiência física, cadeirante. O apoio e acompanhamento de professores e pais das crianças é importante para o desenvolvimento do trabalho.

No domingo, dia 06 de novembro de 2016, cheguei cedo na Praça da República, no anfiteatro, quando os vendedores, ainda estavam montando suas barracas na Feira do Artesanato. Queria registrar a chegada dos alunos da escola particular, e se iriam de fato para o evento, fora do ambiente escolar. Para minha surpresa, já havia professores da escola e mães, com seus filhos e devidamente uniformizados com a roupa da capoeira, a correr pela praça. Aos poucos, os demais foram chegando. Chamou minha atenção apenas uma menina negra, conseguir chegar para o batizado. Ao procurar saber porque as demais meninas não estavam presentes, ela informa, que devido outra atividade ter sido desenvolvida na escola no sábado, dificultou para as famílias levarem algumas crianças à praça, mas que estas iriam receber suas cordas na própria escola. O aluno cadeirante, também chegou junto com sua mãe, que assim, como as demais não perderam a oportunidade de registrar seus filhos em contatos com muitos mestres sendo batizados ou trocando corda.

A única menina que participou do evento, ao ser chamada e anunciada a corda que iria receber, sua mãe se pronunciou prontamente, justificando que não poderia ser aquela corda anunciada, pois sua filha já a possuía, informando a cor correta da corda que ela deveria receber. A professora Carol Pitchula, havia se enganado na hora de anunciar e a questão foi resolvida rapidamente. Com isso, ficou claro que a mãe acompanha e valoriza o trabalho que é desenvolvido na escola. Será que para essa mãe, uma mulher negra, essa expressão cultural e esse ritual de origem negra, proporcionada à sua filha na escola não é mais significativo que para as demais não-negras? Essa mãe assim como a de menino cadeirante, além dos registros fotográficos, esteve sempre muito envolvida com a filha, e ajudando o mestre a trocar a corda de sua menina.



Figura 23 Figura 24 - Treino com os alunos capoeiristas de Carol Pitchula.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 25, 26 ,27, 28, 29 – Cerimônia de Batizado e Troca de cordas alunos de Carol Pitchula.

Fonte: Acervo da autora

Embora, ainda tenhamos muito o que refletir sobre a prática da capoeira na escola, pois os princípios educativos desenvolvidos na instituição escola, nada guarda de similaridade com os princípios educativos da capoeira. Temos que refletir sobre essa importância, uma vez que a capoeira, enquanto uma ação, envolve comunidade e família e evidência a existência de sujeitos que adentram escola com suas identidades, diversidade étnica, racial que precisam ser atendidas. O conhecimento na capoeira eles não são compartimentalizados, em caixinhas, ou seja, com o currículo organizado de forma seriada ou ciclo. O conhecimento não é ministrado,

única e exclusivamente pelo Mestre ou professor de capoeira: no lugar onde se ensina capoeira. os alunos mais velhos ensinam os mais novos na capoeira, independente de idade ou sexo.

No entanto é uma possibilidade interessante contemplar a diversidade cultural existente, através de um currículo diversificado e para os alunos opcional. Ainda que enquanto uma atividade que faz parte do desenho curricular, de certa forma ainda é tratada na superfície, ou seja, não há vínculo maior com as demais disciplinas, da mesma forma que também não há com a disciplina educação física. Porém, neste primeiro momento de pesquisa, não se percebe a folclorização dessa expressão cultural de resistência do povo negro.

Mais interessante é saber, que este é um trabalho que começou a ser desenvolvido pelo Mestre Chaguinha, por ser valorizado, posteriormente sua filha passou a assumir a condução do trabalho, mas a presença do mestre é muito forte junto aos alunos, tendo criança que não aceitou ser batizada por outro mestre, isso fez Mestre Chaguinha entrar na roda com ele. No entanto, estes alunos não são da Associação de Capoeira Luta Nossa, são alunos da escola. Em suas camisas, está escrito nas costas, a palavra “Capoeira” e imagem estilizada da Santa e na frente – “Escola Rainha da Paz”, acompanhada de imagem da santa.

Percebe-se também que não há perspectiva de continuidade de aprendizagem na capoeira neste coletivo, uma vez que, quando os alunos concluírem o nível escolar oferecido pela referida escola, estes só poderão prosseguir na capoeira se migrarem ou para grupo/associação de sua professora de capoeira ou escolherem outro grupo. Segundo a professora, isso é muito difícil, pois são crianças e não há polos de seu grupo próximo a eles, e a maioria dos grupos se encontram nas periferias da cidade.

Essa é uma experiência que merece atenção e investigação, pois, o outro ponto importante a ressaltar, foi observado durante o batizado dos alunos da escola, junto com alunos da comunidade que pertencem a Associação Luta Nossa, pois, a princípio pareciam dois mundos completamente diferentes, as crianças se olhavam de forma curiosa e estranha. Foi a prática da capoeira, mesmo naqueles breves instantes circunscritos em um evento de batizado e troca de cordas em uma roda de rua em praça pública, que fez aproximar as diferenças que estavam marcadas nos corpos daquelas crianças, provavelmente moradoras de espaços diferenciados. Pois os alunos capoeiristas da escola, segundo informação da professora Carol Pitchula, moram nas imediações da escola e os capoeiristas da Associação Luta Nossa, são de da periferia de Belém, do bairro do Barreiro e outros procedentes do município de Marituba, que faz parte da área metropolitana.

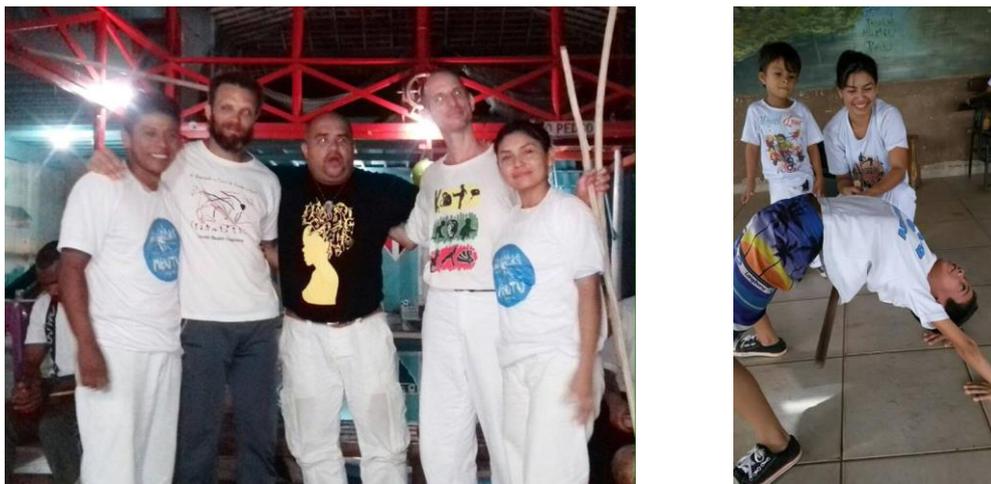


Figura 30 e 31 - Ingrid Japinha em atividade com lideranças de seu Grupo e na segunda no treino com alunos crianças.

Fonte: Arquivo Ingrid Japinha.

A segunda experiência que trago é a da capoeirista angoleira, Ingrid Siqueira – Japinha, faz parte do Grupo Mbutu Angola, do Contra Mestre Rafael de São Paulo, tem um núcleo em Belém, sob a responsabilidade de Magno Aragão – Nego, o início de Ingrid Japinha, foi na Associação de Capoeira Berimbau Brasil, iniciando em 2005, informa que parou de treinar um tempo e retorna para o mesmo grupo, porém em 2014 “me encontro com a capoeira Angola me apaixono e saio do Berimbau Brasil. E hoje estou na luta pela capoeira Angola, sou aluna em busca de saberes da Capoeira Angola para que um dia eu possa passar os conhecimentos adquiridos de maneira responsável e fiel quanto aos seus fundamentos e tradições”. Japinha é um exemplo de mulheres capoeiristas que tem uma longa vivência com a capoeira, mesmo tendo trocado não apenas de grupo, mas fez a opção de recomeçar/continuar o aprendizado na Capoeira Angola.

Enquanto aprende, Ingrid Japinha também contribui, ensinando aos mais novos em seu grupo, algo que é inerente à prática da capoeira, que não segrega alunos, pois estão sempre em intensa interação, em verdadeira relação dialógica que, “deve ser entendido como algo que faz parte da natureza histórica dos seres humanos” (FREIRE, SHOR, 1986, p. 122). Onde, os mais novos e os mais velhos, estão sempre em intensa relação num mesmo espaço de aprendizagem. Onde uma/um capoeirista com um nível de conhecimento elevado, que também é expresso em graduações, juntos no mesmo espaço de aprendizagem, com uma/um iniciante. Pois, na prática da capoeira não há classes/séries de iniciantes e de mais avançados, ou por qualquer diferença dentro do mesmo grupo. O que não se percebe, nos processos de educação institucionalizada, seja da educação básica ou no ensino superior.



Figura 32 e 33 - Oficina de caxixi

Fonte: Acervo Autora.

A terceira experiência observada, foi da capoeirista Yoko, com a “Oficina de Caxixis” realizada em 26 de setembro de 2015, em parceria com mestrando Marcelo e os Mestres Caiçara e Sorriso. Yoko é engajada com o ensino da capoeira no polo do Centro Cultural de Capoeira Regional de Mestre Caiçara, no bairro do Barreiro. A participação de Yoko, se percebe desde o planejamento e organização, estendendo-se na implementação da oficina, que como todo encontro de estudo, sempre contempla o treino de capoeira, que neste dia foi conduzida pela capoeirista Instrutora Yoko e culmina com a roda de capoeira. Foi observado Yoko sendo uma anfitriã, recebendo, conduzindo e servindo os capoeiristas juntamente com companheiro de polo de seu grupo Mestrando Marcelo.



Figura 34 e 35 - Vivência de capoeira conduzida por Yoko.

Fonte: Acervo Autora.

A Oficina de Caxixi, foi ministrada por Mestre Bezerra da qual participaram capoeiristas mulheres e homens de diferentes grupos, graduações e faixas etárias. Da esquerda para direita: Mestre Bezerra ministrando Oficina de Caxixi e na segunda, Yoko na organização e ministrando Vivência de Capoeira em 2015, antes de finalizar com uma roda de capoeira.

A quarta experiência é de Denilce Rabelo Borges – Sereia, faz parte do União Capoeira Associados- UCA, Mestre Abel Xerfan. Denilce Sereia é Professora da UEPA, Mestre em Geografia- UFPA e Especialista em Políticas de Promoção para Igualdade Racial na Escola-UFPA. Diante de nossas agendas atribuladas, solicitei a Denilce Sereia que escrevesse para mim, relatando sobre três ações em que ela esteve envolvida entre 2015 e 2016, e que foram extremamente significativas para sua história. São elas, o processo de Eleição Nacional para o Conselho Nacional de Política Cultural- CNPC, em 2015, para atuação por dois anos; Vídeo documentário como TCC/UFPA- 2016, e o filme curta metragem documentário “Capoeira Honoris Causa” com apoio do MinC, sobre capoeira, em 2016.

O CNPC, é um órgão integrante do MinC que tem como objetivos a saber: propor e formular políticas na área da cultura; e articular o debate entre governo e a sociedade civil, para desenvolver as atividades culturais no território nacional. É uma instância fundamental para efetivar as políticas culturais no país, precisando ter representadas em sua estrutura, as linguagens artísticas, as identidades e as manifestações culturais. É importante que a representação dos diferentes setores culturais como artes visuais, circo, teatro, culturas populares, dança, entre outros, seja feita por meio de colegiados. Uma vez formalizado um colegiado, o setor poderá colocar em pauta suas necessidades específicas, desde o reconhecimento social até os meios de financiamento. O CNPC é composto por quatorze setoriais das áreas técnico-artísticas, integradas por decreto nº 5.520, de 24 agosto de 2005, e da portaria 28, de 19 de março de 2010, dentre estas setoriais consta o Colegiado de Patrimônio Imaterial, composto da seguinte forma:

O Colegiado é composto por 10 membros da sociedade civil, sendo 15 (quinze) titulares e 15 (quinze) suplentes, e do poder público 10 (dez) representantes, sendo 5 (cinco) titulares e 5 (cinco) suplentes. Cada colegiado possui sua representação no plenário, sendo 1 (um) titular e 1 (um) suplente, ambos designados pelo respectivo colegiado setorial. Compete ao Plenário do Colegiado de Patrimônio Imaterial: debater, analisar, acompanhar, solicitar informações e fornecer subsídios ao CNPC para a definição de políticas, diretrizes e estratégias relacionadas ao setor. (MINC/CNPC, 2015)

Sobre o processo de eleição deste colegiado, trago na íntegra o relato da Denilce Sereia, falando a respeito da sua experiência e percepção durante o processo de eleição junto ao ministério da Cultura – Setorial de Patrimônio Imaterial do Pará. Quando a capoeira lançou sua candidata do Estado do Pará, para representar junto ao Ministério da Cultura – Setorial de Patrimônio Imaterial do Pará.

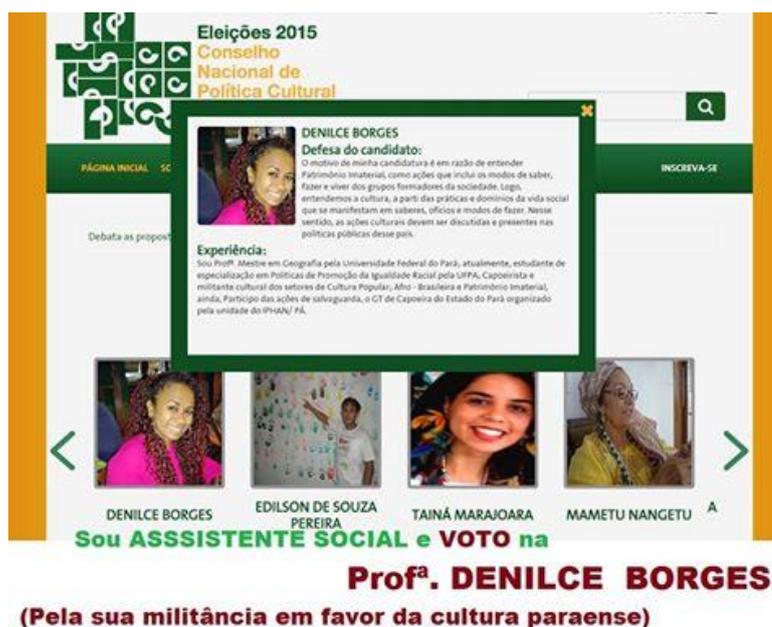


Figura 36 , 37 e 38 - Materiais da campanha de Denilce Sereia a de eleições do CNPC- MinC, em 2015.

Fonte: Arquivo de Denilce Sereia Facebook

A campanha de Denilce Sereia foi marcante e intensa, no corpo a corpo, junto aos capoeiristas durante os eventos e rodas de capoeira, na faculdade local de trabalho, e utilizando as redes sociais para divulgação. Onde utilizou os materiais do Site Governamental, para divulgar sua campanha no seu perfil do Facebook e WhatsApp, compartilhando com seus contatos e amigos, e recebendo grande apoio da comunidade capoeiristas de Belém.

Essa oportunidade do Pará ter voz, mostrando quais são nossas dificuldades e perspectivas enquanto segmento cultural. Quem ainda não votou, contamos com a sua ajuda para concretizarmos essa oportunidade. Vote no setorial do patrimônio imaterial na nossa representante da capoeira Denilce Borges

(formada Sereia). (Postagem de amiga capoeirista, em rede social, capturado em 18 set. 2015)

Amigos vamos divulgar! E votar! É muito fácil. Só entrar no site... (Postagem de Denilce Sereia, capturada em rede social em 18 set. 2015)

A professora universitária Denilce Rabelo Borges, nossa amiga, é candidata pelo Estado do Pará para nos representar no Ministério da Cultura – Setorial de Patrimônio Imaterial do Pará. Obrigado pela sua atenção e juntos vamos votar na competente profissional. É simples, entre no site. (Postagem de Amigo, Professor universitário em rede social, capturada em 18 set. 2015).

Ao solicitar para escrever sobre sua experiência, Denilce Sereia nos apresenta seus escritos. Trago na íntegra seu pensamento, extremamente revelador, sobre a sua participação na eleição para o Conselho Nacional de Políticas Públicas.

Em 2015, após ter informações obtidas pelo IPHAN/ BELÉM, sobre o Conselho Nacional de Políticas Cultural, nós da capoeira deixamos nossas indiferenças de lado, e sentamos para nos organizar enquanto movimento de resistência e lança uma candidatura ao conselho, no final das reuniões, o coletivo decidiu me lançar como candidata a uma vaga a delegada do Setorial de Patrimônio imaterial, a qual a capoeira pertence, a aceitação inicial fora unanime em razão de sempre participar das atividades realizadas tanto pelo IPHAN/ Belém, como em outras instituições, levando a bandeira da capoeira. Éramos novos no processo, mas iniciamos a candidatura que fora realizado por um sistema online do ministério da cultura.

“Vale ressalta minha surpresa com tal eleição, obtive a 2º maior votação do Brasil, obtendo um total de 597 votos” os capoeiristas têm muitas dificuldades no manuseio das ferramentas digitais, informativa, nesse sentido, foram inúmeros os pedidos de ajuda para realizar a votação.

No mês de outubro de 2015, os delegados foram convocados para a primeira reunião dos setoriais na cidade de Serra Talhada, no Sergipe, no processo eletivo que ocorre dos setoriais internamente, ou seja, cada setorial houve outra eleição para quem iria ocupar os cargos de conselhos, nessa eleição organizado por chapa, foi lançada a candidatura de titular da capoeira de conselheira, esse fato provocou a insatisfação de um mestre de capoeira do Rio de Janeiro, nos seus argumento, afirmava que eu não deveria está naquela posição, uma vez que era aluna, não mestre ou mesmo graduada. Demonstrou em seu argumento, uma selvageria machista sem procedência.

Isto ficou confirmado, ao ser informada que o seguinte mestre havia feito um grupo de WhatsApp, no qual o mesmo estava a me difamar, dizendo que havia uma capoeira que estava contra a capoeira, inclusive um outro colega que estava presente nesse encontro, ao tratar do tema nesse grupo, informando que as coisas não eram exatamente dessa forma recebeu um áudio em que capoeiras de outros estados entre eles Rio de Janeiro, Brasília, Teresina estavam a me “xingar” *“Eu não conheço essa Sereia, nem sei quem é ela, eu quero que ela se foda”* – *“mestre você tem que tirar essa mulher daí, a base de martelo”*, alguns dos áudios que ouvi.

Para efeito de informação, fui assediada sexualmente e moralmente, digo sexual, posto que, percebi interesse por parte do dito mestre, moralmente, posto que fui levada a uma sala, para tentarem me convencer a liberar a vaga de titular e dar apoio ao mesmo, não fiz nenhuma das coisas. No final do processo minha chapa perdeu, fiquei como suplente de um outro capoeira que ficou como titular. (DENILCE SEREIA, entrevista concedida em 2017).

Apesar da expressiva votação, sendo a segunda mais votada, mesmo assim não conseguiu ser a titular a nível nacional, ficando na suplência de um candidato de outro Estado. Uma rápida análise dos dados apresentados neste relato, verificamos questões que são lugar comum nos relatos das mulheres capoeiristas, enfrentadas no mundo da capoeira, o sexismo e machismo. Na divulgação da eleição não havia nenhum quesito que inviabilizasse a candidatura de uma mulher não-mestra, da cultura popular e o resultado da eleição mostra uma quantidade expressiva de mulheres conselheiras como titulares, num total em torno de sete, para um total em torno de sete homens, dentre estes, um coordenador, esclarecendo que há dois integrantes sendo um homem e uma mulher sem informação, provavelmente os candidatos retiraram suas informações do site.

As mulheres que elegeram um maior número de candidatas, cresceu o número de suplentes para onze, já os homens, que elegeram um número menor de candidatos, ficam com quatro suplentes. No total de trinta conselheiros, entre titulares e suplentes foram eleitos dezenove mulheres e onze homens, mesmo assim a coordenação fica com um homem.

No entanto, o regimento interno, afirma que o CNPC, é um instrumento para afirmação dos direitos culturais e que tenta abranger toda a complexidade e diversidade da cultura brasileira. E que com a constituição de 1988, houve alargamento do espaço democrático, o que foi ampliado a partir de 2003, quando diferentes órgãos da administração pública passaram a estimular e a contar com a participação da cidadania para definição de políticas públicas, através de conselhos, conferências e outros instrumentos de participação social.

No entanto, os homens capoeiristas, mesmo em um espaço, em que não se trata da prática da capoeira ou de um grupo de capoeira, utiliza o mesmo discurso machista e misógino, centrado na hierarquia, para impedir, para negar, a oportunidade da mulher assumir a condição de conselheira titular da capoeira.

Para leitoras/es que não são da capoeira convém esclarecer: Quando um homem capoeirista diz: “tem que tirar ela daí a base de martelo”, significa, tirar a segunda mais votada Conselheira do jogo utilizando golpes da própria capoeira, no caso citado, o “martelo”, golpe traumatizante que pode causar sérias lesões. Este tipo de postura não significa apenas uma linguagem figurada, significa postura violenta dos homens contra as mulheres, tão presente nas letras das músicas de capoeira, já citado anteriormente.

Diante do exposto, pergunta-se: que contribuição um homem com esse tipo de postura, extremamente machista colonialista e misógina pode oferecer para construção de políticas públicas que contemple as diversidades?

Todas as mulheres conselheiras estavam ocupando um espaço para o qual elas se disponibilizaram a concorrer e foram eleitas. Portanto, o espaço conquistado por Denilce Sereia é um espaço conquistado por direito.

Dentre os projetos que realizou entre 2015 a 2016, um deles refere-se à produção de um filme documentário de curta metragem, cujo título é: “*Capoeira Honoris Causa*”.

É um filme que dignifica a prática da capoeira no Pará e faz uma grande homenagem a capoeira do Estado, para isso, partimos de um dos Mestres mais antigos, como Mestre Bezerra, que busca ser reconhecido como Dr. Honoris Causa, pela Universidade Federal do Pará. O roteiro continua tratando das diversas formas de expressão da capoeira no Estado, entrelaçando com o cotidiano dos praticantes em diferentes bairros da Região Metropolitana de Belém e nos Municípios de Mojú, entre outros. Estamos na fase de finalização desse projeto, no momento estamos no processo de edição. (Denilce Sereia, entrevista concedida em 2017).

Importante destacar que este projeto foi submetido a concorrência, através de edital lançado no Governo da Presidenta Dilma Rousseff, voltado para produtores negros, no ano de 2014, pela Secretaria Nacional de Áudio Visual SNAV/MinC, com recursos do Fundo Setorial do Audiovisual – FSA, em parceria com ANCINE – Agência Nacional de Cinema, para produção de filmes de Baixo orçamento e de documentários, com o objetivo de abordar temas que contemplem a diversidade da sociedade brasileira.

A quarta experiência observada, desenvolvida pelas mulheres capoeiristas, surge em função da parceria entre Denilce Sereia e Jamile Pretta, é o segundo projeto de realização de um documentário sobre capoeira. A história desta produção começa, quando as duas capoeiristas representando o Movimento Social, são aprovadas para participar do Curso em Especialização em Políticas de Promoção para Igualdade Racial na Escola- UFPA, IFCH/GEAM. Este curso era destinado para qualificação dos professores que atuam na Educação Básica da SEDUC, no entanto, com vagas garantidas para movimento social, foi a terceira e última turma deste curso, para implementação da Lei nº 10639/03. O Projeto de TCC, visava realizar um vídeo documentário, sob o título: “Capoeira, Instrumento de Resistência e Valorização da Ancestralidade” (Figuras 39 40). Com a orientação da professora Joana Carmem Machado, cuja defesa foi realizada em 2016, conforme registros abaixo; Da esquerda para direita, Denilce Sereia e Jamile Pretta, durante a exposição; a segunda imagem, as autoras e orientadora, na exposição do documentário.



Figura 39 e 40 - Defesa de TCC. Vídeo documentário “Capoeira, Instrumento de Resistência e Valorização da Ancestralidade em UFPA, 2016.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Segundo as autoras, o documentário é um material didático áudio visual, que trata da importância da capoeira como instrumento de valorização da ancestralidade negra; mostra a luta em se manter enquanto manifestação cultural de resistência de um povo; assim, como arte, presente no ambiente escolar, como instrumento de socialização, autoestima e combate ao preconceito.

Esclarece que o documentário, é um recurso didático que pode ser utilizado tanto pelos professores, regentes de diferentes disciplinas em sala de aula, como, pelos professores de capoeira. O documentário, permite e promove momentos de reflexão acerca da contribuição do povo negro na formação social e cultural do Brasil, e a valorização de elementos da cosmovisão africana presentes na capoeira, tais como: A ancestralidade, a circularidade, a corporeidade, a

musicalidade, o Axé, e demais elementos, além de contribuir para despertar a autoestima dos alunos, visando o combate ao preconceito e a discriminação de alunos e alunas negras e praticantes de capoeira.



Figura 41- Capa do Vídeo documentário “Capoeira, Instrumento de Resistência e Valorização da Ancestralidade”.

Fonte: Arquivo Jamile Pretta.

Importante informar, que os dois documentários, contaram com a minha contribuição teórica, através de depoimentos e gravações, realizadas nos locais cenários das gravações, no prédio do IPHAN- Belém, tanto para o documentário, como o TCC – “Capoeira, Instrumento de Resistência e Valorização da Ancestralidade” e nos Quilombos África e Laranjituba, para o documentário “Capoeira Honoris Causa.”

Jamile Caroline Andrade Conceição – Pretta, é formada em Licenciatura Plena em Educação Física-ESMAC, Pós-graduada com o Curso de Especialização em Políticas de Promoção para Igualdade Racial na Escola- UFPA. Atua enquanto professora de capoeira, junto ao Projeto Capoeira na Escola – SEMEC-Belém na UP Castanheira, em Icoaraci, desde 2014, onde tem atendido em média 26 alunos, considerado um número significativo. Na composição da turma, atende alunos oriundos da própria escola, assim como, da comunidade do entorno da mesma. Jamille Pretta, afirma que a inscrição é feita a partir da divulgação nas salas de aula, em através de cartazes e banners na escola, e em pontos comerciais ao entorno da mesma. Esclarece que os alunos não são do Associação de Capoeira Berimbau Brasil, são do projeto.

Entretanto, existem alunos que desejam seguir praticando capoeira e passam a integrar a Associação. Ressalta que durante o período de pausa para renovação do contrato, sempre continua a dar aulas para seus alunos capoeiras voluntariamente, a pedido dos próprios alunos que não desejam interromper as atividades.

A quinta experiência observada foi desenvolvida pelas capoeiristas Jamile Pretta e Andreza Miudinha, na Orla do Distrito de Icoaraci, em Belém (Figura 42), com as crianças em outubro de 2015,



Figura 42- Jamile Pretta e Andreza Miudinha em atividade com as crianças capoeiristas.
Fonte: Acervo da autora.

Novamente as ações desenvolvidas pelas mulheres capoeiristas em parceria. Deste modo, foi realizado um evento, na Orla de Icoaraci, com a presença de muitos mestres, capoeiristas e a comunidade, para celebrar o batizado e troca de corda da Associação de Capoeira Menino é Bom, onde, no último dia do evento, o dia das crianças (momento importante de atividade em comemoração ao dia das crianças), e o dia em que o capoeirista contramestre Mauro Celso, receberia sua corda de mestre. Desta vez, a parceria entre Jamile Pretta, que já apresentamos acima, e a capoeirista Andreza Barroso da Silva – Miudinha, que juntamente com outras pessoas, conduziram as dinâmicas, através de capoeira, com as crianças de vários grupos.

Andreza Miudinha é formada em Licenciatura Plena em Educação Física /UFPA/CUNCAST e Técnica em Dança na ETDUFPA. Em 2002, foi campeã brasileira na categoria individual juvenil feminino, peso leve – IV Campeonato Brasileiro de Capoeira, a

primeira mulher paraense, a ser campeã brasileira dentro da FEPAC. Em 2007, conquista o título de Vice-Campeã na categoria individual feminino, peso leve, no X Campeonato Brasileiro de Capoeira, no Rio de Janeiro. Em 2009, conquista o título de Campeã, no Campeonato Paraense, época em que foi convidada a ministrar vivência no 7º encontro MCM. Em 2010, torna-se Vice-Campeã na categoria adulto-feminino, peso leve, em Salvador/Bahia.

Andreza Miudinha, enquanto professora de Educação Física, atua com o ensino da Disciplina Capoeira, no Curso de Licenciatura de Educação Física, na Faculdade ESMAC, e ainda como professora, no Projeto Capoeira na Escola, da SEMEC/ Belém, na Escola de EMEIF Madalena Raad, no Distrito de Icoaraci.

A sexta experiência observada no 3º Encontro Nzinga de Capoeira, é um intercâmbio de capoeira, que tem como organizadoras somente mulheres capoeiristas. Dentre elas, as capoeiristas Jamile Pretta, Yoco, Bomba e Ingrid Japinha. No entanto, este não é um evento voltado somente para mulheres ou para discussão da temática de gênero centrado na mulher. Quando elas pensaram em organizá-los, foi na tentativa de provar aos homens que elas, as mulheres tinham capacidade de organizar, sozinhas, um evento dessa natureza. No entanto, elas conseguiram planejar e realizar três desses encontros, trazendo capoeiristas, professora (o), contramestra (e) e Mestre (e), de outros estados para somar no intercâmbio, com a realização de oficinas de capoeira angola e regional; rodas de papoeira (conversa) e rodas de capoeira.

Essas experiências e imagens, demonstram que as mulheres são as protagonistas da história da capoeira nas duas primeiras décadas do século XXI. São mulheres detentoras de saberes da capoeira, com sua vida toda dedicada a prática e com o ensino da capoeira, foi-se o tempo, em que eram proibidas de visitar os grupos uma das outras, e quando se encontravam nas rodas era para brigar. Hoje elas promovem eventos juntas e ocupam muitos outros espaços que lhes foram negados, tais como, tocar todos os instrumentos, cantar, ensinar, pesquisar, escrever, produzir filmes. No entanto, esta conquista não significa que não precisam mais se preocupar, como diz a música da Carolina Soares, quando diz, “não precisa dar espaço, pois ela já conquistou”, no que, não concordo com a autora/cantora, pois os espaços estão, ainda, sendo conquistados e como muita luta, muito embate, com seus mestres e demais capoeiristas, é uma conquista diária, roda a roda. E não acontece por iniciativa dos homens capoeiristas e mestres. É uma conquista que vem sendo realizada, pelo enfrentamento, pela luta das mulheres.

Assim, as mulheres capoeiristas seguem inspiradas na capoeirista “Silvia Pé de Anjo”, aquela guerreira, “que foi jogar capoeira no céu” e que continua como exemplo a ser seguido. Ainda hoje as mulheres do MCM lembram de suas falas, de suas experiências, estudando, experimentando, enfrentando e resistindo, para “construir coletivamente uma nova forma de

vida” (ACOSTA, 2016. p. 26). Isso acena para novas possibilidades, onde as mulheres sejam livres da opressão, das discriminações, da violências e preconceitos. Neste sentido, a participação das mulheres no Comitê Gestor da Capoeira do Pará, também foi marcante e paradigmática, possibilitando novas oportunidades, temática que abordaremos na seção seguinte.

SEÇÃO 4: AS MULHERES NA SALVAGUARDA DA CAPOEIRA DO PARÁ: DA (IN)VISIBILIDADE AO RECONHECIMENTO DA MESTRA SILVIA LEÃO

[...] a declaração de determinado bem cultural como patrimônio não tenciona apenas demarcar sua notória importância, mas também protegê-lo das ameaças à sua continuidade, mitigar suas fragilidades, fortalecer seus protagonistas.
(ADINOLFI, 2015, p.150)

A Capoeira faz parte de um conjunto de bens reconhecidos e tombados, como Patrimônio Nacional, pelo Ministério da Cultura, através do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), atendendo o Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, consolidando neste mesmo ano com o Inventário Nacional de Referências Culturais. A partir destes marcos legais, tornaram possível o Reconhecimento da Roda de Capoeira como Patrimônio Imaterial Nacional, em 2008.

Este reconhecimento, atendeu a duas especificidades inerentes a práxis da capoeira, a primeira, diz respeito ao duplo reconhecimento pelo qual passa a capoeira, a saber: O registro da Roda de Capoeira, feita no Livro de Registro Formas de Expressão e o registro do Ofício de Mestre de Capoeira, no Livro dos Saberes, no volume primeiro, do IPHAN, instituído através do Decreto nº 355, de 04 de agosto de 2000, no verso da 9. Com o reconhecimento do Ofício do Mestre de Capoeira, a Roda de Capoeira passa a ser objeto de um Plano de Salvaguarda A segunda especificidade se dá em função da capoeira ser o único bem registrado que é vivenciado em todo território nacional.

Um Plano de Salvaguarda constitui-se um instrumento de apoio e fomento de fatos culturais aos quais são atribuídos sentidos e valores que constituem referências de identidade para os grupos sociais envolvidos, registrados como patrimônio cultural do Brasil. E devem ser construídos a partir da interlocução e da participação direta dos agentes culturais. A elaboração dos Planos de Salvaguarda Capoeira tem como guia o “*Dossiê: Inventário para o Registro e Salvaguarda da Capoeira*”, elaborado e publicado em 2006, por um grupo de pesquisadores multidisciplinares.

No Estado do Pará, em novembro de 2013, o setor de Patrimônio Imaterial da Superintendência do IPHAN-PA, retoma a discussão iniciada dois anos antes, mas que não deslanchou. Assim, em 29 de novembro de 2013, recomeça a fomentar a discussão com a comunidade de capoeiristas, pesquisadores, representantes de vários setores governamentais na esfera estadual e federal, para a criação do Grupo de Trabalho Interinstitucional da Salvaguarda

da Capoeira do Pará, o GT de Salvaguarda Capoeira do Pará. Este GT, passa a ser formado por dois representantes, sendo um titular e um suplente, de cada grupo ou entidade participantes. Desta forma, os Grupos e ou Associações de Capoeira local e pesquisadores acadêmicos, desde a data citada, veem participando de reuniões periódicas com a finalidade preparatória e organizativa, para desencadear os Encontros Regionais para a Salvaguarda da Capoeira no Pará. Estes encontros têm por objetivo:

Fomentar a participação dos grupos que produzem, transmitem e atualizam as manifestações culturais associadas à prática da Capoeira, na elaboração de diretrizes para as ações de salvaguarda. Com os encontros, pretende-se realizar uma ampla ausculta pública de modo a construir um Plano de Salvaguarda de maneira democrática e participativa. (IPHAN/BELÉM, 2013, p. 1).

Para implementar a ação, as discussões foram realizadas a partir de três eixos temáticos: 1) Capoeira, Educação, Esporte e Lazer; 2) Capoeira: Apoio, Fomento e Sustentabilidade e 3) Capoeira: Identidade e Diversidade. Ressaltamos que estes eixos são os mesmos contidos no Dossiê Inventário citado acima, com o objetivo de criar o Comitê Estadual da Salvaguarda Capoeira do Pará.

A decisão do GT foi realizar os encontros por região de Integração, num total de doze regiões, a fim de atender todos os municípios onde existam grupos de capoeira. O Estado do Pará conta hoje com um total 145 municípios, com grupos de capoeiras em plena atividade: “Nesta primeira etapa foram realizados cinco encontros regionais, onde abrangeram cerca de 80 municípios do estado e em quase todos os pólos a questão de gênero emergiu, especialmente o lugar da mulher na capoeira demandando maior discussão e contextualização”. (PEREIRA, 2014, p. 4).

Os primeiros encontros Regionais foram realizados nos seguintes municípios: Belém, Castanhal, Capanema, Salvaterra e Cametá. Destes encontros regionais, foram escolhidos representantes, para criação do Comitê Estadual. Quanto a composição do Comitê Gestor da Salvaguarda Capoeira do Pará, ainda não se conseguiu a representação de todos os grupos existentes nas regiões onde foram realizadas.

No tocante a representatividade das mulheres capoeiristas no Comitê Gestor, ainda percebemos, uma participação muito discreta e mesmo assim, quase sempre, quando esta representatividade acontece, ela é em forma de suplência de seus companheiros e maridos, e não enquanto titulares.

Inicialmente, Jamile Preta, Sereia e eu, participamos do comitê. Posteriormente, Gisele Tsunami se incorpora ao grupo representando o MCM, representantes de movimento social e grupo de pesquisa da UFPA, que no processo deixaram de comparecer. Depois de mais ou

menos um ano, Denilce Sereia, passa a condição de suplente à Titular, e o companheiro dela, Mestre Abel, à suplente. No entanto, mesmo na condição de suplentes há as que participam regularmente das reuniões junto com seus companheiros. Cyro Lins²⁸, quando questionado sobre a participação das mulheres e acerca do debate sobre gênero no Comitê, informa que:

[...]surgiam de forma muito incipiente, Zeneide propôs a criação de eixo temático sobre gênero. Informa ainda que nos encontros regionais os mesmos processos aconteciam, a maioria era composta por homens e as mulheres que iam era acompanhando os companheiros. Nos encontros se elegiam ou indicavam os representantes que fariam parte do comitê, e as mulheres ou não se interessavam ou não havia incentivo. Em Cametá, abriu-se a discussão pra isso e acabou que as mulheres entraram como suplentes. (CYRO LINS, entrevista concedida em 2017)

Cyro Lins informa ainda que as mulheres que são titulares no Comitê Gestor são: Gisele da Silva Figueira/Instrutora Tsunami, coordenadora do MCM; Denilce Rabelo Borges/Graduada Sereia, União Capoeira Associados- UCA e esta autora, Maria Zeneide Gomes da Silva- COPIR/SEDUC. Apesar da pequena representação das mulheres, a participação foi decisiva, pois conforme o relatório elaborado “em quase todos os pólos a questão de gênero emergiu, especialmente o lugar da mulher na capoeira demandando maior discussão e contextualização”. (PEREIRA, 2017, p. 4).

Ao analisar a elaboração textual dos documentos oficiais que subsidiam os planos estaduais de salvaguarda capoeira, percebe-se que as diferenças não são reconhecidas. A linguagem utilizada nos documentos oficiais não apenas invisibilizam os sujeitos, e suas histórias locais, como apresentam contradições com a legislação vigente no país, fruto das conquistas sociais importantes com relação as questões de identidade de gênero voltado para a mulher, como exemplo, destaco um trecho do documento oficial:

Os mestres e as rodas: patrimônio vivo [...] os mestres encontram brutais dificuldades para manter seu ensinamento, enfrentam problemas financeiros, falta de espaço para ministrar aulas e barreiras para divulgar a arte no exterior. (BRASIL, 2007 p. 87, grifo nosso.)

A linguagem utilizada é uma linguagem sexista, que reafirma e demarca o lugar do homem no contexto da capoeira, o que não se justifica, mediante a presença expressiva das mulheres inseridas na prática da capoeira, e mestras de capoeira, notadamente em Salvador e Rio de Janeiro, espaços onde já existiam mestras, na época de elaboração do Dossiê. No entanto

²⁸ Cyro Holando de Almeida Lins é antropólogo e técnico do IPHAN, que desde 2013, esteve à frente do processo de Salvaguarda Capoeira do Pará, e desde final do ano de 2016, veem respondendo como superintendente local do IPHAN.

os únicos entrevistados foram mestres homens, um total de 17 são citados no documento, “como importantes mantenedores da cultura”. (BRASIL, 2007, p. 88).

As mulheres há muito tempo também exercem trabalho com o ensino da capoeira, sendo mestras ou não seus alunos são graduados. Fato que também acontece no Estado do Pará, como já dissemos anteriormente, ainda que, os mestres não tenham o hábito de formar mulheres como Mestras de Capoeira. Mesmo assim, elas representam uma força de trabalho importante, estão inseridas enquanto trabalhadoras, por isso é uma realidade que não pode mais permanecer: a invisibilidade nas construções textuais oficiais.

Essa mudança requer trabalho intenso, como afirmou a Gisele Tsunami em depoimento em 2016. Segundo ela, esse é o trabalho que o MCM faz, com o sentido de contribuir para que a mulher se organize e possa ter tempo para tudo, inclusive para a capoeira.

Este é um ponto que sempre expus, essa fragilidade da linguagem. Sobre isso fica a observação e o questionamento: Como se pode aprovar uma lei e encaminhar sua implementação, negando e ocultando a história e seus sujeitos, igualando a todos sem o reconhecimento das diferentes identidades existentes nas rodas de capoeira? Principalmente, negando a existência dos outros sujeitos,

[...] no Brasil, os “sujeitos” das políticas públicas foram sempre definidos por categorias que não faziam qualquer distinção de gênero ou de raça. São sempre designados em termos genéricos. [...] seria possível pensar políticas públicas em consonância com os problemas étnicos da sociedade? (GONÇALVES; SILVA, 2006, p. 29).

Neste sentido, como atender uma demanda que não aparece, de sujeitos que não aparecem. Sobre a questão da mulher, Paulo Freire (2007), afirma que é preciso fugir da armadilha que a linguagem coloca, ao afirmar que os homens fazem a história, e ao dizer que quando, ao se referir ao homem, a mulher está incluída. Estamos diante, portanto, da naturalização da violência simbólica de dominação masculina sobre a mulher, com o discurso machista:

[...] feita pelo discurso machista e encarnada em práticas concretas é uma forma colonial de tratá-la, incompatível, portanto, com qualquer posição progressista, de mulher ou de homem, pouco importa.

A recusa ideológica do machismo, que implica necessariamente a recriação da linguagem, faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo. Por isso mesmo, ao escrever ou falar uma linguagem não colonial eu o faço não para agradar a mulheres ou a homens, mas para ser coerente com minha opção por aquele mundo menos malvado de que falei antes.

[...] não é puro idealismo, acrescente-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual e contraditória.

É claro que a superação do discurso machista, como a superação de qualquer discurso autoritário, exige ou nos coloca a necessidade de, concomitantemente com o novo discurso, democrático, antidiscriminatório, nos engajarmos em práticas também democráticas. O que não é possível é simplesmente fazer o discurso democrático, antidiscriminatório e ter uma prática colonial. (FREIRE, 2007, p. 68)

Para a superação deste discurso colonial, sexista e machista considero como fundamental o trabalho no GT Salvaguarda Capoeira do Pará, onde temos contribuído com intervenções nos debates junto com outras mulheres e representantes do MCM. As mulheres capoeiristas paraenses tem uma participação ativa nos grupos e nos seus polos ou núcleos, onde ensinam capoeira. Diante disso, é impossível não as considerar como detentoras de saberes, que certamente, também merecem e devem ser incluídas nos mesmos processos de construção de políticas públicas, necessários para garantir à todas os mesmos benefícios, inclusive, a aposentadoria.

A Gisele Tsunami, também ensina capoeira num polo do seu grupo de capoeira, a Associação de Capoeira Norte Brasil. Ela, sendo advogada, provavelmente não necessitará de recorrer a aposentaria enquanto trabalhadora que atua com o ensino da capoeira. Porém, as demais mulheres capoeiristas que trabalham com a capoeira e não exercem outra profissão, precisam ser amparadas, explicitamente pelos benefícios da Previdência Social.

Então pergunto: A elas também, não vai ser garantido o direito de ensinar nas escolas, universidades e demais instituições de Ensino, a fim de que gozem dos direitos como qualquer profissional?

Essa situação é preocupante, porque o Comitê criado para elaborar o Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil (2007), conta com a participação de dezoito mulheres. Dessas dezoito mulheres, quatro estão na equipe do IPHAN/MINC, sendo elas: uma Diretora de Patrimônio Imaterial, uma Diretora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e duas mulheres no Acompanhamento Técnico das Superintendência Regional do IPHAN de Pernambuco e Bahia. As demais (quatorze mulheres), fazem parte da Equipe de pesquisa histórico-documental e de campo. Como é possível as próprias mulheres não perceberem a importância de contemplar todas as diversidades, inclusive as de gênero?

É um documento que oculta a atuação das Mestras de Capoeira e demais mulheres capoeiristas, tendo como consequência, a não inclusão de propostas ou projetos para mulheres capoeiristas no Plano, ou mesmo um Eixo temático referente a gênero.

Uma outra questão a se pensar: é no mínimo estranho, os capoeiristas paraenses, participarem do processo de Salvaguarda da Capoeira representando o Pará, tendo por base a história da capoeira do eixo Rio de Janeiro e Salvador, deixando de fora a história de outros centros, e com isso negando a história da capoeira dos demais Estados brasileiros. Tanto os homens, como nós mulheres que compomos o Comitê Gestor de Salvaguarda Capoeira que estamos na luta, pondo em prática todo o sentido de resistência capoeira, de resistência negra. Essa história de luta e resistência, presente na história de nossas e nossos ancestrais, está presente na fala das mulheres capoeiristas e também dos homens. Também temos nossas, nossos ancestrais paraenses do mundo da capoeiragem que continuam invisibilizados na história local de capoeiragem, na literatura e na fala dos capoeiristas atuais.

É essa invisibilidade que o Dossiê reforça de várias formas, seja através da linguagem, seja através da negação da história de outros Estados diferentes daqueles que cita, seja ainda a respeito dos valores civilizatórios africanos presentes na capoeira, para reafirmar a história da mestiçagem, com a criação da cultura nacional.

Porém, mesmo com todas as contradições, é possível abrir espaços para fazer deste local, um lugar para questionamentos e para resistências. E desta forma, as mulheres da Salvaguarda Capoeira do e no Pará, estão atuando, seguindo o caminho de resistência negra presente na capoeira. Ainda que seja com uma representação pequena, como veremos a seguir.

Durante a primeira reunião do Comitê, após a realização dos encontros regionais, no mês de junho de 2016, Cyro Lins, informou que havia recursos para realizar alguns ciclos de “Conversa Pai d’égua”, um projeto dentro da área de educação patrimonial do IPHAN, conversas que veem acontecendo desde o ano de 2011. Com isso, havia a possibilidade de realizarmos pelo menos uma conversa sobre a capoeira como a que havia acontecido em 2014. De imediato, percebi a possibilidade de ter a tão sonhada mesa com a participação de mulheres, logo lembrando: “desta vez temos que trazer uma Mestre de Capoeira. Colocar mulheres na mesa. Que negócio é este de só trazer homem!”, concordando com a lembrança das falas das entrevistas com o MCM, quando relatam que as mulheres estão ali, mas eles ficam procurando os homens para ocupar os lugares que também cabe as mulheres.

Ainda nesta reunião Cyro Lins lembrou que os relatórios ainda se encontravam em construção, mas haviam percebido que as mulheres levantavam questões pertinentes a participação da mulher nas rodas de capoeira. Já na reunião seguinte do Comitê, com a participação dos representantes, tirados nas cinco regionais, no mês de agosto, uma boa notícia: foi confirmada a realização de uma *Conversa Pai D’égua* voltada para as mulheres, tendo em vista, as demandas surgidas nas reuniões do Comitê Gestor de Salvaguarda Capoeira e

Encontros Regionais. Nossa proposta foi endossada por Gleycelene Pereira²⁹ e Larissa Guimaraes³⁰. Esta última, nos disse num diálogo, na comunidade de WhatsApp: “a questão da presença e participação das mulheres na capoeira é algo que precisa ser discutido, problematizado, até mesmo esclarecido”. Esta demanda levantada nos relatórios, certamente foi decisiva para a respaldar a realização de um encontro voltado para a questão das mulheres. A ideia foi aprovada pelos participantes do comitê gestor por unanimidade, durante uma reunião.

Quanto a participação de uma mestra, ainda ficou pendente, mas a articulação das mulheres já começara desde então. Inicialmente fazia parte deste grupo: a autora desta dissertação, Jamile Pretta, Gisele Tsunami, Denilce Sereia, Andreza Miudinha, Gleycilene Pereira e Larissa Guimaraes. Ali mesmo, Gleycilene, Gisele e eu, começamos a primeira conversa, ao final da reunião do comitê para a realização do encontro. A primeira providência proposta, em virtude das agendas de todas, foi criar um grupo/comunidade na rede social de WhatsApp, para facilitar o contato e articulação do encontro. O grupo foi criado por Larissa e Gleyci, articuladoras pelo IPHAN, e iniciamos a mobilização adicionando ao grupo as mulheres capoeiristas participantes do Comitê Gestor: Jamile Pretta, Denilce Sereia, Gisele Tsunami, Andreza Miudinha e eu, para pensar a implementação do evento. Ressaltando que dentre estas mulheres Jamile Pretta e Andreza Miudinha, são suplentes de seus mestres, no entanto estão sempre presentes nas reuniões.

4.1 - PORQUE VAI TER MULHER NA MESA SIM!

Apesar dos acertos iniciais, não foi muito fácil chegar a uma data propícia, pois uma parte do grupo não concordava em realizar o encontro, ainda no mês de novembro, por ser um período bastante complicado, pelos muitos eventos de capoeira, atividades profissionais e acadêmicas. No meio das discussões sobre datas, o dia da consciência negra foi cogitada e descartada, chegando até mesmo a proposta para ser realizado no início de 2017.

Diante da questão, resolvi me posicionar, pois particularmente meu empenho foi pela realização ainda em 2016 e o tomei como prioridade. Pois era um evento pelo qual lutei desde o início das reuniões ainda enquanto GT de Salvaguarda, portanto uma oportunidade importante para ser prorrogada, ainda mais, diante das incertezas políticas vivenciadas no período. Então me posicionei no grupo pela realização ainda em 2016, quando disse: “Com calma, vamos dar um jeitinho de fazer esse ano. Não sabemos como será ano que vem. Melhor não perder

²⁹ Gleycilene Pereira, Mestranda do IPHAN.

³⁰ Larissa Guimaraes, antropóloga e técnica do IPHAN.

oportunidade. Considero uma conquista importante para nós”. Minha fala foi de encontro aos ideais de Jamile Pretta, que concordou imediatamente, pois está, estava grávida e em janeiro era o mês previsto para seu parto, e caso o evento fosse prorrogado a mesma não poderia participar.

Gisele Tsunami já havia ponderado que quatro horas seria pouco, isso fez com que a instituição ampliasse para dois momentos, foi quando Larissa, diante das ideias que foram surgindo, pensou em um formato de evento que acontecesse durante o dia inteiro, com proposta de mesas. O grupo concordou, Larissa explicou o que era, e como costumava ser realizada a “*Conversa Pai d’Égua*”:

A *Conversa Pai D’Égua* é um ciclo de palestras que traz para discussão com o público interessado trabalhos, pesquisas e vivências no campo do patrimônio, tem caráter informativo e participativo. Costuma acontecer em turno, dividido em dois tempos. Como é um projeto que vem sendo desenvolvido aqui no IPHAN/Pa desde 2011. (Larissa, diálogo postado no grupo WhatsApp, em 2016)

Informa que ela e Gleyci pensaram em aproveitar este formato, mas que não seria obrigatório e que achava produtivo pensar outro formato e diz:

Um dia voltado para as mulheres pretas é uma coisa nova aqui no IPHAN, tivemos em Pernambuco um seminário sobre patrimônio e gênero, com a participação de mulheres detentoras de bens registrados lá no estado. Acompanhando os relatórios dos encontros e reuniões da capoeira aqui no PA, vi que a questão da presença e participação das mulheres na capoeira é algo que precisa ser discutido, problematizado, até mesmo esclarecido. Me corrijam se meu entendimento foi errado, por favor. (Larissa, diálogo postado no grupo WhatsApp, em 2016)

Afirmar que ela estava certíssima e Larissa complementou,

As vivências e trabalhos de vocês é que guiarão as discussões, falar sobre mulheres, negritude, patrimônio e relações de gênero seria um momento lindo e necessário aqui no IPHAN. (LARISSA, diálogo postado no grupo WhatsApp, em 2016)

Proposta aceita, nos vimos diante de impasses com relação a datas no mês de novembro, sempre rico em eventos voltados para questões étnico raciais, assim como, pelo compromisso de todas nós, também em função do período. Larissa então explicou que iria acontecer a semana do patrimônio paraense, promovido pela ASAPAM- Associação dos Agentes de Patrimônio da Amazônia, em parceria com o IPHAN. Sugeri que poderíamos fazer a discussão, junto com a programação supracitada, propondo os dias 22 e 23 de novembro e se propondo a conversar com o pessoal da ASAPAM.



Figura 43- Cartaz da Semana do Patrimônio Paraense/2016

Fonte: Arquivo: <http://casaraodememorias.blogspot.com.br/>

Ao ler a mensagem respondi que o importante é começar a dar visibilidade para as mulheres capoeiristas. Temos no Pará, um movimento pioneiro, enquanto coletivo social de mulheres capoeiristas. Larissa respondeu, concordando e sugerindo que poderíamos aproveitar espaços, como este evento da Semana do Patrimônio, para problematizar esta visibilidade das mulheres capoeiristas. Depois desse diálogo, novamente um período de silêncio no grupo, embora uma parte das mulheres tenha lido a comunicação. Assim, ficamos desde o dia 30 de setembro à 13 de outubro de 2016, sem interagir. Mesmo entendendo as dificuldades e propondo meios para a conciliação, em dado momento ficou bem difícil, porém não houve desistência de ninguém do grupo e houve a maior emoção quando Larissa Maria, nos saudou:

Bom dia a todas! Gente, confirmado para os dias 22 e 23? Podemos agendar uma reunião pra fecharmos a nossa programação. E temos uma boa notícia: Cyro conseguiu fechar com Mestre Janja agenda para os dias 22 e 23 [...] então precisamos nos reunir para fecharmos nossa programação. (Larissa, diálogo postado no grupo WhatsApp, em 2016).

Surgiu uma gestão, Mestre Janja, acadêmica da UFBA e mestra de capoeira e feminista, só poderia no dia 22/11, no período da noite. Rapidamente a Gleycilene, Jamile Pretta e eu, com grande felicidade que reagimos a vinda da Mestre Janja, para contribuir conosco para

a realização de uma conquista de realizar uma mesa somente com mulheres capoeiristas, nos pronunciamos. Segue trechos dos diálogos no grupo virtual, 2016:

Zeneide: vamos marcar;

Jamile Pretta: mana pelo amor de Deus... Eu to PRENHA (risos) não posso ter grandes emoções assim. Meu sonho ter essa mulher. Uma inspiração que tu não imaginas!

Zeneide: Segura a emoção, pois essa é nossa conquista mulher.

Jamile Pretta: Nossa muito feliz. Eu tinha que conhecer essa mulher um dia.

Zeneide: estou muito feliz também.

Larissa: Gente, fico super feliz em ver vocês felizes!

Zeneide: Pensa o que é tá com a cara de pau no meio dos mestres dizendo, quero mulher na mesa também! Larissa isso é uma conquista. São tão poucas mestras neste país machista.

Larissa: Que as conquistas sejam maiores sempre. Me falem uma data boa para nos reunirmos na próxima semana. *Porque vai ter mulher na mesa sim!!!*

Desta forma, nasceu a ideia de realizar o I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais, junto com a ASAPAM, dentro da programação da Semana do Patrimônio Paraense de 2016.

I COLÓQUIO PATRIMÔNIO, GÊNERO E SABERES TRADICIONAIS

<p style="text-align: center;">22 de Novembro (Terça-feira)</p> <p>Roda de conversa Patrimônio e Gênero: Amulher na capoeira</p> <p>Maria Zeneide Gomes – COPIR SEDUC UFPA Giselle Tumami – Movimento Capoeira Mulher Andreza Mindinha – Menino é bom</p> <p>Jamile Pretta – Berimbau Brasil Mestra Janja - Grupo Nzunga de Capoeira Angola</p> <p>18h00 às 21h00 / Local: Auditório do IPHAN PA</p>	<p style="text-align: center;">23 de Novembro (Quarta-feira)</p> <p>Roda de Conversa sobre Patrimônio e Gênero: Detentoras do patrimônio imaterial paraense Carimbó: Mestra Maria de Nazaré do Ó Ribeiro (Água Negra)</p> <p>Capoeira: Denilce Seteia (União Capoeira) Artesã de Cula: Lélia Almeida (ASARISAM) Mestra Janja - Grupo Nzunga de Capoeira Angola</p> <p>09h00 às 12h00 / Local: Auditório do IPHAN PA</p> <p>Mediadora: Gleydiane Pereira (IPHAN PA)</p>
---	---



Inscrições gratuitas no Local ou através do email: salyaguaniacapoeirapara@gmail.com

Informações: (91) 3224-1825 (91) 3224-0699 - Haverá emissão de certificado

Endereço: Esquina da Av. Governador José Malcher com Benjamin Constant, Belém PA

Figura 44- Convite e programação para o I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais.
Fonte: Arquivo da autora.

O I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais, foi um evento pensado por mulheres, para mulheres conduzirem na presença dos homens e mulheres. Foi realizado através da parceria entre IPHAN e Associação dos Agentes de Patrimônio da Amazônia -ASAPAM, membro da Rede Casas do Patrimônio – Pará, em comemoração à *Semana do Patrimônio Paraense – SPP 2016*, tendo como temática *Patrimônio Imaterial – concepção, abrangência e*

valorização, realizado no período de 21 a 25 de novembro de 2016, em comemoração ao Dia do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Pará³¹, que é comemorado em 5 de novembro:

Em comemoração à essa data vamos realizar pelo sexto ano consecutivo uma intensa programação de mesas-redondas e palestras, além de apresentações de trabalhos desenvolvidos nas áreas do patrimônio cultural, artístico e social, por profissionais e estudantes dos diversos campos do conhecimento que dialogam com a temática escolhida para esta semana: “Patrimônio Imaterial: Concepção. Abrangência e Valorização”.

O evento pretende fomentar o debate sobre a importância do exercício da cidadania participativa para a preservação, difusão e defesa do patrimônio cultural paraense, bem como apontar uma rede de iniciativas que promovam atitudes de conservação e salvaguarda de nossas vertentes regionais e cultura tradicional. (ASAPAM/IPHAN/PA. 2016)³²

A articulação entre IPHAM e ASAPAM, para realização I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais, deu-se em função do IPHAN ser parceiro para realização do evento, conforme propôs e explicitou Larissa, tendo em vista que todas as datas propostas durante o processo de articulação para realização do evento, para ser no dia ou semana da consciência negra, se tornou inviável.

Todos os encaminhamentos foram tomados para a vinda de Mestre Janja, entre muitos acertos de datas e horários acertamos para dia 22/11 de 18:00 as 21:00 horas e seguimos organizando a programação da mesa. Cyro é adicionado ao grupo em 26 de outubro, e continuamos tentando alinhar uma data para nos encontrar, fechar programação e elaborar um convite. A proposta foi sendo construída, com previsão de fecharmos ao final da aula do curso de extensão para os capoeiristas, realizada aos sábados no mês de novembro.

Neste dia, Gleycilene do IPHAN, nos informa que a Larissa havia sido transferida para a Boa Vista, capital do Estado de Roraima, mas mesmo assim, ela continuou em diálogo conosco. Assim, a proposta foi elaborada por nós, decidimos quem iria compor a mesa nos dois dias de evento. No primeiro dia, à noite, ficaríamos Maria Zeneide, Gisele Tsunami, Jamile Pretta, Andreza Miudinha e Mestre Janja. Quanto a Denilce Sereia, que ainda não havia se manifestado no grupo, nossa proposta era para compor a Roda de Conversa no dia 23, para falar sobre patrimônio. Caso ela não pudesse eu me dispus a trocar para o dia seguinte.

Quanto ao tempo destinado a cada uma das participantes do dia 22, ficou estabelecido que seriam até 20 minutos para as integrantes de Belém e 40 minutos para a Mestre Janja. Com

³¹ Lei de nº 7. 515, de 28 de abril de 2011, sancionada pelo governo estadual, incluindo esta data no calendário paraense. Disponível em: <<http://casaraodememorias.blogspot.com.br/2016/10/semana-do-patrimonio-paraense-2016.html>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

³² Disponível em: <http://casaraodememorias.blogspot.com.br/2016/10/semana-do-patrimonio-paraense-2016.html> Acesso em: 10 dez. 2016.

relação as temáticas: minha temática seria para falar um pouco do histórico e de minha pesquisa, Gisele Tsunami falaria sobre o Movimento Capoeira Mulher e as demais, sobre suas experiências com a prática da capoeira.

Quando Cyro entra na conversa, após a reunião presencial, chamando à reflexão sobre a quantidade de pessoas na composição de mesa e sobre as temáticas, para não se repetirem. Como a maioria das discussões foram de forma virtual e ele só foi adicionado quando muitos acertos já haviam acontecido, não tendo acesso as postagens anteriores, foram feitos os devidos esclarecimentos, e ele ficou tranquilo. Percebendo toda nossa atuação, a qualquer dia e horário, mesmo nos finais de semana e feriados. A qualquer momento a maioria de nós estava disposta para contribuir. E, em pleno dia 15 de novembro, que além de feriado nacional era domingo e à noite estávamos em plena discussão sobre a programação, quando Cyro diz: “ei, vão dormir! É feriado!”. E assim nós seguimos na construção do evento.

A partir de então, foi organizado um breve currículo das participantes e a programação foi fechada, convite elaborado e amplamente divulgado através das mídias sociais. As inscrições realizadas através de *e-mail* ou no local do evento.

Com uma ressalva, as inscrições deveriam ser feitas de forma separada da programação geral da ASAPAM, uma vez que para participar de nossa programação da Salvaguarda, não haveria necessidade de pagamento de inscrição. Como explicamos acima, nossa programação, foi realizada em parceria, dentro da programação geral, que já estava planejada há muito tempo.

No I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais, na primeira noite (22/11/2016), a mesa intitulada “*Roda de Conversa Patrimônio e Gênero: A mulher na capoeira*” (Figura 45), foi composta por Gisele Tsunami, (MCM); Andreza Miudinha (Menino é Bom); Jamile Pretta (Berimbau Brasil); Mestre Janja, (Grupo Nzanga de Capoeira Angola); e por mim, Maria Zeneide Gomes (COPIR/SEDUC/UFPA), e como mediadora, Gleycilene Pereira (IPHAN/PA).

No dia 22, das que deveriam compor a mesa, fui a segunda a chegar, Mestre Janja já se encontrava no local, apenas aguardando o grupo que comporia a mesa. Mais uma vez o *WhatsApp* foi acionado para localizar as palestrantes presas no engarrafamento do trânsito de final de dia. Enfim, após chegada de todas que iriam compor a mesa e o auditório lotado, a programação inicia na presença de capoeiristas mulheres e homens, mestres de capoeira e ainda parte do público que vinha participando desde a programação da ASAPAM, realizada no período da tarde.

Neste dia tão esperado, Gleycilene Pereira e Cyro Lins, que não mediram esforços, estavam presentes e Larissa Guimarães, que não estava mais em Belém, mesmo distante continuou o compromisso com a realização do evento, acompanhando tudo de Boa Vista-RR, através da transmissão ao vivo pelo link Hangout³³ disponível no link casa do patrimônio. Sua participação, assim como dos demais companheiros do IPHAN, foi imprescindível para que este momento se tornasse realidade.

Gleycilene Pereira que sempre esteve na articulação e coordenação institucional, nos conduziu os trabalhos nos dois dias, chamando as participantes à mesa e apresentando ao público. Ressaltando que “Estiveram na mesa quatro mulheres capoeiras, integrantes do Comitê Gestor de Salvaguarda da Capoeira no Pará” (PEREIRA, 2017, p. 11).



Figura 45 - Mesa de abertura da Roda de Conversa Patrimônio e Gênero: a mulher na Capoeira
Fonte: Arquivo da autora.

A Roda de Conversa começa com minha fala, sendo apresentado um breve currículo. Início fazendo uma breve historicidade da capoeiragem no estado do Pará, baseados em fontes de pesquisa, já evidenciadas ao longo desta dissertação. Evidenciando que fora encontrado mulheres praticando capoeira (sendo uma delas) no Grupo Dandara Bambula/ SESC (1988 e 1989), sendo graduadas, a exemplo, cito Norma Santos, graduada com cordel amarelo.

³³ Hangouts é um aplicativo, para Android, ios, google chrome e outlook que possibilita ao usuário o bate papo, áudio ou vídeo, servindo para vídeo conferência entre outras funções...Link foi disponibilizado em: <<https://casadopatrimoniopa.wordpress.com/2016/11/22/link-do-i-coloquio-patrimonio-genero-e-saberes-tradicionais-via-hangout>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

Diante disso, questiono a inexistência de mulheres mestras de capoeira formadas nos grupos do Estado do Pará, levando em consideração que elas entram em igual condição e ao mesmo tempo nos grupos, e não há mobilidade das mulheres no sistema de graduações na mesma medida que os homens. Além da indignação diante de músicas de cunho pejorativo nas rodas, as mesmas que ouvia no passado quando entrava na roda.

Ao ouvir esta fala, Mestra Janja perguntou-me: – Que música era? Cito um trecho da música: “*Se essa mulher fosse minha eu tirava da roda já, já*”. Ressalto a importância de que homens e mulheres reconheçam a existência do sexismo e machismo dentro da roda de capoeira. Pois, quando não há reconhecimento que o problema existe, não há chances de mudar. E exemplifico com o curso da UFPA/GEAM, que os capoeiristas estão fazendo, para implementação da lei 10. 639/2003, e que isso só está sendo possível, por que foi reconhecido que a democracia racial no Brasil não era verdadeira.

Com isso, chamo atenção, para importância do reconhecimento dos valores civilizatórios africanos presentes na capoeira, e que em meio ao complicado momento político pelo qual o Brasil atravessa corremos o risco de perdidas também para capoeira. Afirmo que as mulheres são guerreiras, e questiono: A capoeira não é uma arte de resistência, de resistência negra? Nós mulheres capoeiristas, estejamos praticando ou não. Por que, mesmo não estando praticando, me considero uma capoeirista, pois encontro-me capoeirando nas palavras, na pesquisa, e na escrita. Informo que a decisão em investigar o MCM, veio em função destas mulheres já estarem fazendo o que eu pensavam em fazer. Quando ao entrevistar estas mulheres ouço dizer “eles resistem a nós, e nos resistimos a eles”. Com isso, percebe que as mulheres, usam exatamente as mandingas do jogo da capoeira, elas gingam no movimento, para dar contas dessas questões que elas enfrentam ainda no século XXI, como o sexismo, o machismo, o racismo, presentes na capoeira.

E dou como exemplo, a organização da orquestra, um espaço onde as mulheres, cantam e tocam, porém, os mestres não passam o gunga para uma mulher graduada que esteja ao lado dele, ele procura um homem para passar o instrumento. E concluo a fala, afirmando que as mulheres da pesquisa, expressam o verdadeiro sentido de resistência do povo negro.

A segunda expositora, Gisele Tsunami é atual coordenadora do MCM, formada em Direito e atua como advogada. Na capoeira sua graduação é Instrutora, aluna do Mestre John, do Grupo Norte Brasil de Capoeira. É atual coordenadora do MCM e militante/defensora dos direitos da mulher. Ela inicia sua fala contando um pouco da trajetória do movimento (tema já devidamente explorado na segunda seção) , destacando a figura da capoeirista Silvia Leão – Pé de Anjo, enquanto criadora do movimento. Informando como iniciou o movimento em 2002, e

que a ideia de Silvia era formar um movimento de mulheres da capoeira, independente do grupo que elas fizessem parte. Fala das dificuldades enfrentadas inicialmente para organizar o movimento, por ser um movimento só de mulheres, receberem várias críticas de mestres e lideranças de grupos, que não apoiavam o movimento, desde os primeiros encontros realizados em 2003 e 2004.

Para Gisele Tsunami, o movimento é de resistência e tem como objetivo “movimentar a mulher na capoeira”, mas ele também tem como “objeto de trabalho específico, a capoeira onde, dentro do projeto incentiva os mestres e a capoeira do Estado, não era só a mulher”. Nesse sentido, começaram a levar as mulheres e as discussões para dentro dos grupos e a não apenas em encontros.

Comentou que apesar de muitos problemas que as mulheres enfrentaram e ainda enfrentam, as mulheres veem superando diversos estigmas imputados a elas, pois, muitas não podiam se encontrar nas rodas, que eram incitadas a brigar, comparando as rodas como “rinhas de brigas”; observa que muitos homens estão compreendendo o movimento e frisou que “cada corda conquistada por uma mulher que milita dentro da capoeira é uma vitória”

Reforçou a fala anterior a respeito das músicas pejorativas, sobre a composição da orquestra, justificando que não os mestres, mas os homens não repassam o berimbau gunga para as mulheres, dos sistemas de cortes pelos homens que tiram a mulher da roda, assim como, do assédio dentro da capoeira que é forte e incomoda: “Se é difícil quem está há bastante tempo na capoeira, que dirá para aquela que está começando?”. E, que o fato das mulheres não continuarem na capoeira, tanto no Pará, quanto em outros Estados, é porque o assédio é forte. E finaliza, afirmando que o MCM nunca será um grupo, ele é um movimento de resistência, de representatividade da capoeira feminina no Estado do Pará. Ainda não está em todos os grupos, mas um dia, quem sabe!

A terceira expositora, Andreza Miudinha, já apresentada anteriormente na terceira seção. Ressaltando, que a mesma é Instrutora de Capoeira na *Associação de Capoeira Menino é Bom*, sendo aluna do Mestre Mauro Celso. Em suas oportunidades acadêmicas na graduação e Pós-graduação, pesquisou a capoeira. Informa que, no mesmo período da graduação também fazia parte da Federação Paraense de Capoeira. A seguir o relatório de Pereira (2017), expõe o resumo de sua fala:

Falou sobre a sua experiência de vida dentro da capoeira, sobre os estereótipos e pré-conceitos que foram criados quando entrou na capoeira, por ser mulher, negra. Afirmou que a partir da sua vivência na capoeira observou que muitas mulheres param de jogar capoeira porque o marido as impele a parar, ou o mestre ou a comunidade coloca algumas dificuldades ou ainda a própria família a limita a atuar. Segundo ela, a capoeira é um cenário muito frutífero,

ela tem espaço para o empoderamento da mulher, mas muitas vezes se veem “caladas, sufocadas e fica difícil expor o que se tem para trabalhar. Em 2015 reuniu com Joelson Jagunço para um momento que foi intitulado de “treinamento feminino”³⁴ e durante esse momento percebeu a força do empoderamento da mulher. Para Andreza, essas iniciativas são importantes apoiar, “pois nessas atitudes do dia a dia a gente consegue encaminhar algumas ideologias, alguns pensamentos e motivar as pessoas a perdurar o seu caminho na ação e na defesa da capoeira e da mulher nos diferentes espaços” (PEREIRA, 2017, p. 13).

A quarta é a expositora, Jamille Pretta, apresentada na terceira seção, que faz parte da Associação de Capoeira Berimbau Brasil. É monitora de capoeira e integrante do MCM. Jamille Pretta, iniciou sua fala dizendo que não gostava de jogar com mulher, porque poderia haver briga, e durante muito tempo ela achava que não sofria com o machismo, até que, começou a participar do “treinamento feminino”, comentado anteriormente pela capoeirista Andreza.

Jamille Pretta relata que a partir desses encontros e das narrativas que eram compartilhadas por outras capoeiristas em outros momentos, foi começando a refletir sobre várias situações que aconteciam nas rodas, como por exemplo, quando estava em uma roda de capoeira, por mais que o homem fosse da mesma graduação que ela, era retirada de tocar o berimbau. Outra situação foi quando o seu Mestre de Capoeira disse que “ele esperava que um homem fosse levar o nome do seu grupo e hoje é uma mulher” e ainda quando ouviram que “as mulheres não tinham capacidade de fazer aquilo porque eram de grupos diferentes e não iam se entender”. Todas essas questões a fizeram refletir e como disse “a ficha foi caindo” e juntamente com outras duas mulheres organizaram o Encontro Nzinga de Capoeira, que não é um encontro exclusivo de mulheres, mas é um encontro onde as mulheres são as protagonistas.

Com isso, Jamille Pretta afirma, que começou a ter mais contato com o MCM, passando a integrar o coletivo e tendo oportunidade de conhecer as histórias de outras mulheres.

O ponto alto do depoimento de Pretta, se dá, quando ela se referiu a Silvia Leão, como referência de mulher capoeirista que existe no Estado do Pará. Quando diz “Na minha visão parece até que ela é uma Mestre de Capoeira. Quando falam dela parece que ela é, *A Mestre de Capoeira, a Mestre Silvia Leão.*” Em sua fala final, afirmou categoricamente que, se as mulheres estão se organizando e realizando encontros de mulheres, é porque alguma coisa está acontecendo na capoeira, daí a importância destes encontros, pois as mulheres aprendem com as experiências socializadas por outras mulheres. E que essa é uma batalha a ser vencida pelas mulheres no dia a dia. E acrescenta: “*Quem sabe daqui alguns anos, um pouquinho a mais, a*

³⁴ Encontro realizado em 2015, em parceria com o capoeirista Joelson Jagunço, voltado apenas para as mulheres.

gente não consiga ter a nossa primeira Mestre de Capoeira". Neste momento, o povo aplaude a fala de Preta. Estes foram pontos fundamentais que repercutiram adiante.

A quinta expositora foi a Professora Doutora Rosângela Costa Araújo, a *Mestra Janja*. Ela é formada em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com mestrado e doutorado em Educação pela USP. A Doutora Rosângela Costa Araújo é Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher/NEIM (UFBA) e pesquisadora do “A Cor da Bahia?”, do Programa de Pesquisa e Formação em Relações Raciais, Cultura e Identidade Negra na Bahia (UFBA), e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher. Mestre de Capoeira Angola e cofundadora e coordenadora do Instituto Nzinga e Estudos da Capoeira Angola e Tradições Educativas Banto no Brasil/INCAB. A *Mestra Janja*, trouxe o tema “*O Feminismo Angoleiro? Aspectos da organização das mulheres na Capoeira Angola*”. Abaixo segue o registro da palestra.



Figura 46 - Palestra da Dra. Rosângela Costa Araújo, a *Mestra Janja*.
Fonte: Arquivo da autora.

A exposição de *Mestra Janja*, foi a mais aguardada por todas nós. E foi uma exposição da qual se torna impossível para fazer muitos cortes, pois toda sua fala veio de encontro aos nossos anseios enquanto mulher: negra, pesquisadora, capoeirista, e de todas as mulheres que lutam por dias melhores na capoeira, livres de opressão e exclusão, no universo de uma expressão cultural do povo negro. Pois, como ela diz adiante, precisamos “*desatar de vez esse nó*”. Diante disso, tentaremos ser o mais fiel possível a fala de *Mestra Janja* neste texto.

Mestra Janja, inicia saudando as mulheres capoeiristas e dizendo: [...]“quando vocês voltarem pra casa, cumprimentem os mestres de vocês, que não vou fazer isso não. Porque, hoje aqui eles vieram para aprender. Vamos combinar? Nesse momento o riso foi geral na plateia. Segue se apresentando, e nos informou que é do Instituto Nzinga de Capoeira Angola, que sua vida de capoeira é dividida em duas etapas. A primeira, como aluna fundadora do GCAP- Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, aluna dos Mestres Moraes, Cobra- Mansa e João Grande, os três juntos. A segunda etapa, ocorreu quando foi morar em São Paulo e lá fundou o Grupo Nzinga de Capoeira Angola: Instituto Nzinga e Estudos da Capoeira Angola e Tradições Educativas Banto no Brasil/INCAB. Mestra Janja afirmou que não gosta muito de falar dela e justificou:

Porque eu acho que tudo que eu faço, parte da trajetória de luta das mulheres negras e do povo negro de um modo geral. E quando eu acentuo essas coisas com relação a mim, é porque eu sei, que a minha fala dignifica a trajetória de luta de minhas ancestrais. Aquelas que passaram por aqui antes de mim e que facultaram-me a possibilidade de estar neste mundo sendo capoeirista. Então fazendo isso, quero saudar as memórias de Maria Doze Homens, Pau de Barraca, Julia Fogareiro, Maria Paro Bonde, Jeronyma do Pará, e tantas e tantas outras mulheres invisibilizadas pela história oficial, mas também pela história da capoeira. Que a gente ouse aí, nas nossas muitas ousadias o desafio de contar a história dessas mulheres né. Para que a gente ajude também, como capoeirista a recontar a reescrever a História do Brasil, tirando da invisibilidade tantos sujeitos cujas trajetórias foram tornadas abjetas dentro da nossa sociedade. (MESTRA JANJA, palestra proferida em 2016).

Prossegue Mestra Janja dizendo que é professora da UFBA, do Departamento de Estudo de Gênero e Feminismo, que é feminista de carteirinha. Sobre isso enfatiza: “só não sou mais feminista do que, do que corintiana (risos), mas sou feminista de carteirinha!”. Disse que queria chamar atenção a respeito disso porque é muito importante que as mulheres, mas em presença dos homens, “*desate de uma vez por toda esse nó*”, porque é “*um nozinho muito sem graça*”. Disse que como a gente diria lá na Bahia, “a gente não tá comendo mais nada disso”.

Segundo Mestra Janja, o fato de acharmos que o feminismo é o lado contrário da mesma moeda do machismo é um erro, pois segundo ela “todo mundo sabe que o feminismo não é o contrário do machismo”. De acordo com ela, sobre o feminismo, diz que quem costuma ir para rua participar de manifestação defender a democracia, sabe que não existe processo de democracia, sem que as duas grandes metades desta população esteja de bem com os seus direitos. São elas: as mulheres e as pessoas negras. Então o feminismo é o outro lado da moeda das lutas antirracistas. O feminismo é a mesma coisa que o antirracismo. Para Mestra Janja deve-se partir desse entendimento compreender a capoeira dentro deste universo.

Prossegue Mestre Janja dizendo que começou a praticar a capoeira em pleno regime militar e pergunta: “Isso diz alguma coisa?”. Em seguida falou que as pessoas costumam falar que ela é a primeira mestra de capoeira angola, ao que afirma:

Esse papo de autoria não é um fato das tradições africanas. Tudo que vem das tradições africanas é coletivo. [...]eu posso ser uma pessoa que na contemporaneidade tem essa visibilidade porque o tempo é outro. Mas estou longe de ser a primeira. Então por isso que eu comecei ressaltando aquelas mulheres que me antecederam. (Mestra Janja, palestra proferida em 2016).

Prossegue falando do feminismo angoleiro dentro do Movimento Feminista, feito pela organização das mulheres, dentro da capoeira angola. A seguir, mostra um quadro da historiadora Adriana Albert, apresentando nomes de capoeiristas do passado, expondo que naquela época, até início do século XX os praticantes da capoeira eram um grupo mais coeso do que é hoje. Através do espaço chamado *capoeiragem* que era frequentado por homens negros ou mestiços, como se falava naquela época, que podemos entender como pardo, com isso chama atenção para várias denominações para o homem negro.

O material apresentado por Mestre Janja revela que a grande maioria das pessoas eram analfabetas e cujas ocupações estavam relacionadas aos espaços das ruas. Estando incluso as mulheres também. Herdeiros da ação nefasta do escravismo, sobre aquilo que foi denominado, de *negros de ganho* e as *mulheres ganhadeiras*. Explicou que esse período revela uma capoeiragem muito mais aproximada, considerando os sujeitos que a praticavam, ela era muito menos desigual do que é hoje. E questiona, “Se a capoeira era uma coisa de macho e de valentão, como é que a gente pode pensar a história das mulheres no interior da capoeira?”

Em seguida trouxe a seguinte citação de Saffiotti (1987, p. 16): “o sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui um único princípio estruturador da sociedade brasileira”, pois como professora de gênero e feminismo não pode deixar de citar suas referências. Fez também referências aos seguintes Autores: Bel³⁵, Mestre Bel; Mestre Atenildo que revelou Salomé, mulher que nos anos 20, 30, cantava samba e jogava capoeira; e historiador Humberto Heráclito, que mostra a presença das mulheres ganhadeiras nas rodas de capoeira. Sobre pesquisa, Mestre Janja deu-nos uma dica: “um dos espaços mais bacanas pra gente fazer pesquisa são os arquivos públicos, os arquivos de segurança pública e os arquivos de autos de prisão”.

Ao falar sobre as mulheres do passado envolvidas na capoeira e até na cabanagem, mulheres que transitavam nos espaços de rua, no universo masculino, afirma: “ou era muita

³⁵ Josivaldo Pires de Oliveira, Historiador e Mestre de Capoeira Angola – Mestre Bel, um dos autores do livro “Capoeira Identidade e Gênero ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil”.

regalia, ou muita deselegância” e com isso havia uma quebra de decoro moral e que não era aceito. Por isso os jornais, sempre tratavam essas mulheres, como “*as expostas, mulheres da pá virada*, fazendo questão acentuar aspectos de masculinidade, existindo sobre elas todo um processo de discriminação”. E como esse argumento, refletiu sobre a questão do “patriarcado que estruturou a sociedade, que divide o homem para ação produtiva e a mulher para ação reprodutiva. Ao homem, o espaço público e a mulher o espaço privado”, destacando que essa mulher da ideologia do patriarcado, não representa todas as mulheres. Explica que, “as mulheres negras assim como, as mulheres indígenas, não estavam associadas a essa lógica do público e do privado, por isso que ficamos fora das teorias feministas”.

Ao apresentar um quadro sobre Linhagem, com uma árvore genealógica da capoeira, diz que essas linhagens hoje não são mais asseguradas. No passado isso era garantido pois, os capoeiras não podiam sair de seu grupo, pois não eram aceitos em outro, em virtude da desconfiança a respeito dos motivos de terem saídos. Falou que isso ocorrera porque os capoeiras são formados na pedagogia da desconfiança, por isso, não havia esse trânsito entre os grupos. Cita, que ainda alcançou a fase em que “um mestre dificilmente era mestre do seu próprio filho ou filha. Com relação as suas esposas, não alcançou, porque vem depois este papo”. Enquanto pesquisadora, tem dificuldade de lidar com essas coisas, pois como capoeira sabe, e todo capoeira sabe que tudo existe. Enquanto pesquisadora prefere provocar. No quadro de linhagem situa algumas das mulheres capoeiristas do passado tais como; Maria Homem, Maria Doze Homens, Julia Fogareiro (foi a última a falecer). Apontando a linhagem de Mestre Pastinha (em destaque), onde consta os Mestres João Grande e Moraes, pois é a linhagem ao qual ela pertence, indicando como “as capoeiras do século XX”, ao se referir a ela – *Mestra Janja e Mestra Paulinha*, as duas primeiras mulheres Mestras Angoleiras, são do mesmo grupo. E posterior a elas, em outro ramo da linhagem, apontou a *Mestra Jararaca*, da academia do Mestre Curió. Com isso, chamou a atenção para “a baixa representatividade das mulheres no interior da Capoeira”, e afirmou que, “isso não impacta apenas sobre a nossa vida enquanto mulheres, mas impacta sobre a própria capoeira”.

No quadro seguinte, apresenta dados do censo de 1920, onde aparecem os homens e as mulheres no início do século XX, e o que faziam na rua. Evidenciando que “elas trabalhavam em serviços domésticos, ainda herdando a ação das ganhadeiras”. Explicou, que aquelas mulheres enquanto eram escravizadas, os seus proprietários, emprestavam, alugavam, colocavam para trabalhar nas ruas como: florista, chapelista, modistas, etc., mas também tinham mulheres frateiras, que trabalhavam com armas, trabalhavam com facas, e essas mulheres eram consideradas ágeis, versáteis, econômicas e políticas. Elas venciam esses desafios de estar nas

ruas muitas vezes até brigando com mulheres e até com homens, disputando seus próprios espaços: “Até na capangagem, que era uma coisa exclusiva dos homens a gente vai encontrar registros da presença feminina. Tomada como mulheres valentes”.

Mestra Janja dá outro exemplo quando aponta o quadro e diz: “Olha, aqui a Jeronyma do Pará!”. E explicou que na Bahia dos anos 20 e 30, essas mulheres também eram chamadas de desordeiras, valentonas, indecorosas, arrelientas. E cita os nomes de alguma delas, ressaltando que através dos nomes, era possível imaginar, porque tais alcunhas lhes foram atribuídas: *Adelaide Presepeira*, a *Angélica Endiabrada*. E ainda, que essas mulheres na resolução dos conflitos vivenciados nas ruas, faziam exposição indevida de aspectos considerados masculinos, e chama atenção:

[...] que masculino e feminino não é da natureza humana? [...] é tudo da cultura hem gente! Homem não tem 10 mulheres porque é homem não, é porque é descarado (risos). E mulher não tem um homem só porque, seja preguiçosa ou seja moralista, é da cultura. Então, são aspectos que são alicerçados para estruturar o que é ser homem o que é ser mulher. E felizmente não é assim em todos os lugares. E nem sempre foi assim o tempo todo. (Mestra Janja, palestra proferida em 2016).

Sobre essa relação entre homens e mulheres, cita o exemplo da dinâmica que utiliza quando surge um conflito entre as crianças deles, do *Alto da Sereia*: “Porque qualquer conflito para tudo. Como vocês disseram aqui, Papoeira”. Como encaminhamento forma duplas e transforma o resultado das discussões em ladainhas. Tem que fazer ladainha. E com isso tem um arsenal de ladainhas: “Dá para botar o alicerce e o recado em ladainha”.

Ao falar sobre a estruturação entre ser masculino e ser feminino, Mestra Janja avisa que não se pode esquecer que a sociedade brasileira foi uma sociedade escravocrata e patriarcalista, porque foi assentada sobre o princípio do pátrio poder. Isso deu ao homem “o poder de vida e de morte sobre a mulher e sobre a prole”. Essa questão é muito séria para ficarmos divagando em nossos próprios umbigos, achando que isso não é uma coisa coletiva, porque é sim. Por não nos atentarmos a isso, incorremos em um risco ainda maior, e que nos espaços institucionais tem sido rejeitado, que é o discurso meritocrático. Que está muito presente dentro dos espaços da capoeira, principalmente nas falas das mulheres: “Ah, se eu consegui chegar aqui, todas vocês conseguem!”. Enfatiza Mestra Janja: “isso não é possível porque as trajetórias de vidas de todas nós, é muito diferente”. E isso, segundo ela, explica, em grande parte, porque é tão pequena a representação das mulheres negras no interior da capoeira.

Sobre isso, Mestra Janja indaga: “Porque cada vez mais se tem menos mulheres negras no interior da capoeira?”. E responde: “É obvio, se nós, mulheres, negras, somos a base da sociedade, e as mulheres não- negras, estão acima de nós, elas vão ter mais espaços, mais

direitos de entrar onde elas quiserem. Isso ocorre porque, inclusive muitas de nós, tem que reverter trajetórias históricas de nossas famílias”. E exemplifica: "Aqui nesta sala tem muitas mulheres que foram a primeira a entrar numa faculdade, a primeira a entrar num grupo de capoeira, a primeira em muitas coisas. Né?”. Isso ocorre, afirmou, porque nós não somos herdeiras, por isso a nossa história é sempre como se ela estivesse sempre começando, porque nós estamos dentro de um espaço de supremacia branca.

Diante dessa realidade, Mestre Janja aponta no quadro e explica que no passado, azedar significava: garrafadas, embriagues, quebra de estabelecimento comercial. Por isso ficaram conhecidas como “mulher da pá virada”, “mulher de cabelo na venta”, “mulher homem”. Novamente, cita o livro do Mestre Bel, que também traz a notícia de jornal sobre – Serrilha do Politeama, que fala sobre Cattú, lê a notícia, chamando a atenção para a forma como eram tratadas essas mulheres, por nomes que enfatizam rebaixamento moral: “decaída”, “vagabunda”. Isso expressa os medos, tais como foram citados nos relatos: o medo dos familiares, ou o medo dos companheiros, pois tudo isso implica sobre a própria moralidade.

Sobre a experiência de discursões sobre temática gênero centrada na mulher, afirma Mestre Janja que, diante do cenário político do início dos anos 80, a capoeira surge como um instrumento de luta contra todas as opressões. Logo situaram a opressão de gênero presente também na capoeira, como fator desestruturante de todas as desigualdades, referentes as mulheres nos espaços de homens, portanto uma reflexão necessária. E questiona sobre o que seria “esse espaço de homens?”. Responde citando o encontro que teve com outros pesquisadores: “O que a gente hoje tem visto, é muito impressionante. Eu tive no evento do mestre Gladson lá em Brasília, com o historiador Carlos Eugênio, que você cita (referindo se a minha fala)”. Informa que esse historiador tem descoberto em vários levantamentos, que cada vez é muito maior o número de descoberta de mulheres que praticavam capoeira, inclusive em 1890, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, a famosa Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - USP.

Já tinha capoeira ali dentro da USP, afirma Mestre Janja e já tinham mulheres praticando capoeira ali dentro. Embora as vestimentas fossem uma desvantagem. Mas tinha aquela coisa que João pequeno chamava de oitiva, se ensinavam em espaço mais reservado. O modelo de ensino da prática da capoeira, não era esse que a gente conhece hoje. Aquela sala de aula, como você disse, (referindo a mim), um olhando para nuca do outro: “arrumado como se fosse uma aula de educação física. Então não era assim, era de pessoa pra pessoa. Você pedia aquele mestre pra lhe ensinar e colava nele a vida toda”.

Sobre essa relação com o Mestre, acrescenta: “Onde ele ia, você ia atrás, esperando um momentozinho livre para aprender. Então eram esses os aspectos, o reconhecimento do rebaixamento, e que as mulheres eram sumariamente rebaixadas no interior da capoeira”. E esse rebaixamento tinha implicação, obviamente, na promoção destas mulheres. No contexto da grande roda, dos valores sociais ligados nesta discussão o que a gente estava discutindo.

Ao voltar a falar da mulher no contexto dos movimentos sociais, Mestra Janja expõe o que se fazia no contexto dos anos 80: o ressurgimento das mulheres do movimento feminista, com a primeira Constituição brasileira (1988), que assegurou os direitos das mulheres, porque “nós feministas, imprimimos o movimento que naquela época foi chamado de *Lobby do Batom*”. Isso implicou em ir à câmara dos deputados assegurar que os direitos das mulheres fossem incorporados a nova Constituição.

E no contexto da capoeira, as mulheres capoeiristas faziam a mesma coisa, isso serviu como um instrumento de luta, pois lembrou a repercussão disso, junto ao mestre no Forte de Santo Antônio em um dia de roda:

No sábado à noite, que era dia da roda, todas as mulheres no vestiário: “uma perguntava: quem trouxe o batom? Aí uma respondia: Eu! Ai, todas colocavam o mesmo batom. Saía e entrava pra roda assim. E obviamente, capoeira é um espaço de muitas hierarquias, de muita paixão”. Então a gente não sabia como dizer certas coisas, mas tinha que ser dito. A gente já sabia que tinha que dizer. Então num primeiro momento a gente ensaiou virar de costa. Quando acontecia alguma coisa, baixaria tipo uma mulher entra na roda, e um homem vem de lá. É sempre um mais velho que faz isso. E dar um tapinha na bunda. Aí todas as mulheres da roda onde estava virava de costa. E aí, quem tava de fora não entendia né! Aí obviamente, tomamos uma grande bronca do Mestre Moraes por isso, né! – Quando acontecer vocês chamam pra conversar, mais isso não tá bacana. Tá bom! A gente não vai mais virar de costa. Mas quando acontecia uma baixaria a gente... (MESTRA JANJA, palestra proferida em 2016).

Com essa postura, revelou Mestra Janja que as mulheres passaram denunciar tudo aquilo que estava acontecendo, porque não queriam ser plateia, e para sair da condição de plateia imprimiram também o famoso *lobby do batom* no interior da capoeira. Parafraseando Mestre Pastinha que dizia naquela época que ele nasceu para capoeira, as mulheres passaram a dizer: “Eu escolhi a capoeira”. Com isso rebatiam a ideia que se nasce predestinado para a capoeira, pois a mulher escolhia a capoeira por uma questão de autonomia. Mestra Janja reforçou esse argumento como uma frase de bell hooks, que diz, que ninguém que é contra o meu próprio crescimento pode estar do meu lado se dizendo meu amigo.

Na capoeira é mais ou menos isso, e pode se dizer, que é impossível uma pessoa estar do teu lado se dizendo mestre ou professor, se está contra seu crescimento. Com isso chama a atenção para diversidade de direitos nesse contexto.

Ao referir-se sobre a questão das músicas de cunho pejorativo no seio da capoeira, que já citamos anteriormente na terceira seção, e da necessidade de adaptações. Mestre Janja relatou algumas situações envolvendo mestres de capoeira. Primeiramente trouxe uma experiência de três anos atrás, ocorrida na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, durante o primeiro Seminário Nacional de Pesquisadores e Pesquisadoras de Capoeira, onde, para incluir no título: “e pesquisadoras”, foi uma luta, mas incluíram. Este evento resultou em um livro com a publicação de textos de 19 homens e 15 mulheres, considerado um ganho impressionante para as mulheres.

Por ocasião do evento, Mestre Janja também relata que, em um dos dias do evento, chegou um mestre de capoeira que desceu a escadaria do auditório do teatro, dizendo em tom jocoso: “Eu soube que as mulheres estão discutindo essas coisas da capoeira, querendo espaço próprio?” Na ocasião Mestre Janja estava sentada à mesa. Esse senhor vem, senta ao seu lado, e lhe diz: “Por que vocês precisam entender a música quando diz, “se essa mulher fosse minha eu tirava da roda, já, já. Dava uma surra nela, até ela gritar chega”. Não é surra de mão, é surra de “P” e elas gostam”. Nesse momento houve silêncio no auditório. Como resposta, Mestre Janja, pegou a bolsa e saiu da mesa e as mulheres que ali estavam, todas saíram com ela.

Mestra Janja relata outra situação que viveu em uma Roda de Capoeira em Minas Gerais. Contou que presenciou um mestre muito famoso, pegar uma menina no colo e jogá-la fora da roda. Diante dessa postura Mestre Janja apenas olhou para as pessoas que estavam com ela, pegou a sua bolsa e saiu. O mestre observou sua atitude e disse que se ela fosse embora, iria considerar aquilo com um desrespeito. Mestre Janja então lhe respondeu: “Eu não tenho que lhe respeitar, quando você, não respeita a capoeira”. Afirma que tem essa estratégia, simplesmente não dar ibope.

Depois desses exemplos, enfatizou Mestre Janja: “*A gente tem poder. A gente sabe que tem esse poder. E a gente precisa dizer que não é por desrespeito àquela pessoa, mas é por respeito a mim e por respeito a capoeira*”. E, continuou chamando a atenção dos presentes para esse tipo de postura, de repudiar e não aceitar os abusos oriundos da supremacia branca, masculina, jovem, sudestina que a sociedade tenta impor.

Acrescenta que, quando se defendem dizendo não poder mudar, citando como exemplo, o que temos a fazer diante a negação a mudança das letras das músicas. Então: “*E a gente tem que dizer: Olha mestre. A capoeira sobreviveu a perseguição, a proibição, a*

criminalização, exatamente porque ela é dinâmica. Ela soube se modificar na hora que ela precisou. E agora é uma hora”.

Mestra Janja acrescentou, que atualmente as mulheres representam 35% dos praticantes de capoeira no Brasil e que por isso precisam exercer seu protagonismo, não para destituir ou tomar o lugar de ninguém, ao contrário, é para estar ao lado dos mestres, dizendo para eles tudo aquilo que é contraditório e que ainda está na boca de um capoeirista, como o racismo e o sexismo. Isso porque a capoeira está comprometida com luta por liberdade”. Segunda Mestra Janja, a história da capoeira no Brasil se reestrutura exatamente para lutar pela liberdade e pela dignidade humana. E acrescenta: “Ninguém disse que era dos homens. Se disser que eram dos homens. Eu vou dizer, ah é?! Agora são dos homens brancos ricos do Sul? A gente sai da fase da denúncia e vai para fase das ações”, para isso é fundamental a criação desses coletivos para se discutir uma série de coisas. Sobre a necessidade de coletivos e feminismo, Mestra Janja destacou a importância da inserção das mulheres na capoeira:

Bota o gunga na mão das meninas; dá o gunga pra essas meninas cantarem; Vamos botar essas mulheres pra fazer música; Vamos falar da condição feminina dentro da capoeira; Vamos estruturar as comunidades para que aquela criança que chegue ali, dentro do treino, aquela mãe, não tenha que parar de treinar, porque quando aquela criança entrou naquele espaço, ela é filha daquele grupo. Ela é filha daquele grupo, senão a capoeira não tem nada a ver, com os fundamentos da cultura africana. Se não for assim, entendeu? A gente perde muito mais ainda. Porque a gente vai para dentro daquele espaço de onde a gente quer sair, que é dentro dessas matrizes eurocêntricas, competitivas e excludentes que a gente já encontra na escola. A capoeira não pode reproduzir isso. Não pode e não podemos viu gente! Então eu escolhi a capoeira. É isso aí. O que uma mulher que tá na capoeira não faz? – Absolutamente nada. Ela faz tudo que qualquer homem faz. Tudo. Ela constrói instrumentos, ela joga, ela toca, ela canta, ela produz, ela pesquisa, ela publica, tudo que qualquer homem faz, as mulheres fazem no interior da capoeira. (Mestra Janja, palestra proferida em 2016)

Depois dessa fala, Mestra Janja apresentou um quadro apresentando vários coletivos/ movimentos feministas existentes e suas publicações, dizendo que agora iria atualizar acrescentando o Movimento Capoeira Mulher. Entre estes, cita o Coletivo de Mulheres Capoeiristas dos Estados Unidos, que há 20 anos, realizam todos os anos suas conferências, cada uma delas em uma cidade diferente. Do Brasil, cita os Coletivos Angoleiras no Rio, Tereza de Benguela em Porto Alegre, Mandinga de Mulher em Salvador, O Capoeira de Saia da Mestra Brisa, O Coletivo Feminista de Capoeiristas Alagoanas. Mostrou ainda que existe a Rede Angoleiras de Mulheres (RAM), um grupo virtual, que tem uma rede de formação pela internet com integrantes de 67 países. Segundo Mestra Janja, esses coletivos estão realizando eventos em vários lugares, citando as três conferências que ocorreram em Fortaleza, Ceará com o título:

“*Lei Maria da Penha*”. Em duas conferências, a própria Maria da Penha esteve presente. Disse também, que até quando falamos sobre a religiosidade africana há exclusão da mulher, porque sempre enfatizamos as entidades masculinas como Ogum, Xangó, entre outros, não as entidades femininas.

Mestra Janja compartilhou ainda uma cartilha que produziu chamada “Tem dendê na roda” que objetivou atingir as capoeiristas e baianas de acarajé, sobre a Lei Maria da Penha. Na ocasião, foi também produzido um Manifesto pelo grupo Mandinga de Mulher contra a publicação de um calendário chamado “as belas da Capoeira”, publicado na Europa. Nesse, aparece oito mulheres em uma praia deserta, em cima de umas rochas, com os berimbaus entre as pernas. Isso foi interpretado pelo grupo Mandinga de Mulher, como coisa absurda, então, conseguiram que a postagem fosse retirada de circulação.

Além disso, Mestra Janja falou sobre a “Conferência Chamada de Mulher em Brasília” onde aprovaram “*A carta de Brasília*”. Na carta que foi entregue e protocolado na Secretaria de Cultura e a Secretaria de Política para as Mulheres, solicitaram a atenção para a condição das mulheres no interior da capoeira, como a ampliação e o uso da *Lei Maria da Penha* no interior da capoeira, pois não há uma pessoa, que não reconheça a capoeira como uma família, assim sendo é um espaço doméstico. Afirma ainda, que a carta condena o feminicídio e reivindica que um grupo de capoeira, cujo mestre, alunos mais velhos e lideranças que estejam envolvidos em crimes dessa natureza, ou seja, de violência contra a mulher e feminicídio, não tenham acesso aos recursos das políticas públicas de qualquer natureza.

Mestra Janja finalizou seus quarenta minutos de exposição e com o avançar da hora, não aconteceram muitas intervenções, mas como havia um questionamento durante as exposições que permaneceu na memória, a respeito da não existência de Mestras de Capoeira formada pelos grupos no Estado do Pará, Mestra Janja foi enfática, em afirmar que na opinião dela o Pará, já tinha uma Mestra de Capoeira, apenas faltava reconhecer. E continuou questionando: “O Mestre não é aquela pessoa reconhecida pela comunidade? E aqui não tem uma comunidade da capoeira, não tem mestres de capoeira, não tem capoeiristas neste auditório? E afirma, e eu sou uma mestra. – Então, quem concorda que a Silvia Leão – Pé de Anjo, é uma Mestra de Capoeira fique de Pé”.

O auditório respondeu positivamente ficando em pé, apesar de apenas um mestre não ter levantado. E assim, no dia 22 de novembro de 2016, *Silvia Leão, a Pé de Anjo, foi declarada por aclamação Mestra de Capoeira, a primeira Mestra de Capoeira do Estado do Pará. A surpresa e emoção foi geral, principalmente para as mulheres que construíram esse I Colóquio,*

e para a autora deste texto que vem questionando há muito tempo essa situação da mulher na Capoeira nas reuniões do Comitê Gestor.

Na ocasião, Mestre Bezerra, um dos mestres mais velhos em atuação no Estado, afirma que o Pará não merece só uma mestra, mas muitas mestras de capoeira, e que daquele momento em diante iria olhar com mais atenção para esta questão.

No segundo dia, na manhã de 23 novembro de 2016, houve a “*Roda de Conversa sobre Patrimônio e Gênero: Detentoras do Patrimônio Imaterial Paraense*”. A mesa estava composta pelos seguintes representantes: *Carimbó*: Mestre Maria de Nazaré do Ó Ribeiro (Águia Negra); *Capoeira*: Denilce Sereia (União Capoeira); *Artesã de Cuia*: Lélia Almeida (ASARISAM); *Capoeira*: Mestre Janja (Grupo Nzinga de Capoeira Angola); *Mediadora*: Gleycilene Pereira (IPHAN/PA). Sobre a programação do evento trago parte do relatório, construído pela equipe do IPHAN, que diz o seguinte.

O segundo dia de encontro foi mais abrangente, em nível de bens registrados. Estiveram presentes a Mestre de Carimbó, Maria de Nazaré do Ó Ribeiro, a artesã de cuias, Lélia Maduro, as capoeiristas Denilce Sereia e Mestre Janja. Cada detentora expôs um pouco sobre as suas vivências relacionadas ao bem registrado e colocaram suas dificuldades enquanto mulheres detentoras. Uma das dificuldades apresentadas foi a questão do apoio familiar, no caso do companheiro, que muitas delas não recebem ou são condicionadas a alguma coisa para poder realizar o seu trabalho. Por outro lado, um ponto positivo destacado dentro dos grupos é a força que cada mulher passa uma para outra nesses coletivos. Lélia Maduro, que é integrante da Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém – ASSARISAM, destacou o importante papel das mulheres que fazem parte da Associação na vida das mulheres, pois muitas tiram o seu sustento dessa arte e se apoiam mutuamente quando as adversidades aparecem.

Mestre Maria de Nazaré do Ó, fundadora e compositora do Grupo de Carimbó Águia Negra, apesar de não se considerar mestra, é reconhecida pela comunidade como tal, e faz um trabalho em Icoaraci com o seu grupo de carimbó. Mestre Nazaré destacou a importância que o carimbó ganhou a partir do registro e as dificuldades que muitos grupos ainda enfrentam hoje com relação ao reconhecimento de suas obras. Sobre a mulher no carimbó, considerou, a partir de sua vivência, que “ainda precisa resolver muitas coisas para se avançar”, mas que avalia que as situações vêm se modificando. (PEREIRA, 2017, p. 13).

Para continuidade do ocorrido no dia 22, antes de iniciar a programação prevista, Mestre Janja pergunta se concordávamos em redigir um Certificado reconhecendo, Silvia Leão como Mestre de Capoeira. Prontamente, Nete Açaí, Professora Fênix, Leca Marinho e eu, concordamos, pois já havíamos pensado nisso no calor da discussão a respeito do ocorrido e socializado no nosso grupo. Uma vez aceito pelo grupo a proposta, Mestre Janja e eu, utilizamos o computador que se encontrava no auditório para confecção do documento. Pedimos para

imprimir, duas cópias, para que pudéssemos escolher. Então, optamos pela que estava com a logomarca do MCM.



Figura 47- Certificado que deu a Silva Leão o título de Mestre de Capoeira
Fonte: Arquivo da autora.



Figura 48 e 49 - Da esquerda para direita, Mestra Janja na leitura do certificado e na seguinte capoeirista Treinel Edmar assinando o certificado.

Fonte: Acervo da autora.

Como, também não havia sido planejado com antecedência a feitura do certificado, o grupo entrou em contato com a Gisele Tsunami, que não se encontrava no local e com a família da Mestre Silvia Leão – Pé de Anjo, representada pelo irmão, advogado Marco Apollo Leão e sua esposa, professora Dalva, para receber o documento. A entrega do certificado a Marco Apollo Leão foi feita por Gisele Tsunami, coordenadora do MCM, que leu o texto documento para todos os presentes antes de entregá-lo ao irmão de Silvia Leão. Após a entrega, ainda emocionada, canta o refrão de uma música de capoeira feita pelo capoeirista Paulo Anum que era do Dandara Banbula “vai comprar o jogo de Nosso Senhor, foi se embora como um Pé de Anjo, saudade na roda deixou”. E conclui com uma saudação: “Salve Pé de Anjo!”



Figura 50 - Leitura e entrega por Giseli Tsunami, do certificado que deu a Silvia Leão (Pé de Anjo) o título de Mestre de Capoeira à família.

Fonte: Arquivo da autora.

Ao agradecer, o irmão de Silvia Leão ressaltou a luta de sua irmã junto com outras capoeiristas; Catita, Karen, Sininho, Gisele e muitas outras que deram continuidade ao movimento. Emocionado, Marco Apollo recebeu com alegria, pois para ele é tão significativo esta lembrança, principalmente por ser, em um período de muitas lembranças e saudades, devido proximidade entre as duas datas dos aniversários de nascimento e de morte de Silvia Leão. Ao falar da personalidade de Silvia, ele conta uma história vivenciada por ela enquanto esteve hospitalizada, dizendo que ela adotou uma menina que havia ficado paraplégica e que após sua partida, a família continuou dando toda assistência a menina até o dia em que está também partiu. Afirmou mais, que ele e sua família ficaram felizes pela realização da pesquisa sobre o MCM, e prometeu dispensar todo apoio que pudessem para realização de meu trabalho.

Agradeceu a Mestre Janja, pela iniciativa deste reconhecimento, recebendo palmas de todos os presentes.



Figura 51- Recebimento e pronunciamento por Marco Apolo Leão, irmão da Mestre Silvia Leão.
Fonte: Arquivo da autora.

Ao final, Marco Apolo solicitou que Mestre Janja assinasse o certificado, pois entregamos um documento sem assinaturas. Mestre Janja entendia que não deveria assinar, mas como ele insistiu, ela assinou no verso do certificado (ANEXO 3). Ao devolver, ele me pediu que gostaria que ela assinasse na frente, pois iria emoldura o certificado. Mais uma vez solicito e explico a intenção dele e Mestre Janja assina, desta vez na frente. Em virtude desta situação o documento consta duas assinaturas de Mestre Janja, a primeira feita no verso e a segunda na frente.

Como foram feitas duas impressões do mesmo documento, uma com a logomarca do Movimento Capoeira Mulher e outra sem a logomarca, a mestra entregou e diz: “Esta cópia fica com vocês” e a outra com a logomarca escolhida como original, deveria ser entregue a família. Marco Apolo, no entanto, pede a que estava comigo, para mostrar a sua família e me solicita que fique com o outro certificado para as outras pessoas que quiserem assinar o documento.

Posteriormente ao evento, foi socializado que o certificado que estava sob minha responsabilidade para receber a assinatura dos mestres e demais pessoas presentes ao evento no dia 22 de novembro de 2016(ver anexo 3), pois a maioria destas pessoas não estavam

participando do segundo dia da programação. Assim como, de todos que manifestaram desejo de assinar.

4.2 . REPERCUSSÃO DO RECONHECIMENTO MAESTRIA DE SILVIA LEÃO

O período pós reconhecimento, não foi tranquilo, a ruptura, a quebra de paradigma de não reconhecimento de mulheres enquanto mestras de capoeira, estava quebrado. E cada vez que uma mulher sobe um degrau na pirâmide social referentes as oportunidades, quando o estamento da base se move os demais estamentos, também se movimentam. E reagem, neste caso, a pior forma de reação foi verificada, as agressões às mulheres nas redes sociais e pessoalmente também. A Instrutora Tsunami, durante um sábado de aula no IPHAN, comentou sobre os assédios sofridos, na mesma noite em que ocorreu a mudança na história da capoeira no Pará.

Diante do quadro de misoginia formado, comuniquei a professora Dalva, cunhada de Silvia Leão, que eu não iria mais sair com importante documento para receber assinaturas. Por uma questão de segurança, decidimos recolher o documento até o momento de ser entregue a família posteriormente, pois a falta de compreensão gerou muitas agressões e falas equivocadas. Como aconteceu inclusive por Mestre Imar, o antigo mestre de Silvia Leão, e ex. companheiro dela, pois quando ela faleceu, já não viviam juntos, que não compreendeu o significado deste documento e entendia que precisava assinar por ela. Ao que expliquei que era um reconhecimento *in memoriam*, e como tal não precisaria ninguém assinar por ela.

As agressões a todas nós mulheres, principalmente as que estavam envolvidas na criação e implementação do I colóquio foi desumana. Surgiram falas, debates em grupos virtuais, muito agressivos, ofensivos, preconceituosos, misóginos, proferidos por homens capoeiristas e inclusive por mestres. Semelhantes aos proferidos a vida toda contra as mulheres, principalmente, com aquelas envolvidas no MCM desde o início. O que nem sempre significa falta de compreensão, muitas vezes, significa falta de ética e de humanidade. Posicionamento retrógrado, ultrapassando os limites das legislações vigentes e de proteção para mulher. Dessa forma, se estendendo para além das fronteiras do Estado, assim como para o ano de 2017, com os mesmos posicionamentos.

Apesar disso tudo, recebemos também muitas mensagens de apoio de homens e mulheres de bom senso, que compreenderam a importância do reconhecimento de uma mulher como Mestre de Capoeira, principalmente, por se tratar de Silvia Leão. No entanto, em meio a tanta oposição, surge Mestre Arrepio, com uma fala de alento quando me disse:

No próximo sábado estarei aí, Zeneide e se for possível, eu puder também assinar o certificado dando apoio ao título a Silvia, minha amiga e merecedora de todas as honras...não interessa o que os outros falam, interessa o que eu vi, ouvi e vivi enquanto ela estava viva. Agradeço a ela por ter me proporcionado vários momentos bons, de pura amizade, de puro conhecimento. Através dela eu fiz vários amigos, fiz com que aqueles que me odiavam começassem a gostar de mim. Ela uniu uma parte da capoeira que se digladiava. Não só aqui em Belém, mas fora, quando a gente se encontrava aí por fora, a gente queria se matar. Ela e Mestre Luiz Carlos fez isso e ele ainda faz isso, porque ainda está vivo.

O MCM também recebeu apoio do Mestre Ferro do Pé, do Professor Comilão, da Luana, pesquisadora do MCM para fins de TCC/UNAMA, da capoeirista Jennifer Margarida, da capoeirista Karine, da capoeirista Yoko, entre tantas (os) outras (os). Sobre esse momento o Professor Comilão assim se expressou:

Eu não sou muito de me manifestar nestes debates, mas quero aproveitar o momento para e dizer que também apoio. E gostaria de saber qual o problema de reconhecer a Silvia como Mestra de Capoeira pelos feitos dela? Se ela tivesse aí com certeza ela estava trabalhando pela capoeira. Ela não era minha amiga, participou algum momento do meu trabalho, estava sempre com mestre Romão, sempre incluía o Mestre Romão nos eventos que ela estava organizando o dela. Valorizou todos os mestres de capoeira do Estado do Pará, todos os professores, as alunas, todas as mulheres. Acho que todos que tiveram o contato com ela diretamente e até indiretamente. O primeiro evento do Capoeira Mulher as minhas alunas participaram e aquilo foi muito importante para a capoeira do Estado no momento. Então acho que é mais do que justo, até porque ela merece.

A emoção tomou conta das mulheres, e foram expressadas de diferentes formas e meios, seja através das palavras escritas ou faladas, através de áudios ou ainda, através de *emoticons*³⁶ e *emojis*³⁷, símbolos e códigos que demonstraram o contentamento ou não, com o reconhecimento ainda que tardio de Silvia Leão, como Mestra de Capoeira *in memoriam*, nas postagens feitas nas redes de interação social. Sobre esse momento significativo para as mulheres, as agressões postadas por muitos mestres e contra-mestres em grupos fechados, desaprovando de forma agressiva, chamando as mulheres e o reconhecimento da mestra de hipocrisia. Gisele Tsunami no dia 24 de novembro, diz: “não sei explicar se as tormentas estão mais amenas ou se nós estamos mais fortes”. E a capoeirista Yoko enfatizou:

³⁶ *Emoticon* é uma forma de comunicação paralinguística, um *emoticon*, palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção)+ *icon* (ícone) (em alguns casos chamado *smiley*). Fonte: <http://www.uhull.com.br/02/18/significado-dos-emoticons/> Acesso em: 25 dez. 2016.

³⁷ Palavra japonesa, composta pela junção dos elementos “E” (imagem) e *MOJI* (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. São as Carinhas e símbolos que ajudam a expressar emoções, alegria, tristeza, surpresas decepção, etc.... utilizadas em redes sociais. Fonte: <https://www.significados.com.br/emoji/> Acesso em: 25 dez. 2016.

Agora é o reboiço porque a Pé de Anjo foi formada como Mestra de Capoeira do Estado do Pará, a primeira Mestra de Capoeira. Mas o mais engraçado é quando a gente vê mestres de capoeira de nosso estado, que a gente não reconhece, aí aparecem na roda com uma corda na cintura. [...] vamos respeitar o nosso momento, vamos respeitar o nosso movimento, vamos nos respeitar. [...] quer dizer agora com a formação da Pé de Anjo, tá tendo toda essa burocracia?! (Yoko, áudios em 24 de novembro)

Não havia a princípio argumento muito claro para tanta reboiço, como enfatizou Yoko, a exigência que para merecer título de mestra era preciso estar treinando, o entendimento que quem havia reconhecido era o IPHAN, pensava ser por não entenderem o que significava um reconhecimento “in memoriam”, com tempo foi possível perceber que não era isso, pois não adiantava explicar de diversas formas. Contudo a felicidade das mulheres foi indescritível, como nos fala Karine no dia 24 de novembro: “Graças a Deus estou vivendo um marco na nossa história.”, revelando o sentimento de ter participado deste momento histórico.

A equipe de trabalho do IPHAN também se posicionou. Larissa acompanhou tudo a distância através da transmissão ao vivo, e disse:

Fico muito contente de dizer que foi um evento pensado por mulheres para mulheres. Valeu Gleyci, por esta primeira articulação para o evento acontecer, por organizar esse grupo e discutir datas e possibilidades desde agosto. E claro, a todas que participaram do GT, agora Comitê Gestor, com todas as reuniões, e que se dispuseram a botar o evento na rua, que pontuaram que um momento seria muito pouco e que nos fizeram ampliá-lo, a conseguir articular o evento na semana da consciência Negra, pois o evento surgiu neste afã: gênero, raça e capoeira.

Quanto a Cyro Lins nos parabenizou pelo sucesso do evento realizado, embora suas atividades o tenham impedido de acompanhar as exposições, vez ou outra entrava no auditório, e teve a felicidade de entrar exatamente no momento em que Mestra Janja, diz que se o reconhecimento de mestre é a comunidade que faz. Então baseado nisso, pede que se levantem os que concordam que Silvia Leão é Mestra. E diz que foi emocionante para todo mundo que estava presente sobretudo para as mulheres do Capoeira Mulher, e trago na íntegra seu depoimento em entrevista concedida:

Ih! Isso vai dar o que falar depois. Mas assim, eu acho ótimo. Do ponto de vista da política pública, do ponto de vista da atuação, da discussão da Salvaguarda Capoeira, eu acredito que foi positivo o acontecimento. Foi positivo, por que suscitou o debate. Se estabeleceu o debate a partir daí. A maneira como esse debate tem sido travado nas redes sociais, nos grupos, é que a gente pode questionar. A gente vê realmente posições muito preconceituosas, machistas e misóginas. Faço questão de reafirmar e deixar muito claro de que em momento algum o IPHAN tem atribuição ou reivindica atribuição de reconhecer mestres de capoeira. A gente não tem essa função, ou tarefa.

A priori, qualquer pessoa que entrar por aquela porta e disser: – eu sou mestre ou sou mestra. Eu vou chamar de mestre, vou chamar de mestra. Porque um princípio inicial que a gente utiliza é o do auto atribuição, que é assegurado pela convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e por outras legislações brasileiras e na internacional, da qual o Brasil é signatário. É expresso também que as políticas culturais da convenção do Patrimônio imaterial nacional e da política da Salvaguarda da UNESCO, que devem observar a diversidade de gênero ou de raça nas ações e devem respeitar tudo isso.

Em momento algum o IPHAN incentiva ou advoga pra si esse reconhecimento. A gente entende que esse reconhecimento foi feito ali de forma pública com a participação de vários mestres, inclusive que são conhecidos e reconhecidos no Estado do Pará.

A gente acha que é positivo porque na medida que se estabeleceu um debate a respeito do protagonismo da mulher, do reconhecimento de toda uma vida dedicada a capoeira e que deixou um legado pra capoeira feminina no Estado. Eu acredito que foi um marco bem interessante apesar de todos os desdobramentos negativos, que possam ter acontecido.

Eu acho que é isso mesmo, são momentos de rupturas que causam isso, até que as pessoas possam digerir um pouco mais o que aconteceu.

Institucionalmente a gente faz questão de propiciar o debate, acho que esse é o nosso papel. Se propiciar o debate, se propiciar o espaço para que essas questões sejam levantadas e sejam debatidas.

Na verdade, as ações de Salvaguarda são estabelecidas em diálogos e comunicação com a participação direta dos capoeiristas e das capoeiristas. Então assim, isso não depende da instituição, se for deliberado pelo Comitê Gestor e se for colocado como ação a ser desenvolvida e se estiver em consonância com a política de salvaguarda e como a contribuição de nosso órgão, a gente vai sim, desenvolver. Buscando meios para realizar em participação com a comunidade. (CYRO LINS, entrevista concedida em 2017)

Alguns Estados, como Bahia, Pernambuco e Rondônia, incluíram os debates sobre a questão de gênero. Em Pernambuco a questão de gênero foi mais ampla, incluindo outras questões, tais como a de LGBT. (Cyro Lins, entrevista concedida em 2017).

A conquista das mulheres e até explicações sobre a questão, deveriam ser aceitas ou no mínimo respeitadas, mas há o predomínio da hegemonia masculina, oriunda das estruturas patriarcais eurocêntricas, referendando a exclusão dos valores do mundo da mulher. A exemplo, cito a fala surgida durante um momento que me colocaram em uma roda entre mestre, em um bar após a realização de um evento de capoeira em Icoaraci, ao tentarem me convencer que eu estava errada em pesquisar apenas as mulheres. Quando a fala de um desses mestres, que inclusive queria me dar “o título de mestra de capoeira enquanto eu estava viva”.

A outra fala do mesmo mestre, se referia as mulheres que estavam a frente de alguma situação envolvendo protagonismo de mulheres, “você quer ver outra que está sozinha” e cita o nome de uma capoeirista que de fato estava tentando organizar um evento voltado para mulheres. E afirmava que ela não poderia ficar sozinha. Pensei: “Como essa moça está sozinha,

se ela é filha de um dos mais conceituados mestres de capoeira?”. Essa moça é atuante na capoeira, dá aula em seu polo e sempre está envolvida nos eventos, junto com sua família biológica e sua família capoeira.

Portanto a ideia que passa é que, a falta de homem, é que faz as mulheres que estão solteiras se envolverem nestas questões, e na menos pior das hipóteses, precisa sempre ser coordenada por homem. Coincidência ou não, o fato é que em pouco tempo, a referida moça, aparecia em postagens em rede social, iniciando um relacionamento com um capoeirista, de um dos grupos dos homens que me colocaram na roda de mesa de bar, e não se percebem mais falarem no evento que ela estava a planejar. Portanto, é preciso estar atenta para o processo de colonialidade de poder e de gênero. Desta forma,

É de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a “superioridade” dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos. (SAFFIOTI, 1987, p.11)

As mulheres neste contexto são vítimas do “pacote” de exclusão tanto de gênero, raça e classe dentro da capoeira, com isso, o que os homens capoeiristas fazem, tal como Gonzales (1984), senão garantir a hegemonia masculina oriunda das estruturas patriarcais eurocêntricas que referenda a exclusão dos valores do mundo feminino, dentro de uma prática cultural do povo negro. Um movimento social de resistência do povo negro, que deveria ser de inclusão e de libertação, não de opressão e de exclusão. O que eles pensam que são, homens brancos, ricos e sudestinos, como bem disse Mestre Janja, em sua fala, na Roda de Conversa do primeiro dia? As mulheres capoeiristas vivenciaram um momento *ímpar* de ação políticas para reverter uma situação de desigualdade dentro do mundo capoeira no Estado do Pará.

4.2.1 - Roda em homenagem a Mestre Silvia Leão – Pé de Anjo

Foi em Praça pública que tudo aconteceu. A roda para comemorar, homenagear e reafirmar o reconhecimento *in memoriam* à Mestre Silvia Leão – Pé de Anjo, no dia 15 de janeiro de 2017 no mesmo local, onde há 15 anos, no dia 12 de janeiro de 2002 tudo começou. No anfiteatro na Praça da República.

E haverá local mais adequado para se comemorar e reafirmar o Reconhecimento, *in memoriam*, da Primeira Mestre de Capoeira do Estado do Pará?

Certamente não.



Figura 52- Roda de Capoeira e de comemoração ao reconhecimento de Mestra Silvia Leão no Anfiteatro da Praça da República.

Fonte: Arquivo da autora

Assim, numa roda, a começar por toda a organização do evento, na organização do espaço do anfiteatro, com a disposição dos objetos e instrumentos musicais de forma circular, a linguagem, as imagens, os instrumentos, a música e dança a expressão corporal, vivenciada no espaço, onde as mulheres empoderadas de saberes ancestrais estruturantes da capoeira, com a presença dos homens, meninas e meninos capoeiristas, de Mestres de Capoeira, da comunidade em geral e principalmente em presença da Família de Silvia Leão – as irmãs Cristina Leão e Elizabeth Leão, e irmão Marco Apollo Leão. E, certamente na presença da Mestra Silvia Leão, na memória dos participantes, a Monitora Jennifer Margarida inicia as atividades.

[...]Hoje a gente comemora a maestria de Silvia Leão, pela ancestralidade e pelo legado que ela deixou na capoeira feminina do Estado do Pará.

Hoje em dia, fora do Estado não se tem dimensão do que é isso, desses 15 anos. Nós somos pioneiras no Estado e somos pioneiras de muitos outros neste país. Muitas usaram como modelo para criar o seu movimento feminino. Então querendo ou não o Capoeira mulher também contribuiu.

Hoje é o dia de comemorar, as lágrimas da saudade é impossível muitas vezes conter. Porque foi uma pessoa que esteve com a gente até onde ela pode. Eu sei eu sinto, que hoje ela ta aqui, feliz em ver que a gente conseguiu completar 15 anos. Mesmo sendo humilhada, mesmo sendo discriminada, mesmo dizendo que nós somos vitimistas. Quando na verdade não. A gente abaixa a cabeça, respira, levanta e segue em frente. Porque a capoeira é de todos, inclusive de nós mulheres também.

Outra coisa que é muito importante frisar – somos mulheres que acreditam no potencial da mulher dentro da capoeira. (JENIFER MARGARIDA, fala de abertura da roda realizada em 15 de janeiro/2017).

Deveria ser apenas uma roda em homenagem a Mestra Silvia Leão e de comemoração dos 15 anos do MCM, mas na realidade, também foi mais uma forma de reconhecimento com

a entrega de uma corda vermelha, confeccionada pelas mulheres capoeiristas, para família Leão. Na ocasião, aproveitei também, para entregar a família o Certificado de Mestre Silvia Leão, que neste dia recebeu muitas outras assinaturas.



Figura 53 54 - Da esquerda para direita Jennifer Margarida assinando, na segunda Cristina Leão, pesquisadora Maria Zeneide, Marco Apolo Leão e Elizabeth Leão.

Fonte: Arquivo da autora.



Figura 55 e 56 - Finalização da Roda de Capoeira com todos os participantes em homenagem a Mestre Silvia Leão e aos 15 anos do MCM na Praça da República em 15 de janeiro de 2017.

Fonte: Arquivo da autora

As mulheres novamente deram uma lição de organização, mostrando o seu valor, conseguiram superar as agressões, os assédios morais a que foram submetidas por muitos homens e mestres. Algumas delas, sofrendo agressões por parte de seus próprios mestres, bem como, todos os problemas que se acirraram após o reconhecimento de Mestra Silvia Leão. Porém, elas conseguiram vencer o boicote, inclusive de alguns de seus mestres e realizar a homenagem para amiga e companheira de luta, Mestra Silvia Leão, na presença de sua família, ocasião em que suas irmãs e irmão se pronunciaram,

Em nome da Silvia em nome da nossa família. A gente tá muito grato por essa homenagem, eu espero que essa honraria que a Silvia recebe como Mestra de Capoeira, primeira mestra do Pará. Espero que esse seja somente o primeiro passo para que outras mulheres venham também a ser mestras num espaço de tempo muito curto, por que as mulheres, elas têm muito a ensinar para esse mundo, pra capoeira. A luta contra a violência a luta contra a discriminação. Então eu espero que esse símbolo aqui também seja partilhado por muitas outras mulheres e também sirva de reflexão para acabar também com o machismo dentro da capoeira, que era isso que a Silvinha queria. Um mundo mais justo para mulheres e homens sem discriminação. Então muito obrigado a todas e a todos vocês por esta homenagem. (MARCO APOLLO LEÃO, fala proferida em 15 de janeiro de 2017)³⁸

Já passava do meio dia, quando as últimas atividades previstas foram apresentadas, e para finalizar, samba de roda e carimbó, tocada e entoada por capoeiristas e mestres, afinal este momento histórico foi vivenciado na Praça da República, em Belém do Pará, num dia de domingo, local de encontro, de socialização e de lazer. Assim mulheres e homens capoeiristas e não capoeiristas dançam na roda, felizes por comemorar a maestria de Mestra Silvia Leão – Pé de Anjo, que foi jogar capoeira no céu, mas o movimento que ela criou juntamente com suas companheiras da capoeira, em parceria com amigos políticos e a família, conseguiu completar 15 anos de existência. A missão das mulheres estava cumprida, entre abraços de despedidas e a hora de desmontar do cenário, arrumar os materiais nas malas e mochilas, para o retorno e posterior comemoração que continuou em outro local da cidade.

³⁸ Pronunciamento do irmão da Mestra Silvia Leão, no dia 15 de janeiro, durante a roda de homenagem a Maestria de Silvia Leão. Vídeo Disponível em <https://www.facebook.com/mariazeneidegomes/videos/vb.1717006317/10202472693614754/?type=3&theater>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desta dissertação, muitas questões foram levantadas a respeito da participação do MCM, e ao adentrar no mundo da capoeira, foi inevitável não perceber as contradições existentes não apenas no interior da capoeira, ou no próprio MCM, mas no contexto da sociedade local.

Analisando o comportamento de homens e mulheres, percebemos que se naturalizam a opressão e a violência na região, que aparece em alta, nos mapas estatísticos de violência contra a mulher, os negros e os gays. Com a repetição de músicas, que chegam aos nossos ouvidos, durante um ano inteiro, como o “Feitiço Caboclo”, na voz de Dona Onete. Apesar de admirar esta Mestre do Carimbó, percebe-se o quanto a violência contra a mulher é naturalizada nas letras de suas canções, como:

O chá do tamaquaré³⁹
 É um chá muito louco
 É um feitiço caboclo
 Que só tem no Pará
 Na banca de cheiro lá no Ver-o-Peso
 Você encontrar.
 [...]
 Se ele te bate, não manda prender ele
 Dá tamaquaré pra ele
 Dá tamaquaré pra ele
 Se ela te chifra e te engana, não bate nela
 Dá tamaquaré pra ela
 Dá tamaquaré pra ela

O resultado fica tudo dominado
 Ele fica abestado, abobalhado, bobão
 Pateta, patetão
 Pilotado, pilotado
 Só faz o que você quer
 Com o chá do tamaquaré.

Ouvir está canção do carimbó, por parte de uma mulher, aconselhando a não reagir perante a violência, associado a tantas outras e músicas de domínio popular, como marchinhas de carnaval, os funks com suas letras carregadas de agressões verbais, constrangedoras para as mulheres. Da mesma forma as cantigas de capoeira, em total contradição com as conquistas sociais, tais como: A Constituição de 1988, a Lei Maria da Penha, a Lei nº 13.104/2015, que

³⁹ Tamaquaré é uma espécie de lagarto que vive as beiras de rios e igarapés na região amazônica, reconhecido por sua postura de não reagir imediatamente diante das ameaças, ficando imóvel nos galhos das árvores. A população entende isso como mansidão, no entanto quando o perigo se aproxima ele sai em disparada.

trata o feminicídio como crime qualificado, como crime hediondo, a ECA- Estatuto da Criança e Adolescente e a lei Joana Maranhão. E sobre a justificativa que são ‘tradição’, segue sendo e ensinadas através da repetição, sem reflexão crítica, por parte dos praticantes.

Esta pesquisa, me permitiu ver as múltiplas situações de opressões que envolvem as mulheres em uma teia de relações problemáticas que estereotipa, objetifica e oprime, as mulheres e meninas, praticantes de capoeira o que muitas vezes, tem causado não apenas desistências, mas o feminicídio, no interior da capoeira paraense.

Acredito que discutir a temática identidade de gênero, focado em um coletivo social de mulheres capoeiristas, que congrega mulheres de vários grupos, com ampla área de abrangência de amigos(as) e inimigos(as), como costumam afirmar, uma vez que a inimizade entre grupos vem de longa data, normalmente fruto das divergências entre mestres, e que perpassa para os demais participantes do grupo, por isso mesmo, são desconfiadas e um desafio instigante. As capoeiristas, são atentas, não entregam o jogo e em pleno século XXI, não vão contra seus mestres mesmo diante de situação tão complicada para as mulheres. No entanto, foram me aceitando, me permitindo entrar na roda e jogar, ou cortavam o jogo e me tiravam da roda, silenciavam, e de repente, me permitiam entrar novamente na roda. Gosto de contar essa história, assim como elas gostam de contar as suas, eu tenho que estar também atenta e forte, para perceber o tempo de entrar novamente na roda, e como quem dita a regra do jogo é o berimbau, seguimos mandingando e capoeirando, pois são elas detentoras de saberes ancestrais, que comandam esta roda de diálogos, com o berimbau gunga nas mãos.

Os saberes destas mulheres capoeiristas paraenses, são reconhecidos pelos seus alunos e comunidade, pois elas atuam em todas as frentes na práxis da capoeira. Percebemos que as mulheres exercem muitas funções no cotidiano, como a profissão, o estudo, a família biológica, a família capoeira, o trabalho com o ensino da capoeira, com a divulgação do próprio grupo, participando de intercâmbios de capoeira em outros Estados. Algumas bem mais que seus próprios mestres, como é o caso da Monitora Elainy Santos, do Grupo Dandara Bambula, do núcleo de Parauapebas, que embora não tenha sido acompanhado seu trabalho *in locus* pela sua interação em Belém e nas mídias sociais percebemos sua atuação. E, enquanto acadêmica, elas também atuam na pesquisa e escrita sobre a capoeira, notadamente em TCCs e Dissertações.

Contudo, diante de tanto empoderamento ainda esbarram na ideologia meritocrática presente em seus próprios discursos, como justificativa para ausência de mobilidade, da mesma forma que os homens nas graduações da graduação.

É notório, ao longo dos anos de existência do movimento, desde os primeiros tempos, o corporativismo masculino, para se contrapor a organização das mulheres na luta por igualdade

de oportunidades, o que se tornou muito evidente, no período pós-reconhecimento da Mestre Silvia Leão – Pé de Anjo, pela Mestre Janja, ao abalar as estruturas hierárquicas rígidas estabelecidas, nos deu a real dimensão do sistema de opressão vivenciadas e descritas pelas entrevistadas, desde os anos iniciais de criação do MCM, bem como, da pertinência das razões que levaram à criação deste coletivo de mulheres.

No entanto, é importante destacar atitudes de muita grandeza e solidariedade de homens capoeiristas, sejam mestres ou não, em aceitar verdadeiramente, o reconhecimento da importância de Silvia Leão, na história contemporânea da Capoeira paraense. Uma mulher que, mesmo após, mais de uma década de seu desencarne, continua na memória de homens e mulheres capoeiristas, pelo legado deixado na capoeira. Portanto, Mestre Silvia Leão, é uma ancestral paraense da contemporaneidade, que se constitui uma referência para as mulheres, tal qual Mestres Júlio Romão e outros que desencarnaram.

Foi também, extremamente significativo, que uma Mestre de Capoeira autoridade máxima na capoeira, percebesse o que estava evidente e nunca fora reconhecido pelos mestres locais. Provavelmente uma das maiores razões de contestação pelos homens, o que fez com que, novamente, a já reconhecida Mestre Silvia Leão - Pé de Anjo, fosse novamente reconhecida num ritual, acompanhado pelos seguidores da capoeira regional, no mesmo local da primeira roda de mulheres no Anfiteatro da Praça da República, com a participação de seu mestre, mais uma vez *in memoriam*.

Todavia, o incômodo causado pelas mulheres, é extremamente significativo e positivo para as mulheres e para o MCM, uma vez que as estruturas patriarcais foram abaladas pela luta das mulheres. Tal qual citou a professora Dra. Zélia Amador de Deus, presidente do CEDENPA, em sua palestra por ocasião da preparação da Marcha da Mulheres em Belém, no ano de 2015, onde afirma que – cada vez que uma mulher negra se movimenta, os demais estamentos também se movimentam, uma vez que as mulheres negras estão na base dos estamentos sociais, no que tange as oportunidades, segundo dados da Organização Internacional do Trabalho- OIT. Fato que se aplica à capoeira, embora a capoeira e o MCM, não sejam espaços ocupados unicamente por negras, negros e seus descendentes, pois é um espaço multicultural e pluriétnico, percebido desde os primeiros tempos, inclusive com a participação da mulher.

E uma das falas/lemas, repetida por nós, mulheres, na Marcha da Mulheres Negras em 2015 - “Nossos passos vêm de longe! Uma sobe e puxa a outra! Que na capoeira se concretizou, na fase de conclusão desta dissertação, no mês de agosto de 2017, quando a Mestranda Catita, já citada anteriormente, juntamente com outra mulher contramestra, de nome Lene Silva, foram

reconhecidas Mestras de Capoeira, pela Associação Senzala de Capoeira. Em meio a muita história contraditória e os mesmos descontentamentos e misoginia, por parte até de mulheres capoeiristas, mas, certamente é um ganho inestimável.

Uma conquistas sem precedentes na história da capoeiragem paraense, para as mulheres e para mim, para meu trabalho. Pelo fato de socializar, de questionar, provocando intervenção na presença de mestres e demais capoeiristas homens ou mulheres, nos espaços que atuei, principalmente nas reuniões do Comitê Gestor de Salvaguarda Capoeira do Pará. Onde certamente, minha presença foi incômoda para muitos. Com isso, estou afirmando que minha atuação enquanto acadêmica, foi de contribuir para fazer repercutir a luta das mulheres, que já existe há 15 anos, proporcionando visibilidade às mulheres capoeiristas e ao MCM. Notoriedade percebida nas falas de familiares de Mestre Silvia Leão – Pé de Anjo, quando afirmam que era isso o que Silvia almejava.

Com este trabalho, constatamos a importância do diálogo entre os movimentos sociais e a academia, sobretudo na educação, que é de onde eu estou falando, para promover novas aprendizagens, necessárias para a quebra de muito paradigmas, que entravam a superação de muitos problemas constatados. Apoiado em fontes, que propiciem a reflexão necessária, para romper com a práxis hegemônica. Da mesma forma dialogo entre movimentos sociais e instâncias governamentais que discutam propostas culturais voltadas para atender as demandas sociais apresentadas pela população da cidade.

Ao analisar as experiências das mulheres desde os anos iniciais de criação do MCM, elas não apenas apresentaram uma demanda social das mulheres esperando solução governamental. Elas apresentaram proposta de solução e posteriormente nem isso, deram conta sozinhas de investir em desconstruções dos padrões que estabelecem a inferioridade de um em relação ao outro, desafiando as ideias hegemônicas masculina e branca, assim como, desafiando a intersecção de raça e classe, presentes na estruturação de gênero na sociedade, e que na capoeira, está imbricada de forma marcante, conforme percebemos ao longo deste trabalho, quando percebemos que as mulheres negras ou não brancas, experimentam a opressão de gênero, de raça e de classe, simultaneamente, pois estão imbricadas no sistema de dominação existente, nas formas de expressões negra.

No entanto, esta é uma questão que merece maior aprofundamento investigativo, pois são construções sociais que nos desafiam, sobretudo, enquanto intelectuais negras(os) pois, segundo Arroyo (2014), Spivak (2014) e Bell Hooks (1994), nós, os “subalternos”, adentramos os espaços acadêmicos, com nossas experiências de militância, resistência e resiliência. Portanto, não adentramos apenas enquanto “objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No

mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar” (FREIRE, 1996, p.77). Segundo este autor, não podemos estar no mundo para estudar descomprometidamente, de forma neutra, constatando apenas, sem intervir no mundo, do qual somos sujeitos e não meros objetos. Com isso, a necessidade de aprender outras formas de educação que não seja a de manter a hegemonia estruturante da sociedade, onde a compreensão sobre “gênero está encrustada em nós e também nas instituições nas quais nos inserimos, nesse sentido quando atuamos profissionalmente mobilizamos as concepções de gênero as quais nos foram forjadas ao longo de nossa educação. (SALES, 2016, p. 169)

Certamente, aprender a desaprender com outras epistemologias contra- hegemônicas, é papel que se espera dos intelectuais, para os processos de desconstrução/construção do conhecimento. Segundo Santos (2010a), reconhecer a diversidade epistemológica, nos coloca no caminho que exige o repensar, o romper com o universalismo abstrato, negador das diversidades culturais, quando prioriza o conhecimento supostamente válido produzido pela Europa colonizadora, invisibilizando os conhecimentos procedentes de outras culturas, de outros sujeitos. As mulheres em movimento, mobilizaram conhecimentos da própria capoeira com,

Suas presenças afirmativas, carregando as positivities de sua condição de sujeitos de conhecimentos, de cultura, de valores, de validade de outras verdades se contrapõem à lógica abissal e sacrificial que marcou as formas de pensá-los e de pensar-se o próprio pensamento moderno e a pedagogia moderna. A força pedagógica dessas presenças afirmativas está em desestabilizar o próprio campo do conhecimento e de seus critérios de validade que produzem como inexistentes, invisíveis a eles próprios e as suas formas de conhecer. Se as pedagogias brutais do próprio campo do conhecimento operam para produzir seu desaparecimento como sujeitos de conhecimento, as pedagogias que eles apontam como eficazes passam, não tanto por mostrar seus saberes, suas culturas, mas por tornar-se visíveis, críveis, incômodos como sujeitos de conhecimento e modo de pensar. Sujeitos de critérios de validade alternativos. (ARROYO, 2014, p. 65).

Num contexto onde persistem as tradições inventadas comprometidas com a manutenção de todas as formas de discriminação, regulando a vida das mulheres com suas práticas aceitas pelos sujeitos envolvidos, visando perpetuar valores e normas de comportamento através da repetição garantindo a manutenção do patriarcado.

Para finalizar este trabalho conclui-se o MCM, um movimento feminista na práxis da capoeira no norte do Brasil em Belém do Pará sim! enquanto organização social, mesmo com todos os problemas e contradições enfrentados ao longo dos 15 anos de existência, tem proporcionado mudanças significativas na capoeira em Belém.

As mulheres construíram seu espaço de resistência à opressão, utilizando os saberes e fundamentos de capoeira, com muita mandinga, resistência e resiliência, enfrentando as adversidades dentro de uma expressão cultural negra, pois, “na intimidade destes movimentos, temos aspectos da educação libertadora que algumas vezes não percebemos”(FREIRE, 1986, p. 51) sendo vivenciadas e em movimentos rompendo barreiras, quebrando hegemonias e atravessando as fronteiras impostas pelas linhas imaginárias e abissais, que dividem e segregam: o sul/sudeste do norte, a periferia do centro da cidade, o conhecimento acadêmico do conhecimento dos movimentos sociais e o homem e a mulher.

Se constituindo enquanto referência importante na luta pela garantia de direitos e pela igualdade de gênero nas rodas de capoeira e na sociedade, uma vez que a Capoeira não é uma bolha isolada da sociedade.

Concluindo o estudo, reafirmar que pesquisar essa cultura vivida e percebida, em todo o território nacional, se constitui uma oportunidade não apenas de pesquisar, mas de compartilhar, um código de símbolos e linguagens com os sujeitos envolvidos. E sobretudo, para mim, enquanto intelectual, engajada no movimento negro, capoeirista e educadora, membro de uma sociedade que se constitui no lastro, no qual busco um diálogo na perspectiva de discutir identidade de gênero, especificamente da mulher capoeirista. Esse pertencimento cultural partilhado por nós, que denomino identidade, implicou o reconhecimento dos múltiplos sujeitos em interação nesta polifonia de identidades, em diálogos – identidades de grupos sociais, de gênero, étnico, identidade de juventude de periferia urbana da cidade de Belém do Pará, praticantes da capoeira, em diálogos é que entendo, enquanto potencial, que possibilitará novas aprendizagens para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, para todos e todas na Amazônia Paraense.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolfo Jungers. *Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Campinas, SP: UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.
- ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ADINOLFI, Maria Paula Fernandes. A Capoeira como patrimônio: desafios da patrimonialização de uma prática cultural maior que a “cultura”. In: FREITAS, Joseania Miranda (Org.). *Uma coleção biográfica – os Mestres Pastinhas, Bimba e Cobrinha Verde no Museo Afro-Brasileiro da UFBA*. Salvador: EDUFBA, 2015.
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e Observação participante*. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARAÚJO, Rosangela Costa. *É Preta, Kalunga: a capoeira angola como prática política entre os baianos: anos 80-90*. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.
- ARROYO, Miguel Gonzáles. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. *Estudos Feministas*, p. 458-463, 2º sem. 1995.
- BARROS, Joana da Silva. *Participação Popular em Belém: a experiência do Congresso da Cidade e do Orçamento Participativo e a sociabilidade política brasileira*. 2012. 172f. Tese (Doutorado)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BELÉM. Lei nº 8.319, de 28 maio de 2004. Institui a capoeira no currículo escolar do ensino fundamental, como conteúdo transversal. Belém, 2004.
- BELÉM. 1997. Prefeitura Municipal de. *Governo do Povo: Diretrizes Básicas 1997/2000*, 1997.
- BRASIL. *Guia para Fóruns de Educação e Diversidade Étnico-Racial*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2003.
- _____. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de história e cultura Afro Brasileira e Africana*. Brasília, DF: SECAD, 2005.
- _____. *Dossiê: Inventário para registro e salvaguarda da capoeira*. Brasília, DF: Iphan, 2007.
- _____. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 mar. 2008, p. 1. Disponível em http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2011.645-2008?OpenDocument. Acesso em: 12 dez. 2016.
- _____. Registro da capoeira como patrimônio cultural brasileiro. Parecer nº 031/08. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/conAspectoRelevanteE.jsf>>. Acesso em: 1 dez. 2013.
- _____. *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF: SECAD, 2009.

_____. *Programa Nacional do Patrimônio Imaterial*. 4. ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

CANEN, Ana. Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs). *Currículo: debates contemporâneos*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.17, n. 49, p. 117-132, set./dez. 2003.

_____. *Enegrecer o Feminismo: A situação da Mulher Negra na America Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. [s.l.], 3 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>>. Acesso em: 5 out. 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma Nova Visão: raça, classe e gênero como categoria de análise e conexão. In: MORENO, Renata (Org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista*. São Paulo: SOF, 2015. p. 13-42. (Cadernos Sempre Viva)

COSTA, Benedito Gonçalves; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro G. de S. A. de. *Educação de Meninas no Asilo de Santo Antônio: Regência das Irmãs Dorotéias sob o Olhar Romanizador do Bispo D. Antonio de Macedo Costa, na Amazonia (1878-1888)*. Curitiba: CRV, 2016.

DIOP, Cheikh Anta. *A Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*. Tradução de Sílvia Cunha Neto. Luanda, Angola: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2014.

DOWNEY, Greg; ABREU, Frede (Orgs.). *Mestre Pastinha Como eu Penso? Despeitados?* Salvador: Instituto Jair Moura, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativas*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da esperança – Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: cotidiano do professor*. Tradução de Adriana Lopez. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. – 1.ed. – [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GLOVER, E. Abade. *Adinkra symbolism*. Kumasi e Acra, Gana: National Cultural Center; Geo Art Gallery, 1969.

GOHN, Maria da Gloria. *Educação não formal e o Educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. 1ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Movimentos Sociais e Educação*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GOMES, Nilma Lino (Org.). *Um Olhar além das Fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. *O jogo das diferenças: multiculturalismo e seus contextos*. 4. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.

GONZALES, Lélia. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. *Revista Ciências Sociais Hoje*, p, 223-144, 1984.

HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *Alisando o nosso cabelo*. Tradução do espanhol de Lia Maria Santos. *Revista Gazeta – Union de escritores y Artista de Cuba*, jan./fev. 2005. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

_____. Vivendo de amor -Afrocentricidade espaço dedicado a reunir material sobre a afrocentricidade em português. 2013. <https://afrocentricidade.wordpress.com/2013/12/26/vivendo-de-amor/>. Acesso em 04 de já. 2017.

_____. *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. In: *Revista Brasileira de Ciências Políticas*, nº 16. Brasília, janeiro-abril de 2015, pp.193-210.

HOBBSAWM, Eric; RANGER Terence. *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *A Política da Capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906)*. Salvador: EDUFBA, 2008.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. *Jogo de Discursos: a disputa por hegemonia na tradição de capoeira angola*. Salvador:EDUFBA,2012.

MENESES, Bruno de. *Batuque*. 7. ed. Belém: Gráfica Sagrada Família, 2005.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política*. Tradução de Âgela Lopes Norte, Cadernos de Letras da UFF – Dossiê Literatura, língua e identidade, nº 34, pp. 287-324, 2008.

MOORE, Carlos. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. 2.ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

MORENO, Renata (Org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista*. São Paulo: SOF, 2015.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Sankofa. Matrizes africanas da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1994. V.1.

_____. *Introdução a História da África*. In: *EDUCAÇÃO AFRICANIDADES BRASIL*. Brasília, DF: MEC/SECAD/UnB/CEAD; Faculdade de Educação, 2006. p. 33-51.

OLIVEIRA, Eduardo David. *A Cosmovisão africana no Brasil – elementos para uma filosofia afrodescendente*. 3. ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Capoeira Identidade e Gênero: ensaio sobre a história social da capoeira no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 3. ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PEREIRA, Gleycilene. 3º Produto. In: COLÓQUIO PATRIMÔNIO, GÊNERO E SABERES TRADICIONAIS, 1., Belém, Iphan, 22-23 nov. 2014.

PEREIRA; Vanderléa Andrade; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A pesquisa etnográfica: construção metodológica de uma investigação. Teresina/PI: UFPI, 2010. Disponível em <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/2010.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2016.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Filhas das matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina*. Belém: Açaí, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

RANGER, Terence. A Invenção da Tradição na África Colonial In: HOBBSAWM, Eric, RANGER, Terence (Org.). *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 269-332.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. *A Mulher na Sociedade de Classes Mito e realidade*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. *Gênero Patriarcado Violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALES, Lilian da Silva. *Experiências de Professoras/es “Em Formação” e Articulações de Gênero e Raça nas Escolas Públicas da Região Metropolitana de Belém*. 2016. 211 f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016.

SALLES, Vicente. *O Negro na Formação da Sociedade Paraense*. Belém: Paka-Tatu, 2004.

_____. *O Negro no Pará sob o regime da escravidão*. 3.ed.rev.ampl. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

_____. Para Além do Pensamento Abissal. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010b. p. 31-83.

SCHWEBEL, Dominique Fougeyrollas. Talcott Parsons: uma herança controvertida. Papéis de sexo, família e modernidade ocidental. In: CHABAUD-RYCHTER, Danielle; DESCOUTURES, Virginie; DEVREUX, Anne-Marie (Org.). *O Gênero nas Ciências Sociais: Releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*. Tradução de Lineimar Pereira Martins. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2014. p. 137-150.

SHARPE, Jin. A Historia Vista de Baixo. In: A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992

SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri (Orgs.). *O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

SILVA, Maria Zeneide Gomes da. *Panorama Cultural da Capoeira no Pará*. Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação Artística)- Departamento de Educação Artística, Universidade Federal do Pará, Belém, 1988.

_____. *Projeto Capoeira na Escola*. 2013. Monografia. Universidade Federal do Pará, 2013.

SILVA, Nádia Alessandra Rodrigues da. *Movimentos Sociais no bairro do Jurunas: formas de participação política nas últimas décadas*. 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido)- Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2016.

SILVÉRIO, Valter Roberto. *Síntese da Coleção História Geral da África: Pré-história ao XVI*. autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryaatan Santana Barbosa. Brasília, DF: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SHARP, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SOARES, Carlos Eugenio Libano. *Capoeira no Pará: resistência escrava e cultura popular (1849-1896)*. [s.l.], 1997. Mimeo.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Hohorizonte: Editora UFMG, 2014.

TEIXEIRA, Carmem Pricila Virgulino. *Nas voltas que o mundo deu, nas voltas que o mundo dá: um estudo sobre ritual e performance na capoeira angola em Belém*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós graduação em Ciências Sociais, Belém, 2009. Disponível em: <<http://ppgcs.ufpa.br/arquivos/dissertacaoTurma2008-CarmemTeixeira.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2014.

THOMPSON, Edward. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos/E.P.thompson; orgs. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valor Civilizatórios Afro-brasileiros In: SABERES E FAZERES, v. 1: modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho. 2006. (Projeto A Cor da Cultura)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ACHARD, Pierre et al. *O Papel da Memória*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

ARROYO, Miguel Gonzáles. A Pedagogia Multirracial Popular e o Sistema Escolar. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 111-130.

- BENTES, Nilma. *Aspectos da trajetória da população negra no Pará: aspectos relevantes*. Belém: UFPA/GEAM, 2013.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Loureço de Lima Reis, Gláucia Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOLLÈME, Genevieve. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FENELON, Déa Ribeiro. *Projeto História*, São Paulo, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Educação. In: JESINE, Edineide; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto (Orgs.). *Educação, Movimentos Sociais: novos olhares*. Campinas, SP: Alínea, 2007.
- GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 493-516.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, n. 1, p. 21-35, 2006.
- HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: PP&A, 2002.
- KONDER, Leandro. *O Futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XX*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- REIS, Eliana Lourenço de Lima. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kethrym. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- THEODORO, Mario (Org.). *As Políticas Públicas e a desigualdade Racial no Brasil 120 anos após abolição*. Brasília, DF: IPEA, 2008.
- THOMPSON, E. P. Costume e Cultura. In: _____. *Costumes em Comum*. Estudo sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-24.
- UNESCO/BRASIL. *Síntese HGA. A África sobre dominação colonial, 1880 a 1935*. Florianópolis: UFSCAR, 2013. V. 2.

WEBGRAFIA

<https://aculturaafricana.wordpress.com/2013/09/14/a-tradicao-oral-africana-griots/>

<https://afrocentricidade.wordpress.com/2013/12/26/vivendo-de-amor>

<http://afroamazonico.blogspot.com.br/>

<http://www.cedenpa.org.br/Quem-somos>

<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>

http://www.portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseduacao.pdf

<https://onedrive.live.com/?authkey=%21AGrnHP74fd3IOCg&id=EB48622F585FE35A%21105&cid=EB48622F585FE35A>.

<http://pnc.culturadigital.br/metas/100-dos-setores-representados-no-conselho-nacional-de-politica-cultural-cnpc-com-colegiados-instalados-e-planos-setoriais-elaborados-e-implementados/>

<http://patrimonioimaterial.cnpc.cultura.gov.br/>

<http://www.facebook/janyffersantos.margarida>, 2014, capturada em 26/02/2014.

http://www.facebooc/prethacapoeira?hc_location=timeline, 2013. capturada em 15/08/2014.

<http://capoeiradetodamaneira.blogspot.com.br/2011/10/>

FONTES ORAIS:

Amelia de Kassia de Oliveira Cardoso, apelido Kassia

Andreia Cristina de Almeida Maciel – Marreca, graduação, laranja e crua

Andreza Barroso da Silva, apelido Miudinha, graduação Instrutora

Arlete Santo, apelido, Fenix, graduação professora

Carolina Ferreira de Oliveira, apelido Pitchula, graduação Monitora

Cyntia Gonçalves Lobato, apelido Angel, 4ª graduação

Cristiane Silva, apelido Sininho

Denilce Rabelo Borges, apelido Sereia, Graduada

Dileuza Correa, apelido Didi, graduação Monitora

Gisele Silva Figueira, apelido Tsunami, Instrutora

Ilka Solange Cunha Godinho, apelido Batatona, graduação Verde

Ingrid Siqueira dos Santos, apelido Japinha, graduação Aluna

Jacqueline Carvalho, apelido Jack, Graduada

Jamille Andrade, apelido Pretta, graduação Monitora

Jennifer dos Santos Pereira , apelido Margarida, graduação Monitora

Joelma Nascimento, apelido Bailarina

Karine Santos, apelido Kaká, graduação verde e branca

Laura Nascimento, graduação Aluna

Ligia Patrícia Gomes, apelido Yoko, graduação Instrutora

Marinete do Carmo Pinto, apelido Açai, graduação Monitora

Michelly Miranda , graduação Aluna avançada

Michelle Rosas Magally, graduação Formada

Sabrina Silva, graduação Monitora

Sonia Silva Amaral, apelido Mortiça, graduação Professora

Stella Mendonça da Silva Sá, apelido Stellão, Graduada/corda azul

Larissa Guimaraes – Antropologa do IPHAN

Cyro Lins – Antropologo do IPHAN.

Gleycilene Pereira – Estagiaria do IPHAN

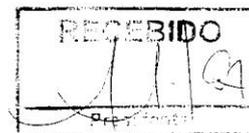
ANEXOS:

ANEXO 1

116 12/05/2003 0000000 0000000 0000000 0000000 0000000 0000000 0000000



ESTADO DO PARÁ
CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM
GABINETE DA VEREADORA MARINOR BRITO



PROJETO DE LEI

Institui no Calendário do município de Belém, o Dia Municipal da Capoeira e dá outras providências.

A Câmara Municipal de Belém estatui e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica instituído no calendário do município de Belém o dia 13 de maio, como O Dia Municipal da Capoeira.

Art. 2º - Este dia será comemorado em Sessão Especial na Câmara Municipal de Belém, chamada para este fim.

Art. 3º - O Poder Executivo, através da Secretaria afim e em conjunto com as associações e grupos de capoeira, organizará programação com palestras, jogos, batizados, aulas, rodas de capoeira, entre outros, visando comemorar o Dia Municipal da Capoeira.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Salão Plenário Vereador Lameira Bittencourt
Belém, 12 de Maio de 2003.


VEREADORA MARINOR BRITO - PT

LEI Nº 8414, de 05 de maio de 2005.

INSTITUI NO CALENDÁRIO DO MUNICÍPIO DE BELÉM, O DIA MUNICIPAL DA CAPOEIRA, "LEI SILVIA LEÃO", E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.



O PREFEITO MUNICIPAL DE BELÉM, Faço saber que a CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM, estatui e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído no calendário do Município de Belém, o Dia 13 de maio, como o Dia Municipal da Capoeira, "Lei Sílvia Leão".

Art. 2º Esta dia será comemorado em Sessão Especial na Câmara Municipal de Belém, convocada para este fim.

Art. 3º O Poder Executivo Municipal, através da Secretaria afim e em conjunto com as associações e grupos de capoeira organizará programação com palestras, jogos, batizados, aulas, rodas de capoeira, entre outros, visando comemorar o referido dia.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO ANTÔNIO LEMOS, 05 de maio de 2005.

DUCIOMAR GOMES DA COSTA
Prefeito Municipal de Belém

ANEXO 3

Certificado, frente verso após algumas assinaturas tanto por capoeiristas e comunidade participantes e não participantes do evento.

